

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LITERATURA

MAURA EM FLOR
UMA FOTOBIOGRAFIA

REGINALDA ELI KALCKMANN

Orientador(a): Prof^a Dr^a Zahidé Lupinacci Muzart

FLORIANÓPOLIS
2007

REGINALDA ELI KALCKMANN

MAURA EM FLOR

UMA FOTOBIOGRAFIA

Dissertação do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Zahidé Lupinacci Muzart

Data da defesa: 28/09/2007.

Florianópolis
2007

Reginalda Kalckmann

MAURA EM FLOR
UMA FOTOBIOGRAFIA

1904 - 1992

Agradecimentos

À minha orientadora, Zahidé Lupinacci Muzart, por seus conhecimentos, seu auxílio, suas observações e por acreditar em meu potencial.

Ao professor e também presidente da Academia Catarinense de Letras, Dr. Lauro Junkes, pela ajuda e confiança que demonstrou ter em mim, sempre que precisei trabalhar com os documentos que constam nesta instituição.

A D. Ester e a Maria Cristina, funcionárias da Academia Catarinense de Letras, pela ajuda oferecida em busca de livros, jornais e documentos para minha pesquisa.

À professora Zilma Gesser Nunes, que me encorajou para o início deste percurso e pela ajuda em diferentes momentos.

A Márcia Cardeal, ilustradora de Maura de Senna Pereira, pelas preciosas informações para esta fotobiografia.

A Inês Mafra, pelos empréstimos de alguns livros de Maura e Almeida Cousin, e pelas informações fornecidas sobre Maura.

Aos funcionários da Casa da Memória, pelas fotos cedidas sobre a cidade de Florianópolis.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pelos documentos e fotos cedidas em minha pesquisa.

Aos meus sobrinhos, Joathan e Luana, que estiveram muito próximos em momentos difíceis.

À minha família, que compartilhou comigo momentos de alegrias e de dificuldades, durante o processo de construção desta biografia.

Buscar-me em Flor

Buscar-me solta amanhecendo
dentro da tarde na solidão selvagem.
Solta na mata cortada pelo arroio
edênico e tão próximo
do rio Biguaçu ainda longe do mar.
Em verdes e pardos bosques
embrenhada buscar-me
passando cercas de vinhas e framboesas
galgando árvores com esconderijos maternos
para ninhos fecundados dormindo.
- Lábios roxos das frutas devoradas -
cintura ornada de boninas
cabelos misturados de aragem.
Buscar-me nos mesmos sítios de
aromas afrodisíacos e águas índias
(restos do éden, sítios intocados)
e, no entanto, onde
a garganta juvenil? Adolescente cabelo?
o ímpeto dos pés pequenos?
onde a carne amanhecendo?

*Dos livros: Busco a palavra. P. 41
A Díade e os Dardos - p.15*

Resumo

Fotobiografia da poetisa e jornalista catarinense Maura de Senna Pereira, objetivando mostrar sua vida em forma de texto e, principalmente, por meio de imagens fotográficas e jornalísticas, desde o nascimento até o falecimento. Diante do grande amor que a poetisa demonstrou por Florianópolis e Santa Catarina, tornou-se importante descrever um pouco sua terra natal e mostrá-la em imagens e fotos. Inicialmente, apresento uma reflexão teórica sobre o gênero biográfico e fotográfico. A biografia inicia no primeiro capítulo e vai até o terceiro, destacando períodos de sua vida pessoal e intelectual. Um pouco da Maura feminista é mostrada nesta fotobiografia. Na quarta parte encontram-se notícias de jornal sobre o falecimento de Maura, trabalhos e homenagens feitas a ela, posteriormente.

Palavras-chaves: biografia; fotografia; história; feminismo; memória.

Abstract

The Catarinense poet and journalist Maura de Senna Pereira's photo biography has the objective to show her life through the text and photos since her birth day until her death. As she showed a great and impressive love by Florianópolis and Santa Catarina, it is very important to describe ou describing her birthplace and to show ou showing its images and photos. In the first part, I present a theoretic reflection about the biography photographic style.

Mauras' biography begins in the first chapter and finishes in the third. These chapters emphasize her personal and intellectual life. This photo biography shows a little of the feminist Maura. In the fourth part, it is possible to read about the news that were shown in newspapers about her death, work and homeges that were done later.

Key words: biography; photo biography; history; feminism; memory.

SUMÁRIO

A PEREGRINAÇÃO BIOGRÁFICA

- **A Gênese da Fotobiografia de Maura** 08
- **Foto e Bio: Grafias** 10
 - Um olhar fotográfico 10
 - Um olhar biográfico 16
 - Uma pesquisa em aberto 23

MAURA EM FLOR: UMA FOTOBIOGRAFIA

CAPÍTULO 1

- **Histórias para a menina**..... 29
 - Infância 30
 - Aqueles de cujo amor nasci 51
 - Homem íntegro: O pai 54
 - Scheherazade: A mãe 66
 - Os avós 73
 - Os arcanjos: Os irmãos 77

CAPÍTULO 2

- **Meus verdes anos** 96

	9
○ A princesinha das letras	137
○ O casamento	147
○ Cântaro de Ternura	158
CAPÍTULO 3	
▪ Maturidade	177
▪ Um grande amor	179
○ O homem de sua vida	180
○ A união	189
○ Os livros	199
CAPÍTULO 4	
▪ Herança poética.....	260
MAURA DE SENNA PEREIRA 1904-1982: VIDA E OBRA	
▪ CRONOLOGIA	275
▪ CASAS E LUGARES ONDE MAURA VIVEU	286
▪ REVISTAS E JORNAIS NOS QUAIS MAURA COLABOROU	287
▪ LIVROS PUBLICADOS	288
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	289


“Maura em Flor Uma Fotobiografia”

Reginalda Kalckmann

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literatura Brasileira e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.



Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart
ORIENTADORA



Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart
PRESIDENTE

Profa. Dra. Constância Lima Duarte (UFMG)



Prof. Dr. Lauro Junkes (UFSC)



Profa. Dra. Rosana Cássia Kamita (Suplente UFSC)

A GÊNESE DA FOTOBIOGRAFIA DE MAURA

O meu contato inicial com Maura de Senna Pereira - poetisa e jornalista catarinense - deu-se logo após concluir o curso de Letras-Português, na UFSC. Durante esse curso, prevaleceu minha preferência pela literatura, principalmente no que dizia respeito à mulher e literatura. No último semestre, fui motivada a pesquisar textos manuscritos na Academia Catarinense de Letras, a fim de escrever o trabalho final da disciplina de Filologia, ministrada pela Profa. Dra. Zilma Gesser Nunes. Pude verificar assim o vasto material lá depositado dos acervos de escritores catarinenses falecidos e todos a serem um dia resgatados.

Concluído o curso, voltei à ACL para analisar o acervo da escritora visando ao mestrado. Lá encontrei muitos recortes de jornais, nos quais Maura trabalhou, muitas cartas e cartões de pessoas ilustres, como Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado, endereçados a ela e também fotografias antigas e recentes da escritora, de amigos seus e de sua família. Depois do primeiro contacto rápido, a necessidade de resgatar esse material evidenciou-se, sobretudo examinando as inúmeras fotos do acervo. Preparei, então, o projeto de trabalho, a fim de elaborar uma Fotobiografia da escritora.

A partir dos textos de Maura, segui o processo de leitura investigativa, concentrando-me não somente na teoria biográfica, como também na crítica textual e referente à mulher e relações de gênero.

Durante o percurso desses estudos, configurou-se a importância de destacar a escritora enquanto mulher que avançou destemidamente sobre os padrões patriarcais da época e quanto ao papel feminino instituído. Além de professora, Maura trabalhou em redações de jornais, lutou pelos direitos da

mulher - entre outros, transitou por espaços considerados exclusivamente masculinos. A poetisa avançou muito além dos limites considerados "normais" para uma "boa moça da sociedade", estando sempre à frente de seu tempo.

Passei em seguida a um exaustivo trabalho de coleta de dados (fotografias, cartas, recortes de jornais, etc.) e leitura de textos da escritora, publicados em jornais, materiais com os quais dialoguei para a composição deste trabalho.

Diante disso, divulgar a vida e obra de Maura de Senna Pereira, retirar das margens a escritora e jornalista através desta Fotobiografia foi uma aventura prazerosa, pois me fez mergulhar em minhas próprias raízes catarinenses, procurando, a partir dos passos de Maura, mostrar também um pouco da Ilha de Santa Catarina, desde quando ainda se chamava Nossa Senhora do Desterro, terra que Maura tanto amou e perenizou em seus escritos.

Foto e bio: Grafias

Um olhar fotográfico

*Eu queria uma história dos Olhares.
Pois a Fotografia é um advento de mim mesmo
com o outro: uma dissociação astuciosa da
consciência de identidade.*

Roland Barthes. In: A Câmara Clara.

É difícil apreciar uma caixa de fotografias sem mergulhar no contexto passado e em seu conteúdo, sem imaginar o que há por trás daquele lugar, daquela(s) pessoa(s), daqueles olhos que muitas vezes nos fixam enquanto as fitamos. Reconstruímos pessoas e espaços sem que nos demos conta de que estamos exercitando nossa mente durante essa reconstrução.

Quando se visita um amigo ou uma pessoa da família, geralmente há uma foto a ser mostrada, seja de uma viagem, de um bebê recém-nascido ou de outra pessoa de quem se gosta muito.

A possibilidade de reter uma imagem de forma que ela pare no tempo foi uma grande invenção da era industrial, que despertou, desde o seu surgimento, o interesse de cientistas, artistas e pessoas em geral. Considerada a mais revolucionária mágica de todos os tempos, a fotografia chegou a assustar pessoas na época da invenção, diante de tão perfeita verossimilhança.

Roland Barthes, ao escrever *A Câmara Clara*, em 1980, passa sua visão sobre a Fotografia (referida com letra maiúscula). A princípio, "queria saber a qualquer preço o que ela era em 'si', por que traço essencial ela se distinguia da comunidade das imagens". Em sua busca, Barthes encontra a idéia-chave: "o que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu existencialmente". Talvez aí esteja a mola do interesse pela fotografia; as pessoas desejam guardar momentos e situações de vida que, a partir do *clique*, já será passado, desejam aprisionar, tal como Proust com sua Madeleine, o tempo.

Os retratos de família e o hábito de conservar os álbuns, gavetas ou caixas de fotografias de família existe desde o início do século XX em famílias de diferentes classes sociais; isso exprime uma atração constante por esses retratos, explica Miriam Lifchitz Moreira Leite (1998), no ensaio *Retratos da família: imagem paradigmática no passado e no presente*. A autora verificou que a "memória funciona através de imagens fixas, como retratos". Ao lembrar de pessoas amigas, o que se tem é uma imagem sem movimentos. Cita Milan Kundera, que diz que a "memória não filma, fotografa".¹ Quando se olha retratos de pessoas que se foram, busca-se uma identificação com a sua imagem.

Miriam Moreira Leite comenta os dois tipos de retratos de família, que são os formais e os informais. No primeiro são registrados casamentos, batizados, formaturas, comunhões, "padronizados sobre a dignidade do grupo familiar" desde o século XIX, enquanto que os informais registram unicamente instantes alegres, encobrendo os conflitos e transgressões. Mas a autora alerta que alguns mal-entendidos acontecem no processo fotográfico, diante dos fotografados e na contemplação das imagens. É como se o que se vê

¹ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Retratos da família: imagem paradigmática no passado e no presente*. In: SAMAIN, Etienne (org). O fotográfico. São Paulo: Huítec, 1998. p.37.

garantissem a realidade, como se os fotografados fossem felizes e vivessem em estado interno de prazer constante. Aí não aparece a opressão da família, casais em litígio, pais revoltados, etc., diz Moreira Leite.

Diante disso, aparecem dificuldades de uma leitura das fotos. A análise para determinados fins "deve acompanhar de perto o contexto em que será feita essa utilização, o que revela e desdobra os indícios fornecidos pelas imagens". É importante, então, ter cautela para que se faça uma leitura adequada das imagens fotográficas.²

A autora afirma que atualmente procura-se fazer retratos mais naturais e sem pose, a fim de que a realidade seja percebida. Diz ainda que é papel feminino fixar, analisar e distribuir fotografias, pois a fotografia é o registro do que o espelho vê e dá a oportunidade de conhecer como as pessoas nos vêem antes das "ausências e separações".

"Pensar as diferentes e simultâneas realidades que a fotografia comporta" é o que propõe Boris Kossoy (1998) em *Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia*. O autor explica que imagens fotográficas de outras épocas se transformam em fontes insubstituíveis para a "reconstrução histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas), dos fatos do passado centenário, assim como o mais recente". Assim como Miriam L. M. Leite, Kossoy argumenta que para isso as fotografias devem ser identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente segundo metodologia adequada.

A reconstrução pela análise iconográfica requer a construção imaginária. A imagem não mostra a realidade interior. Kossoy alerta para o fato de que a imagem fotográfica pode ser utilizada de forma

²LEITE. Op.cit.1998, p.40.

interesseira pela credibilidade que a fotografia nos passa, pois sempre houve uma certeza de que a fotografia é testemunha e prova de uma verdade irrefutável.

Durante as etapas da trajetória da imagem há uma sucessão de construções imaginárias por parte do receptor. É através da sensibilidade, do esforço de compreensão dos documentos e do conhecimento do que ocorreu no momento da fotografia que se pode ir além daquele registro fotográfico.³

Interpretar é um desafio intelectual, é mergulhar no conhecimento; esse é o ponto de chegada, salienta Kossoy. Assim, é importante ir além do registro documental.

A Câmara Clara, estudo que Barthes faz na busca pelo melhor entendimento sobre a fotografia, levou-o a perceber uma distinção entre o que chamou *studium* e o *punctum* da fotografia. O primeiro é o intelecto e o segundo elemento, nomeado de *punctum*, é o que vem quebrar o primeiro. Diz o autor: "Dessa vez não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do *studium*), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. (...) O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere)".⁴

O que Barthes desejava entender não era o *studium*, o óbvio, mas sim o *punctum*, o obtuso. Desejava entender o que liga na fotografia o *studium* ao *punctum*, o óbvio ao obtuso, o intelecto ao afeto.

Roland Barthes escreve *A Câmara Clara* em duas partes. Ao iniciar a segunda, o autor organiza as fotos antigas de sua mãe e relata que se encontra sozinho no apartamento onde, poucos dias antes, ela morreria: "Sozinho no apartamento em que ela há pouco tinha morrido, eu ia assim olhando sob uma lâmpada,

³ KOSSOY, Boris. *Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia*. In: SAMAIN, Etienne (org). O fotográfico. São Paulo: Húitec, 1998 Op.cit. 1998, p.43.

⁴ BARTHES, Roland. *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984, p.46.

uma a uma, essas fotos de minha mãe, pouco a pouco remontando com ela o tempo, procurando a verdade da face que eu tinha amado. E a descobri”.⁵

Não esperava encontrar a “ressurreição viva da face amada”.⁶ Observava, nas fotos, as roupas que a mãe usava antes da existência dele e via a pessoa querida vestida “de outro modo”. O que o separava daquelas fotos era a História. Procurava, dessa forma, reencontrar a mãe através de objetos em seu quarto, buscando que os mesmos aparecessem em algumas fotos, pois isso o traria, mesmo que por pouco tempo, à presença viva da mãe. “Assim, a vida de alguém cuja existência precedeu um pouco a nossa mantém encerrada em sua particularidade a própria tensão da História, seu quinhão”.

Para Barthes, a “história é histórica: ela só se constitui se a olharmos - e para olhá-la é preciso estar excluído dela”. O tempo que a mãe viveu antes de Barthes é a História.⁷

Surge outra questão para o autor, se realmente a reconhecia. O que distinguia eram pedaços (uma região da face, etc.); não alcançava o ser, ao que a mãe lhe escapava. Reconhecia diferencialmente, não essencialmente. Vinha um trabalho doloroso para ele através da fotografia: por meio das imagens, identificar a essência. Diante da nebulosidade, havia um lugar preservado, “a claridade de seus olhos, o azul esverdeado de suas pupilas”.⁸

Uma luz que iniciava uma mediação para a identidade essencial da face amada. Descobre em uma fotografia muito antiga duas crianças, irmão e irmã em um jardim de inverno, unidos pela desunião dos pais.

⁵ BARTHES. Op.cit. 1984, p.95.

⁶ BARTHES. Op.cit. 1984, p.96.

⁷ BARTHES. Op.cit. 1984, p.98.

⁸ BARTHES. Op.cit. 1984, p.100.

Na "claridade de sua face, a pose ingênua de suas mãos, o lugar que docilmente ela havia ocupado, sem se mostrar nem se esconder (...)". Reencontrou na menina a sua mãe; via a bondade que formara o ser da mulher que o amou.⁹

Essa fotografia, a mãe que Barthes não queria mostrar, "realizava, utopicamente, a 'ciência impossível do ser único'"¹⁰ - a mãe, um ser insubstituível.

O que Barthes descobre novamente, agora em "estado de novo dominado pela imagem, é que toda foto é de alguma forma co-natural a seu referente". A partir de então, mistura duas vozes: a da bondade (dizer o que todo mundo vê e sabe) e a da singularidade (salvar essa banalidade de todo o ardor de uma emoção que só pertencia a ele).

Barthes explica que "o Referente da Fotografia não é o mesmo de outros sistemas de representação", como a pintura. Na Fotografia não há imitação, pois a "coisa esteve lá" - realidade e passado, juntos. A Referência é a ordem fundadora da fotografia.

⁹ BARTHES. Op.cit. 1984, p.103.

¹⁰ BARTHES. Op.cit. 1984, p.106.

Um olhar biográfico

*Sou um evadido,
Logo que nasci
Fecharam-me em mim.
Mas eu fugi.*

Fernando Pessoa

Sabemos que o gênero biográfico existe desde a antiguidade clássica e que se tornou instrumento de grande importância no reconstruir da História. A biografia, ao longo dos anos, era vista como um modelo de história tradicional. Os biógrafos estavam mais preocupados com o fato vivido envolvendo a personagem do que com as dimensões sócio-econômicas, culturais e políticas. O objetivo consistia em enaltecer a personalidade, a fim de que fosse um modelo a ser seguido ao longo do tempo. Desde então, a biografia passou por profundas transformações das bases teóricas metodológicas da disciplina. A preocupação em analisar a personagem dentro dessas estruturas é constante nas biografias atuais.

Giovani Levi (2005), no início do texto *Usos da biografia*, cita Raymond Queneau, que diz que "houve épocas em que se podia narrar a vida de um homem abstraindo-se de qualquer fato histórico". Conclui que narrar a vida de um homem abstraindo-se de qualquer fato histórico é coisa passada; depois, em outra época menos distante da nossa, seria possível relatar um fato histórico sem citar a vida particular do indivíduo. Hoje, a biografia, "no centro das preocupações dos historiadores", assume um "papel ambíguo em

história: tanto pode ser um instrumento de pesquisa social ou, ao contrário, propor uma forma de evitá-la (1974)". A biografia está, mais do que nunca, no centro das preocupações dos historiadores, afirma Levi.

Em *A ilusão biográfica*, Pierre Bourdieu (2005) trata da questão do *novo* nos relatos, isto é, as novas formas de relatar uma vida. Explica que uma história de vida usa uma linguagem simples; o autor descreve metaforicamente a vida como uma estrada onde o indivíduo encontra pelo caminho encruzilhadas e até mesmo emboscadas, ou seja, um caminho que deve ser percorrido e que tem um começo, etapas e um fim da história. Ao produzir uma história de vida, no entanto, a biografia não deve relatá-la como uma história, apresentando uma seqüência de acontecimentos com começo, meio e fim; isso seria "conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda a tradição literária não deixou e não deixa reforçar".¹¹

No texto *Luz e Papel, Realidade e Imaginação: As Biografias na História, no Jornalismo, na Literatura e no Cinema*, Benito Bisso Schmidt (2000) fala sobre esse assunto. O autor coloca que a biografia retornou como forte tendência. Não significa, entretanto, a "retomada de um gênero *velho*"; há, sim, uma nova forma de repensar questões clássicas no que diz respeito à relação indivíduo/sociedade, entre outros. Nesse texto, o autor faz um convite ao debate sobre o papel das biografias, apontando algumas características que diferenciam as novas das tradicionais. A primeira trata da escolha das personagens enfocadas; a segunda, dos objetivos a que essas se propõem; a terceira, da forma de construção da narrativa biográfica e, finalmente, do espaço da ficção nas biografias históricas. Estas são questões importantes a serem aqui discutidas a fim de esclarecer a biografia dentro de um contexto atual.

¹¹ BOURDIEU, op. cit.

Quanto à escolha, as biografias tradicionais tinham interesse por indivíduos destacados socialmente, por mitos ou grandes vultos históricos. Schmidt destaca a obra do historiador gaúcho Aquiles Porto Alegre, que publicou, em 1917, a obra *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*, na qual apresenta personagens riograndenses notáveis, com o intuito de que sejam exemplos dignos a serem seguidos pelos jovens. Nas biografias atuais, a tendência dominante é a busca pelas biografias de pessoas comuns ou pelas classes subalternas, pela gente miúda, como afirma Schmidt. E cita os seguintes exemplos: "Exemplos disto são os estudos de Cario Ginzburg sobre o moleiro Menocchio, condenado como herege pela inquisição noséculo XVI; o de Eduardo Silva sobre o tipo de rua Dom Obá II D'África, que viveu no Rio de Janeiro nas últimas décadas da escravidão e do Império, e o de Regina Horta Duarte sobre o anarquista mineiro Avelino Fóscolo. "Qual a importância de pesquisas como essas" pergunta-se o autor?".¹² A personagem vive dentro de um contexto mais amplo; essa escolha permite outros olhares para a história, pode-se mostrar o indivíduo comum como "individualidade pensante e como forma de cultura popular ou mentalidade coletiva", pois o público procura conhecer a vida de personagens que se identifiquem com eles, ou seja, gente como a gente. Schmidt cita outros exemplos, como as biografias de Assis Chateaubriand (o magnata da imprensa) e a de Eva Perón (a atriz que chegou à vice-presidência da Argentina). Não que estas pessoas não dêem excelentes biografias, diz o autor, mas há o interesse comercial por trás desse tipo de escolha, além de pessoas comuns quererem transformar essa vida em um mito. Entre nós, destaca-se o biógrafo Ruy Castro, cujo último trabalho é a biografia de Carmem Miranda¹³, um trabalho de fôlego com mais de 600 páginas e, antes deste, as biografias

¹² SCHMIDT, op. cit. p. 52.

¹³ Biografia intitulada *Carmen*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

de Garrincha e de Nelson Rodrigues. Com muito sucesso, também o jornalista Fernando Morais publicou biografias muito lidas que privilegiam o ficcional na maneira de narrar - *Olga, Chatô - o rei do Brasil*.

A segunda diferença entre as biografias tradicionais e as novas refere-se aos objetivos destas. As primeiras louvavam ou denegriam as personagens enfocadas, apresentando suas vidas como modelo de conduta positiva ou negativa. Assim, os biógrafos poderiam escolher entre uma opção e outra, de acordo com as características do biografado. Atualmente, procura-se fugir desse contexto, partindo para um trabalho que saliente mais o lado humano da personagem, suas fraquezas, suas virtudes e paixões na vida cotidiana, mostrando-a num contexto mais amplo, sem deixar o ambiente cultural e os aspectos do cotidiano.

Schmidt chama atenção para a construção da narrativa. A maioria das biografias busca na infância e na adolescência a justificativa das atividades futuras das personagens biografadas. Deve-se tomar certo cuidado quanto a isso; não que os anos de vida, a infância e a adolescência não tenham importância, diz o autor, mas estas podem ser "armadilhas de uma coerência construída *a posteriori*". Cita Pierre Bourdieu para explicar que palavras como "sempre" e "desde pequeno" indicam a busca da linearidade. Schmidt concorda com Bourdieu pois, para ambos, na biografia não é necessário fixar-se na busca pela coerência linear; deve-se transitar entre o social e o individual, do consciente ao inconsciente, do familiar ao político, do público ao privado, e assim por diante, dando mais liberdade para escrever a biografia.

E, finalmente, nas biografias tradicionais, o historiador não dava espaço para a ficção; no entanto, as atuais misturam a ficção às biografias. O biógrafo reconstrói existências ao narrar vidas, tornando-se, assim, uma mescla de informações. Schmidt diz que historiadores e jornalistas devem ter maior compromisso com o mundo real do que os cineastas e literatos, que podem contar com maior margem de

invenção. O jornalista Alberto Dines, que escreveu as biografias de Stefan Zweig e de Antônio José da Silva, o Judeu, afirma: "quem se deixa levar pela curiosidade, não deve temer a invenção (...) a fidelidade aos fatos não é inimiga da criatividade (...). É importante assinalar que o biógrafo não é um mero colecionador de informações, inéditas ou não, mas um reconstrutor de existências, narrador de vidas, como dizia Virginia Woolf (...)."¹⁴

Em *Notas sobre a crítica biográfica*, Eneida Maria de Souza (1995) explica que a crítica biográfica engloba a relação complexa entre obra e autor, já que a este último é permitido construir misturando fatos e ficção.

O fascínio pelas biografias literárias, segundo a autora, se justifica pelo fato de o biógrafo poder articular entre a obra e a vida, "tornando infinito o exercício ficcional do texto da literatura, graças à abertura de portas que o transcendem". Assim, confirma o que Benito Schmidt, seguindo outros autores, escreve a respeito do espaço da ficção nas biografias. Com exceção da documentação (correspondência, depoimentos, etc.), das datas (onde e quando nasceu/morreu), muito do que aparece nas biografias é ficcional e esse exercício ficcional é ilimitado.

Eneida diz que uma marca da pós-modernidade é a proliferação da cultura de massas, as biografias, os acontecimentos do cotidiano, que são considerados extrínsecos à literatura, e isso traz à tona uma discussão atual, a democratização dos discursos e a quebra dos limites entre a chamada alta literatura e a cultura de massa. Eneida diz que todos os discursos são válidos, defende os estudos culturais, pois

¹⁴ Apud Schmidt, op. cit.

permitted maior abertura textual. Além disso, "independem do critério de valor exclusivista e fechado assumido pela crítica literária mais tradicional".

Algumas "provas de fogo da biografia" são apontadas por Maria Helena Azevedo, em *Algumas reflexões sobre a construção biográfica*, reflexões também importantes a serem analisadas. Segundo a autora, a biografia supõe alguma forma de existência do indivíduo, não qualquer indivíduo que só ressalte o social, o coletivo, mas o indivíduo como tal. Aí há um paradoxo, diz, pois a particularidade é demarcada exteriormente. É um indivíduo *com relações de proximidade ou distância com outros indivíduos, relações funcionando em molduras coercivas, institucionalizadas, onde o espaço individual inexistente* (1995). A biografia trabalha com a questão do interior/exterior do indivíduo como forma de produção e reprodução da vida social, uma vez que não é possível estabelecer somente um espaço exterior, social.

Assim, defende que pouca coisa pode fundamentar a pertinência da biografia: um nome próprio e as dimensões de um corpo, ou seja, "um nome próprio público, um nome que vem junto com a sua tradição". No que se refere ao corpo, "ele é sempre uma imaginação, um corpo virtual, pré-fotografia". Por isso, o corpo "está preso à personagem, ao nome próprio, que lhe garante existência, ainda que no instantâneo e variado de coisa imaginada". O biógrafo irá contar "histórias de um indivíduo que, no mesmo movimento, não existe como tal no mesmo movimento que o faz existir individualmente". O biógrafo terá que construir a narrativa biográfica sobre essa indecisa situação, ou seja, terá que passar por essa "prova de fogo".

Outra prova de fogo inseparável desta diz respeito à existência da personagem biografada, analisada fora do presente. A autora diz que "nenhuma figura pode existir destacada de certa tradição". Supor um passado (como chama o senso comum e a história) é uma "forma convencional e eficiente de

ordenação de realidades". Ora, o passado só pode ser constituído no momento atual; no entanto, a documentação é importante, pois são as provas dessa realidade passada. O biógrafo constrói as cenas do passado de forma a ficarem livres de serem consideradas fraude. Cabe ao biógrafo fazer escolhas; deverá articular o pensamento público (a obra) e a vida privada (o cotidiano). Há uma escolha de origem ficcional, mas não irreal. Assim, "a biografia ressalta sua origem ficcional, mas não irreal", diz Azevedo.

Outra questão que a autora apresenta como uma decisiva prova de fogo é a *relação delicada* entre os valores, usos, mediações entre o passado e o presente. O espaço público de hoje não é o mesmo do tempo narrado na biografia.

O interesse do biógrafo por alguém a ser biografado, segundo a autora, se dá de acordo com as "inquietações e valores do seu momento", que a partir daí "inventa e dá vida ao de um outro". Referência e invenção devem agir em conjunto ao se reconstruir a realidade. A noção de invenção deve ser dissociada da originalidade, imaginário e ficção, pois "trazem consigo um sujeito criador autônomo, gerando mundos desde si mesmos", como também a referência deve ser dissociada de imitação, reflexo ou constituição, pois isso implicaria a "separação entre o sujeito pensante e o objeto pensado".

A pertinência de uma biografia não está na "verdade exterior ao texto, mas sim, ao seu poder de convencimento".

Azevedo ainda acrescenta mais uma prova de fogo da biografia, o "cruzamento de práticas disciplinares com suas formas de poder e saber". Biografia é história, contar um passado, relatar a vida de uma personagem e, para isso, precisa haver certo controle argumentativo do biógrafo e imaginação romanesca. A autora diz que se predominar a explicação, a argumentação na biografia, irá "quebrar a

expectativa de parença, ou equivalência com a realidade da vida cotidiana, aparentemente isenta de explicativos”.

A ordenação do tempo no relato biográfico “fundamenta e faz prosseguir a percepção imediata da vida cotidiana como um fluxo continuado de acontecimentos descritíveis narrativamente”.

Uma pesquisa em aberto

Para compor a Fotobiografia de Maura de Senna Pereira, enfrentamos questões fundamentais: de que forma escrever a biografia de Maura? Como escolher e relacionar as fotografias com a vida da escritora? O que seria mais importante? Como estabelecer tais escolhas?

Tendo em vista as leituras sobre a fotografia e a biografia, pode-se perceber que, ao falar sobre biografia, muitos críticos pensam da mesma forma no que se refere a alguns aspectos, às escolhas que motivam a biografia e os seus objetivos. Assim, procura-se mostrar pessoas comuns, personagens que vivem dentro de um contexto mais amplo, permitindo outros olhares para a história. Salienta-se mais o lado humano da personagem, mostrando seu cotidiano como também os aspectos culturais.

A escolha na biografia de Maura teve o objetivo de mostrar a mulher/escritora apaixonada pela ilha onde nasceu, levando em conta o momento histórico, sabendo que, após um século do seu nascimento, muita coisa mudou. A infância, adolescência e a maturidade da escritora serão analisadas, procurando não cair em “certas armadilhas”, como salientaram Schmidt e Bourdieu. Palavras como “sempre” ou “desde pequena”

aparecem, mas a linearidade não poderá ser mantida, já que, conforme tais autores, esta é praticamente impossível em uma biografia. O individual e o social, o público e o privado ocorrerão em alternância.

Ao construir a biografia, procurar-se-á ser o mais verossímil possível, buscando o compromisso com o mundo real da escritora, sem a pretensão de conseguir não ser ficcional, pois, de acordo com Eneida Maria de Souza, exceto os documentos e as datas, o ficcional é inevitável. Acrescentar-se-á a idéia de Maria Helena Azevedo, afirmando que, ao se escrever uma biografia, supõe-se um passado que tem como provas os documentos. Assim, tem-se uma biografia que pode ser ficcional de certo modo, mas não inverídica, e não irreal, ou seja, esta será uma biografia, ou uma visão interpretativa da sua vida.

As fotografias selecionadas para esta Fotobiografia acrescentam muito ao texto escrito, pois a imagem transforma o texto e o torna mais interessante, mais cativante, dando mais vida à escrita. As fotos ajudam a reconstruir o passado, são documentos desse passado. De certo modo, as fotos também ficcionalizam o passado da escritora, tal como um filme. Aquele substitui uma época definitivamente revogada. Não existem mais as mesmas ruas e praças, os mesmos hábitos provincianos. A cidade definitivamente não é mais a de Maura. A fotobiografia traz-nos essas lembranças, mergulha-nos nessa época.

Foram selecionadas fotografias formais e informais da escritora. A leitura de Barthes, Kossoy e Miriam Moreira Leite propiciou maior compreensão para se fazer a leitura e seleção das fotos, uma análise cautelosa para ajudar a reconstruir a vida de Maura, já que as fotos representam uma certeza de que o que está ali registrado aconteceu realmente.

Seguindo Barthes, fez-se grande esforço de compreensão dos documentos e do conhecimento do que ocorreu no momento da fotografia, usando de sensibilidade para que a mesma não ficasse somente no *óbvio*, no intelectualismo; procurou-se ser bom *spectator* para garantir que também o *obtusos* fosse mostrado. Não só o detalhe, como também o tempo presente na fotografia.

Assim, o estudo dos autores citados (entre outros) e a pesquisa resultaram em uma composição fotobiográfica estruturada da seguinte forma:

- Uma introdução intitulada *A peregrinação biográfica* na qual estão descritas as motivações da pesquisa e o percurso metodológico.
- A fotobiografia *Maura em Flor*, em 4 capítulos.
- *Maura de Senna Pereira 1904-1992: vida e obra*, no qual é permitido verificar as referências cronológicas, as casas e lugares em que viveu, as revistas e jornais nos quais Maura colaborou e também os livros publicados.

Na composição da narrativa biográfica, juntam-se as fotografias de Maura e das cidades em que viveu, estudou e trabalhou. Alguns cenários foram recriados a partir de testemunhos orais ou de registros escritos. Os fatos foram preservados conforme as peças documentais e a bibliografia subsidiária, a fim de atender às exigências da História.

- a) A primeira narrativa denomina-se *Histórias para a menina*, referência a um poema da escritora. Nesse capítulo é abordada a infância da escritora. Nesse capítulo temos a infância da escritora.
- b) *Meus verdes anos* é a segunda narrativa, também título de outro poema; conta a vida de Maura na adolescência, na juventude, quando chegou a ocupar a cadeira 38 da Academia Catarinense de Letras ACL, seu primeiro casamento e a mudança para Porto Alegre, o final de seu casamento, a separação e a volta para Florianópolis.
- c) Maura escritora e feminista aparecerá no capítulo intitulado *Maturidade e criação* (a escritora apresentou características feministas desde muito jovem e isso será citado nessa parte). Nessa terceira parte pode-se verificar a vida da poetisa desde 1939, quando Maura saiu de Florianópolis para o Rio de Janeiro, a ligação amorosa com Almeida Cousin, até sua morte.
- d) Documentos e textos de jornais publicados após a morte da escritora serão vistos em parte denominada *A herança poética*.

Reginalda Kalckmann

MAURA EM FLOR
UMA FOTOBIOGRAFIA

1904 - 1992

PRIMEIRA PARTE



**FLORIANÓPOLIS
1904 - 1920**

Histórias para a menininha

Menininha, estás sem sono
e eu queria te ninar.
Segura, pois, minha mão;
vamos longe passear
vamos ver todas as terras
e ver o fundo do mar.

Maura de Senna Pereira

Maura bebê
ACERVO: ACL

INFÂNCIA

A poetisa Maura de Senna Pereira, que em muitos textos cantou seu amor pela terra natal, nasceu em 10 de março de 1904. Filha do professor José de Senna Pereira e Amélia Regis de Senna Pereira, ambos nascidos na antiga Nossa Senhora do Desterro, veio ao mundo na Rua Deodoro, Florianópolis, Ilha de Santa Catarina.

As duas famílias, materna e paterna, apresentavam grau de parentesco: o pai e a mãe de Maura eram primos. Os dois, quando criança, tiveram uma infância muito próxima. Ele era oito anos mais velho do que ela, praticamente viu-a nascer e cresceram juntos. Desde pequeno, José teve grande carinho pela prima, que foi sua única namorada e, mais tarde, sua mulher.

Há poucas fotografias dos pais de Maura, descritos por ela. Também dos avós, o que temos são descrições que a poetisa fez em alguns textos. Quando fala de sua família, demonstra muito carinho por todos, o que leva a crer que era uma família na qual reinava a união, a obediência, o carinho e o amor de uns pelos outros.

Dos primeiros anos da infância de Maura salienta-se um fato que se pode chamar de marcante, a leitura da Bíblia. Em toda uma parte de sua obra, em prosa ou em verso, ela se refere à época de



leituras bíblicas ou passagens da Bíblia - a partir do que é permitido afirmar que tal leitura a influenciou bastante. Além disso, é importante notar que muitos poemas têm uma cadência bíblica, dos salmos, por exemplo. É notável também a citação de termos bíblicos.

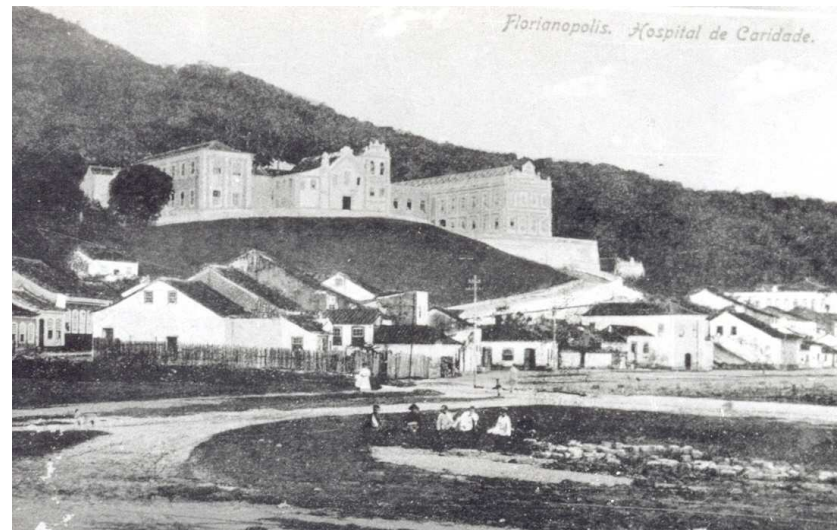
Em sua infância, notam-se, ainda alguns momentos tristes, dentre estes, a morte de três irmãozinhos. Eles eram, ao todo, doze irmãos. A mãe foi muito presente, mulher de fibra que deu muito carinho às suas crianças e mostrou sensibilidade ao saber lidar com as dificuldades da melhor forma possível. O pai, homem bastante inteligente, educou os filhos pelo sistema patriarcal, rígido, porém o amor era visível aos olhos deste, segundo o que é lido da escritora.

Um fato triste, que Maura não esqueceu, foi uma conversa que ouviu do pai, quando este falou sobre uma terrível coisa, a tuberculose, herança de família e que levou muita gente. A menina Maura estava gripada quando ouviu o pai falando isso; por qualquer doença o médico era chamado, pensavam que poderia morrer. Tal fato foi traumatizante para ela e os irmãos.¹⁵

Quando os pais resolvem casar-se, constroem uma casa perto do mar. O bairro ainda era deserto e com poucos vizinhos. A casa, pequenininha, tinha em suas janelas cortinas claras, a varanda coberta do verde das samambaias, com os pés de manacá no canteiro da frente e damas-da-noite reclinando-se sobre o muro, e invadindo a casa e as redondezas de um perfume inefável. À noite costumavam ir até a praia de mãos dadas, para contemplarem o céu e o mar. Os dois observavam as estrelas, que para eles eram ouro, jóias faiscantes, lantejoulas que vinham para iluminar o passeio do casal enamorado¹⁶.

¹⁵ Uma poeta corpo a corpo com a vida: entrevista concedida por Maura à Colaca Grangeiro e Silveira de Souza. *Jornal da Cultura*, Florianópolis, jul.1990. p.8. In: : PEREIRA, Maura de Senna. *Poesia reunida e outro textos*.

¹⁶ PEREIRA, Maura de Senna. *Ninho na Praia*. Nós e o Mundo. Gazeta de Notícias. 24 de nov. 1975.

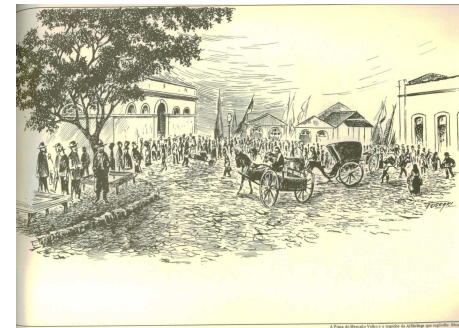
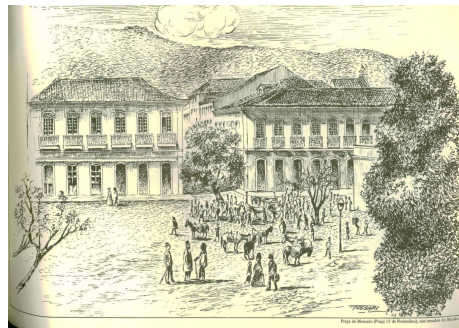


Hospital de Caridade ¹⁷ - Século 19
ACERVO: Casa da Memória

¹⁷ Em 1782, iniciou-se a prática de obras de misericórdia, prestando assistência aos doentes pobres, com alimentação e cuidados médicos, através do irmão Antônio da Silva Gomes, um dos fundadores, que prestava gratuitamente seus serviços. Os remédios eram adquiridos pela metade do preço, numa botica que pertencia a outro irmão. Com a morte do dono, a botica passou a ser administrada pela Irmandade Senhor dos Passos, que é uma associação beneficente, sem fins lucrativos, que obedece aos preceitos da Religião Católica Apostólica Romana. É constituída por um número ilimitado de "IRMÃOS", sem distinção de nacionalidade, cor ou raça, que gozem de respeitável conceito e professem a religião Católica Apostólica Romana. O aumento da assistência tornou necessário um local adequado para o desenvolvimento dos trabalhos. Foi enviado um requerimento à sua Majestade, D. Maria I, solicitando recursos para a construção da Santa Casa. Paralelamente, o Irmão Joaquim Francisco do Livramento empenhou-se na arrecadação de esmolas, conseguindo metade dos recursos gastos com a construção do Hospital. O terreno foi doado ao lado da Capela do Menino Deus. Irmão Joaquim era filho de um casal açoriano da Ilha do Faial, nasceu na antiga Desterro, em 20 de março de 1761 e faleceu em Marselha em 1829, numa de suas viagens à Europa. A obra foi concluída a 31 de dezembro de 1788, sendo inaugurada no dia 1º de Janeiro de 1789. A Santa Casa foi considerada Hospital Militar em 13 de março de 1818, por ato arbitrário do Governo da Ilha, sendo os doentes expulsos e acolhidos em casas de família. Porém, no dia 13 de julho, o Hospital voltou às mãos da Irmandade. In: <http://www.hospitaldecaridade.com.br/hospital/1789.html>. Acesso em 16/04/06

O velho ninho de amor em que Maura nasceu, cresceu e brincou com seus irmãos e amiguinhos hoje não existe mais, em seu lugar estão arranha-céus e casas comerciais, e o mar ficou distante, diante dos aterros que a modernização trouxe.

Maura cresceu andando pelas ruas estreitas e calmas de Florianópolis, as mesmas nas quais pisou o grande poeta Cruz e Sousa. A rua onde morava situava-se muito próxima ao Mercado Público atual. Anos antes, o mercado localizava-se no lugar que mais tarde se tornou a Praça XV de Novembro. Após brigas políticas, houve mudança de local e, em 1847, o mercado foi construído no lugar em que está hoje. O prédio, contudo, foi demolido e, em 1899, construído o atual - construção em duas etapas; inicialmente contava com apenas uma ala, mas houve necessidade de uma segunda, esta última feita em 1915 em cima de um aterro.



Antigo Mercado, na atual Praça XV de Novembro. Século XIX

FONTE: Domingos Fossari.¹⁸

¹⁸ FOSSARI, Domingos. *Florianópolis de Ontem*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985. A partir de agora, todas as ilustrações serão oriundas desta fonte.

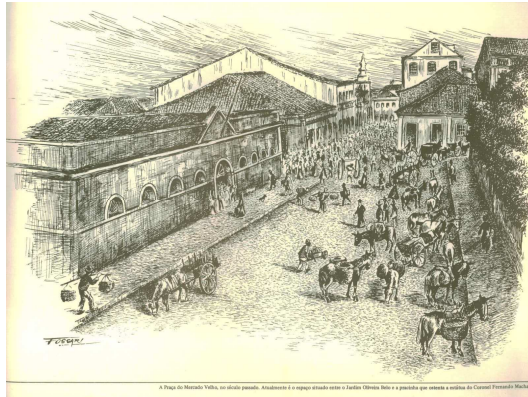


Século 19 - Primeiro Mercado construído perto do mar em 1847 - Desterro
ACERVO: Casa da Memória

Ao lado:
Praça XV de Novembro 1889
ACERVO: IHGSC



**Segundo Mercado Público, construído
no mesmo local, em 1899.**
Foto de 1900, quando constava de
apenas uma ala.
ACERVO: IHGSC



Esse lugar, onde hoje podemos encontrar roupas, alimentos, excelentes frutos do mar, artesanato, e que também é ponto de encontro de turistas e nativos da Ilha, na época da infância de Maura era o ponto de encontro dos ilhéus e, principalmente, lugar no qual as mercadorias, que vinham do interior da ilha e do continente, eram descarregadas. Assim, era comum encontrar-se uma quantidade muito grande de veículos, de charretes, de carroças e também de canoas e baleeiras, animais de carga, numa grande animação de compras, negócios e trocas, pois ali ficava o centro do comércio da cidade. E as pessoas vinham a cavalo ou em carroças, de diferentes freguesias da ilha para compras de mantimentos ou para estabelecerem negócios.

Como ainda não havia ponte entre a ilha e o continente, o acesso era feito por água, através da utilização de barcos e balsas. O sol refletia nas águas esverdeadas a sombra dos barcos ancorados próximos ao mercado, alguns saindo, outros chegando, dando mais poesia à *Ilha Verde*. Somente mais tarde, quando o pai José de Senna Pereira já era morto, foi construída a primeira ponte, facilitando o acesso à ilha.



Ilustrações: Domingos Fossari

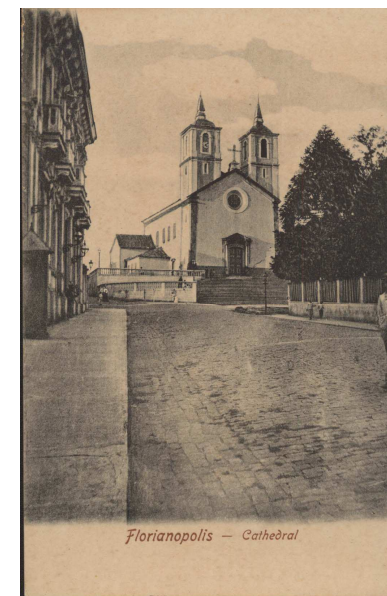
Catedral Metropolitana - 1906**ACERVO: IHGSC**

Outro local próximo à casa de Maura era a Praça XV de Novembro. Essa praça, que no início do século XIX abrigava o Mercado Público, com a mudança deste passou a ser embelezada com muitas árvores.

Nesse cenário verde encontra-se a velha Figueira que, com seus imensos galhos, seguros por hastes para lhe suportarem o peso, serve de abrigo para todos; a árvore centenária, que abrigou e abriga muitos casais enamorados, também hoje é o lugar onde os aposentados passam manhãs e tardes conversando sobre futebol, política ou jogando cartas, dados, xadrez. A Praça XV, no início do século XX, era calma e tranqüila. Hoje, ainda é um lugar que transmite tranqüilidade, paz e um ar de poesia.

Em frente à Praça XV está a Catedral Metropolitana. A princípio era uma modesta capelinha, construída pelo fundador da cidade, o bandeirante paulista Francisco Dias Velho; mais tarde deu lugar à Catedral Metropolitana, onde futuramente seria realizado o casamento de Maura.

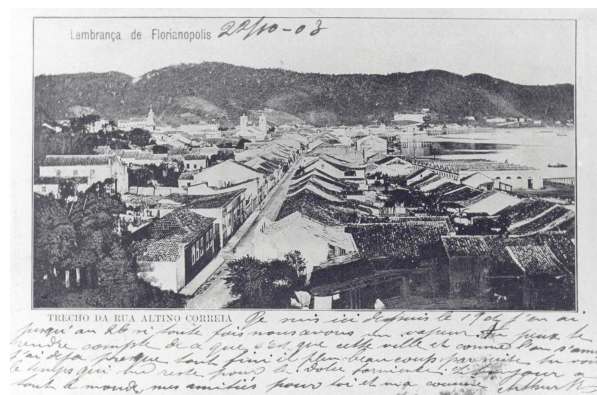
Maura menina, porém, não freqüentava a Igreja Católica. Seus pais e avós eram presbiterianos e freqüentavam a Igreja situada à Rua Visconde de Ouro Preto. Essa igreja iniciou suas atividades em Florianópolis no dia seis de janeiro de 1901, num domingo de manhã, e teve como um dos membros fundadores José de Senna Pereira.

*Florianópolis — Cathedral***Igreja Matriz: Século****XIX**

As leis da Igreja eram rigorosas na admissão de novos membros. Deviam fazer uma "*profissão de fé em Cristo*", através de argüição quanto ao conhecimento das doutrinas bíblicas e motivo de mudança de atitude religiosa". Só poderiam ser membros pessoas casadas segundo as leis brasileiras. O Conselho exercia função disciplinar, observando as leis eclesiásticas e os princípios, que deveriam ser aceitos pelos presbiterianos. Assim, os membros da Igreja eram vigiados para que seguissem as leis, o que era possível porque a comunidade era pequena. Não lhes bastava somente assistir aos trabalhos da Igreja, teria que haver uma vivência diária de acordo com os princípios bíblicos.¹⁹ Sendo o pai de Maura um dos membros fundadores da Igreja Presbiteriana, todos na família seguiam rigorosamente essas leis.

A Ilha era calma.

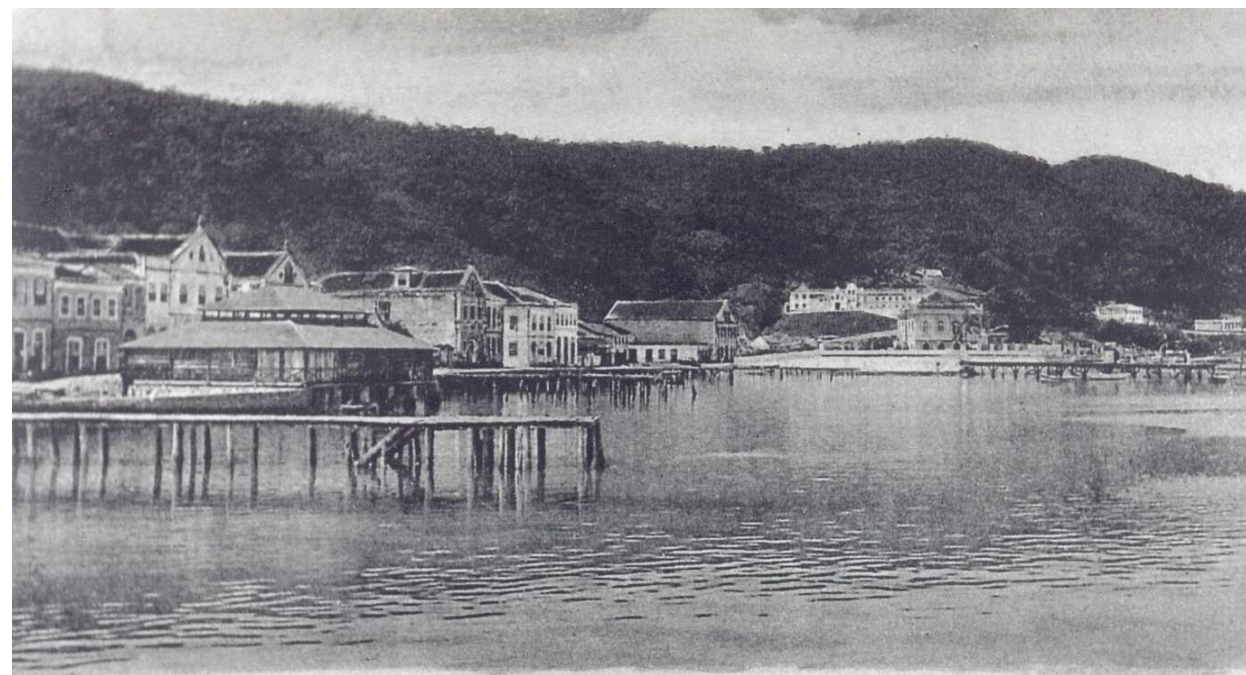
Foi nesse cenário tranqüilo e provinciano que nasceu e cresceu Maura de Senna Pereira.



1903 - Trecho da Rua Altino Correia
Florianópolis

ACERVO: Casa da Memória

¹⁹ HACK, Osvaldo Henrique. *A História da Igreja Presbiteriana em Florianópolis. Período 1898 a 1930*. Florianópolis: UFSC, 1979. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, 1979.



Lembrança de Florianópolis

Capitania do Porto

*Leônira Aducci lhe
deseja boas festas.*

Livraria Moderna-Florianópolis, Praça 15 de Novembro 27.23-12-1904.

**Florianópolis: 1904 - Ano em que nasceu
Maura de Senna Pereira.
ACERVO: Casa da Memória**

38

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Estado de Santa Catarina



Comarca e Município de Florianópolis

PRIMEIRO SUB-DISTRITO DA CAPITAL

Registro Civil - Títulos - Documentos e Pessoas Jurídicas

FERNANDO CAMPOS DE FARIA
OFICIAL

Zulma Luz de Faria, Rute Maya Barbosa Duarte e Benevenuto Nascimento Neto
Escreventes Juramentados

Palácio da Justiça - Fone 22-6633 - Ramal 112

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTIFICO que, a fls. 13^v do livro nº 9-09, de Registro de Nascimento sob o termo nº 82, consta o assento de Maura nascid. no dia dez (10) de março de mil novecentos e quatro (1904) às 03 horas 30 minutos, em sua residência a rua Pedro do sexo feminino de cor branca, filha de José de Senna Pereira e Dona Amélia Regis de Senna Pereira ambos naturais d. este Estado. São avós paternos Joaquim de Senna e Dona Angelica Bonfield - inglesa e maternos Fabricio Carlos Ferreira Regis e Dona Bernarda de Aguiar Regis - portuguesa. Foi declarante o pai e serviram de testemunhas José Garcia Junia e Eduardo Alves. O assento foi feito aos 10 de março de 1904. Observações: Correu-se nesta capital aos 05-12-1931.

O referido é verdade e dou fé

Florianópolis, 06 de Outubro de 1987.

OFICIAL

REGISTRO CIVIL - TÍTULOS
FERNANDO CAMPOS DE FARIA
OFICIAL MAIOR
ZULMA LUZ DE FARIA
RUTE MAYA BARBOSA DUARTE
BENEVENUTO NASCIMENTO NETO
ESCREVENTES JURAMENTADOS
PALÁCIO DA JUSTIÇA - FONE 22-6633 - RAMAL 112
FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA

Certidão de nascimento de Maura.

ACERVO: ACL

O futuro de escritora parecia traçado. Ainda no berço era embalada ao canto da voz materna. Pequeninha, gostava de escutar as histórias que a mãe criava, as cantigas e os contos de Grimm que sua mãe contava, encantava e repetia sabiamente. Por isso chamava a mãe de "minha adorável Sheherazade".²⁰



"Eu achava que ela, a minha mãe, sabia empolgar e encantar qualquer criança, porque não só ela repetia esses contos universais de Grimm e outros contos universais. Ela inventava também. Ela sabia manejar com crianças, também com cantigas. Mas era só nessa parte. Minha mãe sabia encantar o cérebro infantil. Tanto que eu a chamava de minha adorável e querida Sheherazade".



À Esquerda: **Maura aos seis meses de idade.**

À direita: **Com um ano e nove meses, no
Natal de 1906**

ACERVO: ACL

²⁰ PEREIRA. 2004. Op. cit. p. 285.



Vista geral de Florianópolis - 1910

ACERVO: Casa da Memória

A menina começa a freqüentar a escola, uma escola americana que funcionava em salas da Igreja Protestante, cuja diretora era uma americana nata, e que estava às vésperas de encerrar as atividades em Santa Catarina. Futuramente, Maura vai fazer severas críticas, dizendo serem as professoras mulheres sádicas. Entre as professoras, D. Josefina, esposa de Laércio Caldeira de Andrada. Aqueles olhinhos espertos da menina presenciaram cenas desagradáveis de repressão com esta professora e as crianças que não

pagavam o colégio. Mas com ela era diferente, seu pai sempre pagava a escola. Era uma educação muito rigorosa, mas não havia palmatória, como antigamente, apesar de que, às vezes, machucavam as crianças.²¹

"Eu aprendi a ler numa escola americana, que funcionava junto à igreja. Eram mulheres sádicas, as professoras. A diretora era uma americana nata e as professoras - uma, a senhora do Laércio, D. Josefina. Vi muita coisa que ela fez com as crianças que não pagavam. Como eu pagava, era diferente."



Rua Felipe Schmidt - 1910
ACERVO: IHGSC

Apesar dessa forma rigorosa, Maura dirá que o ensino era muito bom. Acrescenta que a matemática no início era ensinada com brinquedos, pauzinhos e aprendia-se muito bem. Depois havia os cadernos com problemas difíceis, muitos deles só engenheiro poderia resolver.

²¹ PEREIRA, 2004. Op. cit. p. 287.



A professora alfabetizadora era D. Josefina, muito inteligente, de acordo com Maura. Reunia os alunos e os enviava para a lousa para desenharem letras de forma - primeiro vogais, depois as consoantes mais fáceis. Maura aprendeu com facilidade, em quinze dias já estava lendo. O pai levava para casa semanalmente a revista *Tico-Tico*²² e lia para ela e seus irmãos. A surpresa foi grande quando o pai a viu lendo a revista. Foi assim que Maura percebeu que sabia ler. Em quatro ou cinco meses era promovida de ano, era comum ver nos boletins mensais registrado o primeiro lugar na classe e na escola, na época.

Tal precocidade rendeu críticas de pessoas cuja mentalidade era incapaz de julgar com isenção o que se passava. Certo dia, uma coleguinha da igreja presbiteriana chegou até Maura e disse-lhe: "Mãe

²² A revista *O Tico Tico*, lançada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, foi a primeira a publicar histórias em quadrinhos no Brasil. Sua primeira edição saiu no dia 11 de outubro de 1905, uma quarta-feira e não uma quinta como dizia a capa. O modelo que a *Tico Tico* seguia era o da revista francesa *La Semaine* de Suzette, personagem que foi publicada pela revista com o nome de Felismina. Era publicada em dois tipos de papel, com quatro páginas coloridas e as restantes, ao invés do preto e branco habituais, eram uma combinação de branco com vermelho, verde ou azul. O primeiro exemplar custava 200 réis e como não havia inflação na época, a revista permaneceu com esse preço até a década de 1920. A personagem mais popular da revista, Chiquinho, era uma cópia não-autorizada de Buster Brown, criado por Richard Felton Outcault. Este fato só veio à tona nos anos 1950, quando o plágio foi denunciado por desenhistas de São Paulo. Quando a personagem Buster Brown deixou de ser editado, sua contra-parte brasileira passou a ser desenhada pelos desenhistas brasileiros Loureiro, A. Rocha, Miguel Hochman, Alfredo Storni e seu filho Osvaldo. A maioria dos desenhos era copiada de revistas francesas, mas assim mesmo a revista revelou talentos nacionais, entre eles o desenhista Angelo Agostini (que desenhou o logotipo da revista). Esta não teve rival à altura até a década de 1930, quando vários quadrinhos norte-americanos passaram a ser publicados no Brasil. Ela perdeu ainda mais espaço quando começou-se a publicar histórias de super-heróis. A revista começou a não conseguir manter a periodicidade, até que nos anos 1960 começou a lançar apenas almanaques ocasionais e finalmente foi fechada.

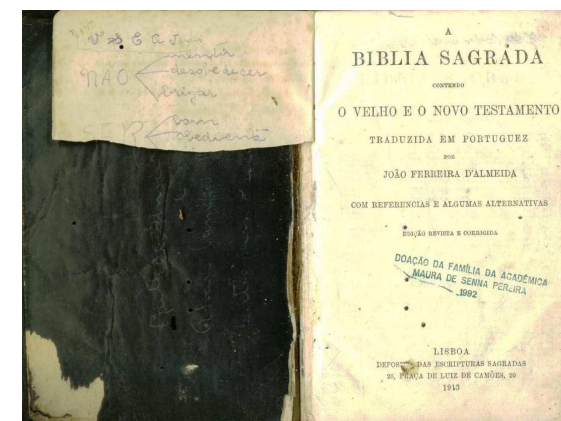
falou que tu tens o diabo no corpo". A menina Maura foi criada em meio a pessoas dessa igreja, mais tarde diria ter sido isso uma lástima.²³

Primeira página da Bíblia de Maura. Na folha recortada constam deveres a serem cumpridos:

Não mentir/desobedecer/brigar.

Ser bom/obediente.

ACERVO: ACL



FONTE DA REVISTA: http://www.ligazine.com.br/quadrinhos/materias/tico_tico_la_ca.htm

Acesso em: 13 abr. 2006.

²³ PEREIRA, 2004. Op. cit. p. 287.

Com o fechamento da escola, ficou um tempo sem aulas e então a leitura da Bíblia foi intensificada; lia-a diariamente. Num certo domingo, chegara de São Paulo um presbítero, o professor Gustavo, para ser diretor do Grupo Escolar Lauro Muller, de Florianópolis. Ao ver as interpretações bíblicas que Maura fazia na escola dominical, percebeu o seu desembaraço e vivacidade e foi conversar com ela, perguntar-lhe onde estudava. Quando soube que estava sem aulas, à espera da volta da escola que o pai considerava melhor porque apresentava métodos ótimos, aconselhou-o a procurar um grupo escolar.

Assim, passou a estudar no grupo mais próximo de sua casa, (Lauro Muller) dirigido pelo professor Gustavo. Ao ser examinada, perceberam seu adiantamento e foi matriculada no terceiro ano, classe na qual se integrou rapidamente.

As suas composições, já no curso primário, despertaram a atenção dos professores. E não demorou muito a se destacar com uma primeira composição, solicitada por D. Rosa, cujo tema era "Uma boa ação". Esperta, atenta ao que acontecia ao seu redor, lembrou-se de uma narração que escutara em casa, uma conversa do pai com seus amigos sobre episódios da Primeira Guerra Mundial. Escreveu sobre a boa ação de um soldado aliado que,



Grupo Lauro Muller - 1916
ACERVO: IHGSC

ao ver um companheiro cair, correu até ele, suspendeu-o nas costas, livrando-o do forte ataque, sem se preocupar que poderia também ser atingido. Foi uma composição excelente e seu trabalho foi levado a outro professor, Arlindo, que a chamou, fez-lhe perguntas, queria saber se ela tinha escritores na família, ao que respondeu negativamente, mas não deixou de falar sobre os pais, que eram muito inteligentes; o pai lia muito e a mãe contava histórias lindas.²⁴ A composição chegou às mãos do governador Gustavo Richard, que era também professor nascido no Rio de Janeiro e governou santa Catarina no quadriênio 1906/1910.

O tio Julio Régis ficou muito feliz com o sucesso da sobrinha. Era orador em mais de uma Sociedade Cultural e Recreativa no Sul do Estado. Ao voltar para sua cidade, escrevia-lhe cartas, às quais Maura respondia. Assim, passou a publicar suas cartinhas nos jornais do Sul e logo os trabalhos escolares. Os "Textos Matinais",²⁵ assim denominados por Maura em um poema, passaram a ser publicados em Florianópolis.

Oh por que foi meu tio Júlio Régis
publicar meus textos matinais
depois de lê-los no inflamado tom
que os embelezava?

Júlio Régis - tio de Maura



²⁴ A saga de Maura: resposta a questionário do Prof. Giovani Ricciardi. In: *Jornal da Cultura*. Florianópolis, v.2, n.6, jul.1994.

²⁵ PEREIRA, Maura de Senna. Fragmentos de autobiografia. In: *Poemas-estórias*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, p.6.

A menina precoce apresentava uma cabeça pensante desde criança. O pai, homem conservador, seguia rigorosamente os ensinamentos da igreja presbiteriana. Maura tinha pensamentos, idéias muito diferentes; não falava nada, não tinha coragem de expor suas idéias, tão à frente de seu tempo. Calava-se. Nessa época já era muito ligada à terra.

A Ilha de Santa Catarina tem encantado desde o século XIX a todos os escritores catarinenses. Vale lembrar aqui um escritor que, além de Maura, cantou a Ilha em seus escritos: Duarte Paranhos Schutel (1837-1901), que assinava com o pseudônimo de *Insulano*, já associando a ilha ao nome. O jovem estudante de Medicina, quando morava no Rio de Janeiro, escreveu uma bela narrativa baseada em uma viagem de Nossa Senhora do Desterro a Massambu. Nela, relata as belezas existentes na Ilha, descrevendo os lugares por onde passava, de forma a enaltecer e documentar sua terra.²⁶ Escreve:

[...] e eu via do seio das ondas enegrecidas ao longe surgir esse punhado de casas aninhadas entre duas colinas e do meio das quais se elevavam pequenos outeiros, uns cobertos de casas, outros de mato. Do Lado do *Estreito* era o *Cemitério*, que alveja triste e sombrio; o do lado da ilha era o *Menino Deus*,²⁷ que dominava do alto de sua encosta toda a baía: essa cidade que bóia nas ondas como uma fada banhando-se à tarde meiga e risonha. Essa concha de esmeralda e flores, como a chamaste em teus lindos versos; esse pequeno paraíso, onde os perfumes da natureza fazem viver de encantos e o riso de suas viagens morrer de amores; esse mimoso jardim brasileiro escondia-se assim nas ondas [...]

²⁶ SCHUTEL, Duarte Paranhos. *A Massambu*. Florianópolis: UFSC/Movimento, 1988. p.35.

²⁷ Colina do Menino Deus, onde hoje situa-se o Hospital de Caridade.

Além de Insulano, leiam-se Marcelino Antonio Dutra, Lacerda Coutinho, Delminda Silveira, João Silveira de Souza, Rodrigo de Haro e muitos outros.

Ao falar sobre a Ilha, Maura escreve, mais tarde:

Deixo de contemplar as nuvens, que durante quatro horas foram minhas vizinhas, no momento em que o avião começa a sobrevoar a ilha de Santa Catarina. Lá embaixo, aqueles recortes ilhéus parecem as bordas de um tapete, de um tigre mal estendido no salão verde do mar. E, após a aterrissagem e o repouso, vou rever, de perto, a bela e amada paisagem ilhoa.

Lá estão as praias selvagens, as pontas edênicas, os morros e as árvores, as roseiras pesadas de corolas que, às vezes, têm cor de fruta, as pedras que parecem datar do nascimento do mundo e terem sido espalhadas por um cataclismo, lá estão as águas redondas da Lagoa Peri, com suas ondas e espumas, lembrando um retalho gordo e prisioneiro do mar. Mais ao Norte, a Lagoa da Conceição, sagrada e azul, a grande lagoa, onde o sol nasce com o esplendor de um potentado bíblico e derramando a ilusão de que é aquele o momento da gênese, o primeiro do universo. As pequenas enseadas lá estão, mar escondido, refletindo as matas da orla exuberante no seu verde carregado.

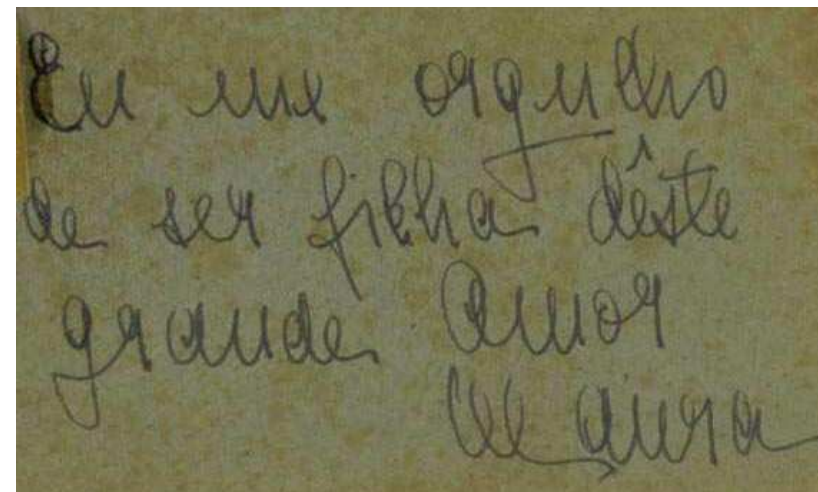
E eu bebo, de novo, a água do rio Tavares e, com a mesma alegria dos tempos de criança, devoro, no pé, as últimas pitangas. Dou a volta ao Morro da Cruz; contemplo o fim da tarde e os caminhos e vejo que continua inigualável o pôr-do-sol na minha terra, todo de sangue e ouro e com aquele halo violeta que transportei para os crepúsculos em Rosamor.

Até o vento sul, o velho, tremendo, saudoso vento sul, é o mesmo a quem pedi um dia me levasse com ele para longe de mim, pois eis que acaba de chegar.

"desfolhando papoulas
Vergando caules
sacudindo polens
agitando palmeiras".
E logo
"dobram-se as frondes
as aves tremeram.
Tremeram
em pencas roxas das glicínias
e os gerânios duros dos balcões"²⁸

²⁸ PEREIRA, Maura de Senna. A Ilha Natal. In: *Gazeta de Notícias: Nós e o Mundo*. (Sem data. Acervo: ACL).

Aqueles de cujo amor nasci



Acima: Recorte colado no álbum de Maura, onde estão fotos e cartas dos pais, fotos de alguns irmãos e suas.

Ao lado, OS PAIS:

José de Senna Pereira e Amélia Regis de Senna Pereira

ACERVO: ACL

Não perturbes agora o meu pensamento. Não me fales agora. Deixa-me na companhia dolorosa da minha alma. Este instante não te pertence: é para os meus mortos...

Sabes? Para aqueles que tiveram nas veias o meu sangue e o meu sonho e que viveram no meu lar, pertinho de mim, as horas de ouro que esta hora de dor está ressuscitado...

Sabes? Aqueles que fecharam para sempre os olhos à inquietação deliciosa da vida e que moram agora num pequenino canteiro onde as violetas sonham na sua humildade azul...

Não perturbes agora o meu pensamento. Não fales, não rias, não soluces. Eu quero estar na companhia dolorosa da minha alma. Este instante não te pertence: É para meus mortos...

Maura de Senna Pereira
Da religiosa concentração. *Cântaro de Ternura*, 1931

NÓS E O MUNDO

Maura de Senna Pereira

SALMO DO DIA DOIS

No "cântaro de ternura", um dos poemas começa com este gemido: "Não perturbes agora o meu pensamento. Não me fales agora. Este instante não te pertence: é para os meus mortos".

Embora juveníssima, eu tinha já o coração ferido de pungentes saudades. E novos seres amados se foram depois daquele sentido canto. Mas agora — ai! — partiu a rainha.

Todos vós, mortos que eu tenho chorado, deixai que, hoje, meu pensamento se volte inteiro para Ela. Para a que enriqueceu a humanidade com sua grandiosa vida. Para a que foi exemplo e dádiva. Rosa e estrela. Elo e asa. Para a que combateu o bom combate, mereceu a coroa de glória, mas que não tinha encerrado ainda a carreira, pois eu aqui estou desarvorada, desatada, em pânico e em pranto. E interrogando com o poeta, toda desamparo e infância:

"Por que Deus permite
que as mães vão-se embora?
Mãe não tem limite,
é tempo sem hora".

Texto escrito em 1962 quando falece a mãe, Amélia de Senna Pereira.

Homem íntegro - O PAI



PAI: Homem belo, íntegro e humano, que teve sempre a palavra acatada mesmo pelos mais velhos - desde os seus verdes anos até à aurora da maturidade, quando morreu. Do erudito e modesto autodidata e do mestre que tem seu nome numa escola técnica, homenagem que ex-discípulos prestaram à sua memória. Daquele que jamais mentiu, que nos deu toda a sua ternura e oh, não tive tempo de dizer as cálidas palavras de minha gratidão. Muito cedo o perdemos²⁹.

O pai, José de Senna Pereira, nascido em 30 de abril de 1877, foi um homem instruído (segundo Maura), conservador e austero, mas também humano. Era filho de Joaquim de Senna Pereira e Angélica Bousfield, pequenos fazendeiros em São Miguel, interior de Santa Catarina. O pai de Maura teve uma infância amargurada, perdeu a mãe, a quem idolatrava, quando ainda era menino. Isso marcou-o muito e a imagem materna permaneceu sempre em sua memória. Não demora muito tempo, o avô de Maura, viúvo, leva o filho para morar em Desterro, na casa de um

²⁹ De Gazeta de Notícias/Nós e o Mundo, Rio 01/05/1972, reproduzido no livro *Nós e o Mundo* p. 15.

tio, o comerciante e político João Francisco Régis Júnior. José de Senna Pereira trabalhava e estudava quanto podia, tinha que trabalhar para pagar o teto e o pão. Prestou exames no Liceu de Artes e Ofícios e passou com bastante brilho. Aos quinze anos, assume a responsabilidade do escritório da firma Régis & Cia., e mesmo após a morte do tio, com muita luta e sacrifício, presta assistência à família deste, o que o levou a prolongar o noivado com a prima Amélia. Quando jovem, foi colaborador de várias publicações e redator do jornal *O Mercantil*. Muito responsável, recusa convite para trabalhar em São Paulo, a fim de não prejudicar a família que o acolheu.

Autodidata, lia freqüentemente o que era publicado; estudou línguas e com esforço próprio adquiriu uma invejável cultura. Escrevia com muita correção e elegância e, segundo discurso³⁰ de Maura em homenagem ao pai, possuía bela caligrafia, como a que tivera seu irmão Carlos. Possuía uma pequena e selecionada biblioteca, onde se encontravam livros de Shakespeare, Victor Hugo, Camões, autores latinos, mas principalmente obras modernas de contabilidade em vários idiomas. Especializou-se em contabilidade e possuía uma grande facilidade para realizar cálculos mentais. Por causa de seus conhecimentos, vivia cercado de discípulos; e foi um dos fundadores e diretores do Curso Prático de Comércio, que mantinha um jornalzinho. Mais tarde fundou o Instituto Comercial de Florianópolis, passando a lecionar Ciências Contábeis. Seus alunos, uma vez formados, criaram novos cursos, destacando-se os irmãos Brasil, que muito reverenciaram o mestre. Surge então, em sua homenagem, a Escola Técnica do Comércio Senna Pereira, fundada por José Joaquim Brasil com vários amigos idealistas, entre eles, o diretor Rubens Victor da Silva.

³⁰ PEREIRA, Maura de Senna. *José de Senna Pereira, meu pai. Discurso de Centenário do professor José de Senna Pereira*. Rio de Janeiro: Itambé, 1977, p.5. In: JUNKES, Lauro (org). *Poesia reunida e outros Textos*. Coleção ACL, 2004, p. 349.

José de Senna Pereira, por ser um dos fundadores da Igreja Presbiteriana de Florianópolis, tornou-se um dos mais acatados membros e oficiais. Participava dos cultos fielmente com a família. Ao que podemos verificar, o casamento de José e Amélia aconteceu logo após a fundação da Igreja.

Algumas cartas que José enviou a Amélia, quando ainda solteiros, revelam um pouco de como era o relacionamento entre os primos enamorados. Quase sempre, um tio chamado Alfredo era o portador das cartas. Ao lê-las, observa-se muito carinho e amor entre os dois, como nesta, datada de 1897:

Estimada Prima,

É com imenso prazer que acuso a recepção de tua prezada carta pelo tio Alfredo, a qual encheu-me de satisfação por saber que gozas saúde e que me amas! Pois tu me amavas? e qual a razão porque não confessavas?

Ah! eu sou um estúpido, porque amava-te, ou para melhor dizer - adorava-te - e nunca ousei revelar-te!... E é assim que dois corações que se amam fazem junção!

Ah! Deus meu, porque não me dais palavras para melhor poder orientar o amor que consagra a Rainha do meu coração - a querida Meloca!

Desculpa-me estas palavras [?] em um momento de verdadeiro prazer, porque eu amava-te, mas nunca julguei que nos nossos corações pulsassem o mesmo pensamento!

Acaso julgas que eu deixava-te por outra moça? Não, nunca em teu pensamento passa-te esta idéia, porque, desde o primeiro dia que senti o fogo do amor por ti, sempre disse: Pertencço á minha amada Meloca, portanto, amando outra, ia agastar a tua susceptibilidade.

Sobre a tua próxima mudança, parece que vejo os horizontes mais travados, por isso que o Julião está esperando a vinda do tio João para falar-lhe na casa. Enfim é termos paciência e vamos ver o que posso fazer.

Por hoje aqui fico, por ser terça-feira e ter muito serviço.

Receba um saudoso e estreito abraço e crê na eterna sinceridade do teu

José

20-07-97³¹

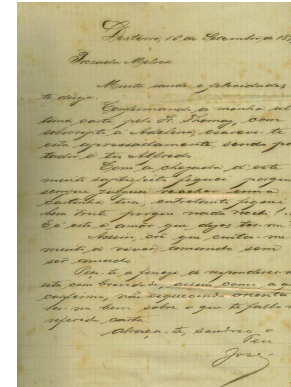
Através desta, percebe-se que a revelação entre eles acontece em 1897, e nesse ano começa o namoro. José tratava Amélia por Meloca, era todo carinho com a prima e mulher amada. Ele logo sentiu que estava enamorado, mas a princípio não revelou seus sentimentos, permanecia em silêncio.

Quando não recebia carta de Amélia, José ficava triste e lhe escrevia reclamando, pois se ela o amava devia escrever-lhe sempre; sentia-se pouco amado e pedia pronta resposta.

³¹ Carta de José de Senna Pereira para Amélia. 20 jul. 1897. ACERVO: ACL

Com a chegada deste muito satisfeito fiquei porque sempre julguei receber uma cartinha tua, entretanto fiquei bem triste porque nada recebil... E é este o amor que dizes ter-me? Assim, crê que custa-me muito a viver; amando sem ser amado³².

No dia dezessete de fevereiro de 1888, José escreve de sua casa na Praia de Fora, antes de viajar para Laguna, Sul do Estado, aonde iria permanecer durante um mês e meio, o que para o apaixonado, era tempo suficiente para que a saudade o sufocasse. Diz na carta:



Estimei bastante que assim fosse: a primeira, por não poderes vir; a segunda porque se houvesse e tu viesses eu não estaria; já vê, pois, que é melhor assim, porque ao contrário ficaria bem triste.

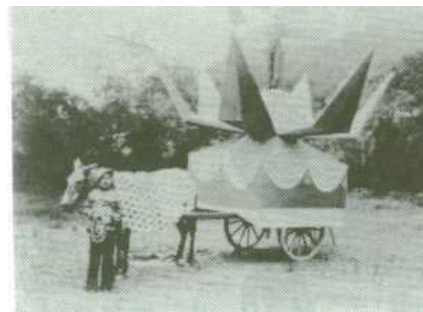
Teria muito prazer si pudesse jogar-te uma porção de confete, como no ano passado; lembreste? Pois eu já te amava loucamente e a muito tempo e tu ignoravas!...³³

³² Carta de José de Senna Pereira para Amélia. 18 set. 1897. ACERVO: ACL

³³ Carta de José de Senna Pereira para Amélia. 17 fev.1898. ACERVO: ACL

As sociedades citadas por José na carta, "Filhos de Minerva e Nettos", surgiram após o ano de 1885. Nettos, de acordo com pesquisa, teria o nome abreviado por José, chamava-se "Netos do Diabo". Essa sociedade ainda existe ainda hoje em Florianópolis, chama-se "Tenentes do Diabo".

O carnaval do Desterro do século XIX, segundo Átila Ramos, seguia os moldes europeus, predominava a sociedade branca, só terá a influência negra no século XX. Esse autor ainda explica que havia grande consumo de artigos carnavalescos, incrementando o comércio local nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, o que comprova isso é o grande número de anúncios em jornais da época. A fantasia de Dominó, em preto e branco, era a mais procurada, talvez por ser mais barata e acessível. Também eram anunciadas nos jornais as fantasias de Mouro, Cavaleiro e Conde ³⁴



Sociedade Carnavalesca Filhos de Minerva.

Nota da Sociedade Diabo a Quatro, clube da época.

D Q

ORDEM DO DIA

Pluto; Rei dos infernos, do alto do seu throno, flameante, alogia as suas vassallos da ordem Diabo a Quatro, pelo bem que se portaram nos folguedos carnavalescos; e bem assim agradece á musica dos genios Trejanos, que, lha bons serviços lha prestou;

Declara outro sim a todos os diabos que no dia 2 do corrente haverá reunião infernal na caverna da valle da Constituição n. 17 afim de tratar-se de negocios diabolicos, admisso de novos genios e eleição das dignidades da ordem para o futuro carnaval.

Mundo da Luz, 1 de Março de 1781. --O secretário, BELZEBUTH:

³⁴ RAMOS, Átila. *Carnaval da Ilha*. Florianópolis: Papa-Livro, 1997. (As fotografias das sociedades carnavalescas são oriundas desta fonte)

Maio de 1899, dez horas da noite, José estava em Brusque e escreve para sua Meloca palavras carinhosas na intenção de deixá-la tão feliz quanto ele fica ao receber as cartas de sua amada. Escrevia a lápis, com pressa, pois o portador estava de saída. _"P.S. Desculpa este aranzel escrito a lápis. São 10 horas da noite, e o portador segue já. Adeus!". Estando longe, percebe ainda mais o grande sentimento que nutre pela prima, e diz na carta, enfatizando com um traço as palavras: "Enfim, tenhamos paciência! Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe". No outro dia aproveitaria o fotógrafo que estava na cidade e tiraria seu retrato para mandar para Amélia. Escreve:

Amanhã, bem cedo, vou tirar o meu retrato para aproveitar o fotógrafo que está agora aqui; tirarei meia dúzia em ponto maior, dos quais um te pertencerá. Vê lá que coisa: queres tanto possuir o meu retrato (assim como eu faço questão do teu), quando já és possuidora do coração!

35

³⁵ Carta de José de Senna Pereira para Amélia. 31 maio 1899. ACERVO: ACL

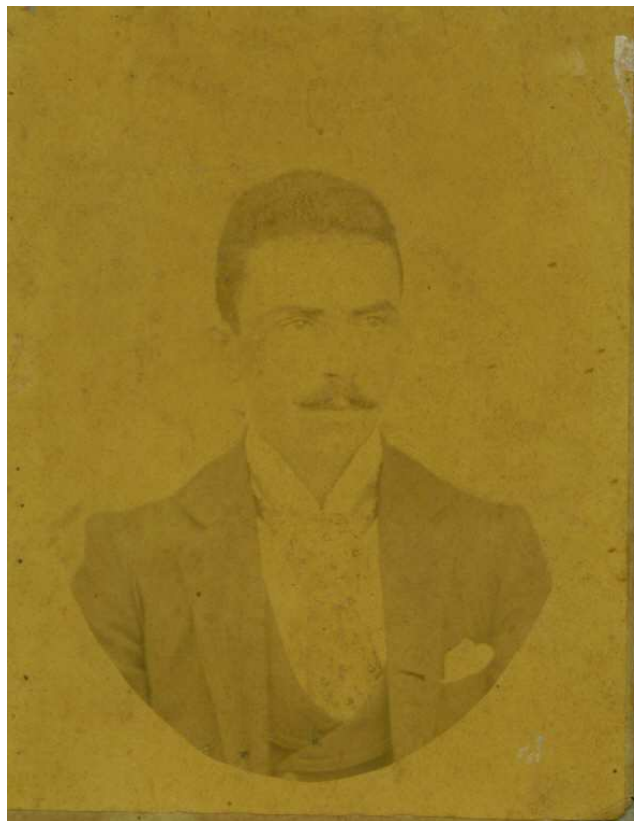


Foto colada no álbum de Maura; no verso consta a seguinte mensagem:
À simpática e prezada prima Amélia Régis, em prova de verdadeira amizade , oferece

José de Senna Pereira

22 anos. Abril de 1899.

ACERVO: ACL

Parque, 31 de Maio de 1899
 Cara Meloca!

O meu maior desejo é que Deus te conserve, com bastante saúde.

Conforme promettei - na minha última carta de 25 de maio, escrever-te hoje estas linhas, abraçando cheios de carinho as tuas mãos; pois a minha com não ficará satisfeita! Tuas alegrias são-me um mundo e meu coração quando recebe minha Cartinha tua, assim também, pulsa que o meu se dá ao Contigo.

Aqui, longe da família, dos amigos e do sorriso de um fim, e que eu posso bem o quanto te amo, pois que não passo uma hora

de esquecer em que não esteja lembrando-me de ti, contemplando mesmo a tua imagem! E nesses momentos, querida Meloca, que se pode imaginar o amor que se dedica a uma pessoa!

Assim como eu que vejo jándo por estes lugares bonitos, tendo por amor como o que te dedica, e sem custar passar um poder ao menos saber notícias suas. Com um, te imploro paciência! não há quem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe. Tenciona passar aqui até 25 de junho; parece-me que esse dia mesmo me chegad! tal

de tornar a ver-te. Lembranças bem cedo, em tirar o meu retrato para aproximar o photographo que está agora aqui; tirarei talvez em frente maior, dos quais um te pertencera. De ti que causa; quero tanto possuir o meu retrato assim como eu faço quando te vejo, quando já es possuidora do coração.

Sem mais por hoje, deixo-te muitas lembranças e um abraço estreito abraço - do teu sincero José!

P. J.

Resculpa este arangel escrito a lapis.

São 10 horas da noite, e o

Original da carta de José de Senna Pereira para Amélia. 31 maio 1899.

ACERVO: ACL

Desterro, ano de 1900, José escreve outra carta, na qual percebemos que algo faz com que Amélia fique insegura quanto ao amor do namorado. Ele responde a ela:

Muito prazer me deu a recepção de tua prezada cartinha de 9 do corrente, recebida no dia 12 - acompanhada de um bilhete datado em 10 - a qual bastante vez influir no meu espírito para que desaparecessem logo a raiva e mau humor que de mim se apoderara pelas razões que não

ignoras, infelizmente, porque eu bem quisera que de tais cousas nunca soubésseis. Mas, como bem dizes, só Deus condena e só Ele perdoa;

P. isso entrego nas suas mãos, a justiça que houver de fazer para esses transviados da moral, da razão, dos conhecimentos divinos, e finalmente, de tudo quanto é sublime no dia do juízo. Eu, pois, os perdôo como manda o Sábio dos sábios!

Muitoáá meu pesar deixei de ir no dia 9; veio o 16 e também não pude ir. Si Deus quiser irei , então, no dia 30, sim? Tu bem sabes - pois que o confessas - que, muitas vezes, prometo ir e não vou, que p. isso não debes te molestar comigo, porque nem sempre é possível; e essa falta não é devida a falta de amor que tenho para contigo. Eu quisera que tu pudesses ver o meu coração, ou que ele pudesse falar, pára, então ficares sabendo que o amor que te digo com os lábios não é o amor de um Judas Escariotes, mas sim um amor só a ti dedicado, só a ti pertencente; jamais alguém o possuirá!

- Tu, sim, o possuis em caráter triplo: 1º o amor de primo; 2º o amor que debes consagrar aquele que escolhemos para a companheira dos meus dias; finalmente, 3º; o amor de minha mãe que to consagrei! Si crês no amor do meigo Jesus - que deu a sua vida para nos salvar - assim, também peço-te para creres no amor que te consagro! Sei que me amas muito, e, por isso, é necessário que saibas que eu te amo igualmente.

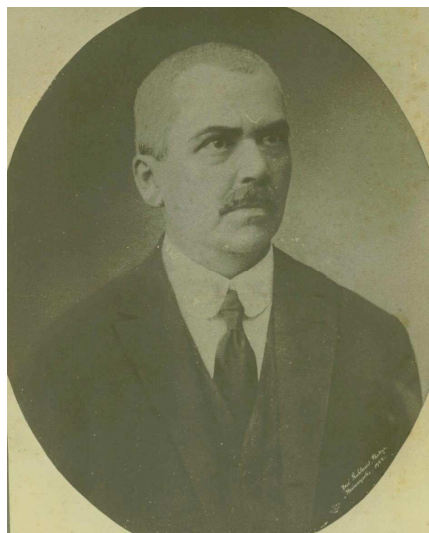
Nunca mais desconfies de mim, sim.

Nessa época José já escrevia para *O Mercantil* e diz na mesma carta: "Com esta envio-te o n.º. 7 do Mercantil. No n.º. passado não publiquei os escritos que tinha com preguiça de passá-los a limpo... não falta tempo para mostrar a inteligência!... não é assim?".

Não se sabe ao certo quando acontece o casamento dos pais de Maura, acredita-se que foi por volta de 1902, ela com 17 anos e ele com 25. Segundo Maura, tiveram uma vida conjugal muito feliz: "Eu e meus irmãos somos filhos de um grande amor", orgulhava-se.

Mas com a morte de três filhos, o pai fica arrasado.

A morte de seu arcanjo enfermo e a dos dois louros arcanjos (ambos com o mesmo nome bíblico de Saul) o arrasaram. Ficou mais melancólico, mais esquivo, mais fechado, o rosto belo e másculo precocemente envelhecido, mais desencantado, embora, na sua ardente fé, dizendo que se submetia ao que ele chamava vontade de Deus ³⁶.



José de Senna Pereira - sem data

ACERVO: ACL - Álbum de Maura

Contava apenas 46 anos quando teve um furúnculo no rosto. Maura, em discurso do centenário do pai, diz que este é *desastrosamente operado pelo Dr. Fritz Goffergé*, com isso, José de Senna Pereira morre no dia nove de fevereiro de 1923, sem poder conhecer o filho Samuel, que nasce cinco meses depois.

À jovem Maura restou a dor pela perda e por não ter dito ao pai o quanto era grata ao seu amor, não pudera abrir seu coração.

Ficava agora com o encargo de cuidar dos irmãos e da mulher que foi a bem amada do pai, a heroína que

³⁶ *Discurso de Centenário do professor José de Senna Pereira*. Op. cit. p.356.

estava com o filho no ventre. No dia em que o pai faria anos, trinta de abril de mil novecentos e sessenta e sete, escreve na coluna *Nós e o Mundo*:

TRINTA DE ABRIL

Como poderia eu, nesta data, não evocar aqueles de cujo amor nasci? Ele, que desapareceu com a metade da idade que completaria hoje. Ela, que há cinco anos partiu neste mesmo dia outrora festivo, como se tivesse sido fechado um ciclo. Assim, de ambos falarei com a saudade e o orgulho de filha. Do homem belo, íntegro e humano, que teve sempre a palavra acatada mesmo pelos mais velhos – desde os seus verdes anos até a aurora da maturidade, quando morreu. Do erudito e modesto autodidata e do mestre inesquecível que tem seu nome num educandário, homenagem que ex-discípulos prestaram à sua memória. Do amoroso chefe e mantenedor do nosso ninho e oh, do pai admirável a quem não tive tempo de dizer as cálidas palavras da minha admiração. Muito cedo o perdemos. Mas havia a presença daquela que fora a sua bem-amada rainha – como que em parte suprimindo a ausência dele. Lembrando-o desde os meninos tempos em que nasceu o lindo amor que duraria sempre e apontando todos os dias seu exemplo como um legado, a mãe heróica realizava o milagre de não parecer ele jamais um pai morto. Mãe heróica, sim, e de uma natureza que culminou na luta áspera da viuvez, diante da perda trágica de dois filhos em flor e, mais tarde, de não poderem ver os olhos mais belos que já vi (ó, heroína, ó estrela, como podias iluminar se não enxergavas?).

Recorte da Coluna *Nós e o Mundo*, *Gazeta de Notícias*. 30/04/1967
ACERVO: ACL



SEHERAZADE - A MAE

MÃE: Minha mãe foi uma Sheherazade. Tinha o dom de inventar atraentes enredos, que deveriam ter sido coligidos e onde apareciam bichos e plantas, pessoas e símbolos, suas geniais criações de Anabela e Micaela, suas fadas boas e más, a realidade e a fantasia numa sábia combinação³⁷.

Foto de Amélia de Senna Pereira
ACERVO: ACL



³⁷ Do Folhetim do Jornal do Comércio, Rio, 29/10/1969, reproduzido no livro *Nós e o Mundo*, p. 135.



Foto de Amélia colada no álbum de Maura.

ACERVO: ACL

ELEGIA PARA MINHA MÃE

Comecei a ver com dor a beleza
quando, viva e a vida
amando, não mais pudesse ver.
Dor tão funda, tão diária, lembro-a
como ventura, ventura perdida,
desde que ví – aí de mim – a suma beleza:
a terna heroína dormindo
as primeiras horas do nunca-mais
a mocidade voltando ao rosto
em estendidos lírios, o quase mistério
no sorriso doce, os pretos cílios como
se sonhassem, o fascínio, a paz.

A Díade e os Dardos . p.121

A mãe, Amélia Régis de Senna Pereira, nascida no dia 1º de outubro de 1885 na antiga Desterro, era filha de Francisco Carlos Ferreira Régis e Benvinda de Azevedo Régis. Há poucas referências sobre ela quando criança, o que sabemos é que na juventude teve como mestre José Brasilício,³⁸ o homem que musicou o "hino de estrelas e flores", de Florianópolis, e que também foi mestre do pai.³⁹ Estudou na Escola Normal Catarinense, destacando-se principalmente em Matemática, Geografia e Francês. Por dominar esse idioma, ensinou aos filhos, tendo procurado educá-los de forma exemplar. Não exerceu o Magistério, ao casar ficou cuidando dos filhos enquanto o marido saía para o trabalho. Era uma jovem cheia de encantos e graça, muito simpática, culta e bela, segundo a filha Maura. Era muito jovem quando se casou com o primo, supõe-se que estivesse com dezessete anos e o noivo vinte e cinco.

Aos olhos da filha Maura, que deixou muitos depoimentos através de seus escritos em jornais, a mãe possuía o dom de inventar histórias, por isso dizia ser a mãe uma Sheherazade.⁴⁰

³⁸ José Brasilício de Souza nasceu em Pernambuco, em 1854, e morreu em Florianópolis, em 1910. Era professor de História e Geografia, além de poeta e musicista. Mantinha, em sua casa, um pequeno observatório astronômico, o que lhe permitiu fazer observações importantes, tendo mantido assídua correspondência com Flammarion e outros astrônomos de seu tempo. Deixou um muito curioso diário em que, ao lado de notas sobre estrelas e cometas, registrava outras de cunho mais pessoal. Era dele, também, no jornal *Sul-Americano*, de setembro de 1900 a agosto de 1902, uma abundante colaboração, assinada com as iniciais J.B. ou com o pseudônimo que usava em seus artigos científicos: Sufi Júnior. Compôs, entre outras músicas, a do hino do Estado de Santa Catarina. Além dessas atividades, José Brasilício se dedicava ao estudo da numismática e do volapuque, curiosa língua criada e divulgada, em 1879, pelo Padre Johann Martin Schleyer. (SOUSA, Corcoroca de, Maria Carolina. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 768).

³⁹ PEREIRA, Maura de Senna. *Verbo Solto*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1982.

⁴⁰ PEREIRA, Maura de Senna. As Mil e Uma Noites. In: Folhetim do *Jornal do Comércio*. Sem data.



À esquerda: Foto de Amélia (jovem) colada no álbum de Maura.

No verso consta o seguinte:
Aos meus caros avós e tio João, oferece a sua feia
fotografia a obediente neta e sobrinha
Amélia Régis

Abaixo: **Amélia com o filho José de Senna Pereira Filho.**
Fotos coladas no álbum de Maura.

ACERVO: ACL

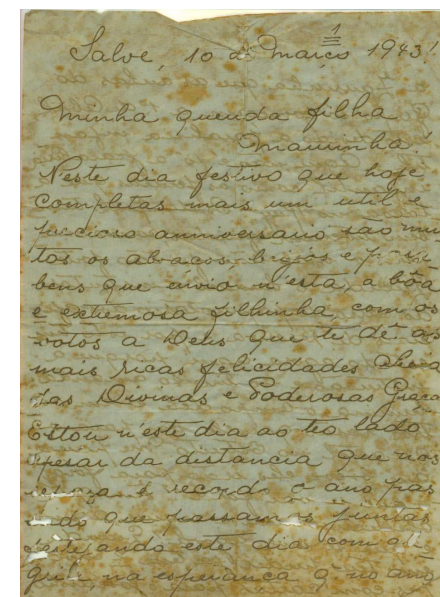


Era feliz com o marido e os filhos, mas a vida também foi dura com Amélia, pois perdeu três filhos pequenos, a primeira Zaura adoece e morre aos dez anos. Também morreram ainda pequenos, Saul e o outro filho com o mesmo nome, Saul. Dois outros filhos morrem tragicamente quando jovens, Carlos, que se afoga no mar, e Carmem, que se suicida. Foi uma vida com muitas perdas e muita dor. Quando ficou viúva, ainda estava grávida do décimo segundo filho. As dificuldades aumentam para a família, mas o amor da mãe as superava todas.

A mãe foi uma mulher de fibra, uma heroína, segundo Maura. Ao perder o marido soube permanecer forte e dar amor e cuidados a todos os filhos, zelando pela família. Ao contar histórias, usando as palavras que Maura diz serem mágicas "Teu pai", trazia a infância de volta e a ilusão da presença deste; contava como foi a união daquele amor lindo de crianças que se manteve no noivado, nas bodas, no nascimento dos filhos, e também nas dores, até os últimos dias de sua vida. Fazia parecer que o pai não estava morto. Ao reviver o homem íntegro e humano que fora, unia ainda mais os filhos e os protegia.

**Carta de Amélia, escrita no dia do aniversário
de sua filha Maura - 10 de março 1942**

Os anos vão passando e sobre os lindos olhos de Amélia desce a noite, a escuridão. Perdendo a visão gradativamente, chegou o dia em que a guerreira já não pôde mais



enxergar os filhos e os netos, o que não a tornou menos bela; "seu rosto sem rugas coroado pelos cabelos brancos deixavam-na ainda mais formosa".⁴¹ Ainda assim, repetia as palavras de Saint-Exupéry em *O Pequeno Príncipe*: "Só se vê com o coração. O essencial é invisível para os olhos"⁴².

Quando a mãe se foi, em 1962, era o dia em que o pai faria aniversário. Amélia morava no bairro Leblon no Rio de Janeiro, mas estava em Florianópolis a passeio. Em um quarto do Hospital de Caridade, Amélia Régis de Senna Pereira falece de pneumonia. Seu corpo é velado na casa de seu genro, Álvaro Campos Lobo, esposo da filha Ruth. A celebração religiosa é feita pelo reverendo Messias Anacleto da Rosa, pastor da Igreja Presbiteriana. A Escola Técnica do Comércio Senna Pereira reverencia a memória da viúva do inesquecível patrono. É sepultada no jazigo da família. Maura escreve mais tarde: "Ela partiu, como se tivesse fechado um ciclo. Foi quando acabei de perder meu pai". Na coluna *Nós e o Mundo*, escreve:

Em meio a correspondência que recebo, trazendo palavras o pesar pelo desaparecimento de minha maravilhosa Mãe, vejo a missiva de uma desconhecida. Nada sabendo do golpe que abril me trouxe, conta-me uma dolorosa história e pede-me consolo, palavras que a animem e que a ergam, iguais as outras que já escrevi.

⁴¹ PEREIRA, Maura de Senna. Minha Mãe, Rosa Íntegra. In: *Nós e o Mundo*. Gazeta de Notícias (recorte sem data).

⁴² SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 1989. O autor de *O Pequeno Príncipe* nasceu em Lyon, França, em 29/06/1900 e morreu em 1944, em local ignorado. Foi aviador de profissão e escritor por devoção. Entre 1926 a 1939, o escritor e aviador francês Saint-Exupéry fazia escala em um campo de pouso no Campeche, na ilha de Florianópolis, onde operava o Correio do Sul.

Mas onde está a que procurou, tantas vezes, confortar o semelhante aflito? A alma vibrante, que amava apaixonadamente a vida e procurava descobrir sempre uma esperança escondida no mais escuro caminho - em que limbo estará mergulhada?

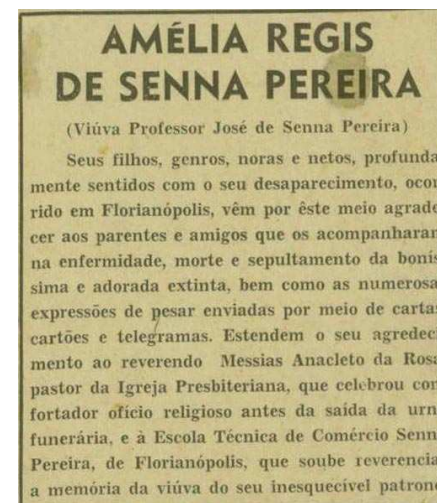
Sendo assim, minha amiga leitora, que lhe poderei dizer? Apenas talvez lembrar que, em menina, eu achava tão bela as palavras que o pastor sabia repetir do ...?..... enfeitado de rosas ilhas: "Bem aventurados os que choram porque serão consolados".

Serão mesmo?⁴³

As palavras bonitas que a menina ouviu tantas vezes na Igreja, agora eram questionadas pela mulher que sofria a dor da perda e da saudade.

Maura orgulhava-se dos pais que teve. Em discursos, saudosa, evocava aqueles de cujo amor nasceu. Orgulhava-se de ter um pai inteligente e de caráter, que jamais mentiu e que deu aos filhos toda a ternura. De ter a melhor das mães.

Recorte sem referência



⁴³ PEREIRA, Maura de Senna. Sobre uma carta. In: *Nós e o Mundo*. Gazeta de Notícias (recorte sem data).

OS AVÓS

Avós Paternos

Era uma mansão a casa situada na Praia de Fora, um bairro de Florianópolis (hoje Beira-Mar Norte); era ali que morava Maria Inês, a bisavó paterna que sempre fora chamada pela neta de "Avó da Praia de Fora".

Maura guardou boas lembranças da bisavó que acariciava sua mãozinha e a levava para comer os seus deliciosos manjares à mesa. Usava batas brancas, possuía feições eclesiásticas, os olhos fechados pela catarata. Era uma matriarca e sua autoridade se manifestava sutilmente. Quem cuidava da casa eram as netas, primas-irmãs da mãe de Maura.

A avó paterna, de origem inglesa, que jamais foi esquecida pelo pai, morreu muito jovem, aos vinte e poucos anos. Chamava-se Angélica.

Certo dia, Maura estava com treze anos, o pai a olhou comovido, e disse: "Eu estou achando a minha filha muito parecida com a mãe do papai". Com orgulho, a poetisa vai dizer, mais tarde: "Carrego, pois, Angélica, a avó com nome de flor".⁴⁴

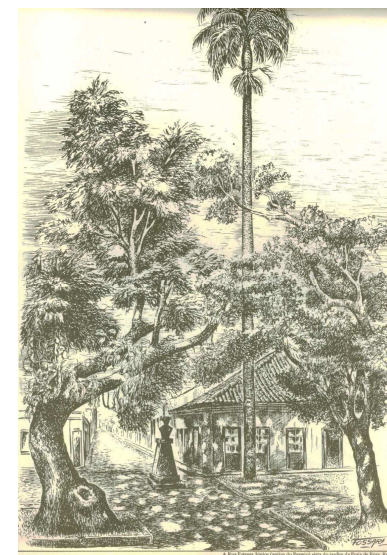


Ilustração: Praia de Fora

⁴⁴ Minha Avó. In: *Gazeta de Notícias/Nós e o Mundo*, Rio, 9-10/7/1972, reproduzido no livro *Nós e o Mundo*, 1978, p. 124-125.

Avós Maternos

O bisavô Régis era maragato (rebelde da Revolução Federalista do Rio Grande do Sul) durante a revolução Federalista⁴⁵ (1893), fugiu para se esconder na região de Alto Biguaçu. Naquela época, Florianópolis ainda se chamava Nossa Senhora do Desterro.

Maura adorava passear na casa da avó, vovó Benvinda, como era carinhosamente chamada. Filha de cruéis donos de escravos, de origem portuguesa, tinha o apelido de Yayá, os negros a chamavam de anjo. Era uma pessoa muito doce, a neta assim comparava sua doçura, "mais doce que sumo de seu pomar biguaçuense".

⁴⁶ O anjo de fios de ouro nos cabelos e grandes olhos azuis, nunca permitiu a violência.

⁴⁵ A *Revolução Federalista* ocorreu no sul do Brasil logo após a Proclamação da República devido à instabilidade política gerada pelos *federalistas* que pretendiam "*libertar o Rio Grande do Sul da tirania de Júlio Prates de Castilhos*", então presidente do Estado. A divergência se iniciou por atritos ocorridos entre aqueles que procuravam a *autonomia estadual* frente ao poder federal e seus opositores. A luta armada durou aproximadamente três anos e atingiu as regiões compreendidas entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O Partido Federalista do Rio Grande do Sul foi fundado em 1892 por Gaspar Silveira Martins. Em tese, defendia o sistema parlamentar de governo e a revisão das constituições estaduais, prevendo a centralização política e o fortalecimento do Brasil como União Federativa. Desta forma, esta filosofia chocava-se frontalmente contra a constituição do Rio Grande do Sul de 1891. Esta era inspirada no positivismo e no presidencialismo, resguardando a autonomia estadual, filosofia adotada por Júlio de Castilhos, chefe do Partido Republicano, e que seguia o princípio comtiano das "pequenas pátrias". Os seguidores de Gaspar da Silveira Martins, *Gasparistas* ou *maragatos*, eram frontalmente opostos aos seguidores de Júlio de Castilhos, *castilhistas* ou *pica-paus*. Empenharam-se em disputas sangrentas que acabaram por desencadear a *revolução federalista*, uma guerra civil que durou de fevereiro de 1893 a agosto de 1895 e foi vencida pelos *Pica-paus*, seguidores de Júlio de Castilhos. Neste conflito, houve mais de dez mil mortos e centenas de milhares de feridos Wikipédiahttp://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Federalista. Acesso em 02/10/2006.

⁴⁶ *Minha Avó*. Op.cit. 1978.

Vovó Benvinda perde o marido Francisco Carlos Pereira Régis muito cedo, aos 37 anos, de tuberculose. Com a morte do marido e grávida, muito chorou. Criou os filhos em Florianópolis e depois em Biguaçu. Viu morrer filhos e netos, suportando tudo com muita fé. Converteu-se ao protestantismo, quando missionários americanos estiveram em Biguaçu. Assim, passou a freqüentar a Igreja Presbiteriana, ia aos cultos sempre de preto, chapéu e saltos altos, passando uma impressão de refinamento.

A Bíblia era lida pela avó todos os dias. Como ela, também Maura foi criada entre os versículos, só que a menina Maura rebelou-se muito cedo. Sua avó, ao ouvir a neta dizer alguma palavra mais profana, olhava-a com seus olhos azuis e exclamava: "Ó Maura!"⁴⁷.

Maura conta que Benvinda era a avó que fazia rendas e tudo o que podia para alegrar os netos. Certo dia, a neta estava muito aflita, pois seria oradora da turma na cerimônia de formatura da Escola Normal e não tinha vestido novo para ir. A aflição da adolescente só acabou quando a vovó lhe dá um corte de tecido cor-de-rosa.

Vovó Benvinda foi inesquecível para Maura.

⁴⁷ Ibid. 1978.

Os Arcanjos

Com o leite das ovelhas
por leão apascentadas
doze filhos vou criar.

Não subirão às estrelas
não descerão às jazidas
que lhes tenho missão.

Em doze corcéis alados
(para eles vão nascer
com rubros sóis sobre as asas
em doces pastos de flor)
nosso reino deixarão.

Em com rosas simplesmente
- nem espadas nem punhais-
com doze rosas sagradas
farão por terra tombar
a cabeça do Dragão.

Amor então se erguerá
e rosas rebentarão
na terra no céu no mar.

Em doze corcéis alados
com rubros sóis sobre as asas
os doze cavalgarão.
(O lábaro com Rosa
suspensa sobre o dragão).

Em doze corcéis alados
nosso reino deixarão.

Em só depois de plantarem
Rosamor em toda a terra
os doze regressarão.

Maura de Senna Pereira
Pais de Rosamor - 1962

Os irmãos

A família era de classe média pobre, ao todo foram doze irmãos: Maura, Zaura, Roberto, Carlos, Ruth, Ilka, Carmem, Saul, Saul, Zaura, José Filho e Samuel. Era comum na sua família a repetição de nomes, quando um irmão morria, outro herdava seu nome.

A irmã Zaura sofre uma queda quando pequena, o que lhe acarretou sérios problemas de saúde. O pai gasta suas economias, abrindo mão do sonho de construir uma casa, somente para tratar a filha. Mas todos os esforços foram em vão. Aos dez anos Zaura morre, deixando tristes lembranças.

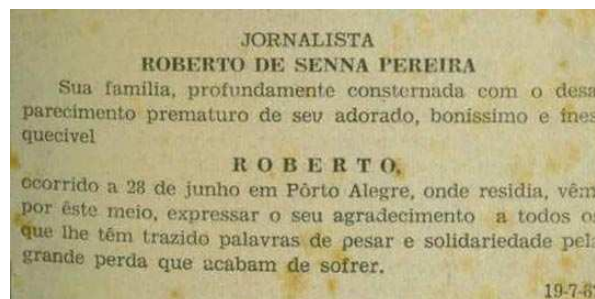
Roberto de Senna Pereira nasceu em 1907, em Florianópolis; era o terceiro filho do casal José e Amélia, sendo três anos mais moço que Maura. Com sua esposa, Olívia Piracuruca Senna Pereira, teve um filho, Mauro de Senna Pereira.

Deixou a ilha de Santa Catarina para morar em Porto Alegre, onde foi revisor do *Diário de Notícias* por mais de vinte anos, tornando-se chefe desse jornal. Também era funcionário da Assembléia Legislativa do Estado.

Quando ficou doente (muitos da família sofriam de tuberculose) teve que se afastar do trabalho, sua enfermidade levou-o a ser internado no Hospital Sanatório Belém⁴⁸. Morreu em 28 de junho de 1963, um ano

⁴⁸ Hoje Parque Belém, foi fundado em 1934 como hospital especializado em assistência hospitalar a pacientes tuberculosos

após o falecimento da mãe. Estava com cinquenta e cinco anos. A cerimônia fúnebre contou com um grande número de colegas, funcionários da Assembléia Legislativa e do *Diário de Notícias*, os quais prestaram honrosas homenagens. Seu corpo é enterrado no Cemitério de Belém Velho (Porto Alegre), o qual foi criado ainda no século XIX.



Recorte sem referência - 1963

Carlos nasce no dia vinte de janeiro de 1909. Era, segundo Maura, um rapaz belíssimo. Quando o pai morreu contava apenas quatorze anos, foi quem sempre esteve próximo à mãe viúva, ajudando-a em tudo que precisasse. Era telegrafista, não se sabe se quando o pai morreu o rapaz já exercia essa profissão.

Aos vinte e um anos, Carlos viajava pelo mar quando cai do navio e afoga-se, em São Francisco do Sul. Um trágico acidente que causa a morte do rapaz e traz mais sofrimento à família Senna Pereira, mais uma perda na família.





**Nota do jornal sobre o
afogamento de Carlos Senna
Pereira.**

Ruth, a quinta filha de José e Amélia, nasceu no dia 18 de abril de 1910. O casal já não morava mais na Rua Deodoro, Ruth nasceu, pois, na Rua Jerônimo Coelho, nº. 13, Maura estava com seis anos. Ruth era sua companheira, lia os livros escritos por Maura e fazia comentários sobre os mesmos.

Casou-se com Álvaro Campos Lobo. Foi a única irmã que teve filhos, um casal: Fernanda e Álvaro Henrique Campos Lobo. No fim de sua vida, teve Mal de Parkinson. Em carta a Maura explica: "Gostaria de me alongar, mas o mal de

Parkinson não é sopa, não". Comenta um livro da irmã, sem citar o título:

**PERECEU
AFOGADO**

Na semana linda, ocorreu, em São Francisco, um facto que entristeceu toda a sociedade franciscana.

O joven Carlos de Senna Pereira, radio-telegraphista de um dos navios do Lloyd, indo com outros companheiros tomar banho na praia da Cruz, pereceu afogado.

Os companheiros do indiloso moço após o banho, notaram a sua falta.

Pesquisaram no referido local e nada encontraram.

Afirmaram entretanto que Senna Pereira afastou-se muito e talvez lhe faltassem as forças e fosse tragado pelas águas.

O corpo do infeliz moço não foi encontrado.

Senna Pereira, natural desta capital, é filho da exma. viuva Senna Pereira e irmão da nossa talentosa collaboradora senhorinha Maura de Senna Pereira, a quem apresentamos as expressões do nosso profundo pesar.

Recebi hoje (15) teu lindo livro, lindo, lindo! Desculpas pelas verdades? Onde estavas com a cabeça, menina? Para não estar de acordo com algumas das tuas idéias, mas nem por isso posso deixar de achar o teu livro maravilhoso, como são os outros, fazendo belo par com os do querido Cousin. Casal danado, parece até que estão numa competição. Não se sabe quem escreve melhor e como vocês me comovem⁴⁹



Carta de Ruth.

Ilka nasce no dia 26 de novembro de 1911. Casa-se com o engenheiro civil Newton Valente Costa, ficando viúva deste. O casal não teve filhos. Com carinho, no aniversário de Maura, Ilka manda-lhe um bilhete, dizendo: "Querida Maurinha, coloquei ontem no Crédito Real,

⁴⁹ Carta sem data. Acervo: ACL.

por telex, 20.000.00, presente teu aniversário. Foi fácil. Espero que já esteja aí, pois eles garantiram que ontem dia 4 estaria aí”.

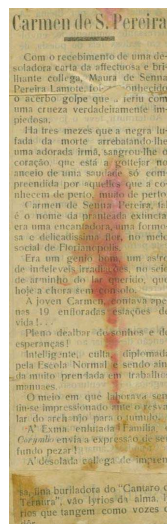


Ilka - verão 1930
ACERVO: ACL



Carmem
ACERVO: ACL

Carmem de Senna Pereira era uma das irmãs mais novas, a penúltima das mulheres; nasceu em 14/07/1913. Era uma *menina-moça de prendas raras, toda graça, inteligência, valor e juventude*.⁵⁰ Quando o pai morreu, Carmem estava com 10 anos.

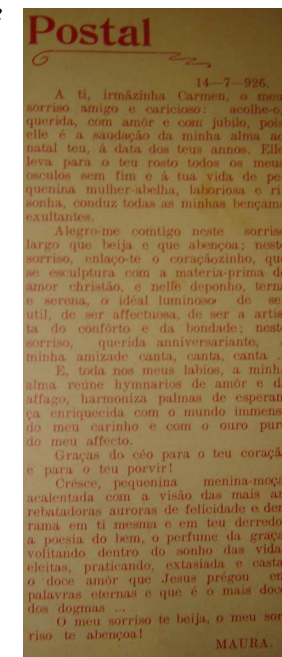


À direita, jornal *O Atalaia* - Maura escreve para Carmem no dia do aniversário da irmã - 14/07/1926

Aos dezenove anos comete suicídio, trazendo mais dor aos que ficam. A forma como aconteceu o suicídio não foi comentado por Maura em nenhuma entrevista, também em reportagens da época não foi encontrada a causa; provavelmente, não foi comentado por ser um assunto doloroso à família. No dia em que Carmem faria aniversário, 14 de julho, Maura escreve na coluna "Nós e o Mundo" sobre a irmãzinha de riso lindo, do seu encanto, dos cabelos crespos e soltos, e imagina

onde estaria a irmãzinha se não tivesse partido:

Estarias em nossa terra, cercada de filhos, lá onde nós criamos nossos irmãos? Lá onde crescemos órfãs de um pai perfeito e onde desfolhamos os primeiros sonhos sob a asa daquela heroína do amor materno? [...] mesmo que bem longe estivesse e não mais te visse, haveria os elos da vida, a esperança, a comunicação. Rosa íntegra, adorável ser



⁵⁰ PEREIRA, Maura de Senna Pereira. *Uma Vida inesquecível*. Nós e o Mundo. Gazeta de Notícias.

humano, embelezando estarias as horas dos que te rodeassem e enviando e recebendo, irmãzinha, as palavras todas na nossa cálida fraternidade. Em qualquer país menos no país-do-nunca-mais para onde foste naquela manhã trágica de fevereiro. Menos no país-do-nunca-mais.⁵¹

O irmão de Maura que recebe o nome de Saul nasce em 1914, morrendo nesse mesmo ano. O segundo menino chamado Saul nasce, provavelmente, em 1915 e também morre precocemente. Não temos a data exata de quando este morre, supõe-se que seja no mesmo ano em que nasceu, pois em 1916 morre a primeira menina Zaura e nasce outra, a segunda Zaura.



Zaura, 1935
ACERVO: ACL

Zaura nasce no dia 14 de junho de 1916, vem a casar-se com Octávio Dupont, cientista de renome. Dupont era doutor em Medicina e Cirurgia e doutor em Medicina Veterinária. Nasceu na Bélgica e naturalizou-se brasileiro. Profissionalmente, o marido de Zaura foi catedrático (por concurso) da UFRJ, da qual recebeu o

⁵¹ PEREIRA, Maura de Senna. *Carmem*. Nós e o Mundo. Gazeta de Notícias, [19_?]. Acervo: ACL

título de "Professor Emérito". Ao chegar ao Brasil, assumiu a chefia dos serviços veterinários do *Jókey Club Brasileiro*. O casal não teve filhos.

José de Senna Pereira Filho, o penúltimo filho, nasceu em 1920. Quando o pai morreu, Josezinho, como era carinhosamente chamado, estava com apenas três anos. Escreve Maura sobre o irmão:

'É hoje que papai volta?'- perguntava ele, cortando os corações. No seu cavalo preto alemão, de madeira pintado, com ampla embaladeira, o menino interrogava os irmãos, os amigos da casa e principalmente a mãe viúva e prestes a dar a luz o décimo segundo filho de um grande amor. Quando este nasceu, ninguém sabia quem mais lamentar: se o que não conheceria seu pai ou o que padecia aquela pungente saudade. Saudade do amigo que lhe dedicava todos os lazes: que o punha nos joelhos e nas costas, inventando brinquedos; que fazia aqueles quepes de papel e saía com ele a marchar - o menino a imitar o pai adorado em todos os gestos e vozes e até no seu caminhar habitual, de mãos para trás.

Imitação-retrato: no seu semblante, no alto caráter. Órfão aos três anos, aquela saudade marcou-o e foi sempre com seriedade que encarou os problemas da vida. Tanto que, adolescente, o partilhar festivo de um "bando da lua" no carnaval catarinense - significou um momento raro e inesquecível.

Luas, porém, não teria ele, sim, estrelas, conquistadas pelo duro labor em alto mar nos anos tormentosos da segunda Guerra Mundial. Pois cedo começou sua luta, cortou os sete mares (a primeira sobrinha chamou-o "tio do vapor") e quando voltava, trazia lembranças de países longínquos, histórias marujas. (...) ⁵²

⁵² PEREIRA, Maura de Senna. *Um herói*. Nós e o Mundo. Gazeta de Notícias, 02 fev. 1969. Acervo: ACL

Foto de Zaura, aos cinco anos, e Josezinho,
com um ano.
ACERVO: ACL





Álbum de Maura - A mãe Amélia com o filho José
ACERVO: ACL

A Mãe Maura
e seu filho José



José - 1934
ACERVO: ACL

Quando veio a II Guerra Mundial, partiu para alto mar, pois era competente engenheiro de máquinas; teve seu barco atingido duas vezes, recebendo depois o "Diploma de Medalha de Serviços de Guerra", com estrela, por ter prestados valiosos serviços ao País.

Casou-se com Cassilda e tiveram dois filhos, Edson e Sheila, que se licenciou em História Natural, tornando-se professora e pesquisadora. Quando o coração de José de Senna Pereira Filho parou, em 12 de janeiro de 1969, no Rio de Janeiro, a filha casada esperava um bebê, o desejado neto que ele não chegou a conhecer.

Maura orgulhava-se do irmão Josezinho.

JOSÉ DE SENNA PEREIRA FILHO

(Falecido na Guanabara)

Sua família, profundamente sentida com o seu prematuro, e repentino falecimento, vem por este meio, externar sua comovida gratidão, a todos os parentes e pessoas amigas que os tem confortado, quer pessoalmente, quer por telegramas, cartas e cartões, numa solidariedade inesquecível de amizade e fé cristã.

Samuel - 1941
ACERVO: ACL



Cinco meses após a morte do pai, no dia quatro de julho de 1923, nasce Samuel.

Samuel foi major do Exército, por seus atos de bravura, distinguiu-se na FEB⁵³ e recebeu a Cruz de Combate de 1ª. Classe. Casou-se com Mariazinha e tiveram quatro filhos: Rui, Vera, Cléia e Jorge.

Foto de Samuel.

No verso consta o seguinte:

*A Maurinha muito querida uma lembrança do seu Herói em
Alessandria.*

Samuel

Rio, 17/IX/45

**ABAIXO: Entrega de Medalha e Diploma a Samuel.
ACERVO: ACL**

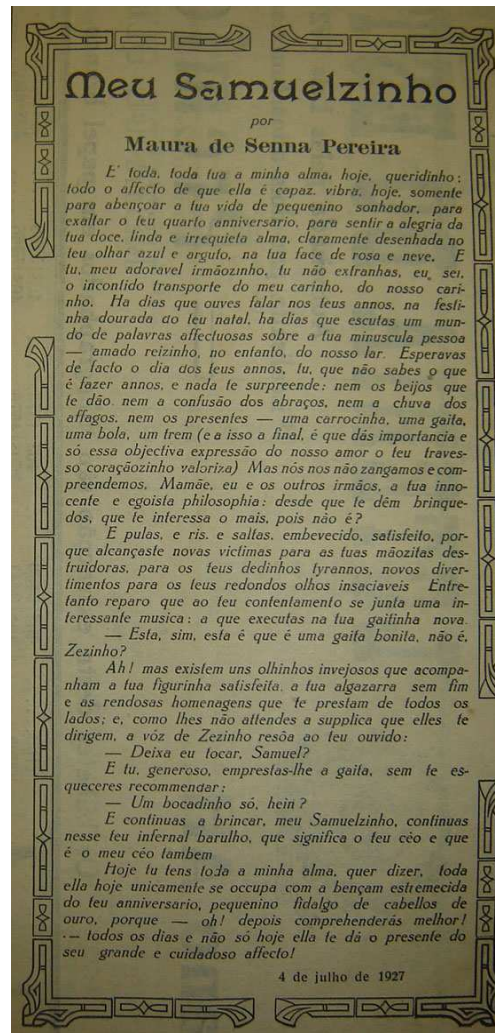
III - ENTREGA DE MEDALHA E DIPLOMAS :-

1)- De acordo com o art. 24, do R. Corte, foram entregues ontem, dia 19, ao Sr Sgt. nº 280, SAMUEL DE SENA PEREIRA, da C.C.S., a "MEDALHA DA CRUZ DE COMBATE DE PRIMEIRA CLASSE", com o respectivo Diploma e o Diploma da "MEDALHA DE CAMPANHA", cuja medalha lhe foi entregue no 119 R. I., no Rio de Janeiro, quando do regresso da F.E.B. do teatro de operações na Itália.-

2)- Do Diploma da Cruz de Combate de Primeira Classe, consta a seguinte citação:- " No dia 12 de Abril, durante uma patrulha diurna no ponto 759 SW de MONTESE, um escalecedor do grupo do Sgt. SAMUEL é gravemente ferido pelo inimigo à pequena distância das posições desta. Apesar do forte bombardeio de Morteiro e serrado fogo das armas automáticas do inimigo, pessoalmente resistiu até o ponto onde havia o seu camarada, o qual verificou já ser cadáver. Neste assim, arresrou o corpo até um local abrigado, indiferente a chuva de projétils que caía em torno de si."



⁵³ A Cruz de combate de 1ª classe era de ouro e destinou-se a premiar os militares que se distinguiram em ação durante a 2ª Guerra Mundial. Concedida aos militares que praticaram atos de bravura ou revelaram espírito de sacrifício no desempenho de missões em combate e às Unidades que se destacarem na luta Brasileira. <http://www.resenet.com.br/ahimtb/med12gm.htm>. Acesso em 30/08/06. <http://www.resenet.com.br/ahimtb/med12gm.htm>. Acesso em: 30/08/06



A Semana - 24 de outubro de 1929

M A R

Mar, eu que me criei olhando as tuas molações extraordinarias e ouvindo es seus murmurios e os seus clamores e que devêra ado ar-te até o ultimo momento que Deus me desse; eu que te vejo sempre em todos os passeios pela minha ilha encantada, ô testemunha liquida e profunda das minhas alegrias e das minhas maguas—maldigo-te com todas as forças do meu peito!

Quando minha mãezinha cantava junto do meu berço pequenino, tu acompanhavas com o teu rythmo eterno o rythmo carinhoso das suas canções. E quando eu propria comeci a cantar as minhas cantigas doidas de cigarra ilhoa, gostava de sorrir para as tuas ondas verdes e, das praias da minha terra, com os meus pés banhados pela tua espuma, com os meus cabellos voando aos caprichos da tua brisa perfumada, com a minha alma infetra boiando sobre a tua alma serpentina e canora, eu te olhava com medo e com idolatria e com ternura.

Mas um dia te enchestes com os teus encantos maiores e na tua vaidade puzeste todos os requintes de uma mulher bonita. Ah! ficaste mais lindo do que nunca e, sereno, retrasteste o sol exhibindo gloriosas escamas de prata.

...E desde então eu te maldigo!

Aquelle que tu arrebataste, impiedosamente, com o gesto barbaro dos grandes traidores, tinha na alma a madrugada tropical dos sonhos de vinte annos e adorava a volupia ingrata dos seus espreguiçamentos e a tua belleza de sercia nervosa e liquefeita. Aquelle que tu arrebataste, enlutando o meu lar, ferindo o meu enternecimento fraternal, era para os qu? o choram uma fonte viva e sincera de alegrias e de bençams. E tu o arrebataste sem um arrepio de compaixão pela sua fronte alleada de sonhos e pela sua mocidade util e forte.

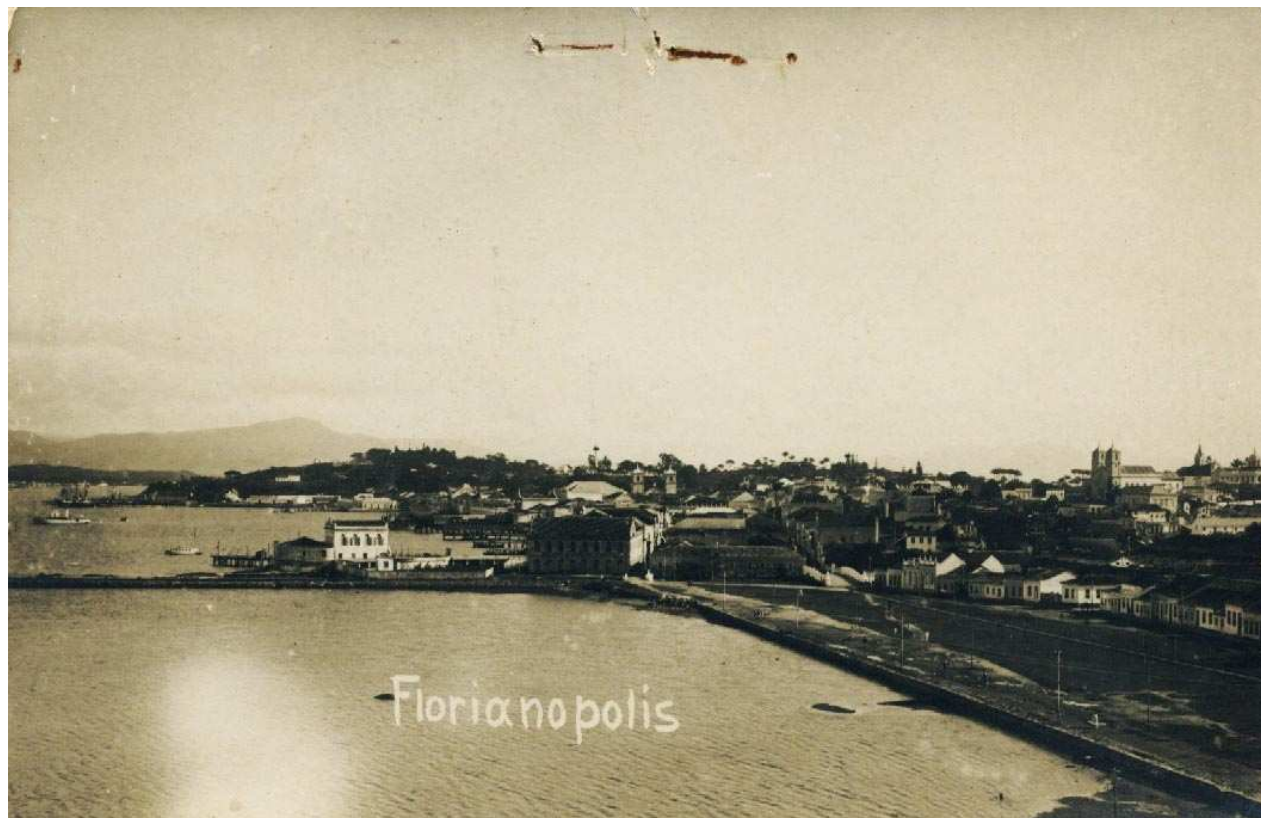
Eu, pois, te maldigo com todas as forças do meu peito, embora fivesse, quando minha mãezinha cantava junto do meu berço pequenino, acompanhado com o teu rythmo eterno o rythmo carinhoso das suas canções; embora fivesse, quando eu propria comeci a cantar as minhas cantigas doidas de cigarra ilhoa, acolhido no mysterio das tuas aguas e das tuas len as o sorriso contente dos meus olhos e a caricia dos meus labios humidos! E no meu grito de maldição e de odio eu adivinho que se mistura, pela solidariedade da magua identica, o grito doloroso e tragico de todas as gargantas que tambem enchestes de soluços de todos os corações que tambem alogaste de saudades, arrebatando-lhes os entes queridos com o gesto selvagem e esfaimado de velho tragador de vidas.

(Vida Domestica) **Maura de Senna Pereira**



A Mãe Maryzinha e sua filha Maura

Foto do álbum de Maura



Vista panorâmica de Florianópolis - anterior a 1918

ACERVO: Casa da Memória

MAURA DE SENNA PEREIRA

HISTÓRIAS PARA A MENININHA

Menininha de pele clara e mas azuis nos cachos de ouro, senta aqui no meu colo, para eu te embalar. Mas, se queres ouvir histórias, se o sono não chega e teus olhos brilham, segura a minha mão e vamos passear. Vamos ver tôdas as terras e, também, o fundo do mar. Vamos ver todos os bichos, flores tão belas como restos de fada e o sol nascendo na lagoa grande com o seu imenso manto real. Vamos ver os pombos brancos em bando no céu azul, o luar redonda bolando no rio e os pintos dourados saindo da casca. Anda, anda, menininha, que muito temos de andar. Vamos ver os cavallinhos e as estrelas do mar. Vamos galopar nas nuvens, que parecem ovelhinhas; colher lírios com as pastoras e voar com as andorinhas. Anda, anda, menininha, vamos encontrar a flor de pedra, vamos ver a salamandra. Vamos visitar Branca de Neve na casa dos sete anões e ver o menino amarelo comendo pudim de arroz à margem do rio azul. Anda, anda, menininha, que muito temos de andar. Vamos passar na frente do Pequeno Polegar. Vamos conhecer o Iara, vamos pegar o saci. Vamos ver as quedas d'água, os moinhos e os teares, a seiva dos campos correr, o trigo verde crescer e virar farinha e pão. Oh, alguém aqui passou com uma vara de condão: a alva lã dos cordeirinhos e as flores azuis do linho vestiram tôdas as crianças. As crianças da terra inteira, que estão formando uma grande roda, na qual vamos, também, entrar. Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Mas eis que o sono vem chegando e agora temos de voltar. Vou estreitar-te nos meus braços, inventar muitas cantigas e docemente te ninar.

SEGUNDA PARTE



FLORIANÓPOLIS
1920 - 1941

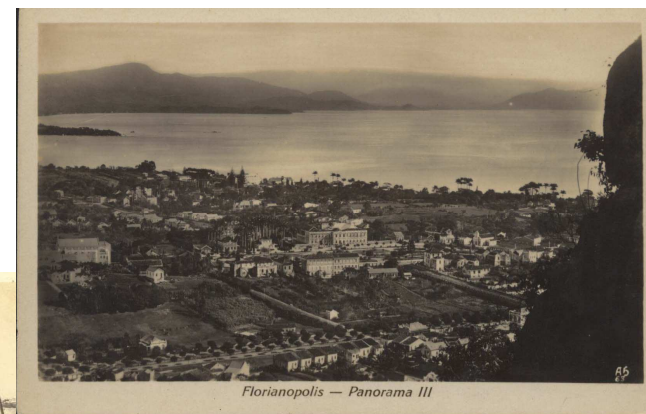
MEUS VERDES ANOS



Praça XV de Novembro - 1920



Vista do Morro da Cruz - 1920



Vista panorâmica de Florianópolis - 1920
À esquerda: Mercado Público - década de 20



Teatro Álvaro de Carvalho - década de 20
Acervo: Casa da Memória

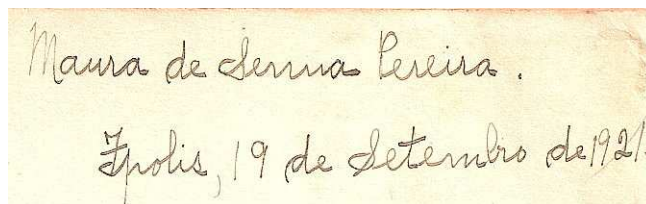


Maura de Senna Pereira

A infância de Maura fica para trás.

A menina que estudou no Grupo Escolar Lauro Müller passou a frequentar a Escola Normal Catarinense. Ali foi aluna de professores ilustres, que a poetisa não se cansava de elogiar: Altino Flores, Lente de História e Geografia, Barreiros Filho, Lente de Português e Literatura, José Boiteux e Odilon Fernandes, entre outros que formavam uma nova geração de escritores e empenhavam-se no desenvolvimento da cultura catarinense. Além dos grandes mestres, Maura vivia entre pessoas intelectuais, como o pai e os tios.

Escola Normal



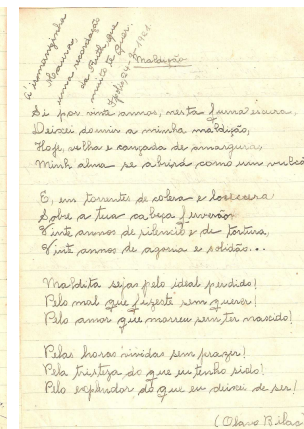
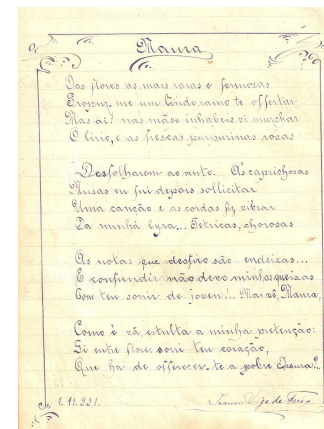
Maura de Lenna Pereira.
Flópolis, 19 de Setembro de 1921.



Em 1921, aos dezessete anos, terminou o Curso Normal e, em 19 de setembro, a fim de guardar uma lembrança das colegas de classe, preparou um álbum para que estas escrevessem poemas de livre escolha, como era uso entre as moças da época. Nos versos, vemos o estilo preferido; a maioria são sonetos de autores como Olavo Bilac, Camões, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Cruz e Sousa e também da poetisa

catarinense Delminda Silveira, entre outros. A professora da Escola São José, depois Grupo Diocesano, Isaura Veiga de Faria, escreveu especialmente para Maura.

À esquerda, poema de Isaura Veiga de Faria. À direita, poema de Ruth.



Com a formatura, Maura realizou o desejo de seu pai, que era obter o diploma de professora. Na ocasião, foi escolhida como oradora da turma, honra atribuída sempre aos melhores alunos.



Maura com alunas.

Assim que terminou o Curso Normal, exerceu o magistério e, para isso, fez concurso para as cadeiras de Português e História na Escola Complementar de Florianópolis e foi destaque. Maura explicou em entrevista:

O Aquiles Gallotti, que era o presidente da banca e o Barreiros Filho, me disse umas três ou quatro vezes "bravo" nas respostas da prova oral e ao final falou: "considero esta prova ótima e lhe dou distinção na prova escrita", que ele chamou de tratado de pontuação.⁵⁴

Maura de Senna Pereira

Nessa época, Florianópolis havia passado por melhorias, entre as quais a iluminação pública, o saneamento de esgotos e o abastecimento de água. Algumas reformas na arquitetura fizeram a cidade alterar-se. O governador Gustavo Richard (1906-1910) retirou as grades que cercavam a Praça XV e a enriqueceu com alguns espécimes exóticos. No entanto, desde então até a década de 30, a Praça XV pouco modificou. "Os sobrados foram mantidos, alguns ruíram, outros foram substituídos. Muitos deles receberam decoração eclética de inspiração francesa, incluindo-se neste caso o Palácio do Governo, que foi reformado".⁵⁵ Já no final da década de 30, a Praça XV apresentava a urbanização concluída.



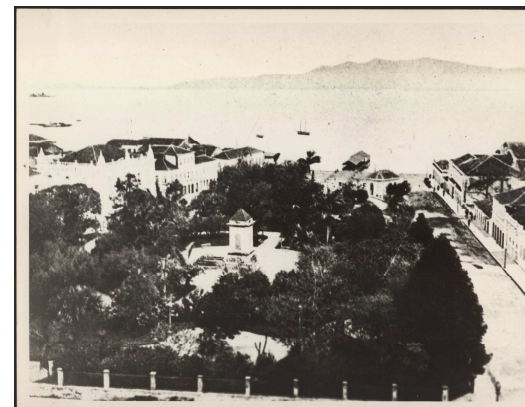
Praça XI - 1930

Fonte: IHGSC

⁵⁴ Uma poeta corpo a corpo com a vida. Entrevista concedida por Maura à Colaca Grangeiro e Silveira de Souza. *Jornal da Cultura*, Florianópolis, jul.1990. p.8. JUNKES, Lauro (org). In: PEREIRA, Maura de Senna. *Poesia reunida e outros Textos*. Coleção ACL, 2004, p. 290.

⁵⁵ VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis: Memória Urbana*. Florianópolis: UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993, p. 210.

No início do século XX eram poucos os letrados em Florianópolis. A Biblioteca, que iniciou suas atividades em 1831 como um Gabinete de Leitura, foi transformada em Biblioteca Pública e aberta ao público sob proposta de Diogo Duarte Silva (foto), poeta que na época doou 800 livros. A Biblioteca Pública, entretanto, não progrediu. No início do século XX havia poucos livros, o que dificultava o contato com a literatura estrangeira. Assim, quem se interessasse por livros de autores estrangeiros, teria que mandar buscar livros por encomenda.



Na década de vinte, Florianópolis possuía vários jornais circulando. O jornalismo em Florianópolis iniciou no ano de 1831, com a publicação do primeiro jornal de Santa Catarina, *O Catharinense*, tendo como diretor proprietário Jerônimo Francisco Coelho.⁵⁶

Muitos foram os jornais e revistas em que Maura trabalhou. Em 1923, com a morte precoce do pai, assumiu o sustento da casa aos dezenove anos. A jovem não se deixou abater e, além de professora, tornou-se jornalista. Em Santa Catarina trabalhou nos jornais *O Elegante*, *O Atalaia*, *O Josephense*, *O Tempo*, *A Semana*, *Folha Nova* e *República*.

⁵⁶ SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985, p.88.



Jerônimo Coelho

Nessa época em que Maura começava a trabalhar em jornais, já existia a Sociedade Catarinense de Letras. Inicialmente, a idéia de fundar uma Academia de Letras em Santa Catarina surgiu em 1912, com o jornalzinho literário chamado *O Argo*, fundado por Altino Flores e José d'Acampora. Por meio desse jornal, Othon d'Eça lançou a idéia com o apoio de Altino Flores, ainda estudantes do Ginásio Catarinense. Pensavam em uma Academia fundamentada na Brasileira, que por sua vez imitava a Academia Francesa. Assim, a idéia não se concretizou, pois seria necessário preencher quarenta cadeiras com nomes ilustres e Florianópolis não possuía esse número de literatos.⁵⁷ Além disso, precisavam pensar na qualidade dos sócios, e a exigência era muito grande, deveriam seguir o padrão, que era ditado pelos intelectuais da época.

A Ilha vivia sob a influência dos parnasianos e era muito preconceituosa. Nos jornais da época era comum encontrar vários sonetos, tanto de autores consagrados, como Bilac, como de escritores catarinenses que os escreviam para comemorar algo, homenagear alguém ou até mesmo para passar conselhos. Isso explica por que as colegas de Maura escreveram sonetos no caderno de recordação.

⁵⁷ SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias nos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC-EDEME, 1974, p.57.

A gramática puríssima era regra estabelecida, sobretudo por parte de Altino Flores e Barreiros Filho, principais responsáveis pela clareza e domínio da linguagem que Maura possuía. Seus professores exigiam a perfeição na escrita.

Professores de Maura:

Altino Flores, Laércio Caldeira de Andrada (de óculos) e Barreiros Filho (de chapéu).



Outro exemplo que mostra como estavam as letras em Santa Catarina diz respeito ao poeta Cruz e Sousa, que não recebeu o devido valor em sua terra natal, tanto pelo fato de ser negro, filho de escravos, quanto por sua poesia não ser reconhecida. "Até 1923, os críticos catarinenses ainda não haviam entendido o

que era Simbolismo e onde estava o Simbolismo de Cruz e Sousa"⁵⁸, apesar deste ser considerado o maior poeta catarinense hoje.

Assim, as exigências para ser sócio da Academia eram muitas e Florianópolis teve que esperar. Somente em trinta de outubro de 1920 é que se concretizou a *Sociedade Catharinense de Letras*.

Em 1920, Altino Flores, Laércio Caldeira de Andrada e Barreiros Filho criaram a revista mensal *Terra-Revista de Artes e Letras*, destinada a preencher uma lacuna nas letras catarinense. Pretendia ser um porta-voz desses escritores, que já se achavam "maduros" para organizar a Sociedade Catharinense de Letras.⁵⁹ A revista, que deveria ocupar-se apenas de assuntos culturais, no número

quatro passou a tratar de assuntos gerais. Segundo Sachet, "a revista Terra não durou mais que o ano de 1920; faltou-lhe garra para sobreviver num ambiente pouco, ou nada, literário. Faltou-lhe conteúdo para engajar os que estavam de fora que, se pouco sabiam de belas letras, nada de nada lhes interessavam os versos".⁶⁰

Maura destacava-se por ser uma jovem instruída e com idéias à frente dessa época, pela ousadia em seus escritos e pela facilidade em manusear as palavras, além de ser bela.

Cruz e Sousa



⁵⁸ SACHET, 1985. op cit. p.44.

⁵⁹ SACHET, 1974. op cit. p. 66.

⁶⁰ Ibid. p.74.

Jornalismo

O primeiro trabalho jornalístico foi no jornal *O Elegante*, entre 1923 e 1925. A princípio usou o pseudônimo *Alba Lygia*. Em 1º de julho de 1923, publicou o artigo *FLOR... no álbum de Zulma*, dedicado a uma ex-aluna, “uma menina de muitas prendas”, mas que “o que atraía é a bondade da menina”.



O Elegante - 06/05/1923

Em *Saudades e Lágrimas*, publicado em quinze de julho de 1923, assim como no primeiro, o pseudônimo foi usado:

Hoje alguém que eu amo muito e muito adoro; alguém, cujos sonhos são puros como os dos anjos e belos como as pétalas das rosas, uma linda criaturinha

de cabelos loiros e perfumosos, com expressão vivaz na pureza dos seus olhos de esmeralda, veio perguntar-me o que era saudade...

Mas eu, que sempre procuro dar uma resposta às suas perguntas, a que a Inocência e uma precoce inteligência emprestam vida e graça extraordinárias, adaptando tanto quanto possível minhas explicações ao seu intelecto de criança, permaneci muda, interdita, diante daquela pergunta direta formulada com ar sério e com uma não desengaçada gravidade.

Permaneci muda... Onde e quando o meu loiro querubim ouvira pronunciar esta palavra que todos definem e interpretam na forma do seu Sentimento, que exprime tanta coisa doce? Ah! Sem dúvida ouvira naquele momento mesmo e, ansiosa por uma explicação que exigia sem mais delongas, pelos modos de sua atitude, viera pedir-me na forma do seu hábito.

Dando costume de ser satisfeita a sua curiosidade todas as ocasiões em que a excitavam, não há de negar que fora naquele mesmo instante que aos seus ouvidos soou harmoniosa, cantante, a música doce e triste da palavra Saudade, que todos nós compreendemos, que todos nós sentimos, que produz em nossa Alma a emoção simultânea de Alegria e Dor e nos faz derramar uma torrente de consoladores e silenciosas lágrimas, pois talvez o choro seja o símbolo da Saudade, assim como é o da Dor e da Melancolia... elas, que lhe diria eu? Sem querer, encheram-se-me os olhos de lágrimas. É que em todo o meu Ser, em todo o meu Coração, em toda a minha Alma - bóia uma Saudade imensa, mansamente, melancolicamente, como "um pungir delicioso de acerbo espinho"...

Sim, como não me comover ouvindo falar da Saudade a um ser que eu muito amo e muito adoro, ouvindo falar da Saudade a um ser, cujos sonhos são belos como as pétalas das rosas e puros como os dos anjos, ouvindo falar da santidade, se da Saudade eu vivo?...

Muda-se nos a vida (...)

Mas, olhando-me com os seus olhos de esmeralda rasos d'água - lágrima que reverberava a Sensibilidade duma Alma mui amorosa, mui acessível a um a Amor puro como o verde esmeraldino dos seus olhos - ela, descendo do fraternal regaço, enlaçou-me o pescoço e depois, muito terna, muito meiga, com um Afeto, bem ao vivo, pintado nas fascinadoras e mascaradas feições - deu-me nos lábios um beijo sonoro, que me soube como o mil, um beijo bem estaladinho, verdadeiro

ósculo de Amor, para, com indefinível expressão na malícia fugidia e amorosa dos seus olhos verdes, dizer-me a meia-voz:

- Já sei, meu bem. Saudade é qualquer coisa que nos faz chorar.

Depois, com os cabelos loiros a voar a fresca brisa daquela tarde estival - cheia de Flores, de Sol e de Luz - correu, correu, na perseguição de uma borboleta azul.

Os soluços encheram, então, meu incontido peito; o Pranto me orvalhou mais em desafogo "abrasado" das faces, cristalizando em lágrimas a minha Saudade enorme, intensa, intraduzível, - intraduzível como o Afeto, como o imenso Afeto que me prende àquela loira e querida criança, de sonhos puros como os dos anjos e belos como as pétalas das rosas...

Alba Lygia

Nos textos seguintes, deixou de usar o pseudônimo e passou a ser reconhecida pelo próprio nome assinando os artigos. O jornal *O Elegante* passou para a *Segunda Fase* e, em 1925, Maura escreveu a seção quinzenal *Feminismo*; no dia 31 de maio de 1925 publicou o texto *Volvamos nossas vistas para o porvir*, falando às mulheres. Esse texto foi posteriormente publicado em outros jornais.

Nestes últimos tempos, com especialidade, muito se há pregado uma profissão para a mulher. Que ela se não dedique exclusivamente à aprendizagem de encargos domésticos e prendas essencialmente feminis.

E o que é mais: que não vivam unicamente a cuidar de si, para aparecer bem, bem mascarada, à força de "rouge, carmim e crayon", vivendo a vida material das futilidades e do coquetismo, das mentiras de salão, cuidado de modas e de "flirt", em busca do marido rico, de invejável posição social, a quem

levianamente entregará o coração e a vida, sem a menor reflexão, quase sempre sem amor, e que lhe assegurará a mesma existência cômoda e "chic".

Não é a primeira vez que uma mulher enxerga esse princípio ruim, cumprido tão fielmente pela maioria do mundo feminino, nem é a primeira vez que o declara.

O que a mim me pareceu, porém, é que, absolutamente, não é desnecessário que mais uma vez se levante e clame contra esse mal da educação, infelizmente, tão generalizado. É mesmo necessário que o façam ouvir neste momento, para a regeneração social, para o bem do lar e das gerações, para a felicidade da mulher.

É pensando assim que componho este artigo, com toda a minha franqueza e lealdade.

A mulher necessita - está claro - de dar um novo rumo à sua vida. Necessita de instrução.

Já vai perdendo a graça e os adeptos, já estão caindo da moda o velho conceito, ainda enunciado, com certos ares de presunção, por alguns representantes do sexo oposto: "A mulher precisa, só e exclusivamente, de saber ser boa dona de casa". Isto não basta! É iníquo, é duro, é absurdo! Quando solteira, precisando manter-se que será mulher se ela, tão somente, souber ser "boa dona de casa"?

E quando casada, quando por uma dessas infelicidades tão comuns, o marido perde o emprego, justa ou injustamente, adoece ou fica inutilizado, que será do seu lar, que será "dos filhos da alma", se ela não os amparar, pondo-os a salvo da miséria com sua profissão? E quando enviúva, se arrimo, falta de recursos, carregada de filhos?

Em qualquer circunstância, enfim, a que lhe falte o apoio do pai ou do esposo ou que não lhe baste esse apoio material - como tão frequentemente sucede - se não tiver ela aptidões que lhe permitam ganhar honesta e independentemente a sua vida, prover a sua manutenção e salvaguardar da miséria, do frio, da fome, do vício, da nudez, os queridos entes a quem tem a enorme e sagrada responsabilidade de alimentar, vestir e proteger, será forçoso optar: ou ser parasita, sofrer dependência ou abraçar a desonra!

Como eu quisera, como eu desejava que todas as mulheres se levantassem, se unissem, para a real efetivação do belo sonho: buscar a felicidade no aproveitamento do tempo, não educação das faculdades, no trabalho. E é mesmo muito, muito preciso o soerguimento mínimo para esse surto reparador, porque o homem, creio - creio-o convictamente - não faz nada pela mulher.

Dos que falam em favor dela e do seu progresso, muito poucos o fazem com sinceridade e convicção, olhando com simpatia para a causa tão justa da mais casta e da mais sacrificada metade do gênero humano.

A maioria é por galanteio, lisonja, para agradar aquela que nasceu para o seu prazer, que precisa de mimos, esse ente inferior na inteligência, incapaz de pensar, incapaz duma iniciativa mais forte e mais viril, para o qual olho com os olhos de superioridade.

Outros deixam escapar, sobre a mulher, expressões dúbias, opiniões humorísticas, engraçadas, irônicas, de causar nojo e indignação. Outros ainda, sem rebuços, muito às claras, formalmente se manifestam contra todo e qualquer progresso intelectual feminino.

Há bem poucos dias, conversando com um distinto rapaz de sociedade, em abono do meu sonho delicioso de mulher que sente e deseja o melhoramento do seu sexo, tratando, pois, o assunto ora em foco, expus-lhe, em traços gerais, resumidamente, o que acabo de escrever para as minhas conterrâneas. Concordou, ou pareceu concordar, mas acabou dizendo que a mulher, na hora horrorosa, crítica da necessidade, "trabalhe em doces ou na costura".

É alarmante!

Precisamos, portanto, de reagir, companheiras! Formemos, catarinenses, uma tenda de trabalho, de abnegação, de amor, de desenvolvimento moral, econômico e social, de intelectualidade sugestiva e boa. Rompamos com os prejuízos e volvamos nossas vistas para o porvir, companheira!

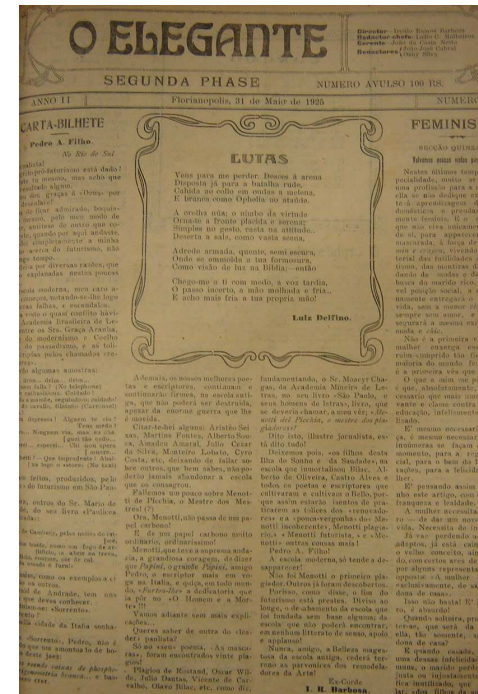
Maura de Senna Pereira
Do Centro Catarinense de Letras

Se ainda menina sua literatura inclinava para uma escrita inteligente e de qualidade, buscava em livros de escritoras feministas como Maria Lacerda de Moura, Nísia Floresta, entre outras, da maneira de entender a situação vivida pela mulher ao longo dos séculos; agora se sentia capaz de fazer alguma coisa para que a mulher conquistasse seus direitos como ser humano. Agora tinha em mãos o que precisava: o jornalismo.

Com esse texto de início de carreira jornalística, confirmou seu pensamento sobre a mulher, o que perduraria até o fim de sua vida. A Maura feminista que tentaria ao máximo conscientizar a mulher catarinense de que é preciso libertar-se das amarras do preconceito no qual a mulher é educada, tentar tirá-la do comodismo em que vivia, abrindo-lhe os olhos para um fator importante para suas vidas: a instrução. A mulher não deveria se acomodar, precisava instruir-se e construir uma vida independente.

Além do jornalismo, Maura participava de debates, palestras, cursos, pesquisas, manifestações culturais, tudo o mais que propiciasse esclarecer às mulheres a opressão em que viviam.

Jornal *O Elegante* 31/05/1925



Atuando no jornalismo florianopolitano, freqüentemente escrevia sobre as mulheres em destaque, fosse ela do meio social ou mesmo aquela mulher de vida mais simples, que vivia em casa para cuidar e servir à família ou a que deixava os filhos para um trabalho não valorizado socialmente.

Outra inconformidade de Maura dizia respeito à mulher frágil, que deveria ficar em casa entretida em seus bordados ou afazeres domésticos, à espera de um marido que a conduzisse por toda a vida. Desde cedo, teve intensa participação na vida pública, no mercado de trabalho e isso permitiu divulgar novos caminhos para as mulheres. Procurava mostrar que a educação seria o melhor meio de aumentar as chances de emancipação, de transformação, no qual a mulher não ficaria restrita apenas ao papel de esposa e mãe, mas teria também sua independência em relação ao marido.

Sobre Maria Lacerda de Moura, escreveu no jornal *República* em 20 de julho de 1928:

Maria Lacerda de Moura é um nome que a literatura feminina e o feminismo brasileiro devem, em tudo, amar e respeitar. (...) Sua bagagem literária e, nos seus livros e nas suas conferências, grita o seu sonho, canta-o, ilumina-o, anunciando o advento de uma organização econômica mais doce e mais justa, escrevendo 'Lições de Pedagogia' e páginas de exaltação do papel social da mulher. Seu livro de mais fôlego é, porém, 'A Mulher é uma Degenerada', contestação documentada, forte, sem medo, sem prejuízos, sem avareza de ensinamentos, ao célebre postulado de Borbarda. Já ouvimos, a um formoso espírito, a opinião de que, nos últimos tempos, mais belo e masculino que esse outro livro não surgiu na literatura brasileira.

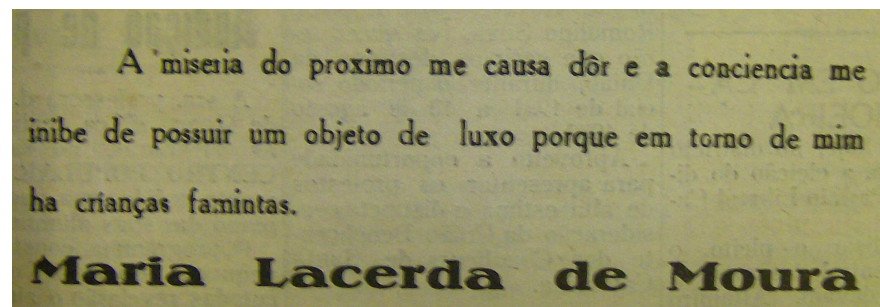
Maria Lacerda de Moura... Expoente máximo do pensamento feminino no Brasil.

Também em 1976, ao comentar a conferência que Diva Machado Pereira Kaastrup pronunciaria na Academia Literária do Rio Grande do Sul, destacou a obra dessa feminista, que marcou sua adolescência com "seus livros corajosos e abridores de caminhos". Para Maura, Maria Lacerda de Moura foi a escritora brasileira mais importante no assunto *mulher*, apesar de ter sido injustamente esquecida.

Sobre o trabalho que Diva apresentou, este foi dedicado à Maura, o qual rendeu um artigo em *Nós e o Mundo* logo em seguida: *Mulher - metade de um todo*.



Ao lado: Maria Lacerda de Moura



13/09/1931 - Jornal *República*: Página Domingo Literário



À esquerda: Julia Lopes de Almeida

À direita: Nísia Floresta



Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), que também foi muito valorizada por Maura, foi educadora, escritora e poetisa. Sobre esta, escreveu também no *República*, no dia 1º de agosto de 1928:

Entre as mais fulgentes e criadoras mentalidades do Brasil de todos os tempos, figura a vitoriosa pensadora rio-grandense-do-norte Nísia Floresta.

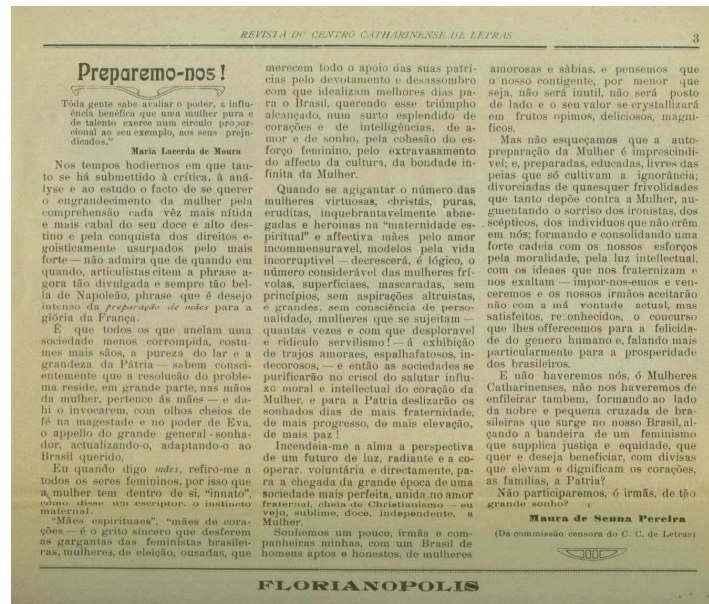
Oriunda de um lar obscuro e pobre e apesar de agrilhoada pela miséria e pelos preconceitos que, no século passado, mais que hoje, atuavam no espírito social numa ofensa escravizadora ao espírito da mulher, fez-se esse grande nome, essa poderosa expressão cultural, apoteosada dentro e fora do seu Estado e da sua Pátria.

Nísia Floresta professava o positivismo e correspondia-se com o próprio Augusto Comte, tendo deixado preciosíssimas obras em que se revelam as suas altíssimas idéias e os seus conhecimentos filosóficos e que, seja dito de passagem, foram escritas em vários idiomas. (...)

1925 - Revista do Centro Catarinense de Letras.



Foto de Margarida Lopes de Almeida, filha de Julia Lopes de Almeida - 1933.



Ainda em 1924, trabalhou em outro jornal mensal vinculado à Igreja Presbiteriana de Florianópolis, chamado *O Atalaia*. A primeira publicação aconteceu no mês de março e na primeira página um artigo de Maura intitulado *Meu aplauso aos bravos Atalaias*, saudando os jovens no primeiro número. Nesse artigo, incentivou os moços Atalaia "ativos e valentes soldados de Jesus - a sonhar com um porvir

O Atalaia - março 1924

venturoso e róseo (...) ambiente em que a felicidade projeta as suas luzes quentes de sonho, de riso, de glória, de magnificência".⁶¹ Maura assumiu a Presidência da Sociedade Auxiliadora dos Moços e passou a ser professora da Escola Dominical. Estava muito ligada ainda à Igreja Presbiteriana e escrevia com a finalidade de mostrar aos jovens que a mocidade acabara e que era preciso valorizar os ensinamentos da Igreja. Seus textos jornalísticos apresentavam caráter religioso, e esse era o objetivo do jornal.

É freqüente encontrar citados na página de aniversários dos jornais de Florianópolis os irmãos de Maura em suas respectivas datas natalícias, como também a própria Maura. Na página "Sociaes" do número I do jornal, *O Atalaia* cumprimentou a colaboradora, elogiando-a:

Srta. Maura de Senna Pereira

Completo, no dia dez deste mês, mais um ano de vida a distinta senhorita Maura de Senna Pereira.

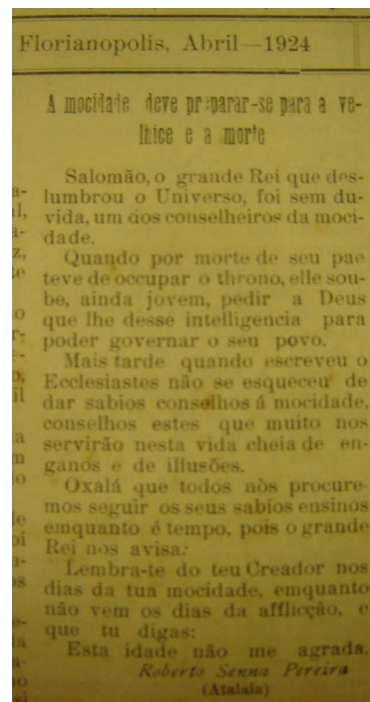
A aniversariante, que vem desempenhando com inteligência e brilho o cargo de presidente da fruturosa Sociedade de Moços da nossa muito amada Igreja é, pelas suas peregrinas e belas qualidades, estimadíssima por todos que têm o prazer de sua privança.



⁶¹ PEREIRA, Maura de Senna. Meu aplauso aos bravos Atalaias. *O Atalaia*. Março de 1924, p.1.

"O Atalaia", que tem a senhorita Maura de Senna Pereira como uma de suas colaboradoras, sente-se feliz em cumprimentá-la, pedindo a Deus que lhe conceda perenes bênçãos.

Texto de Roberto de Senna Pereira, irmão de Maura.



Na segunda edição de *O Atalaia*, no mês de abril, há um artigo de Roberto de Senna Pereira, o irmão jornalista, intitulado "A mocidade deve preparar-se para a velhice e a morte". O irmão contava apenas dezessete anos.

À medida que o tempo passava, o trabalho jornalístico de Maura era ampliado; novos jornais e, nesses, intercalava textos sobre seus familiares (homenageando-os por algum motivo), respondia cartas de leitoras, exaltava a ilha de Florianópolis e abordava assuntos que envolviam sentimentos e, principalmente, textos feministas, como *Volvamos nossas vistas para o porvir*.

Em julho de 1926, quem recebe o seu carinho é a irmã Carmem, que no dia quatorze de julho completava treze anos. Maura escreveu:

A ti, irmãzinha Carmem, o meu sorriso amigo e caricioso: acolhe-o, querida, com amor e com jubilo, pois ele é a saudação de minha alma ao natal teu, à data dos teus anos. Ele leva para o teu rosto todos os meus

ósculos sem fim e à tua vida de pequenina mulher-abelha, laboriosa e risonha, conduz todas as minhas bênçãos exultantes.

(...)

O meu sorriso te beija, o meu sorriso te abençoa!

Maura

Em 1925, então com vinte e um anos, foi redatora e colaboradora da Revista do Centro Catarinense de Letras, a partir do segundo número. A Revista tinha por objetivo ser o porta-voz de suas

aspirações e registrar a cultura catarinense. O preconceito racial e social de antes não era mais constante, Cruz e Sousa havia garantido seu lugar e seus poemas eram publicados na revista do Centro.

Trabalhou para os jornais *Folha Nova*, *O Josefense*, *O Tempo e República* em 1926.

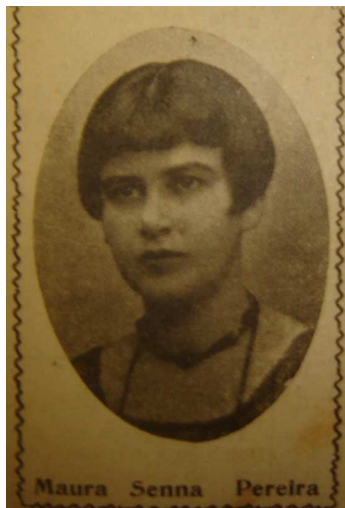
13/11/1927 - *Folha Nova*



O *Folha Nova* iniciou sua publicação no dia dezoito de novembro de 1926, tendo como diretor proprietário Crispim Mira, jornalista muito querido em Florianópolis. O jornal tinha como propósito denunciar injustiças. Já no *Ano I, Número I* do jornal, foi publicado o seguinte texto, a fim de esclarecer ao leitor seu propósito:

Preferimos informar a comentar, preferimos elogiar a censurar, mas não elogiaremos o erro, nem censuraremos o bem. Em qualquer caso, desejamos ser, sempre, oportunistas, tolerantes e corteses. Temos um horizonte: a bondade, o afeto ou o cavalheirismo em todas as emergências e o júbilo da vida em todas as situações. É nosso ideal congraçar, construir, resistir à treva e homenagear a luz. Dê-nos o povo, seu amparo, e certo que não soçobraremos em meio da jornada.

Cumprindo a promessa, assim, denúncias que o levaram à morte foram feitas pelo proprietário - assassinado no ano seguinte, em fevereiro de 1927, defendendo seus ideais.



O escritor catarinense Francisco José Pereira relatou esse episódio, que ficou marcado na história catarinense no livro *As duas mortes de Crispim Mira*. Por meio de buscas em muitos documentos da época e também de pesquisa de como vivia a sociedade naquele tempo, recriou o ambiente para os personagens reais e fictícios.

Na apresentação do livro, a escritora catarinense Eglê Malheiros escreveu:

Ao lado, Maura em *Folha Nova*.

(...) os homens da imprensa (as mulheres eram raras e corajosas exceções) levavam uma vida instável e arriscada. As lutas políticas, na maioria das vezes, traduziam condições intra-oligárquicas e os problemas sociais eram "caso de polícia".

Aqueles que detinham o poder tratavam a imprensa de duas maneiras: a pão-de-ló quando a controlavam; a chicote e à bala quando não lhe punham rédeas. Empastelar jornais era esporte muito em voga.

Ao descrever Florianópolis na década de 20, Francisco José Pereira cita, entre outros, o *Café Java*, na Praça XV, que era o local onde se encontravam os políticos locais, os profissionais liberais, magistrados, etc.; esse local era concorrido e requintado por essas pessoas. Também havia o *Café Commercial*, no Mercado Público, sem o refinamento do primeiro, mas com serviço especial e quitutes de ótima qualidade. Maura de Senna Pereira é uma das personagens. No capítulo LV, o narrador diz:

Maura de Senna Pereira era professora do Curso Complementar anexo ao Grupo "Lauro Muller" e já reconhecida como *dedicada educacionista e um dos perfis de maior destaque de nosso meio literário(...) dona de grande inteligência, e, sem dúvida, a mais forte mentalidade do meio feminino*, na definição do Jornal *O Estado*.

Maura residia numa agradável casa, à frente uma varanda acolhedora de confortáveis cadeiras. Foi ali, no fim da tarde, que recebeu Hugo e Bruno Otávio. Mais jovem do que eles, Maura era bonita e inteligente, e se conduzia com aquela determinação de quem decide reescrever, sem ajuda de Deus, seu próprio destino.⁶²

⁶² PEREIRA, Francisco José. *As duas mortes de Crispim Mira*. Florianópolis: Lunardelli; F.C.C. Edições, 1992. p. 98.

Maura trabalhou para o jornal *Folha Nova* desde o primeiro número, com a seção *A La Garçonete*, de sua responsabilidade. Crispim Mira, antes do trágico ocorrido que o levou à morte, traça o perfil da escritora:

É um punhado de luz, a cintilar num corpo esbelto e forte. Talvez seja, ao sul do país, uma das maiores mentalidades femininas. Apaixona-se possivelmente, por algum exagero, por seu ideal libertário. Mas suas frases, como dos mananciais cristalinos e sussurrantes, jorra-se magnífica sinceridade. Posto não de [?] ao luxo de desenhar corações lábios e [...] róseas auroras faces, não perdeu, ainda, a graça donaire do sexo. Fala com fulgor, escreve com originalidade e brilho. Mas percebe-se que procura conter-se e destrói muito dos seus ímpetos de arte, para não ferir demasiado as restrições ambientes. E é meiga, acessível, franca arrebatada. Externando sempre uma encantadora feminilidade. No lar faz de provida formiga. Entre os intelectuais, é pequeno astro despreendendo luz. Convívio selecionado com os livros e com os espíritos fortes há de fazê-la breve, a maior das catarinenses.⁶³

Estas palavras do jornalista revelam que, muito jovem, Maura era valorizada pelo colega por seu desempenho de jornalista e escritora. E foi muito grata por tudo que Crispim Mira lhe fez, pois ele abriu as portas do seu jornal, foi até a casa da jornalista, juntamente com sua esposa, convidá-la para trabalhar no jornal. Inicialmente deu-lhe a seção *A La Garçonete*, uma página de mulheres. Depois, o jornalista quis que Maura lecionasse e é por essa época, em 1927, que se encontra no jornal *República* o anúncio: "Maura de Senna Pereira - Aulas particulares - Rua Crispim Mira, 7".

⁶³ Jornal Folha Nova. Seção *A 'La Garçone*. 1926.



Nos artigos de *A La Garçonete*, Maura destacava as jovens mulheres, tecendo elogios às mesmas. Em seu primeiro artigo sobre Zilda Costa, em dezenove de novembro de 1926, escreveu: “É teosofista, tem o entusiasmo da emancipação feminina e sonha, de olhos semicerrados, entre espessas sobrancelhas negras, um mundo à parte, esquisito, transbordante de beleza e fé. (...)”.

Quando *Folha Nova* completava um ano, em dezoito de novembro de 1927, comemorou o aniversário e agradeceu às muitas pessoas que visitaram o jornal a fim de parabenizá-lo, apesar de seu fundador não mais se encontrar presente. Maura foi uma das ilustres visitas que *Folha Nova* recebeu e foi destaque na primeira página, juntamente com Celia Wendhausen, Rainha dos Moços, e o Dr. Walmor Ribeiro. Na segunda página, as duas mulheres foram referidas com o artigo “A graça feminina - Célia e Maura”.

A Acadêmica Maura publicou, nesse dia, no mesmo jornal:

Caro leitor, tu também já te deste um dia, em que esqueceste por algum momento as lides da política ou das lutas do esporte, ao trabalho - que para mim é um prazer - de ir visitar a exposição de mentes de ouro da intelectualidade de Santa Catarina.

Se não o fizeste, que nos valeremos ambos mutuamente de nossas sapiências de “cicerone”, em país quase desconhecido para mim.

Olha, cada vitral destes tem atrás de si um vulto cujo cérebro de ouro resplandece...



Nessa página de Maura encontram-se fotos e escritos de muitos intelectuais de Santa Catarina, "cérebros de ouro", como salientava Maura: Acadêmico Dr. Oliveira e Silva, Acadêmico Dr. Joe Collaço, Colbert Malheiros, entre outros.

O Josefense - 14/02/1926

Para o jornal *O Josefense*, Maura publicou textos em 1926. Em quatorze de fevereiro desse ano, foi publicado novamente o texto sobre feminismo *Volvamos nossas vistas para o porvir*, com seu nome e especificando: "Do Centro Catharinense de Letras". E foi no ano de 1927 que Maura aderiu à causa em favor das professoras que, na época, não poderiam ser casadas. Para ela, isso era uma expressão maior de desprezo à mulher. No Hotel Moura realizava-se uma Conferência de Ensino e ela esteve à frente de um movimento para pôr fim a essa lei que impedia a mulher de trabalhar sendo casada. Mesmo contando com a ajuda do deputado Arthur da Costa, o movimento, no entanto, não obteve sucesso, pois o líder do governo, deputado Marcos Konder, expôs suas razões para não atender a proposta da Conferência: "as professoras casadas trazem embaraços à Instituição Pública". Demorou ainda alguns anos para que essa lei

Jornal O Tempo - janeiro de 1926



fosse derrubada, mas Maura não desistiu das causas em favor das mulheres.

Dos jornais de Florianópolis, *República* foi onde se encontrou um número maior de publicações de Maura; neste, trabalhou desde 1926 até 1933. Órgão do Partido Republicano, *República* tinha como diretor geral Tito Carvalho que, além de jornalista e escritor, era membro da Academia Catarinense de Letras. Maura fazia parte do corpo de redatores, juntamente com Barreiros Filho, Antenor Moraes e Baptista Pereira.

A escrita de Maura nos artigos jornalísticos apresentava um tom poético. Em doze de outubro de 1926, falou às crianças em seu dia (repete em 1927) através do texto *Anjos*. "Crianças da minha terra: beijos com todo o carinho que, se acolhe na minha alma afetuosa de mulher, com o meu coração a pulsar junto dos coraçõezinhos vossos, com a minha vida debruçada sobre as vossas vidas em botão... Beijo-vos suavemente, demoradamente, maternalmente... (...)"

04/01/1929 - *República*

Ainda no *República*, na coluna *Artes e Letras*, em julho de 1927 foi Samuel quem recebeu o afeto através das palavras de Maura. "(...) Há dias que ouves falar nos teus anos, na festinha do teu natal, há dias que escutas um mundo de palavras afetuosas sobre a tua minúscula pessoa - amado reizinho, no entanto, do nosso lar (...)"



Além do tom poético, que deixava os textos mais encantadores, Maura demonstrava muito carinho, dedicação e muito gosto pelo trabalho que realizava. E o mesmo carinho recebia, como se vê no texto de João da Penna, publicado em cinco de janeiro de 1927, inteiramente dedicado à Maura:

Beijo-lhe, agradecido, as mãos pela bondade com que me dedicou os seus brilhantes conceitos de pensadora e artista, respeito ao Amor e ao Proletário.

O primeiro é assunto complexo, espécie de estátua Nabucodonossor, dividida de jeito que o material vário signifique a dignidade de estados da alma.

Há a inveja, o egoísmo, a renúncia e a paixão veemente e iluminada na sua sinceridade.

O segundo pede observação, por que lhe conheçamos o ritmo, na obscura luta em que vige e morre.

No seu coração cabem a piedade e o compadecido sentimento de solidariedade que não esquecem os que sofrem.

A pena que traceja estas linhas pouco amáveis na sua crueza, talvez, tem o orgulho de já haver, em numerosos artigos, batido a boa causa a favor do operariado.

No sul catarinense é ele uma força, desagregada, sufocada pela fome, brutalizada pela dor, sem consciência de que tem direitos estabelecidos, nem do que logrará conseguir, através da união indestrutível, debaixo do espírito de associação.

Que linda campanha aí está!

Bela e patriótica!

Educá-lo, arrancando à resignação que o desfibra, que o mecaniza, que o torna humano unicamente no lar, em horas de descanso, ao amoroso carinho da prole, o organismo cansado, a alma entristecida na desesperança dos vencidos, que frutos opimos não produziria!

Aos intelectuais cabe a tarefa de meter ombros à luta, soerguendo-o, galvanizando-o, safando-o a atonia em que mergulha mais e mais.

(...)

Maura dizia que a mãe Amélia possuía o dom de encantar com suas histórias fantásticas; a filha escritora possuía também esse dom de encantar, só que através de textos, discursos e ao declamar suas poesias.

Educada de acordo com a Igreja Presbiteriana, era comum em seus textos a religiosidade. Em outubro de 1928, escreveu: "Este domingo... como todos os domingos, significa que os devotos rezam (...) todos nós, religiosos de todas as seitas (...)". Em nove setembro de 1929 escreveu na coluna *Vida Social* do *República* um diálogo entre mãe e filho:

Afilhadinho das rosas

O pequenino trigueiro subiu para o seu colo, fez-lhe carícias, dirigiu-lhe perguntas. Ela, muito a custo, sorriu o seu sorriso de mãe, mas as lágrimas continuaram a rolar, dolorosas, irrefreadas, dos seus belos olhos rasgados, que possuíam uma qualquer coisa de religioso e de longínquo que fazia pensar nos olhos das mulheres bíblicas.

O pequenino trigueiro não se conformou. Queria-lhe o sorriso sem lágrimas, aberto, luminoso, dos outros dias. Redobrou então as carícias, repetiu então as perguntas. Subiu-lhe para o ombro, feito um cântaro, e beijou-lhe depois, entre travesso e triste, as lágrimas que enchem os seus dois lindos aquários verdes.

- Por que tu choras tanto hoje, mãezinha? É verdade que assim ficas mais bonita, isso é verdade. Mas eu não gosto de te ver chorar.

Ela conteve um soluço e alisou-lhe o capacete negro e inquieto dos cabelos.

- Meu bebezinho!

- Minha boneca! E ficas ainda mais bonita quando estás chorando. Mas eu não gosto de te ver chorar porque sei que, assim, tu tens uma dor qualquer no coração. Mas escuta uma coisa de que eu me lembrei agora: aquela santa moça que está lá no oratório, sabes? - com um crucifixo todo enfeitado de rosas...

E o pequenino trigueiro bateu palmas, como se tivesse recebido o mais rico presente no natal.

- Ah! Agora eu sei que as de ficar alegre como dantes, porque tu mesmo me disseste que ela é muito, muito poderosa... Escuta, eu vou lá, e vou rezar assim, bem baixinho, olhando para ela: 'Santa bonita, eu peço à senhora que minha mamãe não tenha mais vontade de chorar' ...

Zaura e Ruth - 1932

Nesse texto, realçou, por meio de uma criança, a importância da fé, comprovando que ainda acreditava na religiosidade e que os ensinamentos da Igreja ainda estavam presentes em Maura. É comum poemas dessa época que falam sobre Deus e a religião; publicou poemas de vários autores com esse tema, como no poema *Minha Religião*, de Mieta Santiago, publicado em três de outubro de 1931, na página *Domingo Literário*.

Até o início de 1931, publicou artigos para o jornal *República e*, a partir dessa data, foi destaque com *Domingo Literário*, página que a consagrou e que manteve sob sua responsabilidade até 1933, quando se mudou para Porto Alegre. Semanalmente, trazia poemas e textos em prosa de vários autores. Foi no dia três de maio de 1931 que se deu a primeira publicação de *Domingo Literário*, e nesse dia, Maura explicou:



Aqui, neste pequeno parque de ritmos, o qual semanalmente abriremos para que nele passeie, graças ao muito dominical privilégio de passear, a curiosidade boa de nossos leitores - haverá a nobre árvore velha de passadas escolas e também os rebentos ousados da arte moderna.

Tendo a preocupação regional de apresentar as rosas catarinenses, não deixaremos, no entanto, de possuir também as frondes robustas que são as criações dos grandes escritores deste nosso grande Brasil, bem como a bizarra florescência da poesia nova e, até mesmo, algumas belas ramarias do pensamento estrangeiro.

Maura não privilegiou nenhum estilo literário em sua coluna, publicando poemas de autores românticos, simbolistas, parnasianos ou modernistas. A todos acolheu. Com o propósito de diversificar, nesse primeiro dia trouxe um soneto de Araújo Figueiredo, *Lenda de um beijo*, um poema em língua espanhola da uruguaia Juana de Ibarbourou - tornou-se conhecida pela sua poesia como Joana da América - sob o título *Cenizas*, o texto em prosa *Escolha*, de Henriqueta Lisboa, *Poemas Modernos*, de Carlo Paloma (*Momento música*) e do pernambucano Ademar Tavares (*Pensar*) e, finalmente, três poemas em prosa de Álvaro Moreira.

Assim, ganharam espaço poetas de todas as escolas literárias e de todos os lugares. Sua escrita sempre foi moderna. Mesmo que o Modernismo tenha demorado a chegar em Florianópolis, Maura escreveu apenas alguns sonetos em sua vida, o mais eram versos livres, ricos em poesia. No entanto, não deixou de publicar poemas de autores românticos, parnasianos ou simbolistas. Em dez de maio de 1931, quem ganhou destaque foram os catarinenses. Escreveu:



Aqui está o que é nosso. A terra catarinense abrindo-se em emoção, em ritmo, em pensamento. Aqui está um pouco da nossa seiva e um pouco do perfume que sobe dos nossos chãos adolescentes. Na ternura ou na meditação desses trechos em prosa e verso, inéditos uns e outros, está a nossa própria alma, na ânsia esbelta de um completo personalismo, ancharcada pela luz que desce de nosso céu ilustre, dizendo a toda gente: Eu mesma.

Ao lado, reportagem sobre Aç Coelho – República, 13 de setembro de 1927.

Assim, a jornalista traz Odilon Fernandes, Othon d'Eça, Carlos Côrrea,

Oswaldo Mello, Laércio Caldeira de Andrade, sendo que deste está grafada sua

assinatura, e a própria Maura, com o texto em prosa *Alegria*. Muitos dos textos de Maura, publicados em jornais e revistas, não foram publicados em seus livros e continuam inéditos.

Em 12 de julho de 1931, encontram-se em sua página poemas de escritoras que Maura chama de "Musas Americanas": Rosalina Coelho Lisboa, novamente Juana de Ibarbourou, Henriqueta Lisboa, Adelaide Crapsey, Olga Acevedo de Castilho, Rosário Sansores e, da República de Salvador, Alice Lardé de Venturino.

Muitos outros nomes de poetas e escritores conhecidos apareceram nas diversas publicações de *Domingo Literário*, como Rabindranath Tagore, Carles Dornier, Edgard Alan Poe, com o conto *Retrato Oval*, Monteiro Lobato, Raul Pompéia, Érico Veríssimo, Manuel Bandeira, Barreiros Filho, Laércio Caldeira de Andrada, Gilca Machado, Maria Eugênia Celso, Acy Coelho, Maria Lacerda de Moura e, entre tantos outros, Dorval Lamote, o futuro Marido.

Destacou também "Os nossos grandes mortos", sempre evidenciando os escritores e a cultura catarinense. São eles: Luis Delfino, Cruz e Sousa, Crispim Mira, Carlos de Faria, Araújo Figueiredo e Lacerda Coutinho.

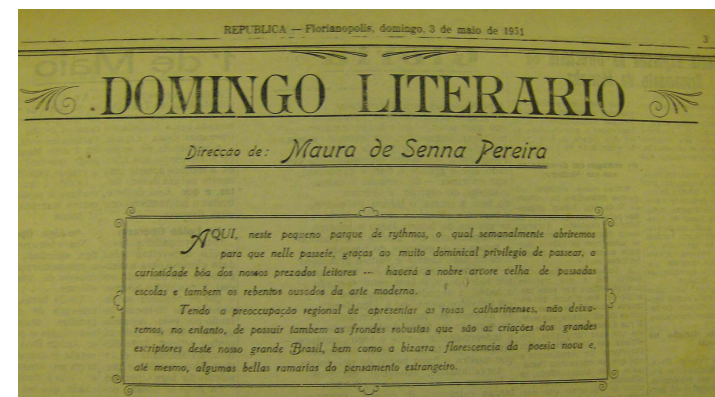
Maria Eugenia Celso escreveu para Maura o poema *Femina*, que foi publicado em treze de setembro de 1931, no Domingo Literário:

Para Maura de Senna Pereira

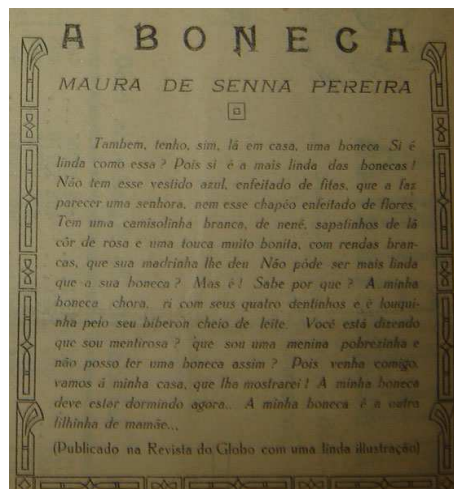
Eu recebi o teu sorriso, Maura
Esse lindo sorriso que traduz
Uma alma de entusiasmo e esperança,
Que já começa a se sentir profunda
Nessa aura
De espiritualidade a que circunda
De uma tão clara e promissora luz!

Eu recebi, sorrindo, o teu sorriso,
Raio de sol de uma vivaz manhã,
Tão límpido e tão
quente,
Que mais não foi
preciso
Para que, de
repente,
Ó sonhadora, se
sentisse irmã!

Domingo Literário - 03/05/1931

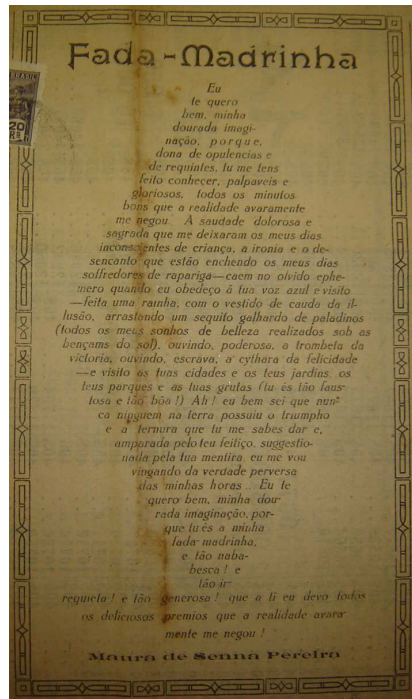


O jornal *A Semana*, no qual Maura trabalhou entre 1928 e 1930, tinha como diretor gerente Oscar de Oliveira Ramos.



Também, tenho sim, lá em casa uma boneca. Se é linda como essa? Pois se é a mais bela das bonecas! Não tem esse vestido azul, enfeitado de fitas, que a faz parecer uma senhora, nem esse chapéu enfeitado de flores. Tem uma camisolinha branca, de nenê, sapatinhos de lã cor de rosa e uma touca muito bonita, com rendas brancas, que sua madrinha lhe deu. Não pode ser mais linda que a sua boneca? Mas é! Sabe por quê? A minha boneca chora, ri com os seus quatro dentinhos e é louquinha pelo seu biberon cheio de leite. Você está dizendo que sou mentirosa? Que sou uma menina pobrezinha e não posso ter uma boneca assim? Pois venha comigo, vamos até a minha casa e eu lhe mostrarei! A minha boneca deve estar dormindo agora... A minha boneca é a outra filhinha de mamãe.

Maura de Senna Pereira. *A boneca*. Publicado em *A Semana*, no dia 28 de agosto de 1930.



Revista *Vida Doméstica* - 1931
Na capa,
Maura de Senna Pereira



Jornal *A Semana*





Revista *O Globo*



Foto de Maura com Laércio Caldeira de Andrada
(de óculos)



Acima, ao centro da foto: Maura de Senna Pereira.

Acy Coelho - Revista do Centro Catarinense - 1929.





Escritoras e artistas brasileiras reunidas para a fundação de uma sociedade de arte. Ao centro, sentada, a pintora Sarah de Figueiredo.

Maura é a segunda, sentada, da esquerda para a direita.

Tarde Castro Alves. Maura está em pé, atrás da irmã de Castro Alves, Adelaide Castro Alves - 1931.

(ACERVO: ACL)





Maura com as irmãs



Assinatura de Érico Veríssimo



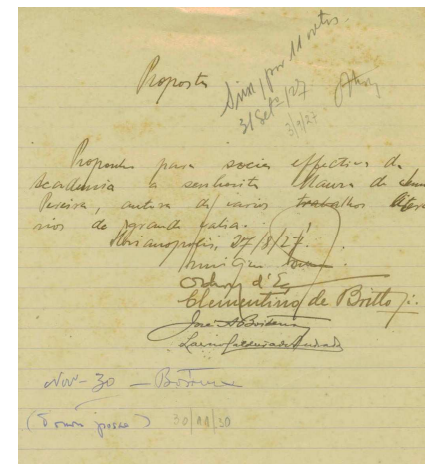
A princesinha das Letras

Jornalista excelente, Maura trabalhava tão bem quanto os colegas do sexo masculino. As palavras de Crispim Mira no primeiro número do jornal *Folha Nova*, em fevereiro de 1927, de certa forma antecipavam o sucesso que estava perto de acontecer. Crispim Mira sabia que estava diante de uma jovem de talento e sucesso garantido.

Othom d'Eça



Não demorou muito para Maura ser indicada para a casa dos imortais. A indicação por Henrique Fontes, Othom d'Eça, Clementino de Brito e Laércio Caldeira de Andrada foi feita em 27/08/1927. Após trabalhos literários de grande valia para esses literatos, fizeram a proposta para sócia efetiva da Academia Catarinense de Letras, sendo que em três de setembro foi eleita pela unanimidade dos presentes, num total de onze votos.



Proposta dos membros da Academia

A posse de Maura na Academia Catarinense de Letras aconteceu três anos depois, em 30/11/1930. O *República* informou detalhes sobre o acontecimento em 02/12/1930. Segundo o jornal, Maura entrou para a cerimônia acompanhada de Nereu Ramos e José Dinis. O Palácio do Congresso, hoje Assembléia Legislativa, encontrava-se repleto de autoridades e pessoas do meio social, entre elas muitas mulheres. A mesa da Diretoria achava-se ornada de flores naturais; à frente do edifício tocava a banda musical do 14º Batalhão e em seu interior, a banda de música da Força Pública.

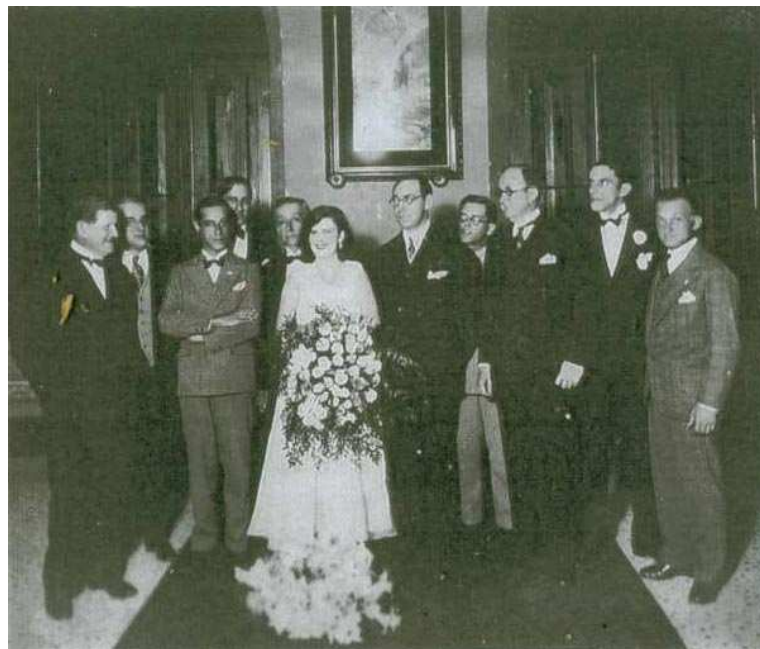
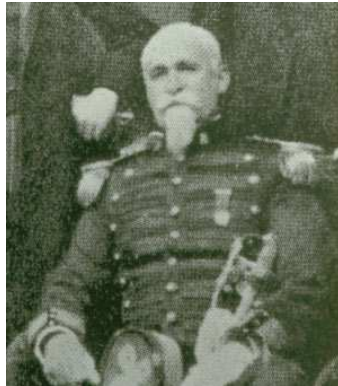


Foto da posse da Cadeira n°. 38 da Academia Catarinense de Letras.

No discurso de recepção de José Boiteux (ex-professor) é permitido perceber que o estado de Santa Catarina estava aberto para receber as mulheres intelectuais, pois sabia que elas iriam em muito enriquecer as atividades sociais.



(...) As reivindicações femininas, sobretudo, caminham a passos largos. Nossas gentis patrícias fazem questão de mostrar que a elas não cabe só a missão da graça e da beleza; entram a cooperar com o homem no terreno, que até hoje lhe foi reservado, da atividade política e social. (...)

A eleição da senhorita Maura de Senna Pereira para a Academia Catarinense de Letras de seu estado representa não só uma vitória do feminismo, mas também da inteligência da mulher catarinense.

General Roberto Trompowsky

Ao entrar, Maura foi aplaudida durante alguns minutos. O *República* explica que após tomar seu lugar, proferiu seu "lindo e magnífico discurso" e foi ouvida com emoção pelos presentes. Conclui em meio a "aclamações vibrantes, ruidosas e demoradas, recebendo, por essa ocasião, lindas *corbeilles* oferecidas por seus admiradores e admiradoras".

No discurso, Maura falou da honra de estar recebendo a coroa, da amargura e dos sacrifícios com a perda do pai "quando era menina e moça, mais criança que mulher" e idolatrou o seu patrono, Roberto Trompowsky. Finalmente disse:

Deixe-me ainda sonhar:

Eu edifiquei a minha tenda sobre um pedaço de terra ensolarada. Estou sozinha com a minha arte, que é simples como eu própria cheia de falas de

criança, poemas de amor, espumas de pensamento. E a minha tenda é de rosas. E o meu sonho é de fogo e mel e arde na minha testa e canta na minha boca. Mas, em torno de mim vela uma multidão de lanças e de escudos, de elmos e de broquéis. São os grandes méritos varonis do meu Patrono: é a sua vontade construtora de homem, é o seu garbo altaneiro de soldado, é a sua erudição profunda de cientista, é o seu apostolado sereno de mestre.

(...)

Quando a paixão pelas artes começou a florir na minha alma em flor de adolescente, eu sonhei, com a fantasia a galopar, percorrendo num minuto os anos e os lustros, feita uma princesa louca, de tranças orgulhosas desmanchando-se aos ímpetos do vento; eu sonhei que havia de entrar para a vossa assembléia, numa noite assim, abençoada de estrelas, com a minha cabeça toda branca e toda gloriosa.

Deixai-me recordar esse sonho, que eu repeli como a um pecado e que vejo realizado agora de um modo diverso: porque, se trago a lembrança vazia de louros fartos a tombarem-me pelo vestido, trago, no entanto, a minha mocidade. E, sentindo-a palpitar no meu sangue e no meu coração de mulher, eu prometo, eu juro - aqui, na companhia aristocrática dos vossos espíritos - que, dominando a formiguinha que tenho sido, ah! hei de ser, mais do que nunca, a cigarra ignorante e alada a cantar, para a alma da minha terra e para a ilusão da minha vida; e cantar, escrava de uma dor obsediante ou castelã de uma alegria jovem; e cantar, no encontro de mim mesma e na simplicidade de um ritmo novo - o velho sonho da beleza eterna.

A intelectual foi saudada pelo presidente Sr. Desembargador José Boiteux, que expôs os méritos da nova acadêmica e de seu patrono, o matemático General Roberto Trompowsky, discurso esse publicado no *República* em 31/12/30.

A segunda mulher a ocupar uma cadeira na Academia Catarinense de Letras foi Delminda Silveira, catarinense que nasceu em 1854 e faleceu em 1932. A poetisa tornou-se professora de Português e Francês no Colégio Coração de Jesus, de Florianópolis, lecionando até uma idade avançada; "preocupava-se com o ensino e com os *bons princípios* da época". Segundo pesquisa feita por Zahidé Lupinacci Muzart, Delminda Silveira ficara ressentida por não ter sido a primeira mulher a ocupar o cargo acadêmico. Diz Zahidé: *Maura foi uma mulher bonita e sua poesia trazia, para a época em Santa Catarina, algo de novo, um pouco na linha de erotismo de Gilca Machado. É de presumir que Delminda, já com 77 anos e com muitas publicações, se ressentisse, com justa razão, dessa tardia escolha, que demonstra um esquecimento injusto de quem se dedicara por toda a vida às letras e ao ensino.*⁶⁴

Delminda Silveira



Ainda não havia publicado seu primeiro livro quando Maura tomou posse na Academia Catarinense de Letras e era notícia em vários pontos do país. Era jovem e bonita, enquanto Delminda Silveira era uma escritora com 77 anos, sem a beleza da juventude de Maura. Além disso, Maura era muito vaidosa, andava bem arrumada, cabelo bem penteado, colares e brincos e jamais saía de casa sem batom. Assim foi sempre. Essa escolha da primeira mulher na Academia revelou machismo por parte dos homens acadêmicos, que deixaram Delminda Silveira em segundo plano.

⁶⁴ MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*: antologia. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. p.637.

A primeira acadêmica catarinense conseguiu cada vez mais espaço como jornalista, escritora e mulher. Sua página no jornal *República* e seus textos eram conhecidos em vários pontos do país e a posse foi assunto em jornais e revistas brasileiras. A Academia Carioca, e outras, que até então não aceitavam mulheres, agora seguiam o exemplo da Academia Catarinense. No entanto, a Academia Brasileira de Letras somente em 1977 deu espaço a uma mulher. Em quatro de agosto Raquel de Queiroz foi eleita e, em quatro de novembro, ocupou a cadeira nº.5.

Maura era declamadora que encantava o público. Logo após seu ingresso na Academia, viajou para o Rio de Janeiro no paquete Carl Hoepcke, em companhia da esposa do diretor da Penitenciária de Florianópolis, Dr. Donato Mello. A viagem foi notícia nos jornais de Santa Catarina e da Capital da República.

Por essa época, escrevia para algumas revistas do Rio de Janeiro. A amiga e escritora Acy Coelho, que desde o início da carreira de jornalista de Maura admirava sua escrita, a convidou para hospedar-se em sua casa, no Rio. Foi em época de férias. Lá, realizou seu recital de poemas em prosa no Estúdio Nicolas, apresentada pelas senhoras Maria Eugenia Celso e Acy Coelho e pela senhorinha Henriqueta Lisboa e senhores Paschoal Carlos Magno, Mario Poppe e Dinis Júnior. Todos, autores muito importantes. A imprensa comentava o acontecimento: o *Diário da Noite* anunciava: "É hoje, às 21horas, no 'Studio Nicolas', que a jovem e festejada escritora catarinense realiza seu recital de poemas em prosa". O *Jornal do Comércio* previa o sucesso: "Com tais padrinhos, pode-se prever o êxito que alcançará tal audição". O *Diário Carioca*: "Na geração nova de escritoras brasileiras, a senhorita Maura de Senna Pereira tem o seu lugar marcado, como expressão das mais fortes da cultura catarinense...". O *Correio da Manhã* publicou, após o recital, como foi o acontecimento. A sala iluminada e cheia de flores no Studio Nicolas... apresentada ao público por Maria

Eugenia Celso, filha do conde Afonso Celso; "a escritora disse debaixo de aplausos os seus poemas em prosa, de um intenso sabor moderno, nos quais não se sabe o que mais apreciar, se a sutileza da técnica nova ou se os motivos de amor que se valeu a encantadora 'diseuse', que foi uma musa inspirada e terna... ingressou na ilustre Academia Catarinense e que é tida como uma das expressões mais altas do feminismo intelectual da sua terra (...)"⁶⁵

Obteve sucesso e, a pedidos, realizou outros recitais e com isso seu nome estava se tornando muito conhecido na imprensa e, entre os intelectuais do Brasil, se tornara a *Princesinha das Letras Catarinenses*. Em entrevista para o jornal *Dia e Noite*, do Rio, deu os nomes dos mais festejados da Academia Catarinense de Letras. Maura sabia da dimensão de seu sucesso e, ao retornar para Florianópolis, manifestou aos leitores do *República* a alegria que sentiu ao ver seu nome ser solicitado para recitais e eventos de festas lítero-musicais, como foi a "Tarde Castro Alves", entre outros. Seu nome agora figurava entre os nomes das principais escritoras brasileiras. Seu contato com poetisas brasileiras como Acy Coelho, Maria Eugenia Celso e Henriqueta Lisboa tornara-se maior e foi muito querida entre elas.



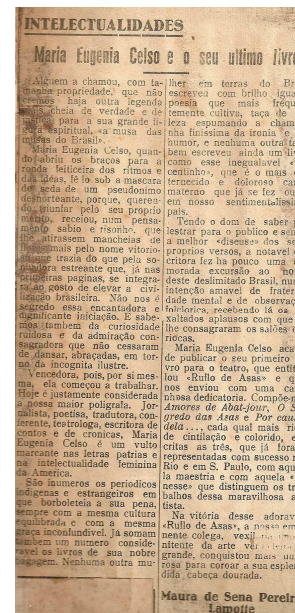
Recorte sem referência.
(ACERVO:ACL)

⁶⁵ BEROLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Florianópolis: A.C.L., 1993. p.82-83.

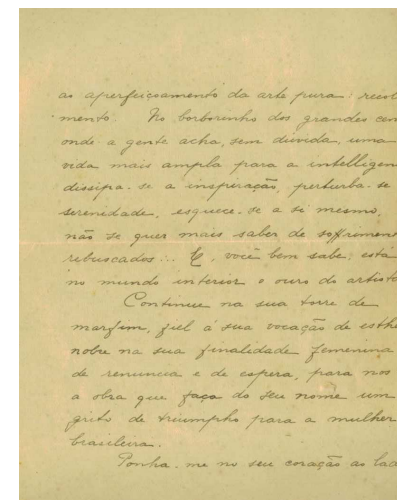
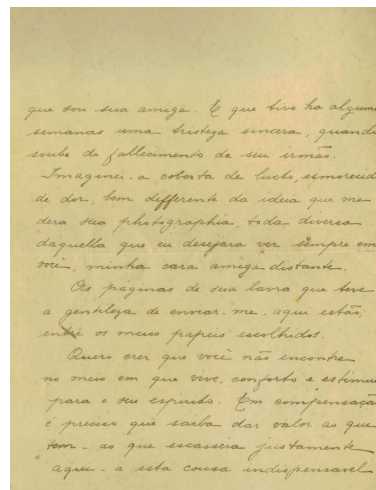
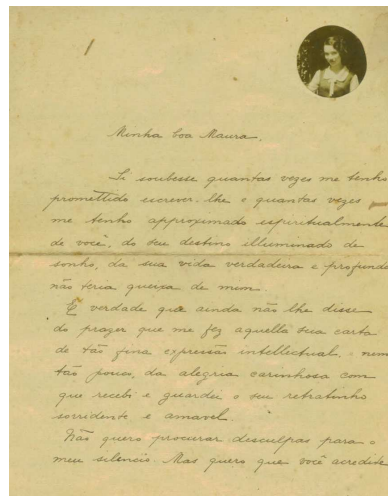
O ano de 1931 chegou e foi marcante para Maura. A jornalista anunciou seu noivado, publicou seu primeiro livro, *Cântaro de Ternura* e se casou no último mês do ano. Esses acontecimentos foram importantes na vida de Maura, no entanto, chegou a repudiar o primeiro livro. Mais tarde iria declarar ser contra a Academia. Justificava dizendo que era muito restrita aos moldes da Academia Brasileira de Letras, que seguia a Francesa. Para Maura, a Academia era ultrapassada. O argumento da escritora por ter aceitado uma cadeira: "eu não era gente quando entrei lá".⁶⁶

Foto de Maria Eugenia Celso em jornal com texto de Maura de Senna Pereira Lamotte.

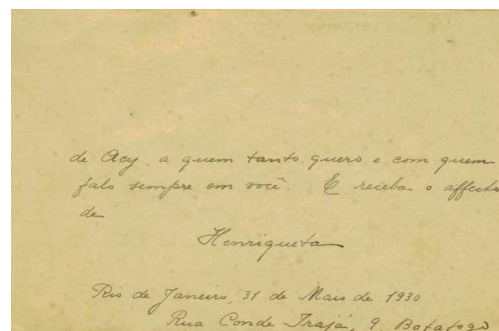
Porto Alegre - Década de 30
(ACERVO: ACL)

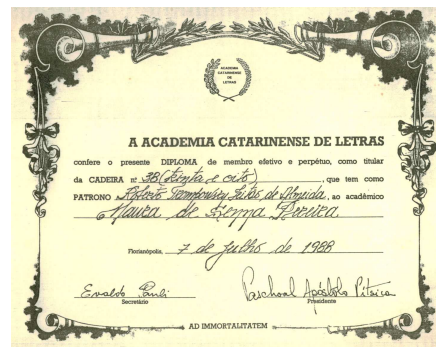


⁶⁶ Uma poeta corpo a corpo com a vida. In: *Jornal da Cultura*. jul.1990. op. cit.



Carta da poetisa e amiga Henriqueta Lisboa - 1930
Henriqueta mostra solidariedade à amiga com a morte do irmão Carlos.





Diploma de Maura - ACL



A poetisa e amiga, Henriqueta Lisboa.



À esquerda, foto de Maura a bordo do navio Carl Hoepck, em viagem para o Rio de Janeiro, onde ficou por um período de um mês.

(ACERVO: ACL)

O casamento

... é o animado símbolo que eu contemplo e adoro, perante a única assistência das horas...

Costumo olhá-lo com um humilde olhar de monja, com um olhar lírico de enamorada, enquanto minhas mãos o enfeitam de perpétuas, que a mim me parecem materializadas devoções...

Olhar murmúrio de rezas, ó meu gênio bom, que invoca a tua benção para o meu sonho em genuflexão, ígneo, purificado, súplice, musical; e para as religiosidades sacrílegas do meu pensamento, plasmadas pelo teu pensamento; e para as harmoniosas beatitudes da minha alma, noiva e escrava de tua alma...

... mudas, sagradas, as Horas espiam o enlevo e a contrição fetichista que eu voto ao teu retrato num humilde olhar de monja, num olhar lírico de enamorada...

Teu retrato - Maura de Senna Pereira



Maura e Dorval Lamote

Teu retrato. Textos como este, publicado no *República* em seis de maio de 1928, revelam uma jovem enamorada, romântica e sonhadora, confiante num amor verdadeiro. Estava com vinte e quatro anos, Maura buscava um amor.

Conheceu Dorval Lamotte em Florianópolis. Por essa época, já fazia parte dos imortais de Florianópolis e trabalhava para ajudar no sustento da família. Lamotte era natural do Rio Grande do Sul e estava de passagem em Florianópolis quando leu um texto de Maura. Segundo entrevista a *Coloca Grangeiro*, Maura explicou:

Depois ele me contou que por ocasião de uma manifestação no 5 de julho, onde eu ia falar - também porque eu sempre falava -, presidida pelo Nereu Ramos, ele leu o que eu escrevi. E comentou: 'mas esta senhora aqui, como escreve bem!' - E responderam: 'não, não é uma senhora, é uma moça, olha ela vai passando lá' ... eu não dava a menor bola, mas começou assim. Ele olhou, gostou do tipo, procurou saber onde eu morava e começou a levar flores.

Lamotte era Acadêmico de Direito, nasceu em 21 de agosto de 1903, em Bagé, RS. Escrevia artigos para jornais; ao interessar-se pela jovem catarinense, soube o que fazer para cativá-la. "Visitas, flores, mentiras. O noivado não demorou, o *Cântaro de Ternura* estava para sair. E saiu antes do dia do casamento".⁶⁷ O rapaz foi persistente até ganhar sua atenção e o seu amor.

No *República*, em 1931, encontravam-se textos do acadêmico, e no dia 21 de agosto desse mesmo ano, constava na página de aniversários:

Passa hoje a data natalícia do acadêmico gaúcho Sr. Dorval Lamotte, nosso distinto colaborador.

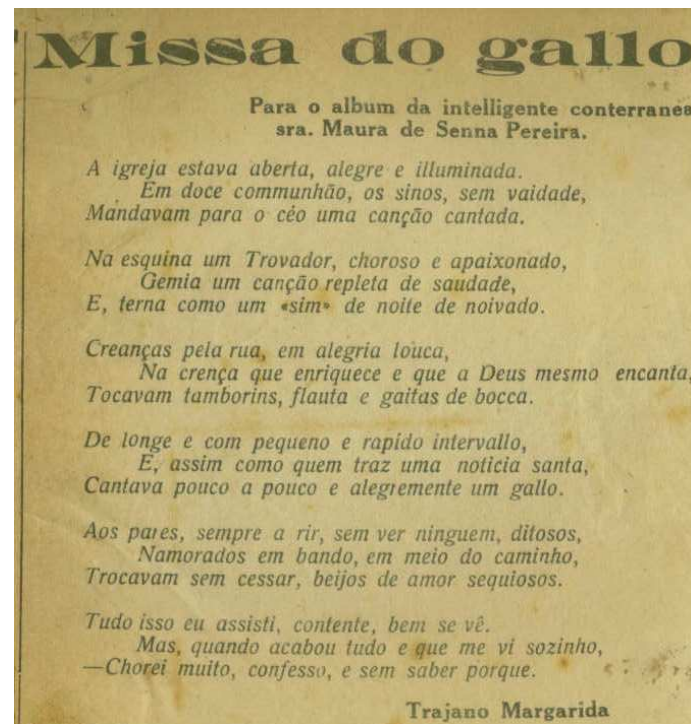
Estando há algum tempo em nossa Capital, o talentoso aniversariante já conquistou um largo círculo de relações e mereceu há pouco de nosso público uma verdadeira ovação quando se fez ouvir na sessão cívica em homenagem à memória do imortal João Pessoa.

Serão, pois, muitas as felicitações que receberá dos que largamente admiram a sua palavra eloqüente e o seu realismo revolucionário.

Lamotte era colaborador do *República* e as palavras acima mostram quanto já era apreciado por muitos florianopolitanos. Foi no dia do aniversário de Lamotte, em 1931, que aconteceu o noivado entre ele e Maura.

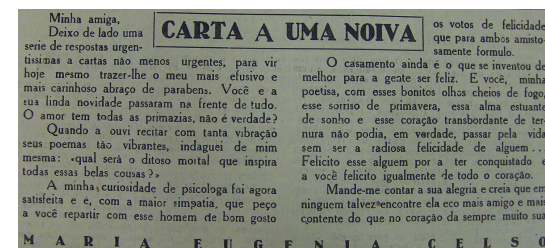
⁶⁷ *A saga de Maura*. Entrevista. In: JUNKES, Lauro (org). *Poesia reunida e outros Textos*. Coleção ACL, 2004, p.311.

Em novembro, poucos dias antes do casamento, foi impresso o primeiro livro de Maura, *Cântaro de Ternura*, no qual se encontra a referência: "Acabado de imprimir aos trinta dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e trinta e um, nas oficinas gráficas da Livraria Moderna, de Paschoal Simoni S.A. - Florianópolis. A capa é de Correia Dias".

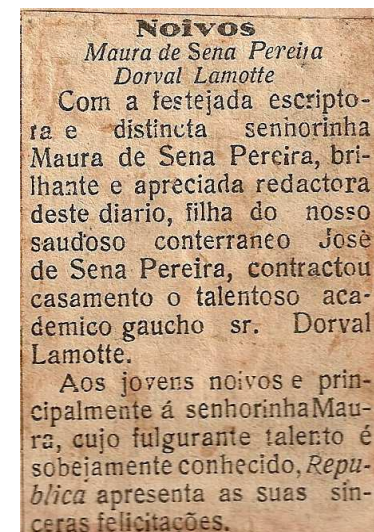


Ao lado, texto de Trajano Margarida, escrito para Maura.

Abaixo: carta de Maria Eugenia Celso a Maura, saudando a amiga pelo noivado. Publicado no *Domingo Literário* - outubro de 1931



Em cinco de dezembro o casamento se realizou. *República* noticiou no dia 09 de dezembro de 1931: "Enlace Dorval Lamotte - Maura de Senna Pereira", explicando os horários e os locais do casamento no civil e religioso, e também os padrinhos dos noivos.



Recorte de jornal, no qual Amélia Senna Pereira comunica o
noivado da filha. Abaixo, foto dos noivos.
(ACERVO: ACL)



Lembrança do enlace

Foto dos noivos



Notícia do
casamento no jornal

República
05/12/1931

**Enlace Dorval Lamote-
Maura de Sena Pereira**

Realisar-se-á hoje civil e religiosamente o enlace matrimonial da distinta escritorasenhorinha Maura de Sena Pereira, filha do saudoso conterraneo José de Sena Pereira, com o academico riograndense sr. Dorval Lamote.

O ato civil terá lugar ás 19,30 horas na residência da exma. viuva d. Amelia Regis de Sena Pereira, á rua Gal. Bittencourt n. 17.

Servirão de padrinhos, por parte da noiva, o sr. dr. Nerêu Ramos, diretor deste diario, e sua exma. esposa d. Beatriz Pederneras Ramos, e o sr. Otavio de Oliveira, diretor do Tesouro do Estado, e sua exma. esposa d. Edwirges Torres de Oliveira; por parte do noivo, o sr. dr. Manoel Pedro Silveira, secretario d'Estado dos Negocios d'Interior e Justiça e a exma viuva d. Amelia Regis de Sena Pereira e o sr. cirurgião dentista Achiles Wedekindos Santos e sua exma. esposa d. Regina Miranda dos Santos.

O ato religioso se realisará as 20,30 horas, na Catedral, sendo celebrante o exmo. e rvm. d. Joaquim Domingues de

Oliveira, arcebispo metropolitano.

Paraninfarão o ato por parte da noiva o industrial sr. Luis Gonzaga Valente e a exma. sra. d. Marta da Silva Simas e por parte do noivo o sr. dr. Nery Kurtz, chefe de Policia do Estado, e gentilissima senhorinha Yara de Sena Pereira.

Conduzirão as almofadas e alianças respectivamente as interessantes meninas Maria do Carmo Mira Gomes, filha do sr. Alfredo de Oliveira Gomes e Maria Nazareth Salomé Pereira, filha do sr. dr. Heitor Salomé Pereira.

A consagrada virtuose do canto sra. Ondina Simone Gheur cantará uma Ave-Maria.

Ao jovens e ilustres conjugues «Republica» apresenta os seus mais sinceros votos de felicidades.

38

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Estado de Santa Catarina Comarca e Município de Florianópolis

PRIMEIRO SUB-DISTRITO DA CAPITAL

Registro Civil - Títulos - Documentos e Pessoas Jurídicas

FERNANDO CAMPOS DE FARIA OFICIAL IOLÉ FARIA DE SOUZA OFICIAL MAIOR

Zulma Luz de Faria, Rute Maya Barbosa Duarte e Benevenuto Nascimento Neto
Escreventes Juramentados

Palácio da Justiça - Fone 22-6633 - Ramal 112

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que à fls. 38v do livro nº B=(14) de Registro de Casamentos sob o termo nº 263 consta o assento do matrimônio de Dorval Lamote e Maura de Sena Pereira realizado aos 05 de Dezembro de 1931, nesta Capital no prédio nº 17 da rua General Bittencourt, às 19:30 horas, perante o Juiz de Paz e de Casamentos Meior Gustavo da Costa Pereira e as testemunhas Nereu Ramos-Beatriz Paderneira Ramos-Manoel Pedro da Silveira-Amelia Regis de Sena Pereira.

Ele, nascido em Bagé-RS aos 21 de Agosto de 1903 com anos de idade, profissão Acadêmico de Direito filho de Paulo Lamote e de Dona Lidia Lamote

Ela nascida Nesta Capital aos 10 de Março de 1904 com anos de idade, profissão Professôra Normalista filha de José de Sena Pereira e de Dona Amelia Regis de Sena Pereira a qual passa assinar-se Maura de Sena Pereira Lamote

Observações: Casaram-se pelo regime da Comunhão de bens

Vide-Verso (Dasquite)

O referido é verdade e dou fé.

10/3/1904

Florianópolis, 13 de Outubro de 1927

OFICIAL

Certidão de casamento de Maura.

ACERVO: ACL

No dia nove de dezembro, a notícia do enlace recebeu uma página especial do jornal, dando os detalhes do casamento. Maura casou-se com o acadêmico de Direito Dorval Lamotte às 19h30min no civil e às 20h30min no religioso. O ato civil realizou-se na casa da mãe viúva, Amélia, à Rua General Bitencourt, 17, com a presidência do juiz, Sr. major Gustavo Pereira. Serviram de padrinhos da noiva o Sr. Nereu Ramos, presidente do diretório central do Partido Liberal Catarinense e diretor do jornal *República* e sua esposa D. Beatriz Pederneiras Ramos e o Sr. Otávio Oliveira, diretor do Tesouro do Estado e sua Exma Esposa D. Edwirges Torres de Oliveira. Os padrinhos do noivo no civil foram o Sr. Dr. Manoel Pedro da Silveira, secretário do Interior e Justiça e a Exma viúva D. Amélia Régis de Senna Pereira e o cirurgião dentista Sr. Achiles Wedekindos Santos e sua Exma esposa D. Regina Miranda dos Santos.

O ato religioso foi realizado na Catedral, tendo como celebrante Frei Evaristo Schurmann, que leu a mensagem do Exmo Arcebispo Metropolitano. Segundo o jornal, o templo estava literalmente cheio. Os padrinhos da noiva foram o Sr. Luiz Gonzaga Valente e a Exma Sra. D. Marta Silva Simas. Por parte do noivo foram padrinhos o Sr. Dr. Néri Kurtz, chefe de polícia do Estado e a gentil senhorinha Yara de Senna Pereira.

As almofadas e alianças foram conduzidas pelas meninas Maria do Carmo Mira Gomes e Maria Salomé Pereira. Após a cerimônia religiosa, os noivos seguiram para a casa da mãe da noiva para receberem seus convidados. O *República* forneceu em detalhes a lista dos presentes que o casal ganhou dos convidados para o enlace.

A partir desta data, Maura assinou a sua página *Domingo Literário* usando o sobrenome do marido. Os textos que escreveu manifestam muito amor por ele.

Recorte da década de 30

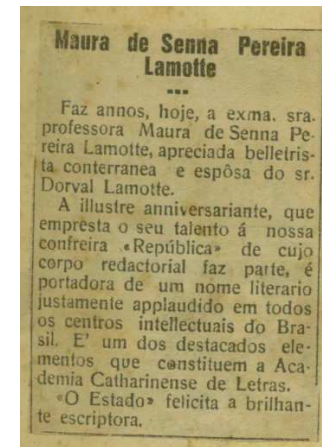
O casal viveu pouco tempo em Florianópolis, pois Dorval Lamotte precisou assumir um cargo em Porto Alegre e teve que mudar de cidade, mas Maura se recusou a ir com o marido. Por insistência de sua mãe, que não queria ver uma filha separada, foi morar em Porto Alegre, mas não foi feliz. Em entrevista, contou como o marido era violento:

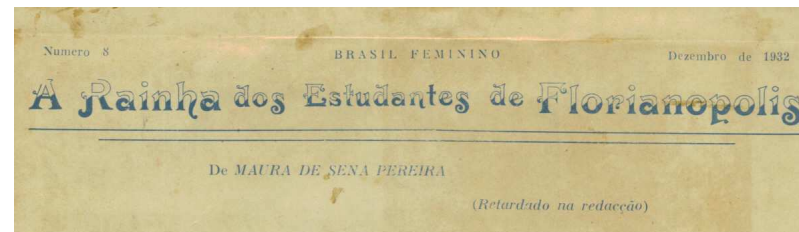
Ele era um sujeito que não prestava. Mas de qualquer forma eu nem queria casar com ele e nem ir para Porto Alegre, mas... pensava... também levada pelo sexo...(...)

Ele estava longe de ser o meu tipo. (...)

Aquele homem era um hipócrita, um demônio de

ciumento. Eu acho que era doença, ele funcionava com dois revólveres. Sim, os revólveres estiveram apontados para mim muitas vezes.





Em Porto Alegre, Maura continuou sendo professora, lecionando Português, e escrevendo para jornais gaúchos. Na curta estadia nessa cidade produziu apenas um livro, *Discursos*, por essa época, a poesia ficara de lado. A vida de casada parece ter-lhe eliminado a veia poética.



À esquerda: cartão de Maura, quando residia em Porto Alegre.

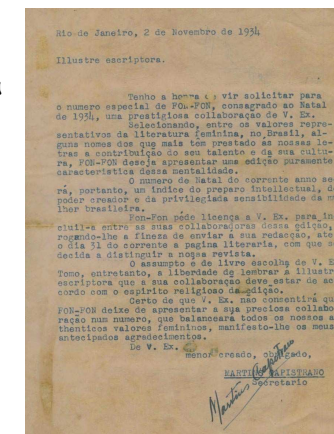
Permaneceu pouco tempo



casada; Maura não pôde prosseguir com o casamento ao lado de um homem tão aciente. Antes de viajar para Porto Alegre, Lamotte queria que Maura pedisse exoneração de seu cargo de professora na Escola Complementar, o que não aconteceu. Diante de tanta violência contra a escritora, deixou o marido e voltou para Santa Catarina. Em Florianópolis, abriu um pequeno curso e ministrava aulas para turmas que iriam fazer concurso. Os poemas voltaram a fluir, e ela voltou a publicá-los em revistas e suplementos. Mas permaneceu pouco tempo em sua

cidade natal. Quando foi para o Rio de Janeiro, sua vida mudara completamente, pois naquela cidade não havia tanto preconceito como na pequena Florianópolis.

Carta da revista FON-FON solicitando a colaboração de Maura para o número de Natal de 1934.



Revista Vida
Capixaba - 1932
Revista Do Globo

Maura:

No meio da balburdia bato apressadamente este bilhete para acusar o recebimento de sua carta de 22 e para lhe dizer da satisfação que senti ao saber notícias suas.

V. receberá os livros da Editora por intermédio do Departamento de Publicidade ao qual estou mandando o seu nome e endereço.

Nada de novo ppr aqui. Trabalha-se muito.

Obrigado também pelas suas palavras amigas sôbre o meu livro.

Perdoe o laconismo deste bilhete. Quâzera eu ter tempo de escrever-lhe uma longa carta. Mas o telefone est á aqui a gritar, gente a entrar e sair do escritório. Que remédio?

Creia na admiração de quem lhe aperta a mão cordialmente

Erico Verissimo

Bilhete de Érico Veríssimo (Sem data) Fonte: ACL

Maura de Senna Pereira



Maura de Senna Pereira, essa creatura interessante e espiritual que sabe escrever e dizer poemas bonitos, acaba de viver o dourado fêcho dos contos de fadas: "E a Princesinha de olhos tristes casou-se finalmente com o Príncipe Encantado dos seus sonhos."

Maura acaba de contrahir nupcias. E' a noticia que nos vem de Florianopolis e que a "Revista do Globo", que tem sempre na querida poetisa catarinense uma colaboradora valiosa, regista com grande jubilo... e com uma pontinha de chime.

Maura de Senna Pereira é hoje a senhora Lamote.

Que o novel casal tenha uma vida clara e feliz, reflexo encantado desses mesmos contos de fadas em que tudo é romance, magia, luminosidade e graça...



De nome, todo o mundo a conhecia, porque ella andou pondo o encanto suave de seus versos nestas paginas. Faltava apenas o retrato, para quem não pôde ir ve-la em Santa Catharina. Está ahí, agora. Para confirmar. Porque a gente já tinha imaginado que ella havia de ser assim mesmo. Que havia de ter esse geiinho garoto, dizendo de longe:

"Você estava com saudades de mim, da sua meiga e triste samaritana, da sua sulamita lyrica e desventurada?"

Cântaro de Ternura

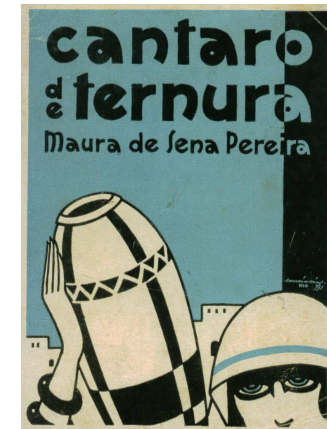
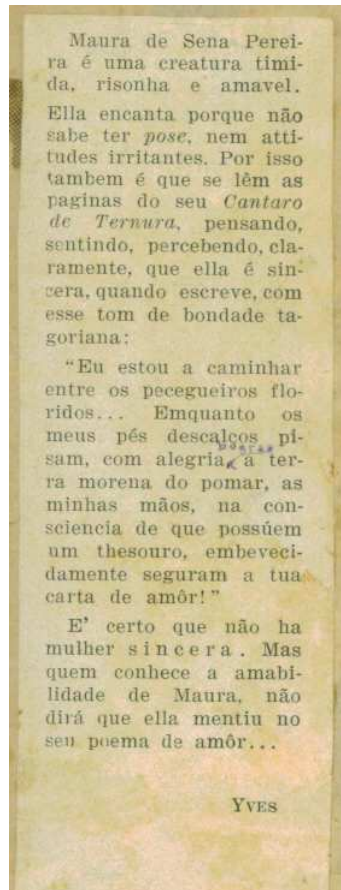
O sucesso do livro *Cântaro de Ternura* só veio reafirmar o talento da *Princesinha das Letras*. Seu nome apareceu mais na imprensa e jornais noticiaram o

lançamento. Na época, não havia tarde de autógrafos e o lançamento foi simples, mas muito festejado. Nas livrarias e nos jornais estava uma nova foto de Maura.

Foi uma edição primorosa lançada pela Livraria Moderna, com capa ilustrada por Correia Dias, marido de Cecília Meireles. Os dezoito poemas em prosa,

com exceção do último, falam do amor de uma mulher apaixonada, que por vezes é correspondida, outras sofre por esse amor.

Sobre a obra, diz Léo Júnior, de *O Dia*: "(...) transbordante de poemas em prosa, gemas de finíssimo louvor, onde a sensibilidade artística da autora se impõe à admiração do mundo intelectual". *O Pharos*: "uma coletânea de onde é difícil destacar o melhor porque todos se equivalem no valor da idéia e da forma". Ribeiro Pontes escreveu para o *República e Liberal*, de São Francisco: "são as rosas que engrinaldam a inteligência, ricas de sonoridade e acentos raros". *Cântaro de Ternura*: esse é o título que Maura de Senna Pereira, cintilante artista da prosa, oferece aos admiradores do seu peregrino



talento".⁶⁸

Os acadêmicos catarinenses também não deixaram de elogiar a escritora e, tanto em Porto Alegre como em outros estados, também foi notícia em jornais e revistas. No Rio Grande do Sul, a revista *Renovação*, o jornal *Correio do Povo*, o *Diário Popular* de Pelotas, *O Cachoeiro*, a *Revista do Globo*, o *Diário da Noite*, todos elogiavam a jovem catarinense. Da *Academia de Letras do Rio Grande do Sul* e do *Instituto Histórico*, Dante de Laytano comenta:

"Cântaro de Ternura" é um livro macio quase místico, mas dum místico leve e gracioso. Poetisa numa ilha sonhadora, guardando o encantamento sublime do mar, ela encara a sensibilidade dessas criaturas que namoram as ondas... Seus poemas são como os arrepios das águas, têm a música delicada e sussurrante... Maura escreveu uma série deliciosa de poemas em prosa. Quintessências, impregnadas ainda daquele grande poeta negro, que foi Crus e Sousa. (...)

Em Vitória do Espírito Santo, o *Diário da Manhã* escreveu sobre a poesia feminina de Maura.

A Gazeta e Correio do Sul (Cachoeiro do Itapemirim) também teceu elogios à poetisa. Do diretor da *Revista Capixaba*, de Vitória, recebeu carta dizendo ser o Cântaro um livro "vibrátil e intensamente feminino... que a samaritana vai levando para sua casa, consagrando a sede feliz da boca úmida e amada que lhe inspirou aquela descida à fonte de Jacob, maravilhosa da sua feminilidade".⁶⁹

Foi capa da *Revista Capixaba*, e a sua foto apareceu em página inteira com a legenda:

⁶⁸ BERTOLINO, op. cit. p.103-104.

⁶⁹ BERTOLINO, op. cit. p.110.

MAURA DE SENNA PEREIRA

A artista sensibilíssima de um dos livros femininos mais lindos. Foi ela quem trouxe ao ombro, transbordante, derramando-o na alma da gente o "CÂNTARO DE TERNURA"...

No Rio de Janeiro Maura já era conhecida na imprensa com sua página *Domingo Literário*, pois em Florianópolis muitas vezes trocara com jornalistas com os quais era colaboradora. O *Diário de Notícias*, a revista *FON-FON*, o *Correio do Povo*, *O Malho*, o *Jornal do Brasil*, entre outros, comemoravam a chegada do livro. Também a imprensa argentina e uruguaia noticiou o lançamento do *Cântaro de Ternura*, chegando a publicar poemas traduzidos para a língua espanhola.

Na entrevista *A saga de Maura*, ela comentou sobre o livro: "Casamento desastrado, mas o livro pingando seiva, tocado pela exuberante natureza de Jurerê Mirim. Alegro-me em confessar que a minha terra catarinense engravida as páginas do livro".



Acaba de aparecer :

cantaro de ternura

(poemas em prosa)

Livro da brilhante escritora catarinense

Maura de Senna Pereira

Preço 4\$000

1931 - Maura de Senna Pereira



cantaro de ternura
Maura de Senna Pereira



Cantei hontem numa grande festa.
Cantei hontem e chamaram-me de gloriosa.
Vi então que os teus olhos, que são dois trovadores, scintillaram de ciume, como dois astás.
Eu saboreei o castigo dos teus olhos ciumentes, rindo, rindo do teu engano!
Ah! pensa então, enamorado dos meus cabellos e das minhas mãos, pensa então que a minha gloria está ali, naquellas palmas e naquellas flores?
A minha gloria está no teu amor. Está nos madrigaes da tua presença. Está nas cartas da tua saudade.
Eu era uma avozinha tímida e solitaria, friorenta e triste. Tu chegaste numa abençoada manhã e deste-me a alegria e a peúcia do teu amor. Tornaste-me a tua irmã e a tua namorada.
Ah! não tenhas mais ciumes da minha falsa gloria, porque somente conheço a gloria verdadeira quando tu dizes que eu sou a mais querida de todas as mulheres e habes com a tua mão esta agulha samaritana do meu cantaro de ternura!

A sugestão do azul

Uma pagina de mulher, cheia de intelligencia e de ternura. Da senhorita Maura Pereira, escreveu Carlos Rubens: E' uma das intelligencias mais fulgurantes de Santa Catharina. Dirige a Pagina Literaria da "Republica". Pertence á Academia Catharinense de Letras. E, segundo confessa, lendo a "Revista Souza Cruz", em criança, foi que sentiu nascer-lhe o gosto pelas letras. Quando ha mezes esteve no Rio, deu com successo um recital á imprensa, no studio Nicolas. Vem de sair do prelo o seu livro de estréa: "Cantaro de Ternura". E, accrescentamos nós, é um bello livro.

Nesta manhã lyrica, em que o sol, como um artista, desenha arabescos prateados sobre as aguas cantarolantes da cascata e, como um deus, abençoa a cabelleira crespa das arvores — sabes de que me lembro?

Nesta manhã lyrica, em que o céu está contente consigo mesmo e põe no nosso olhar um reflexo da sua alegria azul e em que os passaros libertos e ignorantes, sobre as galharias rendilhadas deste bosque, can-

nosso farnel selvagem — sabes de que me lembro?

Nesta manhã lyrica, em que tu espalhas sobre os meus cabellos fartos mancheias de flor de grumixama e de amoras verdes e em que até me pareces um cacique, dono destas mattas farfalhantes e dono dos bellos cocáres dos meus pensamentos — sabes de que me lembro?

Eu me lembro deste glorioso impossível:

DOMINGO LITERAR

Direção de MAURA DE SENA PEREIRA

Poemas do livro "cantaro de ternura"

o sentido da

minha gloria

Cantei ontem numa grande festa,
Cantei ontem e chamaram-me de gloria.

Vi então, que os teus olhos, que são dois
trovadores, cintilaram de ciúme, como dois
satãs.

Eu saberei o castigo das teus olhos
ciumentos, rindo, rindo do teu engano!

Ah! pensas então, enamorado dos meus
cabellos e das minhas mãos, pensas então
que a minha gloria está ali, naquelas pal-
mas e naquellas flores?

A minha gloria está no teu amor. Está
nos madrigais da tua presença. Está nas
cartas da tua saudade.

Via, florentina e triste. Tu choraste numa
abençoada manhã e deste-me a alegria e a
pelucia do teu amor. Tornaste-me a tua ir-
mã e a tua namorada.

Ah! não te chamas mais ciúmes da minha



a misteriosa

cista

Deste que me falaste naq-
rriosa cisterna, meu coração se
mais. Vite nutrido a vida e a
ir até lá, como um peregrino
de sede, para beber na cisterna
a agua iluminada da verdade.

Mas tenho tanto medo de ti

Vamos nós dois, de mãos
duas crianças curiosas, vencer
impérios ou lateando cantos
de reseda, até a cisterna, má
entesoura a agua iluminada.

Meu coração já conhecia a
ões deliciosas da beleza, mas
da tua palavra adorada — nei
meu príncipe e meu pastor, me
— fêtu desistir ainda esse outo
mento.

Mas tenho tanto medo de

Vamos nós dois, de mãos
duas crianças curiosas, vencer

Recortes sem referência

Fonte: ACL



FELICIDADE

O velho bateu com o seu bordão. Parou, cansado, diante daquela casinha verde em que se trepadeiras se enroscavam, estendendo, de quando em quando, os seus jasmim e as suas espumas. Olhou então aquela casa sacro protegida de farras, no alto do monte, sem outras casas ao redor, como uma grande flor solitária e orgulhosa, e pensou, num arreio supersticioso, que ali com certeza moravam fadas.

— Já na segunda vez o vento abriu-se a porta e uma cara bonita de mulher surgiu, num riso muito humano e sumo, vos muito melancólico, querendo, sem velhice, dizer, tremendo, ainda, histérico: — É a sua Zeda, não é?

A mulher da casa verde enroscada de trepadeiras via no monte e, alçando a porta de par em par, falou ao velho anciano, com uma vozinha rabe...
 Na rede dormia um esqueleto de mezes, com um leve sorriso na bordinha da boca, como se estivesse a sonhar com as águas.
 — É o meu filhinho. Lido como os amores, não acha? Pois ele é o retrato de uma garotinha. No entanto, os olhos são de meus, retrata olhos de jacobitica madura...
 O velho teve a certeza, então, de que não estava um encontrado e estava diante de criaturas humanas.
 — Tenho fome e tenho sede... falou ele, olhando os olhos áreos da sua generosa hospedeira. A mulher da casa verde enroscada de trepadeiras trouxe ao interior da casa, e colocando sobre a sua mesa abançada uma toalha muito branca, serviu-o, como si fosse Jesus que a visitasse, do seu pão e do seu vinho.
 Um choro de criança interrompeu o silêncio que se fizera. Então ela foi falar o filhinho, orgulhosos, nos braços, amores.
 — Não, não, não, não, apontando-lhe a rede.
 — Está farto, agora descanse o seu corpo cansado.
 O vilante de cabelos de neve estava maravilhado. Enquanto descansava, a mulher da casa verde enroscada de trepadeiras sentiu-se brotar a rede, com o filhinho aconchegado ao regaço.
 — Já viveu contente, morando aqui, longe das criaturas?
 — Escuta... disse ali... Eu, um dia, sou e o meu amado, que é um generoso forte, trouxe-me para aqui e Deus mandou-me este filho. Foi um dia feliz. Minha varinha de condão, é o meu amor. Eu toco a varinha e a beleza desta casa verde. Meu marido beijou-me pela manhã, eu digitei ao ouvido dele, três doces, sou feliz e meus das suas beatauras e ele montou no seu cavalo inventivo, e parte e vai lutar, e vai vencer e volta, depois, quando a tarde é um punhado de ouro, mais amoroso e mais belo. E eu fico contemplando a beleza, como criança e como filho, a cantar, doída de abertur, como si tivesse guiza sacerdos na garganta e no coração. Quando chegado, eu estava, olhada, sou não acordar o pensamento. E logo mais, quando o meu amado voltou, vancei não doer, eu com o filhinho nos braços, ele abraçou-me a cintura, passou entre as macieiras em flor... Acha ainda que devo ter a saudade de morrer?
 — Mas para que o seu marido beirete e molhe no ruidor?
 A mulher da casa verde, enroscada de trepadeiras sorriu mais uma vez e falou mysteriosamente para ali.
 — É para lavar o nome Amor da inveja dos homens! E por que aqui, sem velhice... ainda não adrihista? — mora a Felicidade...

Mantiga de Seminal Repente

PAULO WERNECK: ILL. UNT.

Quasi do outro lado

Era assim a carta daquele que ia voluntariamente para a morte:

"Meu amigo, eu, resolvi morrer! Cerrar os olhos á realidade negra, á realidade malvada que os fados e os homens me têm feito palpar todos os dias — e morrer! Cerrar os olhos á alegria gloriosa e honesta que só tenho conhecido através do milagre incompleto e torturante do sonho — e morrer!

Imagino as interpretações que hão de cair da boca miseravel de todos quantos me fizeram mal e da boca estulta dos que se regalam com os acontecimentos mais ou menos sensacionais que vêm aflorar ao seu ambito.

Tresloucado eu serei para a comoda observação de uns tantos e serei um covarde para os que ignoram as esbeltas acrobacias da minha coragem ante as perfidias mais covardes, ante os assaltos da fome na minha pobre tenda, ante os assaltos da fome na minha pobre alma.

Um tresloucado e um covarde... Que importa se a mim mesmo, concientemente, atrevidamente, dou um rótulo oposto? Que importa?

Meu amigo eu resolvi morrer! Ao defrontar, — o que mesmo eu irei defrontar daqui a alguns instantes? — ao defrontar o nada ou a eternidade, devo levar no rosto

REVISTA DO GLOBO

a marca pronunciada de todas as decepções. Mas no meu olhar sem vida é impossível que não fique vivendo a pena enorme de desconhecer os encantos da vida...

Chego, pois, agora á razão precisa e verdadeira do meu gesto vitorioso de suicida: não é só a revolta de minhas dôres inauditas que me leva á morte; é mais, é muito mais, é infinitamente mais a revolta de me terem sido negadas as belas delicias compensadoras, das quais me tornei digno, mais talvez que qualquer outro — gritam-me todas as celulas, todas as energias, as bravuras todas do meu pensamento e do meu coração!

Sim! Coube-me apenas a taça do absinto. Os favos de mel, como forças vivas e perversas, fugiam ao reclamo de meus lábios amargos para se enfileirarem mais apeteciveis ante a caricia longinqua do meu olhar... Esperar ainda? Mas eu sinto que se me aniquilaram as possibilidades de resistencia e os clarões humanos da esperança. E amo demasiado a beleza do meu heroismo anonimo para não querer manchá-lo de lamentações ou de fraquezas e, por isso, a essa covardia ou a essa loucura, preferi a beleza da renuncia total.

Adeus, meu amigo! Vem tu ao menos velar com fraterna compreensão a minha carne ensanguentada e deixa que, para consolo unico nesta hora final da minha existencia exilada da alegria, eu possa repetir: meu amigo!"

Maura de Sena Pereira

Quase do outro lado: texto de Maura - Revista O Globo

Cântaro de Ternura é de um primor criado por uma jovem escritora de vinte e sete anos. Em 1931, o amor florescia nessa jovem ardente, que acreditava poder ser feliz ao lado de um grande amor.

Ressurreição diz:

(...) nesses momentos terríveis da minha pobre juventude em flor, eis que tu chegas nos teus lindos versos e te debruças todo para a minha alma em transe
(...) os teus versos foram quase um milagre de Jesus...

Como nos textos jornalísticos, também em seu primeiro livro muitas palavras bíblicas estão nos poemas, fruto da educação religiosa que acompanhou sua vida, desde o nascimento: "abençoada manhã", "crucificações", "meu príncipe e meu pastor", "panteísmo", "os salmos da tua reverência", "meu amor é todo feito de obediência e de religião", "cantavam hosanas e evoés às doidades do deus vitorioso", "uma grande festa pagã", entre outros.

Mesmo com tanto sucesso, mais tarde Maura repudiaria esse primeiro livro; sequer considerava o primeiro, pois chegara numa época triste de sua vida. Havia perdido o irmão Carlos um ano antes do lançamento; sentia uma dor imensa e foi assim que, inconformada, surgiram os primeiros momentos de revolta contra Deus e a religião. Essa revolta despertou a atenção de um vizinho chamado Ênio, um rapaz de muita cultura e inteligência. Aquela jovem revoltada com a vida, com Deus, com tudo que havia acreditado até então, deixou o rapaz compadecido e, sem saber o que fazer para ajudar, passou a visitá-la e, com isso, houve um namoro. Foi inspirada nesse breve romance que Maura escreveu *Cântaro de Ternura*. Justificava que o livro fora escrito nessa época; estava enamorada pelo rapaz e, assim, o livro seguia uma linha romântica, mais para

moderna, mas não era poesia. Além da perda do irmão, o livro foi lançado no ano de um casamento fracassado e que lhe trouxe muita infelicidade, por isso trazia uma história que não gostava de lembrar.

Em 1933 contou um pouco de sua história através do poema *Miragem*:

Vesti a minha alma de esperança, pus ao ombro um cântaro dourado
e fui correndo, com aquela ansiedade com que em pequena
eu perseguia as borboletas,
até a fonte em que cantava a água de alegria.

Fui correndo, correndo como uma doida.
Meus cabelos escuros sentiam as carícias do ar perfumado da manhã
e meus olhos estavam iluminados de esperança.

Tinham me falado na fonte da alegria
e eu tinha pressa de encher o meu cântaro.

Abençoei a vida quando cheguei ao meu destino
e vi correr, entre flores do mato, a água por que eu suspirava.

Cheguei até a fonte minha boca vermelha e bebi com sofreguidão.

Depois, com olhos luminosos de esperança e meus cabelos
escuros sentindo as carícias do ar perfumado da manhã,
enchi alegremente o cântaro dourado.

Voltei então para minha casa querendo cantar...

Mas a minha boca só disse amarguras
e meus olhos se encheram de lágrimas.

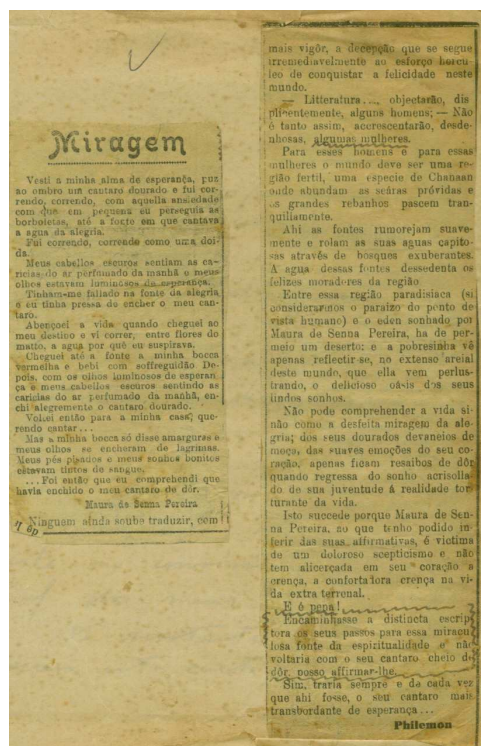
Meus pés pisados e meus sonhos bonitos estavam tintos de sangue.

...Foi então que eu compreendi
que havia enchido o meu cântaro de dor.

Cântaro de Ternura foi sucesso, mas houve quem não aceitasse sua poesia, como Trajano de Souza que, no jornal *A Época*, de Lages, mostrou-se contra o panteísmo de Maura.

O poema *Miragem* também rendeu comentários negativos. Maura acabara de passar por uma decepção amorosa ao escrever *Miragem*; estava fragilizada e se expôs no poema. Sob o pseudônimo de Philomenon, criticou o pessimismo idealista e reacionário.

Nenhum comentário fez com que a poetisa pensasse de forma diferente. No entanto, com o casamento e ao morar em Porto Alegre, a poesia ficara para trás. Na capital gaúcha continuou o trabalho como jornalista e publicou por sua conta o livro *Discursos* e só em 1949, após quase duas décadas e morando no Rio, é que voltou a publicar poesia.



Poema *Miragem*, publicado na revista
FON-FON
(ACERVO: ACL) recorte sem data

Maura com as irmãs - 1939



Zaura - década de 30



A srta. Zaura de Sena Pereira é um dos ornamentos da sociedade de Blumenau, no Estado de Santa Catharina, de cujo magisterio é figura de relevo, por sua cultura e distinção. Scintillante de graça e de elegância, reúne aos seus dotes physicos um brillante talento, sendo uma "discuse" apreciadissima, cuja voz cantante e eloquente transmite pelo microphone da PRC-4, Radio Cultura de Blumenau, lindas paginas literarias, attendendo aos frequentes convites que recebe e a que, na sua nimia gentileza, não sabe furtar-se.

A casa onde tu nasceste
(Para "BRASIL FEMININO")

MAURA DE SENA PEREIRA, a fina e emotiva cultora das letras; a autora aplaudida de "Cantaro de Ternura", a que aqui já nos referimos, e que é a brilhante Correspondente Especial de BRASIL FEMININO em Florianópolis, inicia hoje sua preciosa colaboração em nossa revista, com o inédito que, decerto merecerá o unanime applauso das nossas leitoras.



MAURA DE SENA PEREIRA

VIDA DOMÉSTICA

ABRIL 1932 Nº 160 4x

NOEM Pinaga é uma jovem intelectual brasileira que desde de muito tem vindo a publicar a sua obra intitulada "O meu canto de Adorção". A esta foi indubitavelmente do J. C. Calves. A natureza intelectual e um conhecimento de que se trata, com um conhecimento de que se trata, e escreve o onde se encontra a obra de Maura de Sena Pereira. De sua obra de "Cantaro de Ternura" e "Máscara" que foram trocadas e publicadas.

CANTICO DOS CANTICOS
de MAURA DE SENA PEREIRA LAMOTTE



Um dia, na alvorada da vida, me ergui a fronte para o céu. Passaram minutos roçados a cada escuro dos meus cabelos. Eu estava vestida de sonho e com a fronte, abri também os braços e quise, num assomo de egípcio, beijar todas as felicidades. Os dias depois se foram seguindo do tempo antes me tornava, rubra ou branca. Hoje ainda antes do meio dia, minha fronte está também eruida para o céu. Ella é como um grão de areia e os meus braços erpidos similes de um jardim de girassóis e de faveleiras.

Entretanto eu sonhara com a glória... E a minha glória é tão pequena que não chegará para fazer uma só folha de louro que enfeitasse a minha cabeça.

Entretanto eu sonhara com a riqueza... E a riqueza aqui está nesta gota miséria, que eu guardo na doçura das minhas mãos, sob o desdem dos meus olhos e dos meus lábios.

Entretanto eu sonhara, com o ouro... E o ouro vive a fugir do almejo dos meus dedos, rolando para as outras vidas, rindo-me do meu desejo.

Mãe a minha fronte levantava-se apressada ante as longas jornadas de sol e de noite, logo que se abria em acção de graça, rumando para lá das nuvens...

É que eu sonhara também com o amor e elle veio ainda maior do que o reclamo do meu sonho lúcido. Ainda maior que toda a glória, que toda a riqueza, que todo o ouro do mundo. E as outras felicidades da terra me parecem mesquinhas diante da felicidade desvanida do meu amor.

O meu amor ultrapassa a altura atrevida das torres. O meu amor me protege como um arco de fronte, recurvada e despo.

O meu amor vive badalando, badalando, badalando, como uma innumera, campainha que quizesse eternizar os ritos da alegria.

O meu amor é tão meu como um menço que se mimasse no meu respecto, dentro de um estanco maternal.

O meu amor é tão opulento que eu me imagino atirada ao espaço de uma invenção, desprezando lá de cima todas as ambições e todas as misérias da humanidade.

Muito maior do que o amor visionado no sonho sagazmente que eu sonhei na alvorada da vida, é esse amor que me inspira, que ha de viver, até morrer, quando houver a morte e trabalhar a sua nova.

Por isso eu canto antes do meio-dia.

À esquerda: Maura inicia seu trabalho na revista *Brasil Feminino*.

À direita: Revista *Vida Doméstica* - 1932
(ACERVO: ACL)



Maura - década de 30



Zaura - 1935

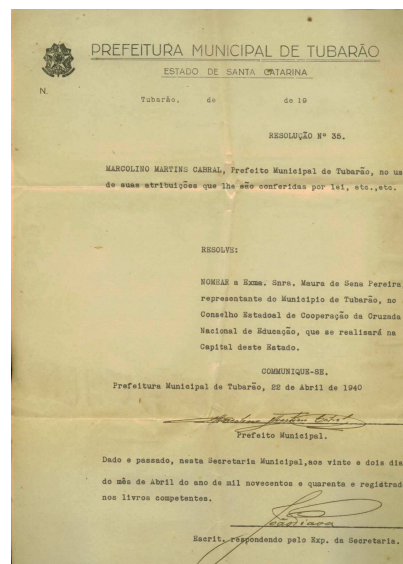


Ruth - 1934



Maura com irmãos

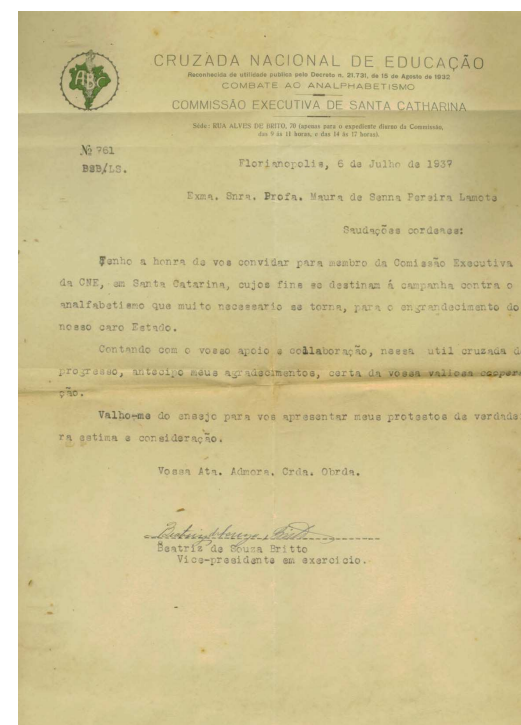
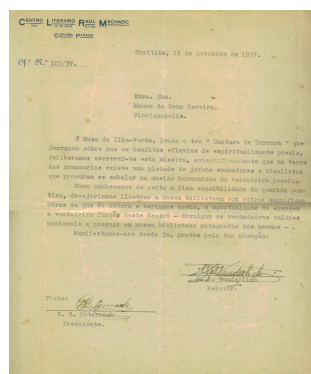
Para os queridos
Irmãos,
com Saudades
Seu fim dos
Seus irmãos.
Em Florianópolis,
1º 1- 39



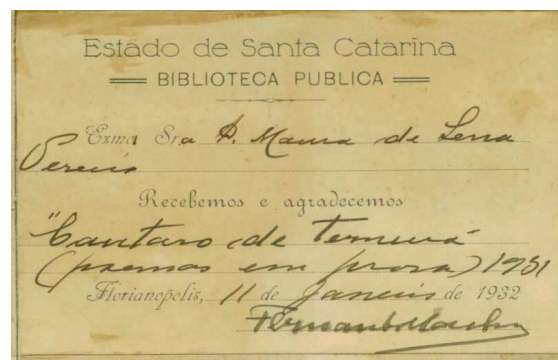
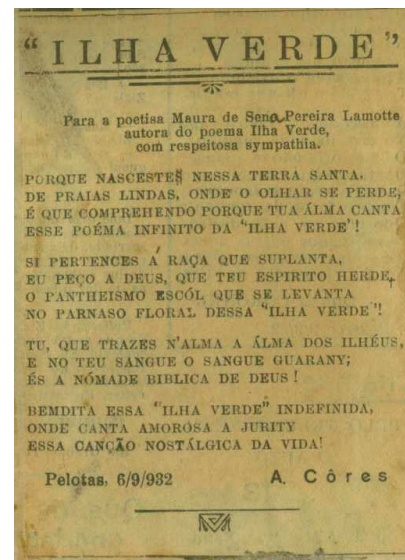
1940 - Nomeada representante do município de Tubarão no Conselho Estadual de Cooperação da Cruzada Nacional de Educação.

À direita: Cruzada Nacional de Educação - Santa Catarina
Campanha contra o analfabetismo - 1937

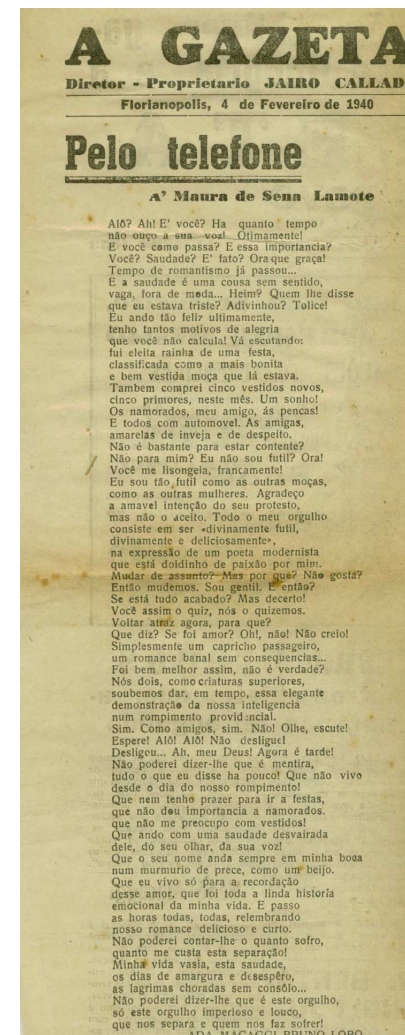
Abaixo: O Centro Literário Raul Machado solicita um exemplar do Cântaro de Ternura



1932 - A. Côres parodiando o poema de Maura (com o mesmo título)



Cartão de agradecimento da Biblioteca Pública de Santa Catarina pela doação do Cântaro de Ternura



Texto de Maura - 04/02/1940

Dia e Noite

ANO V — Nº 524
Sexta-Feira 2 de Março de 1940
FLORIANÓPOLIS - S. CATARINA

Diretor-Proprietário
MENEZES FILHO
Gerente: Wilfredo Eugenio Currlis

REDAÇÃO E OFICINAS
Rua Felipe Schmidt, 38
Fone, 1581 — Caixa Postal, 20

Acompanhando a viagem do Presidente Getúlio Vargas -- De São Francisco a Florianópolis -- (Der Maura de Sena Pereira, enviada especial do "DIA E NOITE")

Dia e Noite

Últimas manifesta-
ções ao Presidente
Vargas

ANO V Florianópolis, 17 de Março de 1940 N. 37

Reportagem de Maura em 1940.

Dia e Noite

CIRCULA EM TODO

Palacio do Governo

O sr. Intendente Federal recebeu do sr. Prefeito Horta telegrama comunicando ter assumido o cargo de Prefeito do município de Indaial. — O sr. Intendente Federal recebeu do sr. Alvaro Mota, Inten- tor do Amazonas, telegrama comunicando ter transmitido um convite ao sr. Rui Araújo, em substituição legal, para de seguir para a Conferen- cia P. Zona Livre Econômica.

Jornalista Maura de Sena Pereira

Para São Francisco seguiu ontem, a bordo do Anjo, a no- va Ilustrada companheira de trabalho, jornalista Maura de Sena Pereira.

"Numa agência de artistas"

No Cine Teatro Esq., conforme fica anunciado, foi levada a cena a revista "Numa Agência de Artistas", escrita por Art. Mattioli e musicada pelo maestro Alvaro Diniz, em benefício da venda do santos- meiro Alvaro Souza.

A estreia dessa peça, teve a presen- ça de seleta assistência.

LOTERIA FEDERAL

Forneido pelo "SALÃO PRO- GRESSIVO", damos abaixo o resumo do dos prêmios maiores da extra- ção de quarta-feira:

25869	300.000.000
1989	20.000.000
367	10.000.000
31486	5.000.000
10820	3.200.000

Todos os bilhetes tercin- dos em 9, 89 (este duas vezes) 67, 86 e 20, tem 500.000.

Sobado próximo, 500 CÔNTOS! Plano Popular. Bilhete inteiro . . . 70.000. Vigésimo 34500.

Rua Felipe Schmidt n. 3.

DIA E NOITE o jornal de grande circulação no Vale do Itajaí.

Festividade dos Passos

Em nossa edição de amanhã, daremos aos leitores permo- nente reportagem obdida por um de nossos dedicados colab- oradores, sobre as festida- des de Passos a se realizarem nesta Capital, sábado e do- mingo.

FONTE DE CASTALIA

A tarde estava triste como o meu coração e meus olhos enlanguesciam como cysnes doentes.

Mas, de repente, eu vi, eu escutei, eu toquei: uma sugestão encantada.

Toda a minha adolescencia se encolheu num espanto gostoso.

E perguntava se aquella grande insinuação vinha das campanulas coloridas que até ahi olhara com desamor. Das campanulas coloridas ou das nuvens vermelhas. Do aroma da terra, barbaro, pagão, verde, que não a houvera nunca impressionado. Do aroma da terra ou da minha própria immortalidade. A verdade é que havia um letreiro diante da minha alma:

«Passa com a fronte alteada de sonhos. Sonhos de belleza. E delles torna vassallos tua garganta, teus labios, teus dedos. Finge não comprehender o egoismo do mundo e a ironia do céo. Mas sorri para ti mesma, pequenina e altaneira. As poucas doçuras com que o destino te brindar e as violentas tempestades que elle fizer cahir sobre essa alma simples de criança, que carregará sempre — nunca te façam esquecer tua orgulhosa tarefa de entoar a melodia mais humilde. Espalha a illusão. Mas, quando não fores deusa até o ponto de enganares a ti e a todos com a ebriez divina da alegria — arranca ensinamentos á tua magua, para depois ser menos imperfeito o teu camiho».

A tarde estava alegre como o meu coração e meus olhos dansavam como libellulas.

Foi quando comecei a cantar...

MAURA DE SENNA PEREIRA

TERCEIRA PARTE



RIO DE JANEIRO

1941 -1992



Acima: Florianópolis

- 1940

**À esquerda, Maura
no Rio de Janeiro -
anos 40.**

**À direita, foto do
Rio de Janeiro
(Acervo de Maura).**





Com os irmãos Zaura e José

Rio de Janeiro, 1943

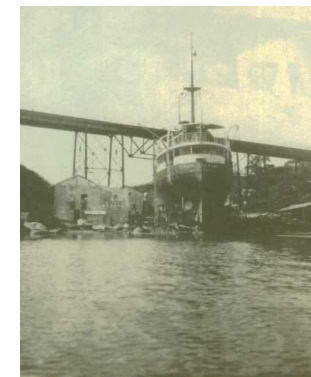


Navio Carl Hoepcke**Um grande amor**

A bordo do navio *Carl Hoepcke*, Maura viajou para o Rio de Janeiro em 1942, em busca de uma nova vida. Alojou-se em uma pensão familiar e saiu à procura de trabalho como jornalista, o que conseguiu sem demora. Fez entrevistas para o jornal *A Manhã*, para a revista *Vida e*, na revista *Esfera* (mensário de cultura e arte), tornou-se secretária. Aos poucos foi se integrando à vida intelectual da cidade.

E foi no Rio, cidade que a acolheu e onde viveu até os últimos dias de sua vida, que aconteceu o primeiro encontro entre ela e Cousin, na Livraria José Olympio.

Ainda na Ilha de Santa Catarina, Maura, indiretamente, conheceu aquele que viria a se transformar no grande amor de sua vida. Almeida Cousin era amigo de um rapaz de Florianópolis e, por intermédio dele, enviou à escritora o livro *Odes de Anacreonte* - (traduzido por ele). Nessa época, Maura tinha uma coluna, aos domingos, no jornal *República* e publicava sobre literatura e resenhava os livros recém lançados, tal como fazia no *Domingo Literário*. E quando recebeu *Anacreonte*, logo publicou notícia bastante elogiosa sobre o livro. Depois, enviou a Cousin o seu livro *Cântaro de Ternura*; Cousin pediu-lhe uma foto, a qual foi publicada na capa da revista *Vida Capixaba*, uma revista social de Vitória, dirigida por ele. Cousin elogiou o livro e a convidou para publicar trabalhos. Sobre a literatura de Maura, ele diz: "Tu que escreves, excitas os homens e estudos..."⁷⁰



⁷⁰ Uma poeta corpo a corpo com a vida. *Jornal da Cultura*. jul.1990. op. cit.

O homem de sua vida

*Eu quis o livre infinito
Sobre a amplidão dos espaços
Fui achá-lo circunscrito
No limite dos teus braços.*

À Maura

Almeida Cousin. Do livro *Troveirinho*, 1978.

José Coelho de Almeida Cousin nasceu em Sacramento, no Triângulo Mineiro, no dia 15 de dezembro de 1897. Seus pais eram Maria Sebastiana e Leão de Aquino. Seu bisavô materno chamava-se Manuel de Paula Marques Pereira (natural do Norte) e a bisavó, Maria Cândida. Tiveram cinco filhos: Vital, Augusto, Guilhermina, Zé Marques e Dona Mariana Marques Pereira, a avó de Cousin.

A avó materna Dona Mariana era a melhor modista de Sacramento. Ficou viúva aos vinte e dois anos. Era chamada de "Dindinha", a avó cabocla, sensível e desconfiada. O menino Cousin brincava embaixo da mesa e folheava as revistas de moda, enquanto a mãe costurava com outras moças. O avô materno chamava-se José Alves Moreira, o Zeca Boticário. Eram filhos de Dona Mariana e de Zeca Boticário Melquíades e a mãe de Cousin, Maria Sebastiana.

Maria Sebastiana, a Mariquinha, casou-se com dezoito anos, enquanto o marido, mais de trinta. Eram apaixonados, ela morreu muito jovem, de tuberculose. Através de uma única fotografia guardada,



descrevia a mãe: um pouco magra, alta, usando ricos vestidos, elegante, era uma princesa encantada. Radiosa, tinha os olhos grandes sobre as sobrancelhas bem arqueadas, o rosto suave, ovalado. A boca era um botão, um beijo: pequena, arredondada, de lábios carnudos.⁷¹

Cousin aprendeu as primeiras letras com Victorine Cousin, ou Dona Vitorina, a avó francesa, quando passou por Sacramento. A princípio, a avó mostrava-lhe as letras por brincadeira. Como o menino aprendia rapidamente, imediatamente, lhe trouxeram a cartilha de Arthur Thiré, e a aprendizagem foi muito rápida. Logo ganhou três livros em francês, com os quais lia e se exibia para as pessoas; alguns trechos jamais esqueceu. Dona Vitorina presenteava o neto com livros que o faziam viajar pela Europa, até a Revolução Francesa, por meio das personagens. O menino chegou a iniciar um romance intitulado "Entre dois mundos", o qual abandonou por achar que jamais conseguiria terminar.

O pai, Leão de Aquino, o *Léo*, nasceu em São João da Barra e morreu aos noventa anos. Possuía "fisionomia avoenga e bondosa, larga testa inteligente, grande barba imperial, inteiramente branca".⁷² Eram duas as irmãs de Leão: Leônia Coelho de Almeida, a tia Tatá, e Noelina.

O avô de Cousin morreu cedo, e a avó mudou de cidade várias vezes, até voltar para São João da Barra. Viúva e severa, criou o filho - Leão - num sistema muito rígido, pois esse sistema era tido como o melhor; achava que cumpria com seu dever. O menino Leão vivia com medo: por pouca coisa apanhava de vara de marmelo e vertia lágrimas pela dor física e moral. Dessa forma, não podia gostar da mãe, Dona Vitorine, e isso foi verbalizado mais tarde para os filhos.

⁷¹ COUSIN, Almeida. *Cem anos de memórias*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979. p.96.

⁷² Ibid. p. 24.

O pai de Cousin era uma criança solitária e triste, ficava sentado olhando a Igreja. Avistava da casa o engenho, a senzala, um cubículo escuro para isolamento e castigo dos negros, entre outros. Zazá era a mucama e Leão gostava muito dela. Certo dia ouviu uns gritos, era Zazá; estava nua e apanhava amarrada a um poste. Leão jamais esqueceu, dizia: "Era a minha pobre Zazá!".⁷³

Com seis anos, em 1872, Leão saiu de Campos e passou a morar no Rio de Janeiro. Freqüentou por um ano o Colégio Vitório, colégio de muito rigor. Foi companheiro de Euclides da Cunha, que esteve também nesse colégio. Depois, estudou no Instituto Aquino. Saindo dali, trabalhou na Rua do Ouvidor, em uma casa de comércio, onde era "tratado a pontapés, xingatórios e bofetadas"⁷⁴ e recebia muito pouco pelo trabalho. Mesmo assim, logo perdeu o emprego.

Quando Leão se emancipou, foi para Paris, levando consigo seu sobrinho Bibi (Victor), o filho de Noelina. Lá freqüentou a escola de Artes Decorativas e voltou gravador. Bibi, mais tarde, foi para o seminário em Goiás, de lá foi para Roma, de onde voltou padre.

Leão desenhava muito bem e representava como ator, embora não exercitasse o ficcionismo criador. Publicou um livro intitulado "Filmes". Adulto, já de volta a Sacramento, profissionalizou-se e tornou-se professor. Em Uberaba, prestou exames de habilitação e trabalhou nas escolas das fazendas para sustentar os filhos. Estava já viúvo.

Raquel era prima de Cousin, filha de Tia Noelina, e era cortejada por Tioga, um rapaz de Sacramento que quis namorá-la. No entanto, o namoro não foi adiante, pois o irmão de Raquel, Padre Victor,

⁷³ Ibid. p. 16.

⁷⁴ Ibid. p. 27.

teria desprezado o rapaz por sua profissão, um tipógrafo. O rapaz vinha aos domingos e trazia para Cousin a revista *Tico-Tico*; certo dia trouxe *O Malho*. Assim, sem poder casar com a pessoa de quem gostava, a prima tornou-se freira.

Cousin estudou no colégio do Matoso, tinha sete anos e foi essa uma triste recordação de sua vida. "O uniforme era calça branca, paletó fechado, preto, comprido, com um cinto de verniz e um boné de oficial do exército francês, de pala grande, com bordados dourados. Cabeça militarizada por fora e clericizada por dentro. E de que maneira! No dormitório (...) lá vinha a irmã Eugênia, depois de recitar novas rezas: - Durmam do lado direito. O esquerdo é o lado do demônio".⁷⁵

A Irmã Eugênia fora o terror para os meninos do colégio. Cousin, criança que não tinha medo, com a entrada dessa personagem em sua vida, mudou totalmente. Fazia muito calor no Rio de Janeiro e dormia enrolado nos cobertores, cabeça coberta, só deixando o nariz para fora para não sufocar.

Estudava Catecismo, Gramática, Aritmética, História do Brasil e Gramática Francesa, em francês. Também lia a História Bíblica, de Dom Antônio Macedo Costa. O aluno tinha que decorar o Catecismo de perguntas e respostas e as lições do dia seguinte, deveria repetir tudo que havia decorado; caso o aluno não soubesse, ficaria de pé no canto da sala e, na segunda vez, de joelhos. Cousin possuía boa memória e repetia tudo sem saber o que estava dizendo, pois ninguém o explicava.

O sexo despertou de forma precoce no menino Cousin, que sofria com complexos de pecado e de culpa e que, mais tarde, foi dizer ter efeitos de tragédia sexual e neurose. Cousin foi estudar na Itália com os jesuítas. Lá, traumatizado em consequência do colégio onde estudara, comungava diariamente para

⁷⁵ Ibid. p.117.

impedir-se de pecar; logo adoeceu, teve histeria infantil, um caso raro. Certo dia sofreu um acidente no recreio, bateu com a cabeça numa parede e perdeu os sentidos. Com isso, exteriorizou-se a neurose; voltou para o Brasil e para ele mesmo.

Moravam no Rio de Janeiro quando a mãe piorou de sua doença; o médico aconselhou-a então a morar em Minas Gerais. Em São Pedro de Uberabinha Leão possuía uma escola. Havia também um salão, onde Leão armava cenários e ensaiava peças do "Teatro Infantil", de Olavo Bilac e Coelho Netto. Cousin estreou com o monólogo "Quando eu for grande" e num papel de "O Corvo e a Raposa". Foi sucesso e alegria para o menino, que comprou com o prêmio uma rapadura e uma roupinha de brim.

Na época, Minas era pioneira de renovação pedagógica e o governo distribuía livros escolhidos. Cousin iniciou seu encantamento com a linguagem perante a literatura de autores como Coelho Netto, Olavo Bilac e Júlia Lopes de Almeida.

A mãe morreu quando Cousin contava dez anos e, com isso, Dona Mariana cuidou das irmãs. A avó, que era brava, agora era uma avó dedicada e resmungona. Por essa época, o cônego Victor queria que o sobrinho fosse padre e mandou chamá-lo. O ambiente era bom, religioso, mas sem fanatismo. E foi assim que cônego Victor levou Cousin para Roma, onde ficou sozinho; quando o tio voltou, encontrou o sobrinho falando a língua italiana. O mesmo aconteceu com a língua francesa; como os jesuítas da Bélgica não tinham lugar para Cousin, indicaram a *École Apostolique Notre Dame dès Anges*, na cidade de Lanzo Torinese, na Itália, uns trinta quilômetros de Turin e uns vinte da fronteira francesa (1911 a 1912). Cousin contou que nesse colégio não se tomava café, em compensação, tomavam vinho. Banho também não fazia parte da rotina das pessoas do lugar. Era franceses a maioria dos alunos, porém havia alguns ingleses, italianos, alemães, entre outros. A

cultura era religiosa e clássica: Grego, Latim, Gramática, Lógica, Retórica, Literatura, Filosofia, alguma História, Geografia, Matemática, noções de Ciências Naturais e muita Teologia. A pronúncia do grego e do latim era à moda francesa; o garoto decorava o vocabulário Grego cantando em coro. Havia um só professor para todas as matérias. A escola era formalista sem que fosse opressiva.

Nas férias, Cousin conversou com o Padre Victor a respeito de sua falta de vocação, do desejo de não ser padre, o qual lhe prometeu que o faria estudar Direito em São Paulo. Foi quando o garoto sofreu o acidente e bateu com a cabeça, adoecendo dos nervos. Ficou na casa de saúde, em San Maurizio Canavese, antes de voltar. Quando chegou a Santos, padre Victor o esperava no cais.



José Coelho de Almeida Cousin; com ele, o irmão, Padre Victor.



Cousin tinha três irmãos: Maria, Veriana e Victor. Maria, a Maruchinha, era branca, de feições tipicamente européias e cabelos castanhos-louros. Tornou-se professora primária em Minas Gerais e trabalhou em uma fazenda, sendo muito estimada pelos alunos e fazendeiros. Depois, trabalhou em um grupo escolar em Araxá. Mariazinha, como era chamada, nunca se casou. Veridiana era loura, de olhos azuis de francesa do norte, uma menina "viva e namoradeira"⁷⁶ e estudou na Escola Normal. Depois que terminou o

⁷⁶ Ibid. p. 200.

curso nessa escola, Veridiana foi para o colégio das irmãs e mudou muito, a ponto de não querer mais sair. Assim, aderiu à vida religiosa e foi para o Bom Pastor, no Rio, onde vivia cheia de misticismo; sacrificava-se pelos pecadores, abrigava-se no calor, despia-se no frio, martirizava-se de todas as formas, principalmente pela família. Era muito sensível emocionalmente e comovia-se ao falar em Jesus. Morreu de tuberculose, como sua mãe, em uma casa de convento. Victor era um menino ruivo quando pequeno. (Ainda teve outro irmão, Leãozinho, que morreu cedo). Eram muitos meninos com o nome Victor na família. Vítinho, o irmão, não escapou de ser padre, influenciado por padre Victor. Este levou Victor Coelho de Almeida e o deixou no colégio dos redentoristas, em Aparecida, de onde nunca mais saiu. Completou os estudos na Alemanha e voltou padre.

Ao lado, o irmão de Cousin, Padre Victor, de Aparecida.

De volta ao seu país, Cousin viveu entregue a si mesmo e perdeu a fé católica. Mesmo cursando a Escola de Farmácia, em Ouro Preto, o próprio escritor dizia-se autodidata. Em Ouro Preto, estudou de 1916 a 1920, e a Faculdade de Direito foi entre 1931 e 1936. "As disciplinas do curso farmacêutico plasmaram seu espírito no rigor das ciências positivas, vencendo todos os vestígios teológicos de sua inicial formação religiosa".⁷⁷



⁷⁷ COUSIN, Almeida. *Poemas da Terra e da Vida*. Prefácio da 2ª edição. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1983.

O primeiro casamento de Cousin não foi feliz. Ele diz: "Eu não tive a ventura de encontrar uma mulherzinha de amoroso trato, dessas capazes do sacrifício de compreender e aturar os maridos, ajudando-os a superar as crises sentimentais e as fantasias passageiras de machos ou de artistas". A incompreensão, a intolerância e o preconceito trouxeram a angústia e o fim do casamento. O poeta escreveu *O Amor de Don Juan*, livro que, segundo ele, "não é ficção, encerra um episódio sangrante do coração e da vida".⁷⁸

Cousin foi brilhante jornalista, foi redator da revista *Vida Capixaba*, em Vitória, colaborava com toda a imprensa do Espírito Santo e também no Rio de Janeiro, onde residiu a partir de 1940. Foi professor catedrático de Química Analítica na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Espírito Santo e no Rio de Janeiro lecionou História no Colégio Pedro II e no Liceu Nilo Peçanha, em Niterói.

Foi membro da Academia Espírito-santense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, da Federação das Academias de Letras do Brasil. Escreveu livros de poesia, de memória, de história, obras didáticas e científicas, teses e traduziu livros. Um importante trabalho foi a tradução de *Odes de Anacreonte*, traduzido diretamente do original grego.

Almeida Cousin

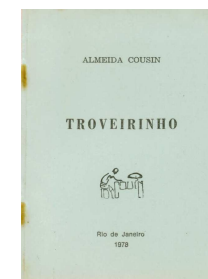
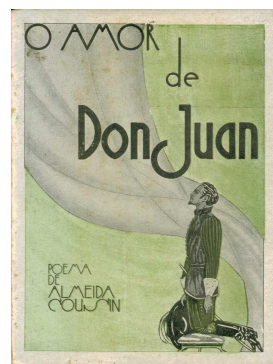
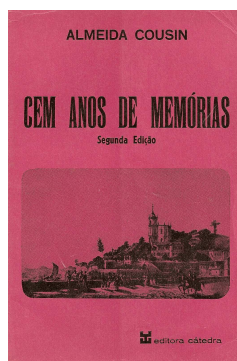
José Coelho de Almeida Cousin foi um homem inteligente e, como Maura de Senna Pereira, envolvido com o mundo jornalístico e com as letras. Provavelmente, essa afinidade deve ter sido uma das causas que aproximou o casal. Escreveu vários livros, alguns, dedicado a Maura.



⁷⁸ COUSIN, 1979. op.cit. 149.

Almeida Cousin e Solano Trindade

Alguns livros de Cousin:



Poemas da vida e da terra, 1983 - *Para MAURA de mãos piedosas salvando uns restos de naufrágios.*

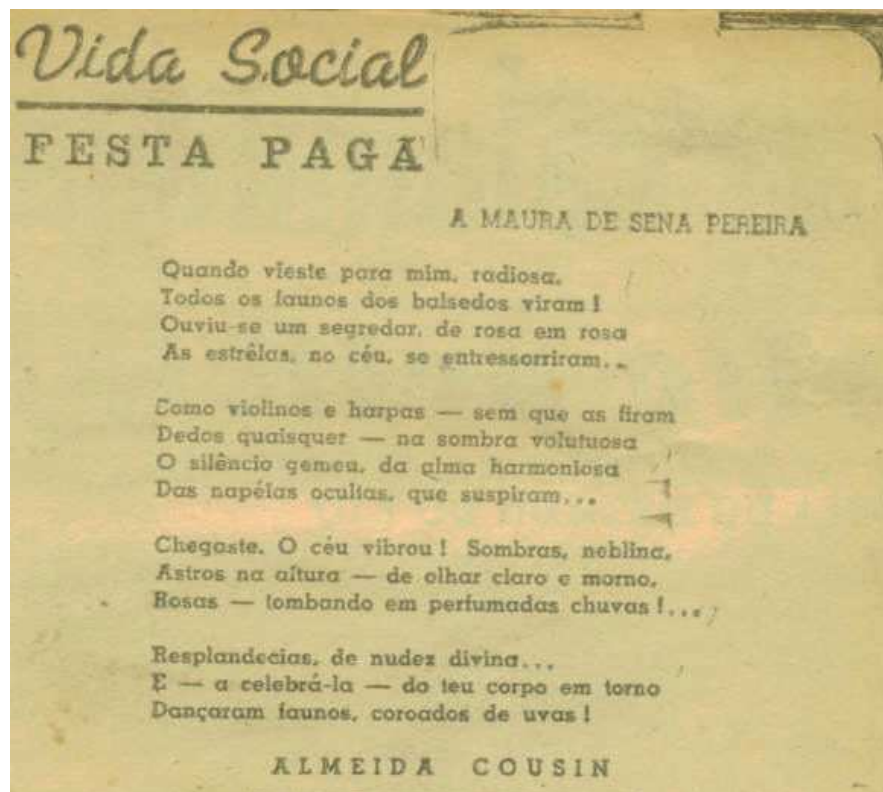
Cem anos de memórias, Para Maura

O amor de Don Juan, escrito em 1929 e publicado em 1938.

Odes de Anacreonte, 1983 - *A Maura, muito querida, que foi incentivo constante a este trabalho.*

Troveirinho, 1978 - *A Maura.*

A união



Recorte sem data - Acervo: ACL

Não houve casamento formal entre Maura e Cousin. Ele estava desquitado, mas ela não; assim, uniram-se; Maura foi morar no apartamento dele, sem preocupação com o que pudessem falar sobre essa união. Diferente da experiência que os dois viveram em seus primeiros casamentos, agora seria o amor de verdade. "O amor começou com ele, Cousin. Porque ele é o grande amor na minha vida, na nossa vida", diz a poetisa. Em *Poesia reunida e outros textos*, Lauro Junkes escreve:

Novamente transgredindo normas e mentalidades contrárias ao divórcio e contrária ao casamento não legalizado, Maura e Cousin vivem intensa paixão carnal que os conduz à mais plena comunhão de corpos e de almas, assumida no equilíbrio e não igualdade.⁷⁹

Era realmente uma paixão, estavam entregues de corpo e alma um ao outro e assim permaneceram para sempre. Quando Maura era ainda uma mocinha enamorada e morava em Florianópolis, escrevia poemas de amor em prosa, mas os poemas de amor com o verdadeiro sentido da palavra brotaram com o aparecimento de Cousin em sua vida. No livro *Poemas do Meio-dia* escreve *Em verdade te digo*, poema que mais tarde foi publicado com o título *Amor*, e que descreve uma entrega entre dois seres que se amam:



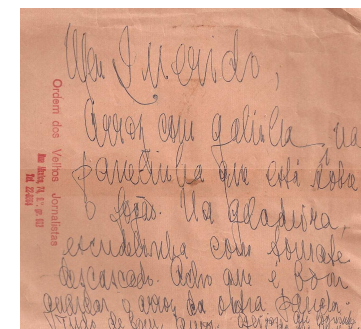
Em verdade te digo que não foi naquela
hora que te pertenci:

⁷⁹ *A saga de Maura*. Entrevista. In: JUNKES, Lauro (org). *Poesia reunida e outros Textos*. Coleção ACL, 2004, p. 31.



quando me tomaste nos teus braços poderosos
e me tiveste sob teus beijos e tua respiração.
Em verdade te digo que não foi naquela
hora mas quando, diante do teu, surgiu meu
espírito livre e novo
de rebento inquieto deste século
e descobrimos todas as comunhões das nossas almas.
Quando conheceste as minhas derrotas
e disseste que eram triunfos.
Quando viste pulsar meu coração nu
e o festejaste.
Quando soubeste que nem sempre
os teus pensamentos são os meus pensamentos
nem os teus caminhos são os meus caminhos.
Mas o amor brilhou como nunca em tua face
e me surpreendeste com a cascata de palavras
de que eu tinha sede
desde a minha primeira hora consciente.
Foi quando te pertenci.

A legalização do casamento entre Maura e Cousin nunca aconteceu, era uma formalidade desnecessária para o casal, que vivia intensamente seus momentos juntos. Todos respeitaram a decisão de ambos. No entanto, por parte das irmãs de Maura havia a preocupação com os comentários que pudessem surgir e diziam que o casal havia se casado na Embaixada.⁸⁰



Bilhete deixado por Maura ao marido. Sem data.

⁸⁰ Ibid p.294.

A separação legal de Maura veio somente mais tarde. A averbação do desquite entre Dorval Lamote e Maura foi realizada em 1960, no estado da Guanabara. Com isso, voltou a ter o nome de solteira.

Averbação do desquite de Maura - 1960



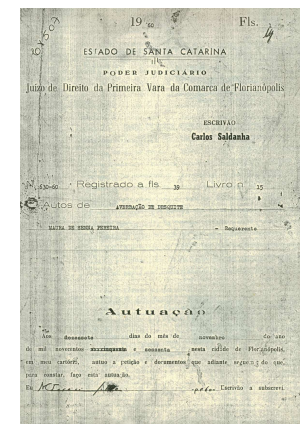
Leblon e Ipanema

Década de 50



Acima: Rio de Janeiro Av. Atlântica

década de 50



No verso: "Queridos irmãos e sobrinhos, aqui estou com meu amor e nosso querido Roberto e Mocinha, Jorge e Cléia. Rio, março, 58".



No verso: "Aqui estou com meu amor e com a prima Raquel (Sóror Maria de S. João Evangelista) no dia 7 de setembro de 1958. Maura"

Acervo: ACL

Assim como Maura, Cousin não teve filhos no primeiro casamento e assim permaneceram os dois, um dedicado ao outro.

Como acontece com a maioria das mulheres, Maura sonhava ter um filho, um ser saído de seu ventre. A impossibilidade a deixava entristecida, mas não a impedia de escrever sobre o assunto. Até o fim de sua vida, lamentava-se por não ter filhos. No poema *Maternidade* fala sobre sua esterilidade:

Arreponder-te-ás talvez
 como de uma suprema profanação
 de teres um dia me vestido
 de bagos e de gomos
 e para eles depois te atirado
 como um fauno sem lei.
 Oh, não te arrependas não
 que me deste glória e honra
 pois eu só via o milagre da árvore estéril
 carregada de frutos
 e o sumo das uvas escorrendo
 dos seios que nunca amamentaram.

Na década de 60, escreveu para *Nós e o Mundo* (jornal *Gazeta de Notícias*) o texto *Fantasia de uma mãe sem filhos*. Não se pode afirmar que a situação vivida no poema seja de Maura; seu coração de poeta, todavia, mantinha o instinto maternal e o levava a criar textos contextualizando o "ser mãe".

- Quatro filhos? Não diga. E eu que pensava que você não tivesse nenhum...
- Por quê? Será que eu tenho cara de mulher sem filhos?
- Não é isso. É que alguém me havia dito. Não me lembro quem; mas me recordo de ouvir que você podia aparecer tanto no mundo artístico, porque não tinha filhos.
- Pois tenho quatro.
- Meninos?
- Dois casais: um de cada matrimônio. O meu filho mais velho é Appio Cláudio, já é universitário.
- Appio Cláudio?
- Sim, quando ele nasceu, eu ainda trazia bem viva e fresca [...]

E as mães sempre foram lembradas em seus artigos e também em poemas.

Canto das mães

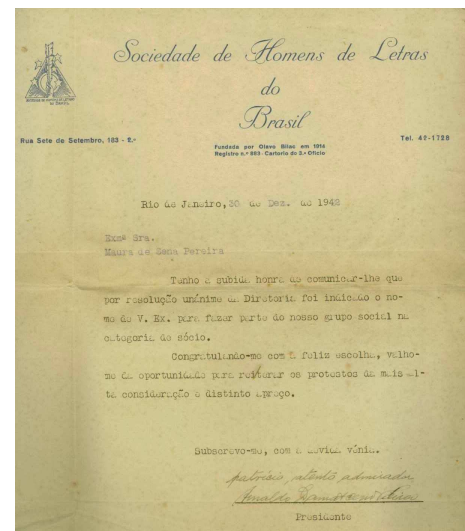
As mulheres levavam os filhos pequenos pela mão
e, a seu lado, os que já tinham sonhos e namoradas.
Levavam até mesmo os recém-nascidos
que haviam arrancado dos berços
e erguiam nos braços como bandeiras.
Filhas de todos os povos, milhões de mães unidas,
pararam diante da face lívida
dos que estavam preparando a destruição
da carne de sua carne.
Pararam de cantar.
Apertando os filhos ao peito
elas diziam com suas vozes límpidas
que não os dariam para a matança.
(Esperavam pedras e pragas, dardos e maldições
os donos das fábricas da morte?)
No entanto, o que tiveram pela frente foi mais forte,
pois o verbo simples do amor, o salmo indefeso da paz os derrotou.
Naquele encontro face a face,
enquanto as mães cantavam, os monstros compreendiam
que era a própria fonte de vida que cantava,
que eles nada mais podiam.
Forças cósmicas se haviam desencadeado
contra os seus desígnios
e os brotos da terra, que eles pretendiam cortar,
queriam crescer e amar.
Olharam, por fim, com vergonha e desolação
as suas grandes fábrica inúteis.
Os meninos estavam salvos.
E começou então
uma nova terra e um novo céu

com flores e frutos e trigais e risos e pombos brancos voando sobre a cabeça dos povos.

De certa forma, a poetisa foi um pouco mãe de seus irmãos, principalmente os mais novos, Samuelzinho e Josezinho. Percebe-se o carinho maternal nos artigos que escrevia sobre os irmãos.

Torna-se membro da Sociedade de Homens e Letras do Brasil Rio de Janeiro:1942

(ACERVO: ACL)



Ao lado, reportagem de Maura sobre a campanha da Lã. Jornal A Noite - 21/05/1956 (ACERVO: ACL)



(ACERVO: ACL)

Foto colada em um álbum de recortes. Abaixo, lê-se:
"Linda noite na Associação Brasileira de Relações Humanas.
Retrato reproduzido na revista 'Singra', do *Correio da Manhã*."
1957



O Centro Catarinense presta homenagem à senhorita Layla Freyesleben, jovem escritora barrigaverde e representante de seu Estado no Concurso de Elegância Bangu. Compareceram à homenagem figuras representativas da colônia catarinense, parlamentares e jornalistas, admiradores da homenageada e pessoas de sua família.

Na foto, Layla Freyesleben aparece ladeada por Maura de Senna Pereira e pelo almirante Pinto da Luz. Início da década de 60.

(ACERVO: ACL)

Os livros

Meus poemas nascem quando um pensamento quer ser canto. Meu processo de criação é totalmente mental. O pensamento me persegue e o canto se forja na mente. Quando ele aparece escrito já estava pronto. Não há propriamente momento especial. Há períodos de explosão e outros de esterilidade. E há os cadernos e cadernos perdidos, já que só existiram no meu cérebro...

Maura de Senna Pereira

A diferença de idade entre o casal era de sete anos, no entanto, Maura jamais falava a idade, dizia ser indelicado perguntar isso a uma mulher e não respondia. Gostava de passar a idéia de que era bem mais jovem que o marido.

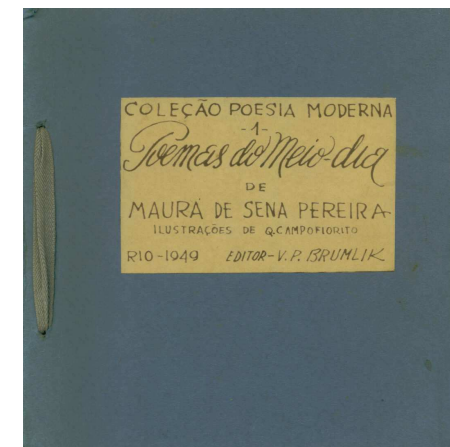
Quando se deu o encontro entre o casal, não demorou muito e Maura transferiu-se para o apartamento de Cousin.

O jornal em que trabalhava, *A Manhã*, era dirigido por Plínio Bueno e gerenciado por Alarido Lisboa. Trabalhava na revista *Vida* e na revista *Esfera*; este último emprego surgiu a partir do convite de um grupo de escritores e foi por meio dessa que conheceu muitas pessoas do meio literário. Foi para a revista *Vida* que escreveu o poema *Quero ajudar a construir*, o qual chamou a atenção de Carlos Drummond de Andrade e que levou esse poeta a querer conhecer pessoalmente a autora de tão belo poema. Maura contou em entrevista que ele disse: "Olha, Maura, foi uma das coisas que me agradaram imensamente. Seu poema

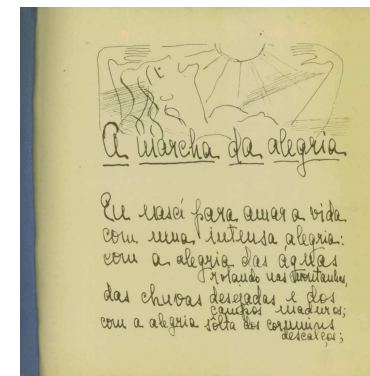
Quero ajudar. Eu quero ver se encontro poemas desse nível que eu quero fazer uma antologia sobre poesia social boa”.

Quero ajudar a construir o mundo futuro
e colocar a minha pedra
no lugar exato e na hora certa:
Quero conter a pressa de ajudar,
deter os passos vãos e as mãos sôfregas,
ordenar minhas paixões de desajustes,
ser vigilante, compreensiva, tenaz.
Deixar no grandioso edifício a minha pedra
com a mão segura para que ela não vacile
e role nos espaços, tombando com um ruído soturno,
feita escombros, antes de ser coluna.
Quero deixar segura a minha pedra.
Altos frisos a revestirão,
esculpidos por sábias mãos alheias.
Mas, pequena e anônima, direita e firma,
ela estará lá dentro ajudando.
Quero ajudar a construir o mundo futuro,
o mundo sem fascismo e sem miséria,
luminoso, rasgado, justo.
Quero permanecer aberta
e colocar a minha pedra
no lugar exato e na hora certa.

Integrada ao meio jornalístico, participava de reuniões literárias, o que propiciou seu primeiro contato com o poeta Jorge de Lima. O poeta era diretor da Assembléia Legislativa quando houve uma exposição de livros femininos e Maura levou *Poemas do Meio-Dia*. Jorge de Lima o leu e, vendo que era poesia moderna, ficou com livro.



De formato pequeno, intitulado *Poemas do meio-dia*, foi o primeiro da *Coleção Poesia Moderna*, do editor Vitor Brumlik. A coleção apresentava livros manuscritos com produção heliográfica, feito de forma artesanal, o que tornou a coleção muito atraente. O objetivo era divulgar os mais representativos poetas da época e Jorge de Lima, por quem Maura tinha admiração, publicou a seguir *Vinte sonetos*, ilustrados pelo próprio autor. Todos os livros da coleção tiveram uma tiragem pequena.



As ilustrações desse livro de Maura, assim como em *Cântaro de Ternura*, são de Quirino Campofiorito. Possuía apenas oito poemas manuscritos pela poetisa, entre eles *Libertação*, *Em verdade te digo* e *Quero ajudar*.

Também muito comentado pela imprensa, Abelardo Montenegro, da *Gazeta de Notícias*, escreve: "Nos 'poemas' circula como árvores frondosas, a seiva porente. É a vitalidade de uma mulher que afirma a sua sensibilidade e o seu desprendimento, convocando-nos para uma original campanha panteísta. (...)” 130 Bertolino

Maura criticava a subliteratura e não participava de reuniões que desta tratavam. Era exigente no que dizia respeito à literatura e verbalizava, era mulher de dizer o que pensava. Essa maneira de ser, ou seja, de expressar suas idéias, trazia dificuldades nos relacionamentos com as pessoas, principalmente com as mulheres, quando ainda estava em Florianópolis. Mas no Rio de Janeiro tudo estava melhor em relação a isso, já que a época era outra. Havia liberdade para fazer o que gostava e era convidada a participar de eventos importantes da literatura e da sociedade do Rio. Sendo uma pessoa dinâmica, sabia falar em público,

palestrava e discursava muito bem. Era uma mulher de iniciativa e as pessoas gostavam disso. Um dos palcos que serviu de discursos para Maura foi o *Pen-Club*, como também o *Centro Catarinense*, no Rio de Janeiro.

O *Centro Catarinense*, a princípio situado no Méier, congregava os catarinenses residentes no Rio e tinha por presidente o Deputado Jorge Lacerda, membro do Conselho Fiscal. Em 1952 houve uma reunião e, com ela, a criação de departamentos assistenciais. Ao Sr. Altamiro de Oliveira coube a Assistência Médica, ao Sr. Lionel Thiame a Assistência Jurídica e o cargo Social, Cultural e Recreativo ficou com Maura de Senna Pereira.



Ao lado: *Centro Catarinense* - Um grupo de senhoras e senhoritas que participaram da festa litero-musical, em comemoração ao Dia de Santa Catarina. Abaixo, Maura de Senna Pereira declamando poemas.

O Dia de Santa Catarina foi ali comemorado muitas vezes, como no ano de 1952, quando houve uma festa litero-musical, na qual Maura declamou os poemas *Jurerê-Mirim* e *Canto da Companheira*. Esses eventos eram noticiados nos jornais do Rio de Janeiro.

Em 1953, Maura viajou para sua terra natal e ficou por alguns dias ao lado de sua mãe, descansando. Nessa ocasião, recitou poemas aos catarinenses



por meio da *Rádio Guarujá*. Escolheu os seguintes poemas para recitar em sua meia hora artística: *Jurerê-Mirim*, dedicado à Ilha de Santa Catarina, *Canto da Companheira*, *Poesia Negra*, *Glória vã* e *Louvação para Santa Catarina*. Notas de agradecimento pelo recital foram publicadas em jornais catarinenses. O Diretor Artístico da rádio, Dr. Dib Cherem, recebeu elogios pela iniciativa de levar a poetisa a declamar seus poemas para os ouvintes de sábado.

Filha da pequena ilha catarinense, depois que foi morar no Rio de Janeiro jamais esqueceu sua terra, cantada tantas vezes em seus textos. Santa Catarina era parte de sua vida e era evidenciada por Maura em poemas, textos jornalísticos e discursos. Deixava claro que não era apenas em virtude das belezas que pulsava seu amor a Santa Catarina, mas também pelas atitudes e gestos de tantos filhos de sua terra, e cita nomes como Virgílio Várzea, Victor Meireles, Cruz e Sousa, Luiz Delfino, Jerônimo Coelho, entre tantos outros. Jamais esqueceria de vultos femininos como a grande poetisa Delminda Silveira, Anita Garibaldi e Amália Bainha.⁸¹

Ao retornar dessa viagem à sua ilha, escreveu em *Nós e o Mundo*:

Deixo de contemplar as nuvens, que durante quatro horas foram minhas vizinhas, no momento em que o avião começa a sobrevoar a ilha de Santa Catarina. Lá embaixo, aqueles recortes ilhéus parecem bordas de um tapete, de um tigre mal estendido no salão verde do mar. E, após aterrissagem e o repouso, vou rever, de perto, a bela e amada paisagem ilhoa.

Lá estão as praias selvagens, as pontas edênicas, os morros e as árvores, as roseiras pesadas de corolas que, às vezes, têm cor de fruta, as pedras que parecem datar do nascimento do mundo e terem sido espalhadas por um

⁸¹ PEREIRA, Maura de Senna. *Verbo Solto*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1982.

cataclismo. Lá estão as águas redondas da Lagoa do Peri, com suas ondas e espumas, lembrando um retalho gordo e prisioneiro do mar. Mais ao Norte, a Lagoa da Conceição, sagrada e azul, a grande lagoa onde o sol nasce com o esplendor de um potentado bíblico e derramando a ilusão de que é aquele o momento mesmo da gênese, o primeiro dia do universo. As pequenas enseadas lá estão, mar escondido, refletindo as matas da orla exuberante no seu verde carregado.

E eu bebo, de novo, a água do rio Tavares e, com a mesma alegria dos tempos de criança, devoro, no pé, as úblimas pitangas. Dou a volta ao Morro da Cruz: contemplo o fim da tarde e os caminhos e vejo que continua inigualável o pôr-do-sol na minha terra, todo de sangue e ouro e com aquele halo violeta que transportei para os crepúsculos em Rosamor.

Até o vento, o velho, tremendo, saudoso vento sul, é o mesmo a quem pedi um dia que me levasse com ele para longe de mim, pois eis que acaba de chegar.

"desfolhando papoulas
vergando caules
sacudindo polena
agitando palmeiras".
E logo

"dobram-se as frondes
as aves tremeram.
Tremeram.
as pencas leves das glicínias
e os gerânios duros dos balcões".⁸²

⁸² PEREIRA, Maura de Senna. A ilha natal. In: *Gazeta de Notícias: Nós e o Mundo*. Rio de Janeiro, 25.10.1953.

No verso: "Ruthinha, aqui estou com 'tio' Jorge. Tia Maura.
Leblon, março 56".

Fonte: ACL



Cartão/foto de Maura para Cousin - 1953
Escreve com caneta de tinta verde, sua preferida.



Os sobrinhos Fernanda e Álvaro Henrique, filhos da irmã Ruth.

Flora, 1-10-53
Meu querido,
Recebi o seu sel-
grama. Já recebi
minha carta? Es-
crevo. ^{SEI} SEI
Se no dia dos
anos de Mamã, que
está radiante com as
homenagens e presentes.
Suas saudações
meus anos. Até bre-
ve. Um grande beijo da sua Maura



Vista aérea da Baía Sul, Florianópolis - década de 60

Fonte: RETRATOS DE FLORIANÓPOLIS, Beto Abreu

Um assunto que esteve presente nos textos jornalísticos de Maura foram as festas nas quais compareciam muitas mulheres bonitas e inteligentes da sociedade. Os concursos de Miss Brasil e Miss Santa Catarina eram divulgados pela jornalista, muitas vezes mostrando, em sua coluna, a mais bela catarinense ao Brasil. Esse era assunto também para o jornal *A Manhã*, além das entrevistas que fazia. A manchete, datada de janeiro de 1953, diz: *É jornalista a moça mais elegante de Santa Catarina*. Escreve que Layla Corrêa Freyesleben representaria seu estado na escolha das duas mais *Elegantes de Bangu*, no ano de 1952. Em dezessete de maio de 1953 divulgou a Festa das Rosas, mostrando belas mulheres e descrevendo seus trajes

magníficos. Nessa mesma página, comentou a coroação da Rainha Elizabeth II, que seria assistida pelo brasileiro marechal Mascarenhas de Moraes.

Extremamente feminina, publicava páginas dando dicas de como vestir-se bem. Se costurar era um ofício feminino, também era uma forma de incentivar a mulher a adquirir uma profissão. Em 1958, faz uma doação ao Orfanato Pedro Richard, no Rio de Janeiro, de vinte exemplares do livro "Aprendendo a costurar".

De certa forma, percebe-se que Maura tentava de todas as maneiras fazer com que a mulher se superasse, mesmo que a profissão estivesse restrita ao papel feminino. Se na época não havia muitas possibilidades à mulher, não deveria desperdiçar o que tinha em mãos. Por outro lado, incentivava a educação, que seria a melhor forma de superar-se.

Para saudar figuras femininas, Maura usou a célebre frase da poetisa, escritora e feminista americana Gertrude Stein (Pittsburgh, EUA: 1874 - Paris, França, 1946), que naquele ano de 1974 comemorava o seu centenário; uma líder renovadora, segundo Maura: *Uma rosa é uma rosa, é uma rosa, é uma rosa*. E escreveu em seu artigo: "Ruth é uma rosa. Ruth Laus, romancista, decoradora e responsável por um rol imenso de coisas belas no mundo da arte (...)". Assim, nomeou outras mulheres, homenageando-as na coluna *Nós e o Mundo*.

Gazeta de Notícias, Nós e o Mundo, de Maura de Senna Pereira.



Revista Mundo Livre.
(ACERVO: ACL)



na literatura

MAURA DE SENNA PEREIRA

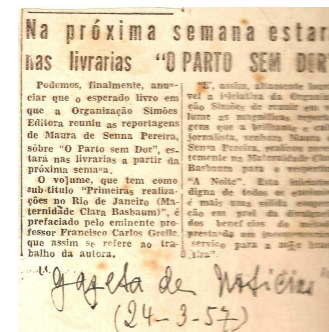


Prestigiando o acontecimento, vemos na foto os escritores catarinenses: Lausimar Laus, Otto Gama de D'Eça, Ruth Laus, Maura de Senna Pereira, Arnaldo Brandão e Konder Reis. À parede, trabalhos de Athos Bulcão e Roberto Burle Marx.



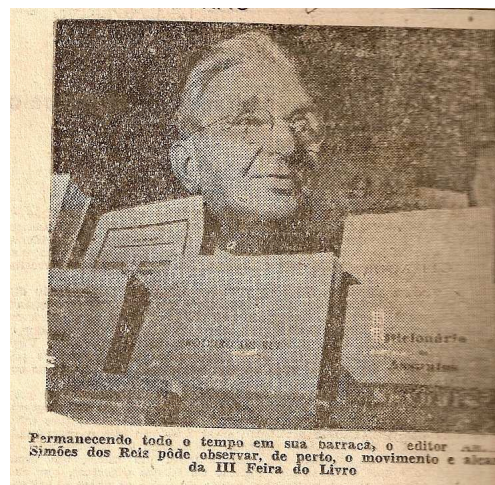
Fonte: *Villa Rica, um tempo feliz*. Ruth Laus

À direita, *Jornal do Brasil*, 21/04/1957 - A MULHER NAS ARTES E NAS LETRAS - PARTO SEM DOR



Acima: gazeta de Notícias. 24/03/1957

Foto de Maura com uma parturiente e seu bebê. Abaixo, Simões, editor do livro *Parto sem dor*.



ULTIMAS EDIÇÕES DE

SIMÕES-EDITOR

NO PAIS DO SOL NASCENTE — Hermes da Fonseca Filho	Cr\$ 70,00
ESTE SORRIR, A MORTE (Poesia) — Edmir A. Paiva	Cr\$ 40,00
MANO — Coelho Neto	Cr\$ 60,00
PARTO SEM DOR — Maura de Sena Pereira	Cr\$ 50,00
IMPRESSA E O DEVER DA VERDADE — Rui Barbosa	Cr\$ 30,00

Ainda este mês: — CENAS DA VIDA AMAZÔNICA — José Veríssimo; — MACHADO DE ASSIS E A POLÍTICA — Brito Broca; — POLÊMICA DE CARLOS DE LAET COM CONSTANCIO ALVES — Prof. Eugênio Gomes.

Próximas edições: A AURORA LIVIDA — Augusto Frederico Schmidt; — MARINHEIRO DO TEMPO — de Fernando Mendes Viana; — O QUE É SOCIALISMO CRISTÃO — Domingos Vellano; — MEXICO — Hermes da Fonseca Filho.

PEDIDOS A

ORGANIZAÇÃO SIMÕES EDITORA

Rua México, 31 - Grupo 203 - Sobreloja

RIO DE JANEIRO

Notícias literárias — “O Parto sem dor”



A notável escritora catarinense, Sra. Maura de Sena Pereira, ao lado do Dr. Jean Claude Nahoum, na Maternidade Clara Basbaum, lê os relatórios de várias senhoras que se submeteram ao método psíco-profilático. Esta é uma das fotografias que ilustram o livro “O Parto sem Dor”, lançado pela Organização Simões Editora, volume que reúne as reportagens que aquela jornalista realizou sobre o assunto.

À esquerda: *Revista do Sul*

Abaixo, Maura autografando “O Parto sem Dor” na Feira do Livro da Cinelândia - 1959.

(ACERVO: ACL)



Assim como os assuntos da sociedade e os literários, outros temas interessantes e atuais eram tratados pela jornalista, como fez com o que resultou no livro *O Parto sem dor*, lançado em 1956 pela Organização Editora Simões, recuperando reportagens escritas para o jornal *A Noite* sobre as primeiras aplicações do método psico-profilático no Rio de Janeiro.

A princípio, a intenção da jornalista seria fazer uma reportagem sobre esse assunto na Maternidade Clara Basbaum, no Rio de Janeiro. Ao conversar com o médico encarregado, sentiu que havia a necessidade de falar mais sobre esse tema e fez quatro reportagens que, aos olhos do diretor da Organização Editora Simões, deveriam se transformar em livro. Tornou-se e foi sucesso de venda na Feira do Livro do ano.

A primeira reportagem foi intitulada *Vencido pela medicina o problema do parto sem dor*, apresentando problemas em suas linhas gerais. Logo, Maura escreveu *O parto sem dor explicado em seis lições*, envolvendo a parte teórica. Continuou seu trabalho jornalístico e, com isso, após muitas conversas com o diretor da maternidade, o professor Francisco Carlos Grelle, e também com o principal assistente do diretor, o Dr. Jean Claude Nahoum, escreveu a terceira reportagem para *A Noite*, intitulada *Diminui o número de partos anormais*. E por fim, Maura entrevistou parturientes que vivenciaram o método psico-profilático. As gestantes faziam um curso na maternidade do sétimo ao nono mês de gestação a fim de preparem-se para o parto. Convencida de que o método de Pavlov⁸³ obtinha resultados, escreveu a última reportagem: *Elas dizem que não sentiram dor*.

⁸³ Ivan Pavlov, (1849 - 1936) fisiologista e médico russo, criador do conceito de reflexo condicionado.

O prefácio do livro é do diretor da Maternidade, F.C. Grelle, profundo conhecedor e estudioso dos problemas de parto. Escreveu:

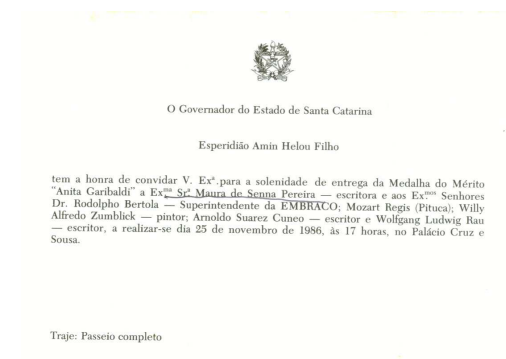
E, assim, altamente louvável a iniciativa da Organização Editora Simões de reunir em volume as magníficas reportagens que a brilhante e culta jornalista, senhora Maura de Senna Pereira, realizou recentemente na Maternidade Clara Basbaum para o vespertino *A Noite*. (...)



Foto sem referência de Cousin e Maura.
(ACERVO: ACL)



Maura recebe Medalha ao Mérito Anita Garibaldi pelos relevantes serviços prestados ao estado.



Anita Garibaldi celebrada no Rio



O nome de Anita Garibaldi, a extraordinária catarinense que, há mais de um século, assombrou o mundo com os seus feitos, andava injustamente esquecido.

Seu nome, no entanto, não pode cair no olvido, pois a história de Anita é um exemplo de amor, patriotismo e luta pela liberdade dos povos, que inspirará sempre os homens.

Folgamos pois, em registrar que, ao mesmo tempo em que, em Santa Catarina, era constituída a Comissão pró Monumento a Anita Garibaldi, uma bela homenagem à Heroína dos Dois Mundos se realizava, aqui no Rio, no auditório do Ministério de Educação e Cultura, em comemoração ao 106.º

aniversário da morte de Anita, organizada pelas seguintes personalidades catarinenses: escritora Maura de Senna Pereira, almirante Lucas Alexandre Boiteux, doutor Lionel Thieme, senhor Alpheu Tolentino de Souza Junior, coronel Alcides Boiteux Piazza, senhora Violeta Feliz, maestro Fioravanti Testa, cantora Fanny Wanderley Espírito Santo e casal doutor Cesar Seara. A comemoração em aprêço foi aberta pela senhora Maura de Senna Pereira, que declamou o poema de sua autoria "Retrato de Anita", poema que publicamos ao lado, com uma ilustração do artista catarinense Moacyr Fernandes, que é também o autor do quadro inaugurado naquela brilhante noite. No clichê, os participantes da solenidade, laudando o retrato.

CASA DE BONECA

MAURA DE SENNA PEREIRA

ANITA

Na cidade da Laguna, "em Santa Catarina", vai ser erguido um monumento a Anita Garibaldi.

Não foi filha de rei, não teve pérolas nos dedos, não se vestiu de ouro e prata. Foi uma filha do povo e mulher de espadachim. Usou vestido singelo e cinto de couro cru. Escandalizou o seu burgo, fugiu com um belo guerreiro e lutou nos mares do sul e nas terras do seu amor. Não teve reis a seus pés, mas tem o culto dos povos. Pois lutou no convés do Seival, nas águas históricas da Laguna, pela República Juliana. A mulher apaixonada desdobrou-se em combatente, enfermeira, amazona, anjo. Foi feita prisioneira no combate de Fortuilhas e, supondo morto Garibaldi, pediu para procurar seu corpo. Oh, ei-la como uma figura de tragédia grega, a face transtornada, um archote na mão, espiando um a um o rosto dos mortos. Mas, no campo fumeado de cadáveres, o guerreiro louro não estava. A moça fugiu então pela noite negra, sôbre o dorso de um cavalo, os cabelos soltos ao vento. O coração ardente batia sob a lua fria da serra. (Os guardas correram espantados, pensando que fosse aparição.) E, com o primeiro filho no ventre, ela atravessou florestas, passou a nado o rio Canoa, percorreu vinte léguas, para encontrar o seu amor. Como legionário de Garibaldi, lutou, mais tarde, pela unificação da Itália. Foi mãe de generais e heroína de dois mundos. Não se vestiu de ouro e prata, mas tem o culto dos povos. Pois lutou até o fim de sua curta vida de trinta anos, como um exemplo vivo de amor às grandes causas do seu tempo.

Por tudo isso é imortal Anita Garibaldi, matuta catarinense, musa da liberdade.

MAGDA - Não, jamais guarde roupas suadas no guarda-vestido. Então, com o calor horrível que tem feito, quando tiramos nossas roupas, sentimos que elas carregam toneladas de suor. Pendure os fora do guarda-vestidos durante a noite e só guarde no dia seguinte.

Pereira, redação de GAZETA DE NOTÍCIAS, Avenida Presidente Vargas, 417-A - 1º andar.

**GUIOMAR FERREI
DE MATOS**

ADVOGADA

RUA 1.º DE MARÇO, 7

Sala 904

Fone: 23.285

Enderço para "Casa de Boneca": — Maura de Senna

À direita: coluna de Maura no jornal *Gazeta de Notícias*. - 1961

À esquerda: Revista do Sul "O Vale do Itajaí" - 1961.

(ACERVO: ACL)



**Com Dina Teresa Cruz e Sousa, uma bisneta de Cruz e Sousa, homenageada no centenário do nascimento do poeta catarinense. - 1961
(ACERVO: ACL)**

CÍRCULO SEXTO

POEMAS



MAURA DE SENNA PEREIRA

O quinto livro (o terceiro de poemas) foi *Círculo Sexto*, publicado pela Organização Simões Editora em 1959. Dedicado ao marido Almeida Cousin, teve seu lançamento em dezembro desse ano. As ilustrações são de Quirino Campofiorito e foi dividido em quatro partes: *Canto da Companheira*, contendo nove poemas, *Círculo Sexto*, contendo oito poemas, *Rosa do Caminho*, apresentando quatro poemas e, finalmente, *Terra catarinense*, com cinco poemas.

A crítica foi positiva também nesse livro. Agripino Grieco escreveu a orelha do livro:

Só agora tive ensejo de conhecer os seus versos em conjunto, e encantei-me. Que ardor lírico e, ao mesmo tempo, que fervor diante das causas sociais que apaixonam o mundo de hoje! Sente-se bem, na artista, o desejo de que não tardemos a descobrir a Canaã moral onde todas as almas se saciem de igualdade e ternura. E, pela riqueza do conteúdo, avivada na agilidade do ritmo, sua poesia "Rosa da Feira" parece-me digna de figurar nos florilégios mais escrupulosos.

Um aperto de mão do sincero admirador.



Grieco visto por Augusto Rodrigues

Esse depoimento foi transcrito em outras ocasiões, várias vezes.

Outro poeta que leu o livro nos originais e manifestou seu encantamento foi Guilherme de Almeida, o *Príncipe do Poetas Brasileiros*. Escreveu uma carta à poetisa, que foi transcrita no jornal *Gazeta de Notícias* em 08/01/1960, enfatizando a beleza dos poemas *Histórias para a menininha*, *Rosa da Feira* e o *Marujo em três tempos*.

Com muitos elogios, a poetisa foi comentada em Portugal por Ferreira de Castro. Em 1966, Amândio Naia escreveu para o *Jornal de Almada*, também de Portugal, destacando Maura de Senna Pereira.⁸⁴

Quando houve a festa de lançamento, o livro já circulava nas livrarias há vários meses e a crítica já havia manifestado sua opinião.

Era comum acontecer as tardes de autógrafos na Livraria São José. Carlos Ribeiro, o proprietário da livraria, intencionava criar o hábito da boa leitura e aproximar os escritores do público, e chegara a vez de Maura, que foi apresentada por Carlos Ribeiro, o qual enalteceu a poetisa e jornalista. Elogios também vieram de outros grandes escritores, como Guilherme de Almeida e Ferreira de Castro.

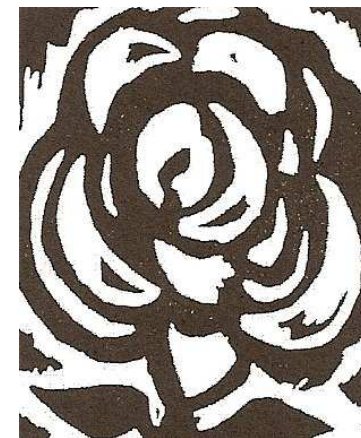
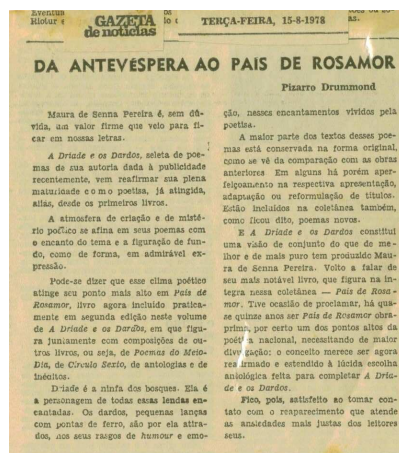
Esse grande acontecimento literário contou com a presença de personalidades como Orígenes Lessa, Astrogildo Pereira, o Desembargador Henrique Fontes, o Senador Carlos Gomes de Oliveira, a viúva de Graciliano Ramos, entre outros.



⁸⁴ BERTOLINO, op.cit. p.154.



Maura e Cousin

Ilustração do livro *País de Rosamor*.

"Não saio deste caminho:
este caminho me leva
ao País de Rosamor".

Assim Maura de Senna Pereira iniciou o *País de Rosamor*. Publicado em Florianópolis pela Edições do Livro de Arte e apresentando vinhetas originais em madeira, esteve sob a responsabilidade de Hugo Mund Jr. e João Paulo Silveira de Souza. Foram tirados trezentos exemplares de luxo, numerados e assinados pela autora.

Esse livro, publicado em 1962 e considerado a obra prima da poetisa, foi dedicado a Almeida Cousin, sendo comentado pela imprensa e por grandes autores brasileiros. Foi apresentado à Academia Brasileira de Letras por Álvaro Moreyra, que na ocasião leu o texto:

O mapa do mundo onde Platão construiu a sua "República", e onde Epicuro plantou o seu "Jardim", cresceu depois uma ilha da "Utopia" descoberta por "Thomas Morus" e "A Cidade do Sol", por "Tommaso Campanella". Em tempo ainda juntos de nós, foi nesse mapa que Manuel Bandeira pôs o prestígio de um reino, logo feito estada de alma: "Passárgada". Tantos lugares de pouco turismo ganharam um céu "d'O Pequeno Príncipe", visto por Antoine de Saint Exupéry. (...) Agora, Maura de Senna Pereira de poesia armada, está vivendo no "País de Rosamor", novo e feliz. De lá manda notícias no idioma dos naturais, cheio de cores, balançado pelas vozes da gente que chegou do mar, da que ouviu nos trovadores de Portugal e da que aprendeu nos cantos africanos. (...) O livro das notícias do "País de Rosamor é para se ter perto. Envolve de belezas os olhos, de esperança o coração."⁸⁵

Murilo Araújo diz: "País de Rosamor é um dos reinos da Poesia".

Carlos Drummond de Andrade escreveu à Maura:

Rio, 20 novembro 1962.

Amiga Maura de Senna Pereira:

"País de Rosamor" : que nome mais belo para um país, e que país mais belo do que esse ? Por sua poesia fui transportado até êle, e nêle encontrei sua presença amiga, a confortar o aniversariante maduro.

Obrigado, Maura, pela poesia capaz de criar um mundo mais delicado no mundo em que vivemos, e pelas palavras de simpatia que me dedicou.

O afetuoso abraço e a admiração do

Carlos Drummond de Andrade

⁸⁵Ibid. p.159.

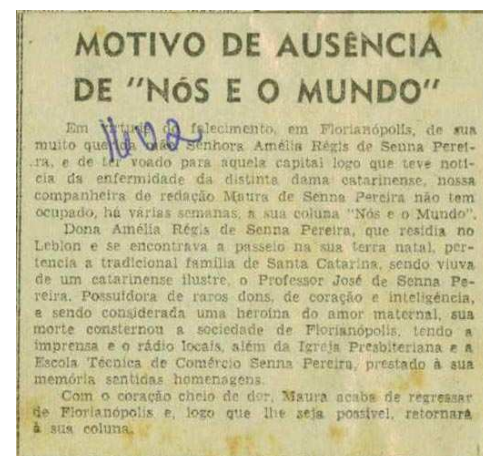
Eram muitos os críticos que comentavam os poemas, mostrando sempre um entendimento maior e um novo motivo para exaltar cada pedacinho daquele País de Rosamor.

Essa obra prima de Maura não pôde ser festejada, como fez com os livros lançados anteriormente. Na ocasião, fazia poucos meses que sua mãe havia falecido e preferiu ficar com sua dor e deixar que o livro tomasse seu caminho.

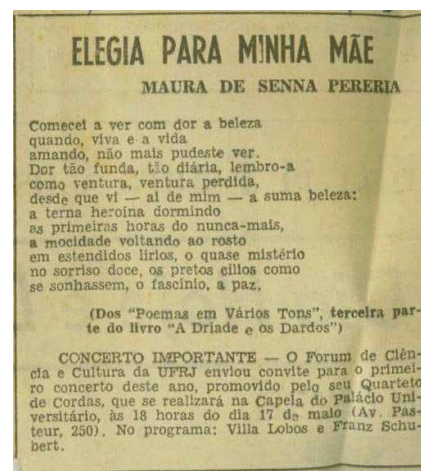
Escreveu sobre o livro em *Gazeta de Notícias*:

Inventei um país de ventura, sonho e beleza, todos irmãos, as castanhas saltando festivas em todos os pratos, as bodas simples e belas ("rosas em torno de nós") - tão puros - a cirandar com os pombos e as serpentes, as mulheres cobertas de esmeraldas, a primavera durando cem anos e a lua perto. Proscreevi todas as coisas abomináveis: o dinheiro, a guerra, a doença, a tortura, a fome. E os cemitérios, está claro. Como existir triste cidade dos mortos no reino da vida plena?⁸⁶

Gazeta de Notícias - 1962



⁸⁶ PEREIRA, 2004, op.cit. p.31.



Recortes sobre a morte da mãe, Amélia de Senna Pereira.

Ao lado, poema de Maura.



1963 - Maura vem a Florianópolis prestigiar a II Feira do Livro.

Coral Infantil da E.B. Maura de Sena Pereira

Em homenagem à poetisa, em 1967 o Governador Ivo Silveira assinou um decreto no qual o então Ginásio Normal Pinheiro Preto passaria a denominar-se *Professora Maura de Sena Pereira*. Maura manteve contato com essa escola trocando cartas com a direção e com alunos. Em 1972, Maura foi convidada para ser paraninfa dos formandos da escola. Não podendo participar, enviou saudações ao grupo.

Doava seus livros à biblioteca e também aos alunos. Em carta datada de julho de 1983, o então diretor Euzébio Cavalcante respondeu a carta de Maura, agradecendo o livro do escritor Nereu Correia que a



poetisa enviou ao aluno Mario Bressan, e foi grato também pelas flores que chegaram com seu perfume. A escritora mostrava-se preocupada com os acontecimentos locais, com a grande enchente ocorrida em 1983 e que afetou o município.

Recorte de jornal - 1968

FATOS MARCANTES:

MAURA SENNA: Ai de quem pára no tempo e não dialoga com as novas gerações.

José Teixeira Peroba

MAURA DE SENNA PEREIRA, autora de dois livros de reportagens, um de discurso e quatro de poesia. Exerceu nos seus verdes anos o magistério secundário em santa Catarina, onde nasceu, sendo atualmente membro da Academia Catarinense de Letras. Como delegada da mesma, foi recebida pela Federação das academias de letras do Brasil, ocasião em que pronunciou um discurso que vai integrar uma antologia sobre Santa Catarina. Em palestra, com esta coluna, Maura de Senna explica, inicialmente, uma significativa homenagem em sua terra natal, que lhe foi auferida.

- Segundo o Presidente do centro Catarinense, tive foi uma promoção. O Governador Celso Ramos deu a um grupo Escolar o meu nome, e há meses, na cidade de Pinheiro Preto, um Ginásio Normal, com o mesmo nome.

- Maura, como você vê os jovens de nossos dias?

- Eu sou das que acreditam na juventude e não posso deixar de admirar essa maioria em flor que trabalha, estuda, luta por um lugar ao sol, espera por um dia melhor. Quanto as suas rebeldias e inovações, de que tantos se queixam, acho natural que rapazes e moças as tenham e as manifestem.

- Mas nós podemos não apreciá-las, pois não?

- Podemos muitas vezes não apreciá-las, pois ai de quem pára no tempo e se torna incapaz de dialogar com as gerações mais novas.

- Mas quando essas rebeldias assumem caráter nocivo?

- Bem, a marginalidade tem raízes sociais e econômicas. Penso que na literatura brasileira, por exemplo, ninguém melhor do que Santos Moraes analisou em termos de romance-primeiro "O Menino João" e depois em "Os Filhos do Asfalto", o tema dos jovens marginais do morro e da sociedade.

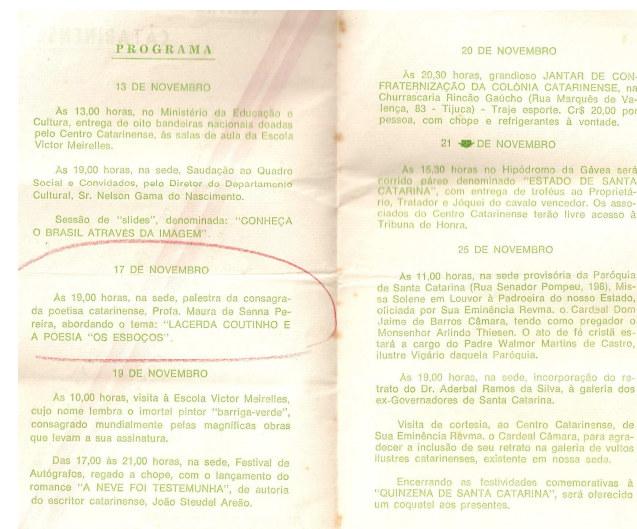
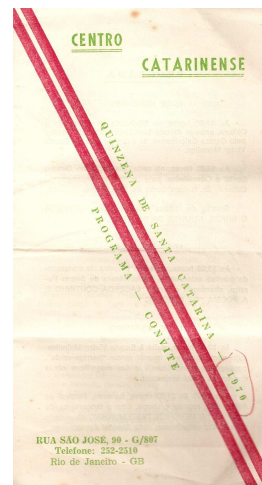


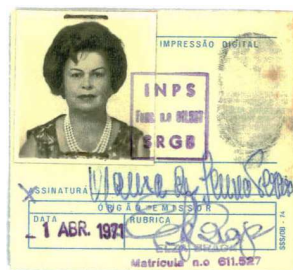
- E o que diz da chamada juventude transviada?
- Ela é uma conseqüência, um sintoma. Não é árvore, é fruto.
- Qual o maior escritor brasileiro, Maura?
- Para mim ainda é Machado de Assis.

Com a morte de Laércio Caldeira de Andrade, o saudoso professor que acompanhou sua infância, Maura escreveu a Theobaldo Costa Jamundá (12/03/1971) lamentando a perda. Laércio foi um dos fundadores da *Escola Técnica Senna Pereira*, juntamente com seu pai José de Senna Pereira, e a esposa de Laércio, D. Josefina, que a ajudou a preparar-se para a Escola Normal.

Convite do Centro Catarinense, 1970
 Às 19:00 horas, na sede, palestra da consagrada poetisa catarinense,

Profa. Maura de Senna Pereira, abordando o tema "LACERDA COUTINHO E A POESIA "OS ESBOÇOS".





Em 1972 Maura de Senna Pereira foi recepcionada na Federação das Academias de Letras do Brasil, passando a atuar como Delegada de Santa Catarina. Na ocasião, recebeu a Medalha da Academia Catarinense de Letras das mãos de Almiro Caldeira de Andrada.

Carteira do INPS - 1971



Aos muito queridos
irmãos e amigos
Maura et Cousin,
nossos melhores votos de
um alegre Natal e
de Feliz Ano Novo!
Zaurinha et Dupont
Rio, 19/10/71.

Zaura e Dupont - 1971

Ao lado: Maura e Cousin - 1973



Ao lado: Março 1974 - *Gazeta de Notícias*

Abaixo: Lançamento de *Nós e o Mundo*.



Em 1974, editado pela Livraria São José, do Rio de Janeiro, lançou o livro de crônicas *Nós e o Mundo*, título de sua página no *Gazeta de Notícias* no qual resgatou seus textos jornalísticos. No dia da tarde de autógrafos desse livro, Maura e Cousin receberam a medalha comemorativa do centenário da *Gazeta de Notícias*, com a companhia de mais de cem amigos que a prestigiaram na livraria São José. Essa foi uma das medalhas mais importantes que a jornalista recebeu, pois o marido estava a seu lado e os dois receberam medalhas iguais.

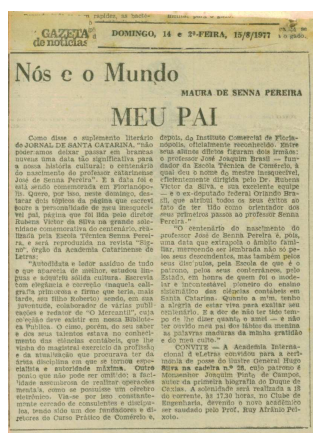
Gazeta de Notícias - 4 de agosto 1974



Carta de Jorge Amado, parabenizando pelo livro *Nós e o Mundo*, e, anexo, um bilhete de Zélia Amado.

O livro, com a capa de Ely Braga, que constava de pequena parte das crônicas, resenhas e artigos de sua coluna com o mesmo nome, foi bem recebido pelo público. Em 19 de julho, Maura recebeu uma carta do ex-presidente Juscelino Kubitschek, dizendo tais palavras: "O seu mundo se compõe do mundo dos outros e neste você se mostrou inteligente, hábil e mais do que tudo com uma rara capacidade de criar e de escrever".

No ano seguinte houve uma homenagem a José de Senna Pereira, comemorando o centenário de seu nascimento. Maura não pode comparecer à cerimônia, enviou aos homenageantes mensagem escrita, na qual mostrava ternura



pelo pai, passava informações biográficas e transmitia à juventude da época a figura do grande mestre, cheia de grandeza moral e cívica. A mensagem foi lida na cerimônia pelo diretor da *Escola Técnica de Comércio Senna Pereira*, Dr. Rubens Victor da Silva. Cópias-lembranças foram distribuídas a mais de mil alunos. Na ocasião, houve a inauguração do retrato do professor Senna Pereira e uma placa comemorativa de prata. A cerimônia realizou-se no auditório da Escola Técnica de Comércio Senna Pereira, em 30 de abril de 1977.

1977 - *Nós e o Mundo*: sobre o Centenário de nascimento de seu pai.

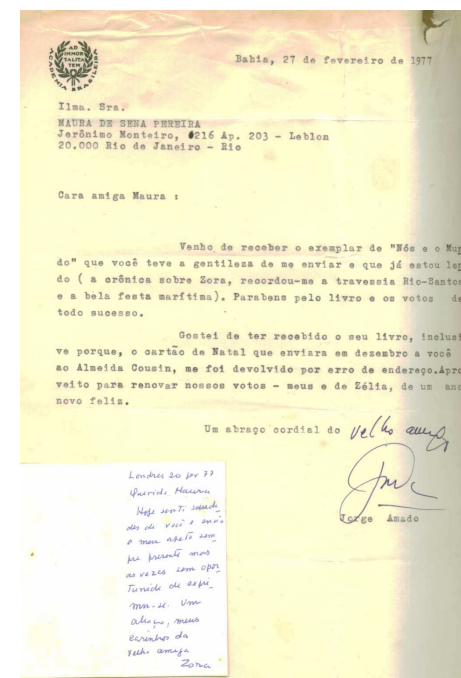


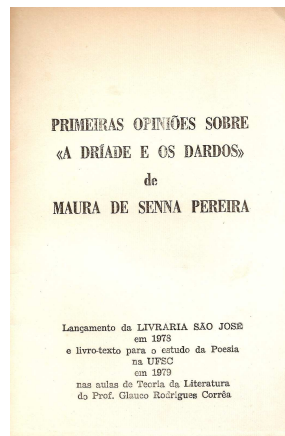


Foto do Centenário de José de Senna Pereira.
Maura não pôde comparecer.

Correio do Povo - 1977



Também pela Livraria São José, em 1978, surgiu o quinto livro de poemas, *A Dríade e os Dardos*, com poemas dos livros *Poema do Meio-dia*, *Círculo Sexto*, *País de Rosamor*, de antologias e algumas poesias inéditas - também dedicado ao Marido: "para ALMEIDA COUSIN meu amor". A capa é de Ely Braga, as ilustrações de Quirino Campofiorito e as vinhetas de Hugo Mund Júnior. O lançamento foi na ABI, Associação Brasileira de Imprensa.



Ilustrações do livro *A Driáde e os Dardos*

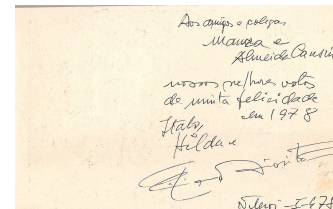
Nomes importantes da literatura escreveram à Maura felicitando-a pelo livro. Carlos Drummond de Andrade enviou cartão em 23 de julho de 1978, Henriqueta Lisboa, Margarida Lopes de Almeida, Pizarro Drummond, Jorge Amado, sendo que este último enfatizou a preferência pelo poema "Quero ajudar". Também da Argentina, Julia Gadea e Júlio G. de Alari escreveram cartas à poetisa, elogiando-a.

Além da imprensa do Brasil, a imprensa de Portugal e dos Estados Unidos comentaram a poesia da catarinense. Teresinka Pereira, da Universidade do



Colorado, escreveu sobre Maura de Senna Pereira: "Buscar-me solta amanhecendo/ dentro da tarde na solidão selvagem".⁸⁷

Cartão de Quirino Campofiorito - 1978
(ACERVO: ACL)



O lançamento de *A Dríade e os Dardos* ocorreu em 27 de julho de 1978, a partir das 17 horas, na ABI, meses após o livro entrar em circulação; a poetisa autografou seus livros para inúmeras pessoas ilustres.

Jornais que comentavam o livro foram recortados por Maura a fim de montar uma plaquete, que foi editada também pela livraria São José. Essa plaquete e o livro serviram de textos para as aulas do professor Glauco Rodrigues Corrêa, na Universidade Federal de Santa Catarina. Literatos das Academias de outros estados manifestaram seu gosto pela *Dríade e os Dardos*. Também o prefácio de Manoel Caetano Bandeira de Melo foi elogiado por Carlos Drummond de Andrade e outros.



Questionada sobre a escolha do título, Maura respondeu que "a Dríade é uma evocação da Maura em flor solta nos bosques natais". Teresinka Pereira, professora de literatura brasileira na Universidade do Colorado, em artigo chama-a 'dádiva erótica'. "Descobrimos a poeta libertando-

⁸⁷ BERTOLINO, op.cit. p.177.

se da sensação corporal e alcançando o nível cósmico do pensamento ultra-universal e descobrimos mais, achamos a companheira que canta de mãos dadas com o povo na rua buscando o pensamento do mundo'. É quando, talvez, começam os Dardos..."⁸⁸

Cartão de Zélia e Jorge Amado - Natal 1977

Suplemento Cultural Goiânia, 31/12/78 Página 2

Maura de Senna Pereira:

Poesia é pensamento ou emoção ou ambos (um centauro, como disse Ezra Pound?) expressos em musicalidade.

ENTREVISTA CONCEDIDA A MIGUEL JORGE

M.J. - Para você o que é poesia?
M.S.P. - Para mim poesia é pensamento ou emoção ou ambos (um centauro, como disse Ezra Pound?) expressos com musicalidade.

M.J. - De quais temas ou problemas se alimenta a poeta Maura de Senna?
M.S.P. - Principalmente de temas sociais e existenciais.

M.J. - O mundo está sendo envolvido por uma capa "vinil" de materializando dia a dia, e muitos poetas andam descrentes da poesia. Você se filia a esta corrente?
M.S.P. - Já pensei assim, não só pelos motivos que você lembra, mas também por ser a supervalorização da prosa, principalmente da ficção - e a poesia cada vez mais alienada, hermética, sem vínculos com o povo. Cheguei até a solidarizar-me com um editorial nesse sentido, estampado num jornal sulista. Hoje não, a poesia começa a retornar às suas fontes e de novo acredito na sua sobrevivência.

M.J. - A Maura jornalista é diferente da Maura poeta?
M.S.P. - Sim, é diferente. Jornalismo é profissão, que comecel a exercer concomitantemente com o magistério na Ilha de Santa Catarina. Tempo dos verdes anos. No Rio tenho sido jornalista, trabalhando em vários jornais e escrevendo o que me mandam e, às vezes, sugiro: crônicas, reportagens, artigos, tópicos, pesquisas, comentários - ligados ao fato, ao dia-a-dia. Foi secretária de revista e entrevistei muita gente, principalmente educadores, médicos e cientistas. Três livros saíram dessa militância diária. No exercício do jornalismo o "colonialismo literário" a hoje faço apenas resenhas de livros recebidos.

M.J. - Seus poemas nascem em algum momento especial, ou em qualquer resto de tempo, que lhe sobra das atividades jornalísticas?
M.S.P. - Meus poemas nascem quando um pensamento quer ser canto. Eu tenho de ter algo para dizer e, se a palavra não estiver lá, invento.

M.J. - Para você o que é mais importante num poema?
M.S.P. - Seus dois elementos: a forma e o conteúdo.

M.J. - Finalmente, você está ligada de alguma maneira à literatura feita em Goiás?
M.S.P. - Há muito tempo estou ligada à literatura de Goiás e admiro a força regária - do povo goiano, que se reflete nos seus escritores. Conheci alguns em congressos nacionais da classe em Belo Horizonte e Porto Alegre. Entre eles, o grande Bernardo Ellis e minha fraterna amiga Amália Hermano Teixeira. Livros fui recebendo e minha admiração aumentando. Ultimamente a ponte é o Suplemento Cultural que você edita, proporcionando cada semana ao Brasil - nas suas páginas altat onde brilham as estrelas goianas - uma festa de poemas e contos, artigos, estudos... Devo essa aproximação ao ensaísta Nelson de Alcântara, pernambucano que adora Goiás e curte os amigos. O Suplemento Cultural é um exemplo de trabalho sério e um curso permanente, que muito me tem ensinado, merecendo de todos nós, leitores, aplausos e agradecimentos.

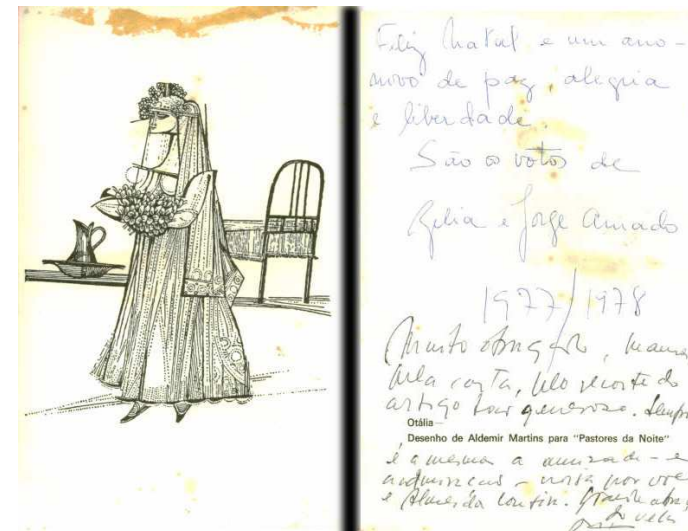
POEMAS DE MAURA DE SENNA PEREIRA

AS COMEMORAÇÕES

Eis que passam os nascidos entre cânticos eles que jamais viram nenhuma das faces do Dragão eles que montam em leopardos e têm um halo sobre a franja. Sei sono e como os dos pássaros nos ares altos da montanha despojado de qualquer sonho que pinhas sobras no dia branco. Eis que passam os nascidos entre cânticos.

O HOMEM & O TEMPO

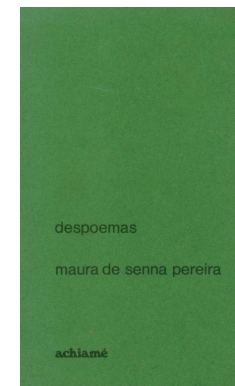
Maura de Senna Pereira autora de *A Dridade* e *os Dardos*.

31/01/1978 - Entrevista concedida a Miguel Jorge ao Suplemento Cultural do jornal *O Popular*, de Goiânia.

⁸⁸ Entrevista concedida a Miguel Jorge. Suplemento Cultural de *O Popular* - Goiânia: 31/12/1978.

O livro *Despoemas* chegou ao público em 1980, com poemas de temas variados. Na ocasião, a poetisa passava por uma situação difícil: Cousin havia sido atropelado e ficara um mês internado. A esposa estava totalmente voltada ao marido, preocupada em atendê-lo. No acidente, Cousin sofrera traumatismo craniano e a recuperação foi lenta. Estava entre o hospital e a sua casa. Ruth escreveu à irmã no dia 22 de março de 1979:



Minha querida irmãzinha.

Mando-te esta com o endereço da Zaurinha, porque sei que ainda estás no hospital, com o nosso querido Cousin. Infelizmente ainda não te posso acompanhar e imagino como não estás cansadinha! Mas Deus há-te recompensar as tuas ânsias e o nosso querido muito em breve poderá voltar pra casa. O principal é que ele está bem assistido e nada lhe tem faltado; é uma questão de dar tempo ao organismo para reabsorver o coágulo e o resto vai entrando nos seus eixos. Sei que a dedicação e o desvelo que tens por ele, esses dias estão parecendo séculos. (...)

Ao amigo Nereu Corrêa escreveu no dia 13 de julho de 1979 e comentou o "estúpido acidente" que mudou suas vidas. Cousin já estava salvo e lúcido, mas ainda muito magro e fraco. O edema cerebral havia sido reabsorvido graças à competência dos médicos. Quatro meses passaram, - ou quatro séculos? - perguntava-se ela. Ficou inteiramente dedicada ao marido. Quando voltavam à vida normal, tiveram a perda de um cunhado, irmão de Cousin.

Antes do acidente, Cousin costumava praticar exercícios físicos e, quando encontrava alunos, deixava-os surpreendidos com o vigor que o professor mantinha, apesar da idade. O acidente deixou seqüelas de um coágulo no cérebro, impossibilitando o professor de continuar a exercer as atividades físicas costumeiras.



**Nota sobre o atropelamento de Cousin no
Jornal da Associação Espírito-Santense de Imprensa**

Assim, *Despoemas* é dividido em partes: *Do Amor, Lua e Luta, Terra minha sob o signo da poesia e Os adeuses*. Inicia com o poema *No vale samaritano*, no qual descreve a luta enfrentada durante o mês em que cuidara do marido no hospital.

Eis que me despeço deste vale
onde a tragédia nos fez aterrissar
por todo um mês (ou todo o século?)
Ele, em seu leito, por hábeis mãos cuidado,
recebendo no soro as substâncias
que foram reabsorvendo o sangue extravasado
Eu era toda aflição contida e esperança
na ação dos dois médicos perfeitos
Já tarde, quando, sedado ou não, ele dormia
em vigília sempre eu ia contemplar a noite:
a rua de casas belantigas (elas existem?)
o morro de pedra e verdes novos pela frente
o grande edifício à esquerda, os outros menores,
e sobretudo o céu estrelado, a lua às vezes
e, bem no alto, aquele que foi crucificado
por tanto amar a gente
A pouco e pouco as luzes das casas se apagavam
(Dormem? Sonham? Fazem amor?)
Depois era o céu que esmorecia: as constelações,
os planetas, a lua, quando aparecia, tinham ido embora
Só então ficávamos nós dois sozinhos, ó Cristo!
Ai de mim, não te fiz nenhuma prece
mas naquele repetido encontro face a face
parecia ouvir-te: Descansa mulher,
ele sairá daqui pelo teu braço
É o que vai acontecer agora
pois que dois seres raros conseguiram a vitória de

[recupera-lo
Somente na ciência eu creio, sim,
porém jamais esquecerei, ó Cristo,
que teus luminosos braços abertos
estiveram sempre abertos para mim

Os Adeuses, a última parte, encerra com o poema *Testamento*, no qual expõe repúdio por algo inevitável: a morte.

Alguns dos poemas são inéditos. Como foi com seus livros anteriores, esse livro de capa verde e formato pequeno, e que também foi publicado pela Editora Achiamé, foi sucesso e motivo de interesse entre escritores. Recebeu diversas cartas e cartões; Drummond escreveu à sua amiga, José Loureiro Francisco de Carvalho, o poeta catarinense Alcides Buss, o também catarinense Carlos Ronald e até Antonio Houaiss escreveu em papel timbrado da Academia Brasileira de Letras. Diz Houaiss:

Os Despoemas me tocaram, pois são canto forte de quem sabe o que valem as palavras e os pensamentos e as ações também, as havidas e as futuras. Sua mestria vai ombro a ombro com um predicado fundamental, a concisão, a brevidade densa de conteúdo: cada poema seu diz muito, e esse muito, que o poeta quis, vibra em nós por muito tempo.⁸⁹

⁸⁹ BERTOLINO, op.cit. p.198.

Despoemas foi notícia em várias partes do país, entre tantos, *Gazeta de Notícias*, na qual Maura era colunista, e também acadêmicos de várias Academias do Brasil mandaram suas publicações ao jornal. Segundo Pedro Bertolino, o escritor de *Viagens com Maura*, Pizarro Drumond foi quem melhor explorou um dos temas do livro, o sentimento religioso de Maura. O texto escrito logo após apresentar *Despoemas* na "Federação das Academias de Letras no Brasil" foi mandado à Maura sob o título "Maura e a Religião da poesia".

Maura e Almeida Cousin, em frente à Igreja de Aparecida (sem data)

No poema "Pedras para o templo", publicado no livro *Círculo Sexto*, Maura fala sobre a religiosidade; no entanto, uma primeira versão foi publicada na revista cultural carioca *Esfera*, em 1946, modificada e deixando mais clara sua posição diante da religião:

Não tenho deuses, mar.
Terra,
céu,
homem,
pedra,
selva,
não tenho deuses.

A dúvida andou sempre enroscada
nos meus hinos , minhas orações.
Porque fui embalada com salmos e cantos sagrados
cresci decorando os belos versos bíblicos,



interpretando parábolas, recitando preces.
(Eram as minhas lições nas manhãs de domingos.)

Eu precisava, contudo, de não pensar
no conteúdo e na direção dos meus cânticos de louvor,
para dizê-los inflamadamente.
Mesmo nas horas profundas das cerimônias,
meus hinos estiveram vazios de Deus.

Mas, no dia em que a dúvida crescente rompeu todos os
muros,
comecei a ser eu mesma
e, assim, posso, proclamar:
não tenho deuses, mas

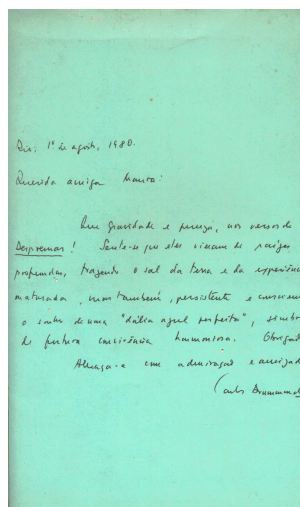
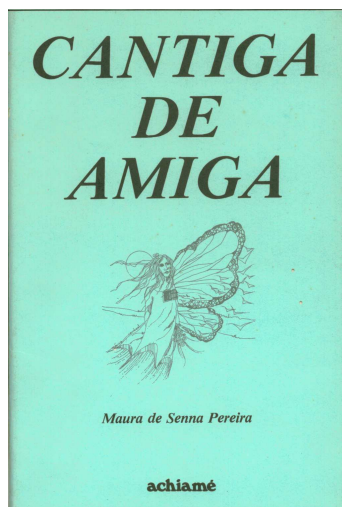
Tenho, porém, uma fé capaz de remover montanhas:
- num mundo melhor aqui na terra.
Uma fé que transborda em mim como um rio cheio:
num mundo sem classes, onde a ventura coletiva reine.
Trago uma lama ardente de Tereza de Jesus, mas

Não tenho deuses, mar.
Terra,
céu,
homem,
pedra,
selva,
não tenho deuses.⁹⁰

⁹⁰ BERTOLINO, op.cit. p.156.

Aos 76 anos e apesar dos problemas enfrentados, Maura permanecia com a mesma garra para escrever de quando era jovem.

Um ano após *Despoemas*, uma nova publicação pela Editora Achiamé surgia nas livrarias: *Cantiga de Amiga*, que trouxe ilustrações de Márcia Cardeal. Maura dedicou o trabalho para seu "grande companheiro", Almeida Cousin, para os "irmãos muito amados, Ilka, Ruth, Samuel e Zaurinha", aos "amigos" e para seus "pássaros". As epígrafes são de Ezra Pound: "A poesia é um centauro" e de Fernando Pessoa: "Sou um evadido / logo que nasci / fecharam-me em mim. / Ah, mas eu fugi".



A ilustradora Márcia Cardeal teve bom relacionamento com a escritora. Antes de se conhecerem pessoalmente, a artista morava em Brusque, Santa Catarina, e publicava um jornalzinho mimeografado de arte, literatura e cultura em geral, chamado *Cogumelo Atômico*, juntamente com um grupo de amigos, entre eles, Luís Teixeira - e foi por meio desse jornal que se conheceram. A poetisa era o contato do grupo no

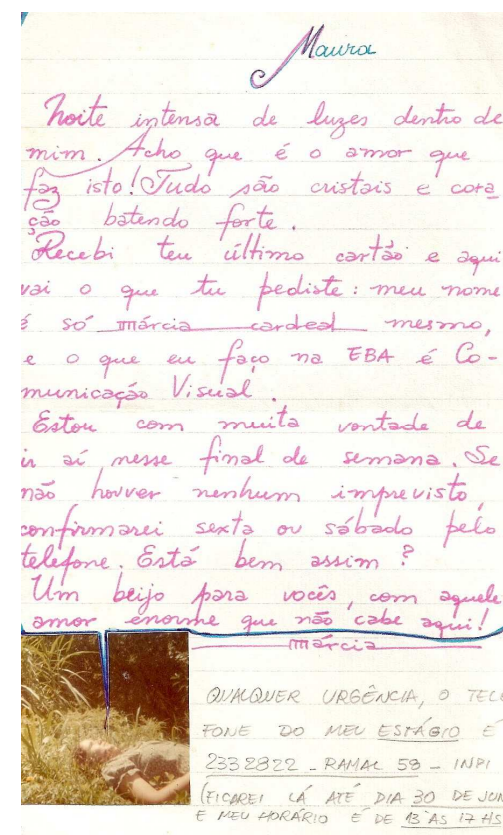
Rio de Janeiro e se correspondia com eles. Em 1978, Márcia foi morar no Rio e procurou Maura para conhecê-la pessoalmente, pois admirava seu trabalho. Maura já conhecia algumas ilustrações que Márcia havia publicado no jornalzinho de Brusque, e a convidou para algumas ilustrações e capas de livros. Com isso, houve

uma aproximação; a jovem visitava com freqüência o casal no Leblon. Nos domingos, ao final de manhã, Márcia Cardeal ia almoçar com eles no restaurante Real Astória, onde o casal era muito estimado.

Havia um carinho especial pela jovem catarinense que saía de sua cidade para fazer faculdade de Comunicação Visual na Escola Belas Artes da UFRJ. Carinho percebido nas cartas, cartões e bilhetes enviados à poetisa. Como Maura, Márcia se referia a Cousin por *Paizola*. Talvez a impossibilidade de ter filhos fez com que houvesse uma certa transferência, pois Maura dedicava atenção e certo amor maternal por aquela jovem que estava longe de sua família. Márcia Cardeal ilustrou outros livros de Maura.

O livro *Cantiga de Amiga* apresenta os poemas numa bela edição em folhas soltas dobradas e uma capa de forma a protegê-las. Na outra capa, vê-se um bilhete fac-similado do amigo Carlos Drummond de Andrade, no qual elogia seu livro anterior, *Despoemas*. Na parte interna da capa, foram impressos opiniões e críticas sobre os livros *A Dríade e os Dardos* e *Despoemas*. São comentários de catarinenses como Alcides Buss, Lauro Junkes, Nereu Corrêa e outros escritores e críticos do Brasil, como Jorge Amado, Henriqueta Lisboa, Teresinka Pereira, etc.

Carta de Márcia Cardeal
Acervo: ACL



Maura



Espero encontrá-los bem (apesar destas más) lufadas) que têm soprado sobre o nosso futuro, sobre o miserável futuro desta pátriamada!).

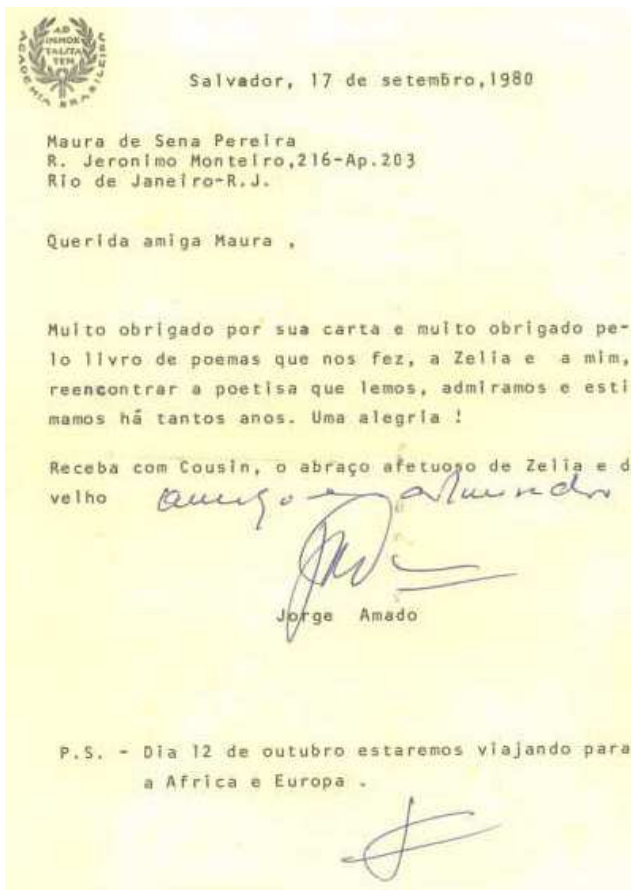
Por aqui, estamos bem. Muito chuva e muito frio em todo o estado. É outra vez aquela tragédia em SC, como vocês devem estar a par. Só que agora Brásque também foi atingido. Não tenho notícias recentes de lá, mas sei que em casa está tudo bem. A cidade ficou arrasada. E eu não consigo entender como pôde acontecer, pois pra chegar ao nível que chegou, deve ter descido muita água mesmo. E agora, a reconstrução, o suor... enquanto os bilhões rolavam em Brasília na convenção do PDS... Nesta história toda, tenho admirado muito mesmo o Amin. Tanto melhor assim!

Aninha esteve aqui conosco. Trouxe os livros que eu quero agradecer. Ela foi esta semana e já sinto saudade.

Soubeste que Luís e Cláudia já estão em Brásque? Está com vontade de ir até lá qualquer hora para vê-los. Conversar com elas me dá energia, me renova, pois são incrivelmente fortes. E o carinho entre elas me lembra muito o que sinto em vocês. Me enche de luz!

Um beijo e um abraço


Márcia



À esquerda: Carta de Márcia Cardeal

À direita: Carta de Jorge Amado

Cartão de Drummond a Cousin e Maura - dezembro 1981


 Fazer de areia, terra e água uma
 caução.
 Depois, moldar do vento a flauta
 que há de espalhar essa caução.
 Por fim, tecer de amor laibim e dedos
 que a flauta animarão.
 E a flauta, sem nada mais que pureza
 envolvera' o sonho desta vida
 por todo o tempo, na amplitude.

1981-1987

Aos bons amigos
 Maura
 e
 Aluísio de Cousin,
 também os melhores votos
 de alegria, paz e criação.
 Drummond

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

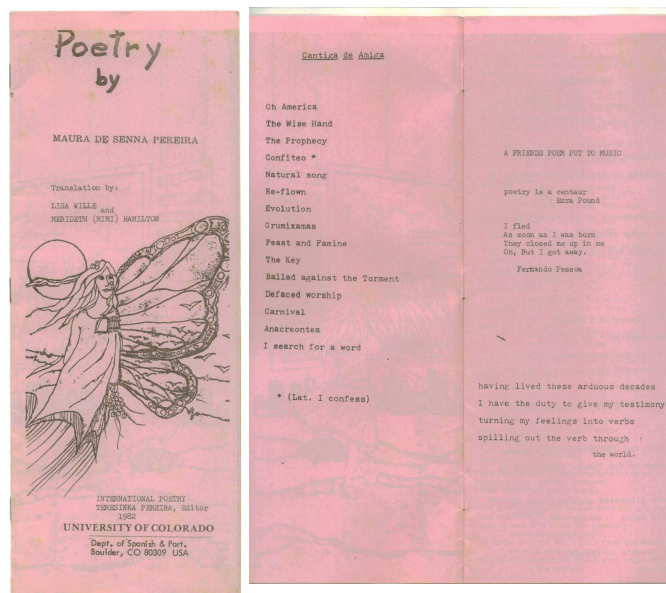


MARIA JULIETA DRUMMOND DE ANDRADE
 Pt. A., 10.4.87

Maura,
 Obrigada pelas tuas palavras cautelosas
 a respeito do meu "Briqueforte". Espero que
 tu também tenhas sentido as mesmas, sem
 dando o teu melhor intento. Fede é real-
 mico na vida, não?
 Um abraço afetoso, em pleno outono,
 da
 Julieta

Acima: Foto de Drummond com a filha Maria Julieta e cartão de Maria Julieta Drummond

A representante das letras catarinenses comemorava, nesse ano de 1981, juntamente com o lançamento de *Cantiga de Amiga*, o cinquentenário da sua primeira publicação em livro, *Cântaro de Ternura*. Em novembro de 1982, recebeu correspondência oficial do então Presidente do Conselho Federal de Cultura, Oswaldo Ferreira de Mello Filho, comunicando que na Sessão Plenária daquele mês havia sido aprovada por unanimidade a proposta de Sylvia Amélia Carneiro da Cunha, "um voto de regozijo pelo merecido destaque que lhe foi conferido no estudo do ensaísta Ivan Cabral, sobre cronistas e poetas da língua portuguesa em vários séculos". Nesse estudo de Ivan Cabral, Maura foi apontada entre as melhores poetisas e cronistas brasileiras.

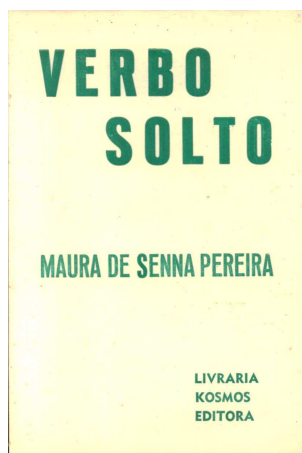
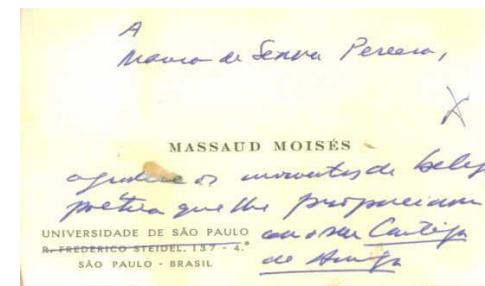


O livro *Cantiga de Amiga* foi traduzido para a língua inglesa e editado por Teresinka Pereira da Universidade de Colorado, na série *Internação Poetry*. Nessa versão, a capa foi impressa na cor rosa, com o formato original, apenas um pouco menor.

Versão em inglês de *Cantiga de Amiga*

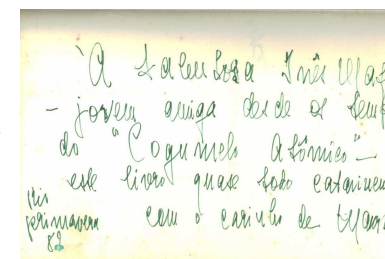
Cartão de Massaud Moisés, sobre Cantiga de Amiga.

Os cinquenta anos da literatura de Maura foram comemorados pela Academia Catarinense de Letras em 18 de novembro de 1982, em sessão especial.

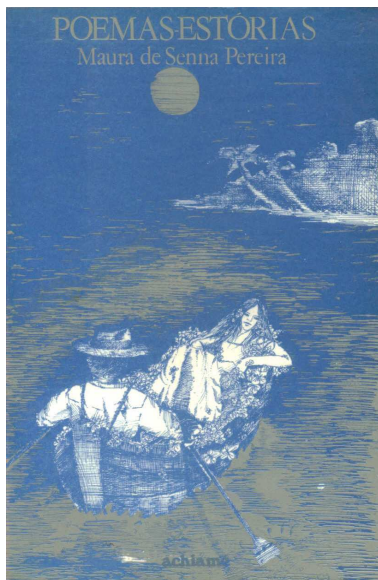


A Livraria Kosmos Editora, do Rio de Janeiro, publicou em 1982 um livro que reúne discursos e palestras de Maura, sob o título *Verbo Solto*. Neste, Maura fala sobre sua terra, Santa Catarina, Anita Garibaldi, os 120 anos de livro *Babica*, de Bozena Nemcova, sobre o poeta Cruz e Sousa, Lacerda Coutinho, humanista e poeta catarinense e, finalmente, "Rememranças", tudo com a intenção de lembrar uma fase de sua vida e homenagear figuras importantes.

Maura escreve dedicatória, com caneta de tinta verde: *À talentosa Inês Mafra - jovem amiga desde os tempos do "Cogumelo Atômico" - este livro quase todo catarinense. Com carinho de Maura - Rio, Primavera de 82.*



Ao lado, carta de Samuel no dia do aniversário de Maura - 1983



Em 1984, aos oitenta anos de idade, surge *Poemas-Estórias*, livro de poemas publicado pela Editora Achiamé, do Rio de Janeiro. Esse livro, ilustrado por Márcia Cardeal, traz a epígrafe de Almeida Cousin: "Eu fui o sementeiro / que não voltou para colher", e apresenta traços biográficos, como no poema *Fragments de autobiografia*:

Nascida em Santa Catarina
 nela estou plantada
 e tenho ainda a glória

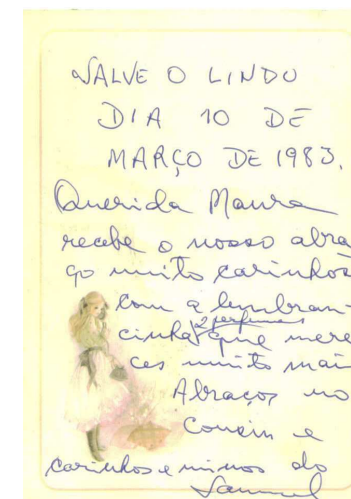
de amar e ser amada

por aquele a quem amo mais que a vida

Pais extremos mais infância triste
 com irmãozinhos mortos
 e a velha Bíblia em riste

Aprendi a ler quase brincado
 e logo entrei num concurso infantil
 de versículos de cor:
 disse-os tantos que me mandaram parar
 e deram-me, os pastores, o primeiro lugar

Prêmio maior e a primeira decepção:



outra Bíblia preta com a mesma história
do povo hebreu e seu Deus dos Exércitos
onde havia, é certo, a Poesia (que ninguém mata)
e a grandiosa figura do Cristo
mas a este eles mataram. Por isto
nunca mais eu lutei por prêmio algum

Pão farto só tivemos até que cedo Pai morreu
Outros golpes vieram - e ao luto
a luta brava sucedeu

Oh por que foi meu tio Júlio Régis
publicar meus textos matinais
depois de lê-los no inflamado tom
que os embelezava?

E por que aqueles varões ilustres
alguns dos quais meus mestres
pouco tempo antes
encontraram "valia" em meus escritos
e me fizeram entrar na Academia?

Deram-me como patrono um sábio homem:
Roberto von Trompowsky, marechal
(por que não um poeta pobre?
ou um esquecido mestre?)

Mas - embora distante do seu perfil e renome -
cumpri o dever de fazer-lhe o elogio
na noite da posse
a mais bela
da minha juventude:

quando entrei no Palácio da Assembléia
bandas de música me saudaram
chuvas de pétalas me festejaram
e uma enorme assistência me ovacionou
quando cheguei à poltrona para mim marcada
de rosas em botão
e quando terminei minha oração

Quanto ao discurso de José Arthur Boiteux
que fora amigo de meu amado Pai
e que a mim - como tantos dos seus pares -
me superestimava
seu discurso foi uma louvação

Dirão que tive a estréia acolhida com flores
Sim, mas com pedras também
... e a pedra fere, machuca
mas pode fazer emergir
o chão áspero da luta

A primeira chegou na manhã daquele dia
em repelente carta anônima
na qual se dizia
que eu não devia ir à festa
para não ser humilhada
pois gente indignada com o meu sucesso
ia tumultuá-la no momento certo
denunciando minha vida desregrada

Ardi de ódio e dor
ante aquele processo vil (e vão)
de me intimidar
mas logo reagi

Ninguém saber em casa
era o primeiro passo
pois minha Mãe querida
formosa e austera
não me deixaria sair
e eu precisava ir!
Eu precisava ir!

Aquela súbita ansiedade contrastava
com a demora em marcar o dia
de levar, como dizia Boiteux,
"sangue novo à Academia"
(um de meus irmãos lembrou).
e eu murmurei:
meu sangue hoje é velho)
interpretaram talvez como
em sendo acadêmico
envelhecia - o que não é vero

A verdade é que eu lembrava alguém
que não conhecera:
meu bisavô maragato
escondido no mato do Alto-Biguaçu
cerca de um mês dentro de um buraco
mas a quem o vitorioso tirano não pegou
E o sangue derramado em Anhatomirim
ferveu naquela manhã dentro de mim

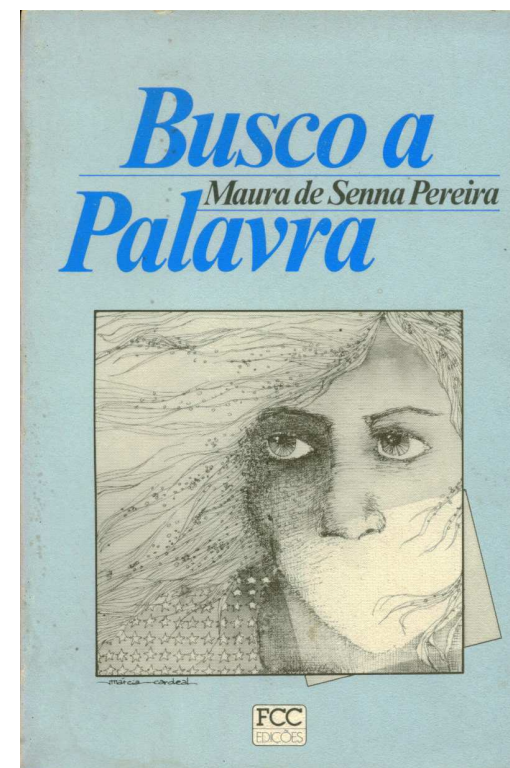
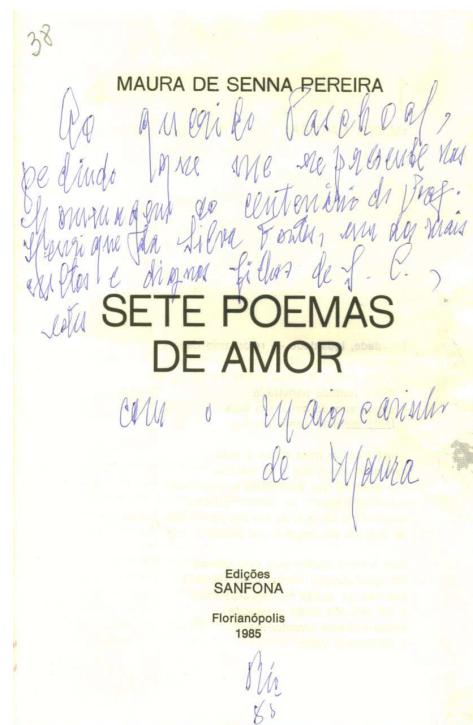
Ah que as horas voassem a noite
descesse o carro chegasse
para me levar e meus gratuitos
inimigos vissem na minha simples
presença o meu desafio

o que eu não sabia (mas previa)
é que estariam calados sempre
e derrotados sentiram que
a mão que me atirou a pedra
foi quem a pedra feriu

No final, traz algumas opiniões sobre *Verbo Solto*

Cousin sendo homenageado pela Federação das Academias de Letras do Brasil - 05/11/1982

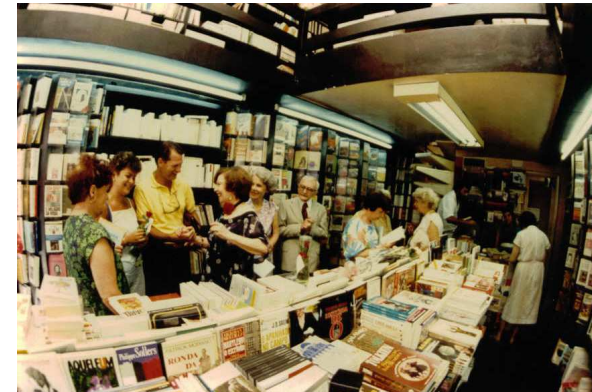




Em 1985, participou do Projeto Sanfona, de Flávio José Cardozo e Silveira de Souza, em Florianópolis, publicando *Sete poemas de amor*. Nesse mesmo ano publicou pela Fundação Catarinense de Cultura *Busco a Palavra*, com capa de Márcia Cardeal, ilustrações de Quirino Campofiorito e introdução de Lauro Junkes. Dedicou o livro ao marido: "Para Almeida Cousin / Que me disse as palavras / Mais belas que já ouvi"; para o governador Esperidião Amim e a todos os seus amigos.



Lançamento do livro
Busco a Palavra,
 no Rio de Janeiro.



Esse livro é uma antologia e dedica alguns poemas a amigos, como Celestino Sachet, Alcides Buss, Teresinka Pereira, Flávio José Cardozo, Lauro Junkes, Sylvia Amélia, Leatrice Moellmann, Pizzarro Drumond e Penha e, entre outros, dedica à Zaurinha o poema *Colheita* e à memória do irmão Roberto o *Poema para Ziró*.

Cartão de Cecília Meireles a Maura

São Paulo, Verão, 88.

Querida grande amiga e Poeta, Maura

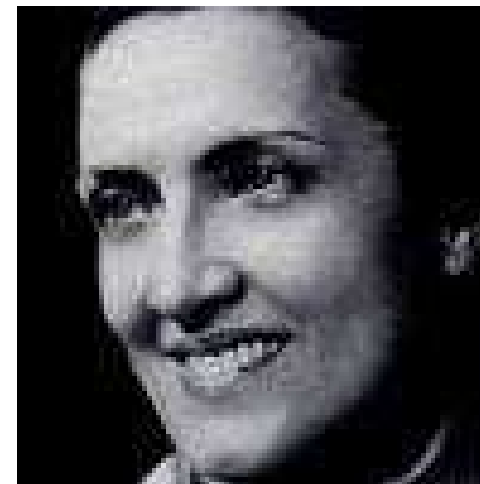
Recebi o teu lindo poema "Busco a Palavra". Se eu soubesse escrever como escreves, sentiria-me muito feliz. Tens o dom da palavra. Como já disse, a considera a maior poeta da nossa geração. Se eu conseguir editar meu novo livro, faço questão de colocar na orelha, o teu louvor a "cavala marinha". Isso até me envaidece pelo peso do teu valor.[...] Beijos da irmã Cecília.

São Paulo, Verão, 88
Querida grande amiga e Poeta, Maura
Recebi o teu lindo poema "Busco a
Palavra" Se eu soubesse escrever como
escreves, sentiria-me muito feliz. Tens
o dom da palavra. Como já disse, a con-
sidero a maior poeta de nossa gera-
ção. Se eu conseguir editar meu novo
livro, faço questão de colocar na
orelha, o teu louvor a "Cavala ma-
rinha". Isso até me envaidece, pelo
peso do teu valor. A mim também
bem nunca mais me esquecer. Descom-
pre-me dela como de bom costume.
Beijos da irmã
Maura Donato
Cecília



Foto de Cecília Meireles

Foto de Maura. (Sem referência)



Dois fatos importantes aconteceram ainda em 1985; pelo livro *Busco a Palavra*, recebeu medalha do Mérito Anita Garibaldi, categoria bronze, por "serviços prestados ao Estado de Santa Catarina", e tomou posse no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina como sócia honorária, representada por seu amigo e poeta Carlos Ronald Schmidt.



Manra, entre as Bacharias;
 (seu marido, Pr. Durando Urdaz,
 devidamente redimido pelo Espírito
 Santo, advogado Cely Pego e
 o Sr. ex-ente juramentado ref. redimido
 o Sr. Behar) Quando assinava a Escri-
 tura de doação de seu apartamento no Im-
 Instituto H. e G. de Santa Catarina
 com toda a simpatia publicará as obras
 imediatas de seu marido. B. R. 86

No verso, Maura escreve: *Maura, entre os bacharéis, (seu marido, Dr. Drumond Morais, devidamente credenciado pelo Espírito Santo, advogado Cely Regis e escrevente juramentado representando o tabelião) quando assinava a escritura de doação de seu apartamento ao Instituto Histórico e G. do Espírito Santo. Em troca, o Instituto publicará as obras inéditas do seu marido. 16.12.89 (Doação do apartamento de Almeida Cousin).*

Maura - 1980

Um novo livro fluía aos 83 anos de idade. Maura tivera um sonho com "muito realismo mágico". Ao contar esse sonho à sua amiga e conterrânea, a artista Márcia Cardeal, esta lhe fez uma ilustração que a "obriga a escrever"⁹¹; o projeto estende-se e, em 1988, está praticamente pronto.

Em julho de 1990 concedeu a entrevista *Uma poeta corpo a corpo com a vida*, publicada em *Cultura*, pela Fundação Catarinense de Cultura, em Florianópolis. Nessa entrevista, além dos importantes dados referentes à sua vida, comentou seu novo livro:



⁹¹ PEREIRA, op. cit. p.36.

Foi um sonho que eu tive r-e-a-l. Eu conto o sonho como eu tive. Esse sonho vinha me perseguindo desde Florianópolis. Sabe, Florianópolis tem aquelas ruas bem estreitinhas e eu sonhava porque eu era perseguida. Ah! Eu era perseguida lá. Era, sem dúvida. Mas então vinha em forma de sonho. Eu percebia que era uma interpretação da minha vida. Era sempre noite, eu nem sabia quem era e andava por aquelas ruas e virava esquinas e não sabia que lugar era aquele.

Era assim. Começou ali. Depois acordava e não pensava mais naquilo.

Agora este sonho que eu tive há dois anos originou a *Andarilha da Noite*. Eram aquelas ruas, as casas fechadas, ligadas umas nas outras, casas dos dois lados da rua estreita. Eu andava, virava, era outra rua; as casas a mesma coisa. E não encontrava ninguém e nem era possível, porque eu não sabia quem era, não tinha identidade. E também não levava nada nas mãos e tinha a sensação de toneladas. Este sonho explica muito a minha vida. E, de repente, me vejo numa praia extensa e o mar, assim, da minha altura, e eu fiquei com tanto medo e disse: ah!, se eu pudesse voltar para perto daquelas ruas, pra andar naquelas ruas! eu já estava com saudades daquelas ruas e elas não podiam fazer nada por mim.

E assim eu dizia: o mar vai me acabar. Isto porque meu irmão morreu no mar. (...)

Folha da cultura

Neste depoimento, Maura de Senna Pereira fala de sua obra e vida, mergulhando, conforme afirma, "na minha dolorosa formação". Nome importante das letras catarinense, ela escandalizou, com suas idéias político-sociais avançadas, seus poemas eróticos, suas atitudes arrojadas, sua atuação na imprensa, sua precoce entrada na Academia Catarinense de Letras, a pacaota Florianópolis da década de vinte. Logo vai para centros maiores, fixa-se no Rio de Janeiro, onde realiza sua obra literária e tem participação ativa na divulgação de nomes e coisas da terra natal. A obra de Maura mal começa a ser devidamente avaliada. Trabalho pioneiro é o livro de Pedro Bertolino, "Viagens com Maura" (1993), publicado em edição da ACLC. O depoimento agora divulgado merece alguns esclarecimentos. Vamos a eles:

Segundo semestre de 1989. Giovanni Ricciardi, professor de língua e literatura brasileira e portuguesa na Universidade de Bari (Itália), está no Brasil para retomar contatos com escritores e o meio universitário. Ele havia publicado, em 1988, na Itália, "Escrever, Origem, Manutenção, Ideologia", com entrevistas de 57 escritores brasileiros. Quer ampliar a pesquisa, interessa-se pela literatura de Santa Catarina. A convite da Secretaria de Cultura e da Editora da UFSC vem ao estado. Mantem encontros com escritores e professores, examina obras, pede que lhe consigam outras. Sai de Florianópolis decidido: pode preparar novo livro com entrevistas, debruçar-se sobre a literatura catarinense. Discute a possibilidade de uma co-edição entre a Universidade de Bari e a editora da UFSC.

Prepara um questionário, a exemplo do que fizera para o primeiro volume, deixa mais de vinte cópias distribuídas. E fica esperando. Infelizmente nem meia dúzia de respostas lhe chegam. O projeto é abandonado.

Entre as respostas está a de Maura. Agora o original manuscrito, nos chega com um bilhete. Ricciardi diz: "Envio um depoimento da poetisa Maura de Senna Pereira. Faça o que quiser. Eu não tenho como publicá-lo". Publicando-o na **Folha da Cultura**, da FFC, cremos resgatar um texto básico para melhor compreensão de Maura e prestar uma homenagem ao nome mais expressivo da poesia feminina em Santa Catarina; também ao Ricciardi, por tudo que tem feito para ajudar a divulgar no exterior a nossa literatura.

SM

respondendo ao excelente questionário que me enviou o professor Giovanni Ricciardi, mestre de literatura brasileira na Universidade de Bari, na Itália, o que, antes de tudo, me cumpre expandir é a alegria de ver o mesmo, demonstrar que literatura é coisa séria. Por outro lado, sei, sei, meio, pergunto: que me faz mergulhar na minha dolorosa formação. Membro de uma família numerosa da classe média pobre, com inúmeros irmãos mortos, e uma irmã nascida defeituosa e falecida aos dez anos. Depois que, para seu tratamento, meu pai houvesse lançado mão de pequisas na neve, com a qual souhou construir uma casa. Não posso, pois, regozijar-me de uma infância feliz. Fizerei ainda o domínio completo da Bíblia na educação da família, pois meu pai, antes do casamento, se convertera ao protestantismo, segundo de minha mãe, então sua noiva, e vários membros da família marcados pela tuberculose. Nessa mesma época, durante a vida de meu saudoso pai, foi sempre fã, graças ao duro trabalho dele, estimo contador, ou guarda-livros, como então se dizia, e, mais tarde, nos últimos anos de sua vida, também mestre pioneiro das técnicas contábeis em Florianópolis.

Numa carta que me encantou, enviada de Roma a 20 de abril, o prof. Giovanni Ricciardi afirma que meu livro *Busco e encontro* lhe proporcionou a descoberta que fizera em 1989/90 "Uma grande, extraordinária poetisa". Palavras que tiveram o significado de um prêmio. Depois, fiz um ensaio das origens do meu perfil, os meus primeiros anos e as influências que marcaram meus primeiros exercícios de escritor. Certo que, nesta altura, posso

afirmar que aprendi a ler em quinze dias numa escola americana, que funcionava em salas da Igreja Protestante e que estava em vésperas de encerrar suas atividades em Santa Catarina. Quando meu pai me contou ler para os irmãos menores a revista que ele trazia para casa todas as semanas e lá para nós - "Rio-Rio" - foi uma surpresa. Foi então que eu soube que sabia ler. O meu aproveitamento era prodigioso. Em quatro ou cinco meses sabia um ano. Na biblioteca-mãe, foi vista vovó regatado: 1º lugar na classe e na escola. E, mas o ensino era principalmente de matemática. Não me lembro de ter negligido nada nessa época. E, desde que aprendi a ler, comecei a escrever umas linhas para mim. Fiquei sem aulas algum tempo e, nesse tempo, a leitura diária da Bíblia foi mais intensa. Certo domingo, um presbítero protestante que chegara de São Paulo para ser diretor de grupo escolar em Florianópolis, professor Gustavo, ao ver meu deslombamento na escola dominical (interpretação bíblica) me perguntou onde eu estudava. Ao saber que estava sem aulas, pois meu pai esperava a vinda da escola, cujos médicos achava ótimos, foi falar com ele e aconselhou-o a procurar um grupo escolar. O mal perto de nossa casa era o G.E. Lauro Muller, que ele dirigia. Foi examinada, acharam-me adiantadíssima e fui matriculada no terceiro ano. Ingressi-me num instante. Poucos dias depois D. Rom mandou a classe fazer uma composição. Tema: Uma boa ação. A boa ação que louvei não foi uma senão, não foi uma obediência bonita. Foi realizada por um soldado aliado que, ao ver um camarada tombado, correu para o companheiro caído e, enfermando ao lado, suspendeu-o nas costas fortes e conseguiu levá-lo do ataque tremendo dos "boches". Aproveitei uma narração que ouvira em casa de meu pai e meus amigos, lembrando episódios da primeira guerra mundial, em que haviam torcido contra a Alemanha. O importante foi o sucesso. A professora levou meu tra-

literat



A saga de Maura

A letra de Maura agora não apresentava a forma de antes; o tremor de suas mãos mostrava que a idade e a doença pesavam-lhe. A vaidade ainda existia mesmo com a mão trêmula; passava batom, que muitas vezes ultrapassava um pouco o contorno dos lábios, usava colares e brincos, sempre elegante. E nada a impedia de continuar seu trabalho.

Em 17 de janeiro de 1990, Maura escreveu "à Ilustre mestra e amiga Zahidé Muzart" sobre uma exposição na Biblioteca Estadual de Santa Catarina, para a qual foi convidada a participar. Nessa carta, enviou recorte de jornal anunciando o próximo livro, que pretendia lançar em naquele ano. Explica o jornal *Gazeta de Notícias* que o livro teria o selo da Livraria e Editora Taurus, do Leblon e a capa seria de Márcia Cardeal.

Recorte enviado na carta.



Rio, 17-01-1990.

Musina minha e amiga
Zahidé Muzart

Atuei de luto, volta de um tou e
leito 1990, e estendi a sua família.

Desejo comunicar-lhe que soube de
um convite para participar de exposi-
ção de livros na Biblioteca Estadual de
SE, a qual deve possuir quase todos os
meus livros. Como sou fora do SE, eu
e meu amado marido, Prof. catedrático e
humanista Almeida Cassim, quando for de
viagem de dezembro de 89 - e a certeza que
fieri aqui em casa, de confiança, mestrado
e catarinense, ao submeter e vasta
correspondência recebida, falar-me de
um convite para participar de exposição
de livros na Biblioteca Estadual de SE,
a qual não encontro. Sendo a moça,

esclarecido que havia duas assinaturas
femininas, uma das quais, ao digi-la
me pareceu ser - ou lembrar - seu nome
Zahidé. Parece-me muito significativo
por você escrever, sem dúvida, junto do
nome no movimento intelectual de mi-
nha querida terra. Telefonei umas três
vezes para a Universidade, sem conseguir
encontrá-la. E, como desejo imensamente
participar, peço que me mande cópia
do material enviado, para eu tomar
conhecimento de dados e do que devo
esclarecer e relembrar.

Mando recado anunciando meu próximo
livro, que espero lançar este ano.

Gratíssima pela atenção que dispensa
ao pedido desta catarinense que é sua
amiga e admiradora, e por ser aqui meu
amado marido de Amor. Atibaí, 17 de janeiro
1990.

Carta enviada a Zahidé Muzart.

17 de janeiro de 1990.

Em 11 de março de 1991, um dia após o aniversário da poetisa, faleceu no Rio de Janeiro o poeta, escritor, jornalista e humanista José Coelho de Almeida Cousin, aos noventa e quatro anos de idade.

Andarilha da Noite não pôde ser publicado. A dor pela perda daquele que foi seu companheiro por meio século fez com que Maura destruísse o manuscrito desse livro. Rasgou-o em pedacinhos. Explicou à Zaura Dupont, a única irmã viva na época: *Este livro era dedicado ao Cousin. Ele não está mais aqui. Não quero mais imprimi-lo.* Do livro, sobrou apenas o poema "Os Adereços". Esse foi o motivo que a fez desistir de trabalhar. A mulher lutadora não tinha mais motivos para continuar.

Manuscrito do poema *Os Adereços*.

Os adereços
 No meu simples ofício de cantora
 tenho recebido flores em profusão
 e a flor é vida
 e o ofertante um irmão

Alguns poucos preferem manchar-me
 pe de as malignas
 que eu nunca já cheguei a ver
 pois não atingem o alvo
 e se estilhaçam no chão

Mas há que falar também nos silêncios
 que o silêncio é nada
 porém eis que agradeço
 pois cada um deles deixa em meu peito
 um inexistente adereço
 inexistente
 mas que eu vou usando
 para me acostumar

Maura de Lenna Benício



Foto atual do prédio onde Maura morou no Rio de Janeiro, localizado à Rua Jerônimo Monteiro, 216, Leblon.

No ano seguinte, em janeiro de 1992, Maura foi hospitalizada no Rio de Janeiro. Faleceu no dia vinte e um do mesmo mês, às dezenove horas, no hospital da Rua Juquiá, nº. 18. A causa da morte, atestada pelo médico Dr. Fernando da Rocha Marques, foi septicemia, atrofia cerebral.

Seu intento de ser "espalhada pelos ventos, num gesto de quem espalha semente", como retrata em seu poema "Testamento", não se realizou. Maura de Senna Pereira foi enterrada no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Certidão de óbito de Maura de Senna Pereira.

Pedido N.º _____

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Estado do Rio de Janeiro
PODER JUDICIÁRIO

DR. ROBERTO LUIZ FAUSTO JOBIM, Oficial Vitalício da
QUINTA CIRCUNSCRIÇÃO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
Rua Djalma Ulrich, 154 - esq. de Av. Copacabana
COMARCA DA CAPITAL - FREGUESIAS: LAGOA E GÁVEA

N.º 1518

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICA que revendo o livro 388 de registro de óbito, dele, à fls. 037 V sob o n.º 65933, consta o de MAURA DE SENNA PEREIRA * * *

Falecido no dia 21 de janeiro de 1992, às 19,00 horas
na rua Juquiá, 18-Hospital

do sexo feminino, de cor *** , filho de José de Senna Pereira
e de Amélia Regis de Senna Pereira ***

com 82 anos de idade, 88 can

profissão Escritora estado civil viúva de JOSÉ COELHO DE
ALMEIDA COUSIN ***

residente rua Jerônimo Monteiro, 216 apto 203, natural de
Estado de Santa Catarina causa mortis septicemia, atrofia cerebral ***

médico atestante Dr. Fernando da Rocha Marques, cemitério São João Batista

declarante Miguel de Souza

Observações: Não deixou filhos nem bens. Ignora as demais declarações

Eu, _____, técnico judiciário juramentado, a datilografei. O referido é verdade e dou fé.

Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1992

Oficial do Registro Civil

COTA
Tab. II
Atas nos 1 e 2



Cemitério São João Batista e túmulo onde Maura está enterrada.



QUARTA PARTE

PÓS-MORTE

Testamento

*O que me punge não é propriamente a morte,
embora me revolte: é a tumba, a podridão
Quando tudo deveria ser feito para alegrar a vida,
que só a vida importa,
nada se omite para tornar menos triste a morte
ao ponto de fazer a terra cúmplice
do banquete macabro que eu não quero ser
A terra é para se abrir em flor e fruto,
dar a espiga o cacho o grão a fonte o bosque.
a terra é para nutrir, não consumir.*

*(Como, em verdade, definir a vida
se me transformarei em lembrança? e a eternidade
se, quando por sua vez morrerem os que me amam,
de todo me finirei? Porém o que não é inevitável
é a degradação de apodrecer)*

*Ora, dirão, a cremação não tarda
e poderás escolher... Pois, se assim for,
que eu arda morta como ardi em vida
por meu amor, meu sangue, meu amigo, pelo ser humano,
[por um mundo melhor
Mas, por favor, não me prendam depois em nenhuma arca
seja de madeira ou de lata, nem de ouro nem de prata
Não me guardem (cruzes!)
E - já em cinzas livres e quentes -
num gesto natural de quem espalha sementes
eu seja espalhada pelos ventos
É este o meu intento, é isto só que eu peço
Estarei toda no universo
e não serei nada*

Maura de Senna Pereira

Janeiro de 1992, os jornais da capital e de outras cidades noticiavam a morte da mulher que trouxe mais poesia à Ilha Verde, lugar em que Maura viveu e que muito amou.



A Notícia, 23/01/1992



Diário Catarinense, 23/01/1992

A literatura catarinense está de luto. Morreu na última segunda-feira, dia 20, no Rio de Janeiro, o jornalista e poeta Maura de Senna Pereira, a única mulher a entrar na Academia Catarinense de Letras (ACL), um fato que ainda não tinha grande valor para a maioria de "Catarinenses de Letras", "Poemas de Maura de Senna", "O Povo Sem Luto", "Cantiga de Amigo", "Nós e o Mundo", entre outras publicações. Há um pensamento, de Maura, que marcou quando um pensamento que se cunha. Para homenageá-la, aqui a publicação em domingo, dia 23, de uma poesia e alguns trechos de uma entrevista que revelam um pouco de sua alma, que certamente não era pequena.

Testamento
O que me importa não é propriamente a morte
evidente no rosto: é a vida, a realidade.
Quando não houver ser não há mais vida
que é a sua realidade
não há mais para pensar menos triste a morte
do que a vida e a vida simples
de qualquer maneira que eu não quero ser
de nada e não a saber me dar a vida
dar a vida e não a saber a vida a buscar
a não é para estar, não para conhecer.

(Como, em verdade, defici a vida
se me transformarem em lembrança? É a realidade
se, quando por sua vez morrerem os que me amam,
de tudo me deixar? Por que o que não é inevitável
é a despedida de qualquer?)

Ora, dirão, a criação não tarda
a palavra escolher. — Pois, se assim for,
que eu arde morto como está em vida,
por não amar, não cuidar, não sentir, pelo não humanar,
por um mundo melhor.
Mas, por dizer, não me perdendo depois em nenhuma outra
voz de malandragem de luto, sem de certo não de praz.
Não me guardem (trazer).

— Já em cinco livros e quatro —
nem posso lembrar de quem espelha o mesmo
e me é tratado pelo vivo.
E não é mais o mesmo, e não se é que eu poço.
Fato é que de qualquer
e não se trata nada.

(Privado de Depoimentos e trechos na homenagem de Buzos e potáreis)

Maternidade
Arrepêndi-o-sei, talvez
como de uma suprema profanação
de fazer um dia me scindido
de fazer e de ganhar
e para (e) depois se retirado
como um furo sem lei.
Oh, não se arrependas não
que me dista glória e honra
pois eu o vi o milagre da árvore estéril
crescer de frutos
e o tanto da vida escorrendo
das setas que nunca amamentaram

As convicções de Maura
"Eu fui liberada e fui além da época. Acontece que, apesar de tudo isso, eu fui, por exemplo, convidada para a Academia Catarinense de Letras, pela vontade dos membros. Não tinha ali uma mulher na Academia e eles me escolheram. Eu não gosto de academias. Academia para mim é coisa ligada. Academia não existe".
"Eu não quero mais fazer esta história de nada. Porque eu digo que sei que vou para o nada onde eu estou agora de morrer. Ninguém é nada. Ninguém é... NADA. Nasce, é uma criatura, e quando morre, volta a ser aquilo que era antes de nascer".
"Eu sempre quis ser independente".
"O Rio de Janeiro me fez mudar por completo do que eu era em Santa Catarina".
"Porque eu não tenho nada do que me envergonhar".
"Nunca entrei na Miguel Jorge, de Goiás, onde de me perceberam qual era a minha hora de eu escrever um poema eu disse que não havia hora. Meu processo é mental. Eu penso, e depois, uma percepção. O cérebro sofre uma percepção. Ela é que trabalha. As vezes, mesmo se eu modifico o título e tudo, mas em geral quando eu escrevo um poema é a coisa pronta".
"Trechos de uma entrevista e o tanto da vida escorrendo das setas que nunca amamentaram, feita pela jornalista Cécilia Gregório, publicada no suplemento cultura, em julho de 1990."

À esquerda, o jornal *A Notícia* homenageia Maura com dois poemas e trechos de uma entrevista. 26 de janeiro de 1992.

Sessão de Saudade no CIC

Maura de Senna Pereira, uma das maiores poetisas catarinenses, será recordada hoje, às 18 horas, no auditório da Academia Catarinense de Letras, no CIC. A *Sessão de Saudade*, solenidade organizada sempre que um membro da ACL morre, é uma forma de lembrar a obra e os feitos dos "imortais". Maura nasceu em Florianópolis dia 10 de março de 1904 e morreu em janeiro deste ano no Rio. Ocupante da cadeira número 38 desde sua posse em 1930, a poetisa marcou época por suas idéias modernas, e chegou a ser chamada de comunista pelos mais radicais. Ela tem 14 livros publicados, além de *Andarilha da Madrugada*, ainda inédito.

07/05/1992 - Sessão de Saudade

CADEIRA Nº 38

PATRONO:

ROBERTO TROMPOWSKY LEITÃO DE ALMEIDA

Nascimento: 08.02.1853

Falecimento: 02.08.1928

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS tem a honra de convidar Vossa Excelência para a Sessão Solene de Posse de SALOMÃO RIBAS JUNIOR, na cadeira nº 38.

Pascheal Apóstolo Pizica
Presidente da ACL

1º OCUPANTE:

MAURA DE SENNA PEREIRA

Nascimento: 10.03.1904

Posse na ACL: 30.11.1930

Falecimento: 21.01.1992

Dicentes de ANTONIO CARDOS KONDER REIS e
SALOMÃO RIBAS JUNIOR.

SALOMÃO RIBAS JUNIOR,
contemplado com prêmios literários, autor de obra:
publicadas, orador e homem público, é o novo titular
da Cadeira nº 38 da ACL.

DATA : 11 de novembro de 1993

HORA : 20:00 horas

LOCAL: Auditório do Tribunal de Contas

Convite para a posse ao novo membro da Academia Catarinense de Letras, Salomão Ribas Júnior. Passa a ocupar a cadeira da cadeira nº. 38, que fora de Maura.

A posse aconteceu no dia 11/11/1993.



**Jornal Universitário, refere-se a
Maura - 06/06/1997**



**O livro *Viagens com Maura*, de Pedro Bertolino, ensaio de
esboço biográfico.**



A
ACADEMIA CATARINENSE
DE LETRAS
tem o prazer de convidar
V. Exa. e Exma. Família
para o lançamento do livro

VIAGENS COM MAURA

do acadêmico
PEDRO BERTOLINO,
dentro da programação da
OITAVA FEIRA DO LIVRO
DE FLORIANÓPOLIS,
no próximo dia 5 de novembro, às
18 horas, no Largo da Alfândega,
espaço destinado às manifestações
artísticas e culturais.



Prestige a FEIRA DO LIVRO.
Compareça
às sessões de lançamento
de 3 a 13 de novembro
de 1993.
LARGO DA ALFÂNDEGA - Fpolis



“Leia à vontade”

1930 Comei poesia na ACL.

1933 Coloca em cena Derval Lantini e lança "Cântico de Temura".

1940 Lança o livro "Discursos", em Porto Alegre.

1941 Sobrenome de Derval Lantini. Ainda nesse ano conhece Almeida Coutin.

1949 Lança "Poemas do Meio-Dia".

1954 Lança "O Pato Sem Dor", reportagem ilustrada.

1957 Lança o Movimento Literário, de Florianópolis.

1959 Lança o "Cântico de Temura", na Avenida São José, no Rio.

1962 É lançado "País de Rosas".

1976 Lança o livro de crônicas "Nô e o Mundo".

1978 Lança "A Odiada e os Dardes".

1980 Sai o livro "Despoemas".

1981 Lança "Cântico de Amiga".

1982 Lança "Verbo Sôto".

1984 Sai "Poemas Estorais".

1985 É lançado "17 Poemas de Amor".

1986 Sai "Busco a Pátria".

1991 Morre o marido, Almeida Coutin.

1992 Morre Maura de Senna, no dia 23 de janeiro, no Rio de Janeiro.

feminista e revolucionária

Embora a admiração por sua postura revolucionária seja quase unânime, não existe um consenso entre os críticos catarinenses sobre a importância de sua poesia. "Um Suro Catarinense, a figura de maior destaque na primeira metade do século 20", diz Luiz Inácio, "Maura foi uma mulher de muita força. Ela circulava no meio cultural com a independência de quem tinha o nariz no lugar e sabia o que estava fazendo. Porém, embora tenha construído uma obra, não fez nenhuma obra-prima", diz Irapuan Soares.

"Considero a uma escritora de primeiro time, inclusive superior a Cruz e Sousa, simplesmente porque foi adepta do modernismo, um movimento mais significativo que o simbolismo de Cruz e Sousa, um merecedor de Verlaine", diz Pedro Bertolini, autor do livro "Ninguém com Maura", um perfil biográfico baseado na obra da autora. Porém, Maura não alcançou projeção nacional significativa. O crítico Wilson Martins, por

que vamos encontrar trabalhando, às vezes, com a metria tradicional e, além do mais, sem os ritmos parnasianos", completa. Para Irapuan Soares, no entanto, seu primeiro livro, "Cântico de Temura", "é um tanto parnasiano. Maura foi se aproximando do modernismo e se renovando em direção à contemporaneidade aos poucos", diz.

Lançado no final de 1933, "Cântico de Temura" teve 18 poemas em prosa de grande força mítica, inspirados no padrão sensual por seu primeiro marido, Derval Lantini, com quem terá se casado "também levada pelo amor", como reconheceu depois. "O conservadurismo era total. Eu me sentia muito ligada à terra, parecia assim que era com os elementos da ilha que eu queria fugir. Os livros, o poema dos bônus, a força do sol, tudo isso", disse à escritora, em entrevista à jornalista Cássia Grainger e ao escritor João Paulo Silveira de Souza, em 1990.

■ **Leia mais** na página 3

Jornal A Notícia - 20/07/2003
Maura "Feminista e revolucionária".

Diário Catarinense, Caderno Variedades.

No centenário de seu nascimento, em 10 de março de 1994, os jornais homenagearam a poetisa. O diário Catarinense publica nesse dia uma página inteira sobre Maura, com a foto no dia de sua posse. Explica que apesar de ter sido uma poetisa que renovou a literatura catarinense na época, ainda não é reconhecida pelo público.

Variedades Viagem

O espetáculo da natureza e a recepção dos turistas

MEMÓRIA

Uma força poética ainda ignorada

Com anos depois de seu nascimento, a poetisa e jornalista Maura de Senna Pereira continua pouco conhecida em SC.

TEMAS RELATOS

Com o nome da mãe para Santa Catarina, o sobrenome Maura de Senna Pereira. De 1930 até 1992, foi sua mãe, a jornalista, jornalista, escritora e alcaide portuguesa Catarina Pereira, que se casou com o jornalista Irapuan Soares.

Em 1930, quando Maura tinha apenas dois anos, sua mãe morreu de câncer. Ela ficou sob a tutela da avó, a jornalista Catarina Pereira, que se casou com o jornalista Irapuan Soares. Maura foi criada em Florianópolis, onde frequentou o Colégio Santa Catarina e o Colégio Santa Cecília. Em 1940, mudou-se para São Paulo, onde se casou com o jornalista Derval Lantini. Maura foi uma mulher de muita força, que circulava no meio cultural com a independência de quem tinha o nariz no lugar e sabia o que estava fazendo. Porém, embora tenha construído uma obra, não fez nenhuma obra-prima.

Conto da companhia

Depois de um longo período de trabalho em São Paulo, Maura voltou para Florianópolis em 1949, onde se casou com o jornalista Derval Lantini. Maura foi uma mulher de muita força, que circulava no meio cultural com a independência de quem tinha o nariz no lugar e sabia o que estava fazendo. Porém, embora tenha construído uma obra, não fez nenhuma obra-prima.

Moderna em todos os sentidos

Maura foi uma mulher de muita força, que circulava no meio cultural com a independência de quem tinha o nariz no lugar e sabia o que estava fazendo. Porém, embora tenha construído uma obra, não fez nenhuma obra-prima.

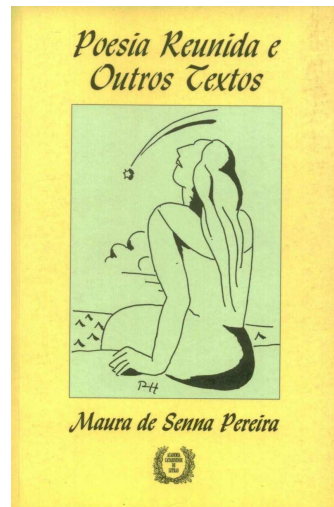
Com influências simbolistas e modernistas, Maura trouxe os parnasianos

Maura foi uma mulher de muita força, que circulava no meio cultural com a independência de quem tinha o nariz no lugar e sabia o que estava fazendo. Porém, embora tenha construído uma obra, não fez nenhuma obra-prima.



A Notícia, 30/06/2004

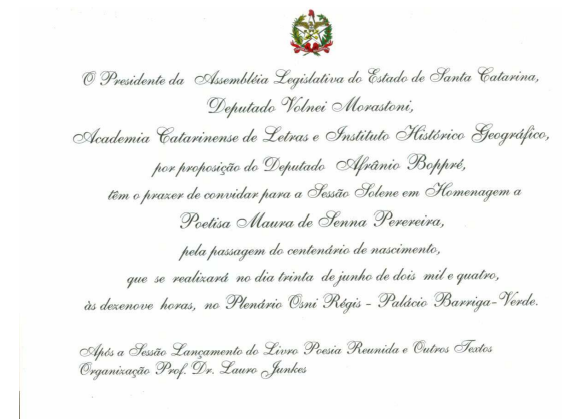
À direita: jornal *Diário Catarinense*: 31/07/2004



O jornal publica o lançamento do livro *Maura de Senna Pereira: Poesia Reunida*, organizado por Lauro Junkes, em homenagem ao Centenário ao nascimento da poetisa. Esse livro faz parte da Coleção ACL e resgata os poemas, as entrevistas e os textos importantes de Maura. Muito bem organizado pelo professor da Universidade Federal de Santa Catarina e também presidente da Academia Brasileira de Letras, traz os títulos dos poemas organizados em quadros, de forma que fique claro ao leitor como os poemas se repetem nos livros de Maura.



Salim Miguel escreve "Maura Vanguardreira", e comenta a homenagem prestada à Maura na Assembléia Legislativa, pelo centenário de nascimento da poetisa. Foi nessa ocasião o lançamento do livro *Maura de Senna Pereira: Poesia Reunida*, organizado por Lauro Junkes.



Convite para sessão solene em homenagem ao centenário de nascimento de Maura. 30/06/2004

VENTO SUL
 100 x 73 - óleo sobre tela - Paris - 1997
 Obra de Juarez Machado, inspirado numa
 balada de Maura.

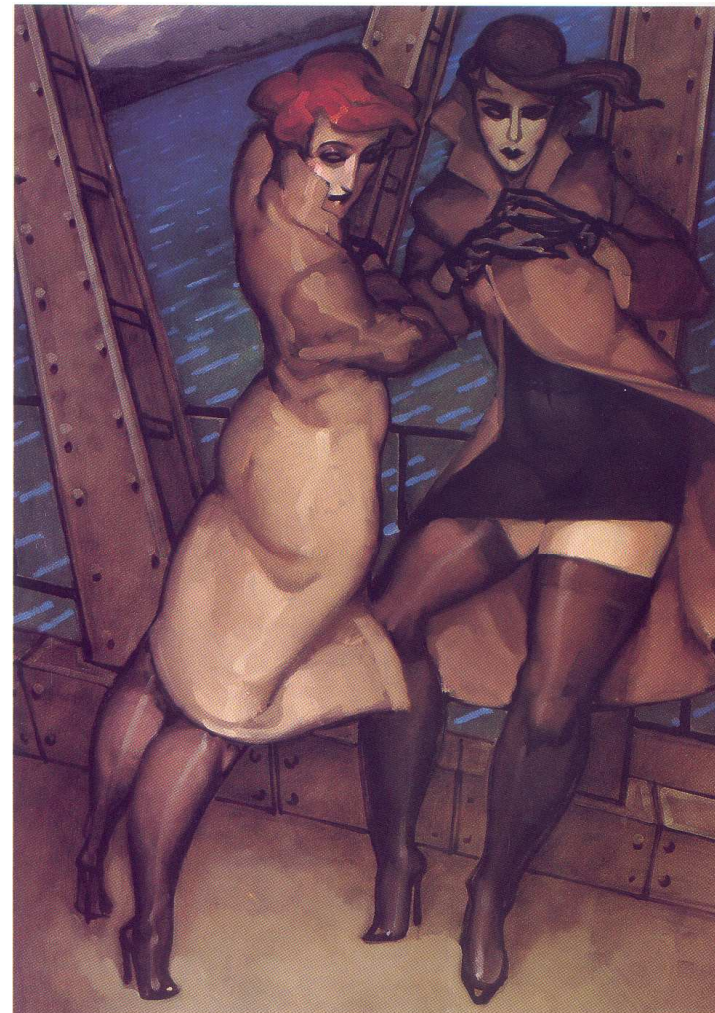
Vento Sul

O vento sul chegou
 desfolhando papoulas
 vergando caules
 sacudindo pólens
 agitando palmeiras.

As águas se levantaram em cóleras plebéias
 as aves tremeram.
 Tremeram
 as pencas leves das glicínias
 e os gerânios duros dos balcões.

No meio do jardim convulsionado
 toda entregue ao seu desvario
 fico de pé como uma árvore flexível
 - as ânsias e os cabelos em desordem
 as mangas largas voando -
 a parecer uma alegoria do vendaval.

O vento sul chegou



VENTO SUL
 100 x 73 cm - óleo sobre tela - Paris - 1997
 Inspirado numa balada de Maura de Senna Pereira

abanando possesso
a minha velha cidade menina
roçando casas
virando esquinas
levando areias, folhas, conchas.

Sou tua namorada, vento!
Leva-me também
leva-me contigo
para longe de mim.

Busco a Palavra - 1985



Praça XV de Novembro - década de 90
Fonte: *Retratos de Florianópolis*. Beto Abreu

Manana de Serra Pequena

Considerações finais

Uma mulher à frente de seu tempo, uma figura singular do feminismo catarinense por sua fina espiritualidade e por sua brilhante atuação no jornalismo e na literatura. Uma pioneira! Assim Maura de Senna Pereira é citada por escritores de sua terra.

Se em menina era destaque por sua inteligência, sua capacidade de memorização e pela desenvoltura quando recitava textos de cor, quando adulta continuou a destacar-se por tais qualidades e sobretudo pela força de trabalho e pela luta por suas idéias.

E sua luta começa nessa época, pois passou a trabalhar em jornais catarinenses, o que propiciou manifestar seu apoio pelas causas dos menos favorecidos, como o desejo de libertar a mulher da submissão. Por meio de seus textos jornalísticos, procurava mostrar às mulheres o seu verdadeiro valor, incentivava-as a estudar, pois seria uma forma de libertá-las da opressão em que viviam. Lutou por causas feministas, mostrando garra e coragem para enfrentar as barreiras do preconceito. O que Maura idealizava para a mulher, assim como Maria Lacerda de Moura, Nísia Floresta e tantas outras feministas, não era ser superior ao homem; era, sim, acabar com a opressão vivida pelas mulheres ao longo dos séculos.

Além das causas feministas, a valorização à terra natal era tema recorrente em seus textos e poemas. Ao morar no Rio de Janeiro, procurava mostrar ao grande público o valor dos escritores catarinenses, divulgando os livros dos conterrâneos em algumas livrarias cariocas, onde tinha amigos. Sua terra jamais foi esquecida. Encontrou no Rio de Janeiro aquele que foi o grande amor de sua vida, Almeida Cousin, e foi feliz com ele, mesmo amargando a tristeza de não ter filhos. O amor do casal, segundo

depoimentos de quem conviveu com eles, foi um amor sereno e forte, constante até o fim. Um dedicado ao outro, um verdadeiro amor.

Criada sob a pressão das regras de sua Igreja, com a morte prematura do irmão Carlos perdeu a crença religiosa e passou a acreditar que viera do pó e ao pó tornaria. Não gostava de pensar que a morte era inevitável; queria ser lembrada e tudo fez para que seus textos sobrevivessem após sua morte. Mas a mulher que muito fez pela literatura catarinense e pelo jornalismo não teve o reconhecimento do público brasileiro em vida.

Assim, diante da valorização que a poetisa deu a Florianópolis e toda Santa Catarina, nada nos foi mais justo e gratificante do que compor essa fotobiografia que, além de reviver a poetisa e jornalista, mostra um pouco da terra que ela tanto amou. Apesar do pouco tempo para a pesquisa, por meio desse trabalho conseguiu-se mostrar uma mulher de talento e que teve muita importância para a cultura catarinense.

Transcorridos dois anos de incansável busca sobre a vida e a obra de Maura, sabe-se que muitos estudos ainda podem ser feitos e que o breve período de tempo de um mestrado não permitiu. A pesquisa não se esgota aqui, seriam necessários, talvez, outros tantos anos para melhor estudar a obra jornalística, que é tão rica, e dela tirar muitas outras informações. Um estudo aprofundado sobre a atuação feminista de Maura na imprensa impõe-se para futuras incursões no mundo desta mulher extraordinária.

A pesquisa realizada em várias instituições como a Biblioteca Pública e, principalmente a Academia Catarinense de Letras, onde está depositado o acervo de Maura, doado pela família, permitiu que o presente trabalho se concretizasse.

CRONOLOGIA

1877

No dia 30 de abril nasce José de Senna Pereira, o pai de Maura, em Nossa Senhora do Desterro, que em 1894 passa a denominar-se Florianópolis.

1885

Nasce no dia 1º de outubro Amélia Régis de Senna Pereira, mãe de Maura, em Desterro.

1901

No dia 6 de janeiro é fundada a Igreja Presbiteriana de Florianópolis; um dos fundadores é José de Senna Pereira.

1902

Data provável do casamento entre Amélia e José de Senna Pereira.

1904

Maura de Senna Pereira nasce às 03h30min do dia 10 de março, à Rua Deodoro, Florianópolis. Primeira filha do professor e contador José de Senna Pereira e de Amélia Régis de Senna Pereira, ambos naturais de Florianópolis, antiga Desterro. Seus avós paternos eram Joaquim Senna Pereira e Angélica Bousfield (de origem inglesa), e maternos Francisco Carlos Ferreira Régis e Benvinda de Azevedo Régis (de origem portuguesa). Seu bisavô materno, Régis, era maragato; durante a Revolução Federalista fugiu para esconder-se na região de Alto-Biguaçu.

1905

Data provável do nascimento de Zaura, a segunda filha do casal Senna Pereira.

1907

No dia 29 de dezembro, nasce à Rua Deodoro o irmão Roberto de Senna Pereira.

1909

Nasce no dia 20 de janeiro o irmão Carlos, também na Rua Deodoro.

1910

Nasce a quinta filha do casal Senna Pereira, Ruth, no dia 18 de abril, na Rua Jerônimo Coelho. Maura lê a revista semanal Tico-Tico, já que aprendera a ler em casa. Passa a freqüentar a Escola Americana, junto à Igreja Protestante. Criada com os valores dessa igreja, freqüenta com assiduidade a Igreja Presbiteriana, sediada na Rua Visconde de Ouro Preto. Recebe da esposa do prof.

Laércio Caldeira de Andrada uma Bíblia com dedicatória, como prêmio por recitar versículos decorados.

Posteriormente, passa a frequentar o Grupo Escolar Lauro Muller.

1911

Nasce Ilka, irmã de Maura, no dia 26 de novembro.

1912

Othon Gama D' Eça, então com vinte anos, tem a idéia da criação de uma Academia Literária em Santa Catarina. A idéia foi lançada através do jornalzinho literário *O ARGO*, de propriedade de Altino Flores e José D'Acampora. Todos faziam parte de um grupo de jovens estudantes do Ginásio Catarinense, do qual participava também Francisco Barreiros Filho. Estes jovens, voltados e preocupados com a literatura, não se satisfaziam

com a literatura nacional e iam em busca de escritores estrangeiros, pois a venda de livros era precária em Florianópolis e não dava escolha aos leitores. No entanto, a idéia não se realiza de imediato.

1913

Nasce Carmen, irmã de Maura, no dia 14 de julho.

1914

Nasce o irmão Saul, no dia 24 de dezembro, que morre criança.

1915

Data provável do nascimento de outro irmão, que terá o mesmo nome do falecido; também morre criança.

1916

Data provável da morte de Zaura, a segunda filha. A menina sofre uma queda quando

pequena e fica doente por sete anos.

Nesse mesmo ano, no dia 14 de junho, nasce outra irmã que receberá o mesmo nome.

1918

Freqüenta a Escola Normal de Florianópolis, onde conclui sua formação em 1921. É oradora da turma em sua formatura.

1919

Nasce o irmão José de Senna Pereira Filho, no dia 02 de dezembro.

1920

Em março, é lançada a revista mensal *TERRA de Artes e Letras*, dirigida por Altino Flores, Ivo D' Aquino e Othon Gama D'Eça, e secretariada por Luiz Osvaldo Ferreira de Melo. A revista *TERRA* deu oportunidade à reunião dos intelectuais de várias tendências e com

atividades diferentes, proporcionando o surgimento da Sociedade Catarinense de Letras, que é fundada em 30 de outubro, por iniciativa de José Arthur Boiteux. A este coube a presidência. Segundo Altino Flores, a idéia de Gama D'Eça não teria dado certo oito anos antes, pois em Santa Catarina não existiam escritores em número suficiente para preencher as 40 vagas.

A partir desse ano (1920), Maura foi aluna de Altino Flores, Lente de História e Geografia, Barreiros Filho, Lente de Português e Literatura, José Boiteux e Odilon Fernandes.

1921

Em maio, com os estatutos aprovados, são escolhidos os Patronos para cada uma das Cadeiras da futura Sociedade Catarinense de Letras. Os nomes foram

distribuídos por ordem alfabética.

Em 19 de dezembro, Maura entrega às colegas de Curso da Escola Normal um álbum para guardar como lembrança. Nele, as amigas transcrevem poemas de livre escolha, muitos sonetos. Isaura Veiga de Faria, professora da Escola São José, depois Grupo Diocesano, escreve um poema metrificado especialmente para Maura.

1923

Morre aos 46 anos de José de Senna Pereira, seu pai, no dia nove de fevereiro, deixando a esposa grávida. Maura assume o trabalho e o sustento de seus irmãos.

Torna-se professora e, nessa data, decide-se pela sua produção literária, iniciando sua participação em jornais.

Cinco meses após a morte do pai, no dia 04 de julho, nasce Samuel, seu irmão.

1924

A Sociedade Catarinense de Letras passa a ser chamada Academia Catarinense de Letras.

Maura assume a presidência da Sociedade Auxiliadora dos Moços na Igreja Presbiteriana e torna-se professora da Escola Dominical. Passa a escrever textos de caráter religioso, com participação intensa nas atividades da sua Igreja.

1925

Torna-se uma participante ativa como redatora e colaboradora da Revista do Centro; trabalha com seu mestre Barreiros Filho.

Defendia abertamente os direitos da mulher, a democracia, as minorias, os oprimidos, o divórcio, a liberdade de imprensa, uma nova moral. Na primeira

matéria que escreve para a *Revista do Centro Catarinense de Letras*, analisa duas mulheres bíblicas, sugerindo concepção da relação amorosa para além da definição heterossexual. No número dois da revista trata da libertação da mulher. Ao número três defende veemente o voto feminino. Depois, sua posição em favor do divórcio. Maura trata dessas questões em seus textos jornalísticos até as últimas edições da sua coluna "Nós e o Mundo".

1926

Inicia seu trabalho no jornal *República*.

1927

Em 03 de setembro é eleita para a Academia Catarinense de Letras, por proposta de Henrique Fontes, com apoio de Othon D'Éça, Clementino de Brito e Laércio Caldeira de Andrada, sem que a mesma se candidatasse.

1928

Foi a primeira mulher a tornar-se paraninfa na Escola Normal.

Estando no magistério e no jornalismo, empenha-se em mudar a sociedade e a condição da mulher.

1930

Ano de comemoração de dez anos da Academia Catarinense de Letras.

Morre no mar, no norte do Estado, Carlos, seu irmão de apenas 21 anos.

1931

Em fevereiro, quatro meses após sua posse na ACL, viaja no paquete "Carl Hoepcke" para o Rio de Janeiro em companhia da esposa do Dr. Donato Mello, diretor da Penitenciária do Estado. A imprensa registra: "*Deve seguir hoje para o Rio a passeio, a senhorita Maura de*

Senna Pereira, colaboradora assídua e muito apreciada de República e uma das figuras mais brilhantes da Academia Catarinense de Letras". Através dos vários recitais realizados, consolida seu espaço na Capital da República.

Em maio, ganha uma página no jornal *República*, "Domingo Literário", página que a consagrou.

Em fevereiro deste ano, escreve: "*em Santa Catarina não se verificou esse movimento modernista, que está florindo não só nos grandes centros do país, como ainda em Estados menores, como, por exemplo, no de Alagoas, mantendo-se a nossa literatura, por assim dizer, clássica e quieta...*".

Em 21 de agosto acontece o noivado com Dorval Lamote. Esse fato foi notícia de sociedade tanto em Florianópolis como na capital federal. A revista FON-FON, do Rio de Janeiro (entre

outras), publicou: "*A senhorita Maura de Senna Pereira, jovem e brilhante escritora de Santa Catarina, nossa apreciada colaboradora e figura de destaque na sociedade de Florianópolis, ficou noiva(...) e mandou, gentilmente, (...) a participação desse contrato de casamento, que é uma nota interessante para a vida social brasileira*".

Casa-se no civil, às 19h30min do dia 01 de dezembro, na casa de sua mãe, situada à Rua Gal. Bitencourt, número 17. A cerimônia religiosa ocorreu no mesmo dia, às 20h30minh, na Catedral de Florianópolis, sendo celebrante o Revmo. Evaristo Schurmann que leu expressiva mensagem do Exmo.sr. Arcebispo Metropolitano, em que Maura foi referida como "um grande talento num coração boníssimo de menina". Passa a assinar-se Maura de Senna Pereira Lamote.

Publica o primeiro livro: *Cântaro de Ternura*, conjunto de textos em prosa poética, editado pela Livraria Moderna de Paschoal Simone, capa de Correia Dias, marido de Cecília Meireles.

1932

O Rotary imprimiu em bronze o poema "Ilha Verde", que foi publicado no *Domingo Literário*, do jornal *República*, em 07/08, e na Revista *FON-FON*, do Rio de Janeiro, à mesma época.

Suicida-se a irmã Carmem.

1933

Por ocasião da vinda da declamadora Margarida Lopes de Almeida (filha de Julia Lopes de Almeida) a Florianópolis, que deslumbrou a intelectualidade da época, Maura publica no *Domingo Literário*, em 23 de abril,

versos dedicado à escritora. Esses versos foram reeditados em sua coluna *Nós e o Mundo*, em 17/10/1977.

No dia 17 de setembro é publicada pela última vez a sua página *Domingo Literário*. Vai morar com o marido em Porto Alegre (contra a sua vontade), onde passa a militar na imprensa ativa e profissionalmente.

1934

Em janeiro deste ano, toma posse na Academia Catarinense de Letras a poetisa Maura de Senna Pereira, vindo a ocupar a cadeira nº. 38, tendo por Patrono o matemático e marechal Roberto von Trompowsky. É conduzida ao recinto por Nereu Ramos e José de Diniz; o discurso de recepção foi pronunciado pelo Presidente, Desembargador José Boiteux. Foi a primeira mulher a ser eleita para uma Academia de Letras no Brasil.

Morre José Boiteux, fundador da ACL. Com o falecimento de seu fundador e sem ajuda governamental, a Academia recolheu-se.

1940

Lança o livro *Discursos* em Porto Alegre, com edição da própria Maura.

Termina seu casamento com Dorval Lamote. Aproveita a ausência do marido, volta para Florianópolis, deixando-o em Porto Alegre. Em entrevista concedida a Colaca Granjeiro e Silveira de Souza, publicada em *Cultura* (FFC, 1990), diz: *Houve um erro. A gente é mulher, não é?* Foi um erro ter ido para Porto Alegre e também ter se casado.

1941

Maura deixa Florianópolis; é verão, viaja no navio *Carl Hoepck*. Transfere-se para o Rio de Janeiro, onde passa a

atuar profissionalmente na imprensa.

Conhece pessoalmente o poeta e humanista mineiro José Coelho de Almeida Cousin, com quem refaz sua vida amorosa. Em Florianópolis, já havia publicado vários textos do poeta em sua página *Domingo Literário*.

Trabalha em vários jornais, entre eles, *Gazeta de Notícias*, no qual se manteve por mais tempo com a coluna *Nós e o Mundo*.

1949

Publica seu segundo livro de poesias, *Poemas do Meio-Dia*, inaugurando a *Coleção Poesia Moderna*, editada por Victor P. Brumlik, com ilustração de Quirino Campofiorito.

1951

Participa do Congresso Nacional de Escritores, em Porto Alegre, representando a Academia Catarinense de

Letras. Nessa ocasião, é fotografada ao lado de Graciliano Ramos.

1953

Na companhia da poetisa Sylvia Amélia, vem para Florianópolis visitar sua mãe e a imprensa local.

Apresenta um recital pela Rádio Guarujá, muito elogiado pelos jornais.

1956

Lança o livro de reportagens ilustradas *Parto se Dor*, publicado pela Simões Editores. Passa a colaborar no suplemento Dominical do jornal *O Estado*, dirigido pelos irmãos Paschoal e Nicolau Apóstolo.

1957

Com um grupo de jovens, assina o manifesto do "Movimento Litoral", passando a considerar-se parte integrante do novo grupo literário de Santa Catarina, em Florianópolis.

1959

Lançamento de seu terceiro livro de poemas *Círculo Sexto*, publicado pelas Edições Simões. As ilustrações do livro são de Quirino Campofiorito e orelhas de Agripino Grieco e Eliezes Demenezes. Homenageia o Prof. Henrique Fontes, seu ex-professor, com o autógrafo do primeiro exemplar. O evento festivo acontece às 17 horas na Livraria São José, no Rio de Janeiro.

1960

É feita averbação da sentença de desquite do primeiro casamento, a pedido da Dra. Sylvia Amélia Carneiro da Cunha, advogada e poetisa da Academia Catarinense de Letras. A averbação é processada no Fórum do Rio de Janeiro. Passa a assinar-se Maura de Senna Pereira (com dois "n")

1962

Em edições de luxo, é publicado pela *Livros e Arte*, de Florianópolis, o livro *País de Rosamor*, considerado por Pizarro Drumond, da Federação das Academias de Letras do Brasil, como sendo a obra prima de Maura. O livro apresenta vinhetas originais em madeira da autoria de Hugo Mund Jr.

Na ocasião, falece D. Amélia Regis de Senna Pereira, mãe da poetisa, de pneumonia, decidindo assim não fazer lançamento do livro.

1963

Declama o poema *Rosa da Feira* no recital poético de Margarida Lopes de Almeida, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, às 17h15min do dia 05 de julho. Esse poema, em 1959, é selecionado por Agripino Grieco para "figurar nos florilégios mais escrupulosos".

Morre o irmão Roberto, jornalista profissional e redator dos anais da Assembléia Legislativa do Estado, em Porto Alegre.

1967

O Governador Ivo Silveira, pelo Decreto n.º 6.078, denomina "Professora Maura de Senna Pereira" o Ginásio Normal do Município de Pinheiro Neto, em SC. Maura manterá correspondência com a direção até o final de sua vida.

É recepcionada por Pizarro Drumond, na Federação das Academias de Letras do Brasil, como delegada de Santa Catarina. Para fazer a entrega da medalha da Academia Catarinense de Letras, compareceu à sessão Almiro Caldeira de Andrada.

1968

É publicada a Revista da Academia Catarinense de Letras, sob a denominação de *SIGNO*. Em 1988, a revista passa a se chamar *Revista da Academia Catarinense de Letras*.

1969

Morre no Rio de Janeiro o irmão José de Senna Pereira Filho, oficial da Marinha Mercante, que recebeu o Diploma da Medalha de Serviços de Guerra "pelos valiosos serviços prestados ao País".

1973

Atendendo sugestão de Maura, é publicada no "Diário Oficial da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro" (*Gazeta de Notícias*, 03/09) a proposição do Deputado Ferreira da Silva, denominando "Araújo Figueiredo" a antiga Rua Piabanha, em Vila Isabel.

1975

Para comemorar os 120 anos de Babicka, de Bozena Nemcová (escritora Tchecoslováquia), acontece no dia 11 de novembro uma palestra de Maura no auditório do PEN CLUBE DO BRASIL.

1976

Lançamento do livro de crônicas *Nós e o Mundo*, no dia 27 de julho, na Livraria São José, do Rio de Janeiro, edição da mesma empresa.

Em 18 de novembro, palestra sobre "Lacerda Coutinho - Poeta para ser lembrado", realizada no Club Engenharia do Rio de Janeiro.

1977

Comemoração do centenário de nascimento de José de Senna Pereira. É escolhida para paraninfa dos formandos em Técnicos em Contabilidade e Assistentes de Administração, em Florianópolis, na Escola Técnica de Comércio Senna Pereira, a

qual tem por Patrono seu pai, José de Senna Pereira.

1978

Promove, no dia 27 de julho, tarde de autógrafos na ABI (Associação Brasileira de Imprensa), lançando *A Dríade e os Dardos*, seu quinto livro de poesias, editado pela Livraria São José, do Rio de Janeiro. A capa é de Ely Braga, ilustração de Quirino Campofiorito, vinhetas de Hugo Mund Júnior, prefácio de Manuel Caetano Bandeira de Mello. Faz dedicatória a seu amor, Almeida Cousin.

1979

O professor Dr. José Coelho de Almeida Cousin, marido de Maura, é vítima de um atropelamento automobilístico nas proximidades de sua residência, à Rua Jerônimo Monteiro, número 216, sendo hospitalizado em estado grave. Sofreu contusões e

traumatismo cerebral. Ficou internado por mais de um mês, quando volta para casa para se restabelecer, ficando aos cuidados da esposa.

1980

Publicado pela Achiamé, do Rio de Janeiro, o sexto livro de poesias *Despoemas*. O tema do livro é o drama vivido por ocasião do acidente e hospitalização do marido, Almeida Cousin.

1981

Também pelas Edições Achiamé, do Rio de Janeiro, vem a público o sétimo livro de poesias, *Cantiga de Amiga*. Apresenta formato maior, constituído por uma capa e folhas dobradas no seu bojo. Na última capa, Carlos Drummond de Andrade escreve belas palavras de agradecimento pelos versos da poetisa. Esse livro foi traduzido para o inglês e editado pela University of

Colorado, por Terezinka Pereira, na série International Poetry, em 1982.

1982

Em sessão especial na Casa da Cultura, a Academia Catarinense de Letras comemora, em 18 de novembro, seus 50 anos de literatura, lembrando a publicação de *Cântaro de Ternura*.

Publica mais um livro de prosa, *Verbo Solto*, pela Editora Kosmos, do Rio de Janeiro. O livro reúne palestras e discursos da autora, objetivando re-homenagear figuras e fatos, e lembrar uma fase de trabalho constante.

1984

Aos oitenta anos de idade, lança pela Achiamé seu último livro de poemas originais, *Poemas-Estórias*, contendo inúmeros traços

autobiográficos. As ilustrações são de Márcia Cardeal.

1985

Sete Poemas de Amor é publicado nesse ano em Florianópolis, aos cuidados de Flávio José Cardoso e João Paulo Silveira de Souza, pela Edições Sanfona, fazendo parte do projeto Sanfona. São poemas selecionados pela autora.

1986

Às 16 horas do dia 30 de janeiro, a Fundação Catarinense de Cultura de Santa Catarina lança a segunda e definitiva antologia de Maura, *Busco a Palavra*, na Livraria Taurus, no Leblon, organizada pela autora. O livro apresenta estudo introdutório de Lauro Junkes, da Academia Catarinense de Letras e da UFSC, analisando a obra. A capa é de Márcia Cardeal e as

ilustrações são de Quirino Campofiorito.

A revista *Cultura*, da Universidade Federal do Ceará, publica em seu nº. 17 um estudo sobre Maura de Senna Pereira. A capa contém o desenho de seu rosto a bico de pena.

Pelo Decreto nº. 124/86, do Governador Esperidião Amim, recebe a "Medalha do Mérito Anita Garibaldi", categoria bronze, pelos relevantes serviços prestados ao Estado de Santa Catarina.

Em 05 de dezembro toma posse no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, na categoria de Sócio Honorário. É representada pelo poeta e amigo Dr. Carlos Ronald Schmidt, que discursou na oportunidade.

1987

Escreve carta para Lauro Junkes comentando o

livro que se chamaria *Andarilha da Noite*: "Eu pensava dar um novo livro este ano, pois tive um impressionante sonho com muito realismo mágico e, ao contá-lo à inteligente artista, amiga e conterrânea, que tem ilustrado meus últimos livros, ela fez uma ilustração muito adequada. E eu disse então: Você me obriga a escrever um novo livro este ano de 1987, mas verifiquei que o sonho não passava da metade de um livro comum. Ao mesmo tempo o editor adoeceu e eu tive que adiar. O livro se chamará *A Andarilha da Noite*. Só o sonho está escrito. Vou juntar páginas em prosa e verso. Sou inteiramente sadia, mas que tenho de melhor é a cabeça. Sei de cor tudo que vou escrever...".

1990

Maura e o marido recebem em sua casa, no Rio de Janeiro, o escritor João Paulo Silveira de Souza e a jornalista

Colaca Granjeiro para uma entrevista. *Uma poeta corpo a corpo com a vida* é publicada no jornal *Cultura*, que é editado pela Secretaria de Cultura do Estado de Santa Catarina. São sete páginas (p.8-11) de grande valor para o estudo da biografia da poetisa.

1991

Falece no dia 3 de março o poeta e humanista Almeida Cousin, segundo marido de Maura e grande sentido de sua vida. No dia 10 do mesmo mês, destrói os originais do livro *Andarilha da Noite*, o que seria mais uma obra poética sua, restando apenas o manuscrito do poema *Adereços*. Em quatro de maio de 1992, sua irmã Zaura Dupont escreve para Paschoal Apóstolo Pítsica comentando o fato: "Rasgou-o em pedacinhos sem que ninguém o visse. Quando eu, horrorizada, pela manhã, lhe perguntei por que

fizera aquilo, ela respondeu: `Este livro era todo dedicado ao Cousin. Ele não está mais aqui. Não quero mais imprimi-lo'".

1992

Maura é internada e atendida pelo Dr. Fernando da Rocha Marques. Falece no Rio de Janeiro, às dezenove horas do dia 21 de janeiro, no hospital situado à Rua Juquía nº. 18. É enterrada no cemitério São João Batista, RJ.

Para a presente cronologia, além de documentos originais, foram utilizadas as seguintes fontes:

BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura: ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira*. Florianópolis: Edição da Academia Catarinense de Letras, 1993.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *Lições de Política e Cultura: A Academia Catarinense de Letras, sua Criação e Relações com o poder*. Florianópolis: Coleção da Academia Catarinense de Letras, 1986.

PEREIRA, Maura de Senna. *Poesia reunida e outros textos*. Organização do Prof. Dr. Lauro Junkes. Florianópolis: Coleção da Academia Catarinense de Letras, 2004.

CASAS E LUGARES ONDE MAURA VIVEU

1904 FLORIANÓPOLIS

Rua Deodoro

1910 FLORIANÓPOLIS

Rua Jerônimo Coelho

1919 FLORIANÓPOLIS

Rua Marechal Fox

1923 FLORIANÓPOLIS

Rua 24 de Dezembro (depois Crispim Mira)

1931 FLORIANÓPOLIS

Rua Gal. Bitencourt, nº. 17.

1933 PORTO ALEGRE

1939 FLORIANÓPOLIS

Rua Gal. Bitencourt, nº. 17.

1941 RIO DE JANEIRO

Av. Bartolomeu Mitre

Rua Jerônimo Monteiro, nº. 216, Apto 203, Leblon.

REVISTAS E JORNAIS NOS QUAIS MAURA COLABOROU

Jornais

O Elegante 1923/25
O Atalaia 1924/26 Jornal da Igreja
 Presbiteriana
O Josefense 1926
A Semana 1928/30
O tempo 1926
Folha Nova 1926 Seção *A La Garçonete*
República 1926/31
Gazeta de Notícias - Rio de Janeiro (Coluna *Nós e o Mundo*)
A Noite reportagens sobre *Parto sem Dor*
Manhã Rio de Janeiro

Revistas

Revista do Centro Catarinense de Letras
Ilha Verde Joinvile
Renovação
Anuário Catarinense 1950
FON-FON Rio de Janeiro
Vida Doméstica
Travessia UFSC
Signo (ACL)
Esfera (foi secretária)

LIVROS PUBLICADOS

PEREIRA, Maura de Senna. *Cântaro de Ternura*. Florianópolis: Livraria Moderna, 1931.

_____. *Discursos*. Porto Alegre: Edição da autora, 1940.

_____. *Poemas do Meio-Dia*. Rio de Janeiro: Editor V. P. Brumlick, 1949.

_____. *Parto sem dor*. Rio de Janeiro: Ed. Simões, 1956.

_____. *Círculo Sexto*. Rio de Janeiro: Ed. Simões, 1959.

_____. *País de Rosamor*. Florianópolis: Ed. Livro de Arte, 1962.

_____. *Nós e o Mundo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976.

_____. *A Dríade e os Dardos*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1978.

_____. *Despoemas*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1980.

_____. *Cantiga de Amiga*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1981.

_____. *Verbo Solto*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1982.

_____. *Poemas-Estórias*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1984.

_____. *Sete Poemas de Amor*. Florianópolis, Edições Sanfona, 1985.

_____. *Busco a palavra*. Florianópolis: FCC Edições, 1985.

REFERÊNCIAS

Obras consultadas

- ÁLVAREZ, Ana de Miguel. *O feminismo ontem e hoje*. Traduzido por Ana Barradas. Lisboa: Ela por Ela, 2002.
- ALVES, Bianca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- AZEVEDO, Maria Helena. Algumas reflexões sobre a construção biográfica. In: Literatura e Diferença. IV CONGRESSO ABRALIC, 1995, São Paulo. *Anais*. São Paulo: 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estilística*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUER, Carlos. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã; Pulsar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: vol. 2 - A experiência vivida*. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1990.
- BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Florianópolis: [S.ed.], 1993. (Coleção da Academia Catarinense de Letras).
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 183-196.

BRANCHER, Ana; AREND, Sílvia Maria Fávero (org). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

BRANDÃO, Isabel; MUZART, Zahidé L. *Refazendo nós*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Belo Horizonte; Itatiaia, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1997.

CORRÊA, Carlos Humberto; JUNKES, Lauro. *Aqui se escreve: Você lê? Literatura em SC - 1900-2000*. In: *A Realidade Catarinense no Século XX*. Florianópolis: 2000.

_____. *História da Cultura Catarinense: O Estado e suas idéias*. v.1. Florianópolis: UFSC; Diário Catarinense, 1997.

_____. *História de Florianópolis - Ilustrada*. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. *Jerônimo Coelho - Um liberal na formação do II Império*. Florianópolis: Insular, 2006.

_____. *Lições de Política e Cultura: A Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder*. Florianópolis: Edições ACL, 1996.

COSTA, Claudia de Lima. *O sujeito no feminismo: revisitando debates*. In: *Cadernos Pagu*, 2002.

COUSIN, Almeida. *Cem anos de memórias*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.

_____. *Poemas da Terra e da Vida. Prefácio da 2ª edição*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1983.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita T. (org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Pallotti, 1997. p. 53-60.

_____. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN, 1995.

_____. Nos primórdios do feminismo brasileiro: *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. GOTLIB, Nádía Battella (Org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 1990, vol. 3, p. 38-41.

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Mulheres, 1998.

_____. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Cortez, 1989.

FOSSARI, Domingos. *Florianópolis de Ontem*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985.

GOMES, Manoel. *Do palácio Rosado ao Palácio Cruz e Sousa (quando, como e por quê)*. Florianópolis: Imprensa Oficial de SC, 1980.

GRANGEIRO, Colaca; SOUZA, Silveira de. Uma poeta corpo a corpo com a vida. *Jornal da Cultura*. Florianópolis, jul.1990. p.8. In: PEREIRA, Maura de Senna. *Poesia reunida e outros textos*. In: JUNKES, Lauro (org). _____. Coleção ACL, 2004 p. 290.

HACK, Osvaldo Henrique. *A História da Igreja Presbiteriana em Florianópolis. Período 1898 a 1930*. Florianópolis: UFSC, 1979. Dissertação (Mestrado). Florianópolis, 1979.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas - 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. *Emancipação do Sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Traduzido por Eliane Tereza Lisboa. Florianópolis: Mulheres, 2003.

HOHLFELDT, Antônio. *A literatura catarinense em busca de identidade*. Florianópolis: FCC; UFSC, 1994.

JUNKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; Lunardelli, 1982.

_____. *AUTORidade e Escritura*. Florianópolis: UFSC; Academia Catarinense de Letras, 1997.

_____. Maura de Senna Pereira por ela mesma. In: *Ô Catarina!* Florianópolis: [S.ed.], 01 nov. 2004. p.04-06.

JUNKES, Lauro (org). *Maura de Senna Pereira: Poesia Reunida e Outros Textos*. Florianópolis: 2004. (Coleção da Academia Catarinense de Letras).

_____. *O mito e o rito: Uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

_____. *Presença da Poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

KAMITA, Rosana Cássia. *Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

KUBRUSLY, Cláudio A. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LANCASTRE, Maria José. *Fernando Pessoa: Uma fotobiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia de Gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAUS, Ruth. *Villa Rica: Um tempo feliz*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Nacional, 1979.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

_____. *Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente*. In: SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 34-40.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

MEIRINHO, Jali. *Datas históricas de Santa Catarina. - 1500/2000*. Florianópolis: Insular; UFSC, 2000.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Lo sviluppo della biografia greca*. Torino: 1974. p. 8.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

_____. *Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar*. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *História da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Senac, 2006.

OLIVEIRA, Maurício. *Ponte Hercílio Luz: tragédia anunciada*. Florianópolis, Insular, 1997.

OLSEN JÚNIOR, Oldemar (org). *Outros catarinenses escrevem assim*. Blumenau: Acadêmica, 1979.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994.

PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2004.

PEREIRA, Francisco José. *As duas mortes de Crispim Mira*. Florianópolis: Lunardelli; F.C.C., 1992.

PEREIRA, Maura de Senna. In: JUNKES, Lauro (org). *Poesia reunida e outros textos*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes: o saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

RAMALHO, Cristina (org). *Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra Regina; REIS, Sara Regina Poyares dos. *Carl Hoepcke: a marca de um pioneiro*. Florianópolis: Insular, 1999.

RAMOS, Átila. *Carnaval da Ilha*. Florianópolis: Papa-Livro, 1997.

SABINO, D. Ignez. *Mulheres Ilustres do Brazil*. (Edição fac-similar). Florianópolis: Mulheres, 1996.

SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias nos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC-EDEME, 1974.

SANTOS, Sílvio Coelho dos (org). *Santa Catarina no século XX*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; Fundação Catarinense de Cultura, 1999.

SCHROEDER, Rosa Maria Steiner. *Uma mulher além de seu tempo: Maura de Senna Pereira*. Dissertação de Mestrado em História, UFSC, 1997.

SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital. *DICIONÁRIO Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Luz e Papel, Realidade e Imaginação: As Biografias na História, no Jornalismo, na Literatura e no Cinema*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCHMITZ, Paulo Clóvis (org). *Pequena história do teatro Álvaro de Carvalho*. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Catarinense de Cultura Edições, 1994.

SCHUTEL, Duarte Paranhos. *A Massambu*. Florianópolis: UFSC, 1988.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica*. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: 16 (2) - jul.dez. 1990.

SOUTO-MAIOR, Valéria A. *O florete e a máscara*. Florianópolis: Mulheres, 2001.

SOUZA, Eneida Maria de. *Notas sobre a crítica biográfica*. In: PEREIRA, M. A.; REIS, E. L. (orgs.). *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

VACCARO, Alejandro. *Borges: uma biografia em imagens*. São Paulo: Planeta, 2006.

VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis: Memória urbana*. Florianópolis: UFSC; Fundação Franklin Cascaes, 1993.

WELLEK, R.; WARREN, Austin. *Literatura e Biografia*. In: *Teoria da Literatura*. Lisboa: Europa América, [S.d.], p. 91-98.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*. Machado de Assis nas escritas das biografias. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

XAVIER, Elódia. (org). *Tudo no feminino*. A mulher e a narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

_____. *Declínio do patriarcado*. A família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

Reportagens de autoria de Maura

PEREIRA, Maura de Senna. *Ninho na Praia*. Nós e o Mundo. In: *Gazeta de Notícias*. Nós e o mundo. 24 de nov. 1975

_____. A saga de Maura: resposta a questionário do Prof. Giovani Ricciardi. In: *Jornal da Cultura*. v.2., n.6. Florianópolis: jul.1994.

_____. A Ilha Natal. In: *Gazeta de Notícias. Nós e o Mundo*. [S.d.]. Acervo ACL.

_____. A Ilha Natal. In: *Gazeta de Notícias. Nós e o Mundo*. Rio de Janeiro, 25out 1953.

_____. As Mil e Uma Noites. In: *Folhetim do Jornal do Comércio*. [S.d.].

_____. Meu aplauso aos bravos Atalaia. In: *O Atalaia*. mar.1924.

_____. Minha Mãe, Rosa Íntegra. In: *Gazeta de Notícias. Nós e o mundo*. [S.d.].

_____. Sobre uma carta. In: *Gazeta de Notícias. Nós e o mundo*. [S.d.].

_____. Uma vida inesquecível. In: *Gazeta de Notícias. Nós e o mundo*. [S.d.].

_____. Carmem. In: *Gazeta de Notícias. Nós e o mundo*. [S.d.].

_____. Um herói. In: *Gazeta de Notícias. Nós e o mundo*. Florianópolis: fev.1969. Acervo ACL.

_____. Fragmentos de autobiografia. In: *Poemas-estórias*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

Revista da Academia Catarinense de Letras. n.19. Florianópolis. SC. [S.d.].

Revista da Academia Catarinense de Letras. n.11. Florianópolis, SC: 1992.

Periódicos

Perfil: Maura de Senna Pereira. In: *Ô Catarina!* n.60. Fundação Catarinense de Cultura, Ano XIII.

A Semana. Florianópolis, 1928-1930.

Dia e noite. Florianópolis, 1940.

Diário catarinense. Florianópolis, 15 mar.1996.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 05 mai.1959.

Folha Nova. Florianópolis, 1926-1927.

Mercantil. Florianópolis, 1900-1901.

O Atalaia, Florianópolis, 1924-1930.

O Elegante. Florianópolis, 1923-1925.

O Josephense. São José, 1926.

O tempo. Florianópolis, 1925-1926.

República. 12 nov.1926; 05 set.1928 [S.d.].

Recortes sem identificação. Acervo Maura de Senna Pereira, depositado na Academia Catarinense de Letras.

Entrevista

Uma poeta corpo a corpo com a vida. In: *Jornal da Cultura*. jul.1990.

Cartas e cartões utilizados na pesquisa

Carta de José de Senna Pereira para Amélia. 18 set. 1897. ACERVO: ACL

Carta de José de Senna Pereira para Amélia. 17 fev.1898. ACERVO: ACL

Carta de José de Senna Pereira para Amélia. 31 maio 1899. ACERVO: ACL

Carta de Samuel de Senna Pereira, 10 março 1983. ACERVO: ACL

Carta de Ruth, sem data. ACERVO: ACL

Carta de Jorge Amado, 1977.

Cartão e Cecília Meireles, verão 1988. ACERVO: ACL

PEREIRA, Maura de Senna. Divórcio e Amor. In: *Diário de Notícias. Nós e o Mundo* Rio de Janeiro: 5 mai. 1959.

_____. Os surtos do feminismo em Santa Catarina. In: *República*. 12 nov. 1926.

Florianópolis
2007